

Revista
guará
Pró Reitoria de Extensão - UFES

DEZEMBRO 2018
ANO VII - N°X

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Reinaldo Centoducatte
Reitor

Ethel Leonor Noia Maciel
Vice-Reitora

Zenolia Christina Campos Figueiredo
Pró-Reitora de Graduação

Neyval Costa Reis Junior
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Angélica Espinosa Barbosa Miranda
Pró-Reitora de Extensão

Teresa Cristina Janes Carneiro
Pró-Reitora de Administração

Anilton Salles Garcia
Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento Institucional

Cleison Faé
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas e
Assistência Estudantil

Gelson Silva Junquilha
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
e Cidadania

Conselho editorial

Adriana Madeira Álvares da Silva (UFES)
Alcemi Almeida De Barros (UFES)
Carolina Fiorin Anhoque (UFES)
Donato De Oliveira (UFES)
Flávia Mayer dos Santos Souza (UFES)
Gloria C. Aguilar Barreto
(*Universidad Nacional Caaguazú*)
Gustavo Menendez (*Universidad Del Litoral*)
Julia Rocha Pinto (UFES)
Juliana Sabino Simonato (UFES)
João Frederico Meyer (UNICAMP)
Mariana Duran Cordeiro (UFES)
Marcia Regina Santana Pereira (UFES)
Maurice Barcelos da Costa (UFES)
Patrícia Moore (*Universidade Pablo Olavides - ESP*)
Pedro Florêncio da Cunha Fortes (UFES)
Regina Lúcia Monteiro Henriques (UERJ)
Renato Tannure Rotta de Almeida (IFES)
Sergio Mascarello Bisch (UFES)
Tânia Mara Zanotti G. Frizzera Delboni (UFES)
Ubirajara de Oliveira (UFES)

Equipe técnica

Claudia Rangel
Cíntia Costa

Revisão

Franciany Nascimento Vernersbach

Ensaio Visual

Leonardo Merçon

Editoração

Mayra Bromonschenkel Brozeghini
Elielton Oliveira

Revista Guará

Publicação Semestral da Universidade
Federal do Espírito Santo
Ano VI - nº 10 - Dez/2018
Angélica Espinosa Barbosa Miranda
Editor Responsável

Pró-Reitoria de Extensão

Editora
Tiragem: 200 exemplares
Endereço para correspondência:
Universidade Federal do Espírito Santo
Pró-Reitoria de Extensão
Av. Fernando Ferrari nº 514 - Vitória/ES
CEP 29075-910
E-mail: guaraextensao@gmail.com

SUMÁRIO

- 06 **APRESENTAÇÃO**
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni
- 09 **A Extensão em Três Esferas: Museu De Zoologia, Ensino e Comunidade**
Isteliene Lopes Leodoro; Michel Barros Faria
- 23 **Ações de Extensão para Gestão do uso e ocupação do Solo no Campus da Universidade Federal De Campina Grande em Pombal - Pb**
*Jonas da Silva Dias; Ana Paula Fonseca e Silva; Andreza Maiara Silva Bezerra;
José Cleidimário Araújo Leite; Maria Tatiane Leonardo Chaves*
- 37 **Ações para o Ensino e Aprendizagem facilitados em Botânica nas escolas do Ensino Básico**
Jaquelina Alves Nunes; Raphael de Souza Peçanha
- 51 **BDGeo Desastres ES Protótipo Para Cadastro e Distribuição Compartilhada Via Web**
Mônica Regina da Silva Passos ; Antônio Celso de Oliveira Goulart; André Luiz Nascentes Coelho
- 61 **Das atividades do projeto de Extensão: Humanização do direito civil constitucional - perspectivas e desafios a humanização do direito civil constitucional vista na prática**
Drª Ana Paula Correa de Albuquerque da Costa; Jaianny Saionara Macena de Araújo
- 71 **Educação Patrimonial e Fotografia
O Projeto Clic@R Itapina e o Resgate da Memória Local**
André Malverdes; Anderson Gomes Barbosa
- 88 **ENSAIO VISUAL**
Leonardo Merçon

- 93 **Escola de Espectador o teatro como extensão e cidadania**
Márcia Cristina Vieira Falabella; Messias Matheus de Jesus
- 109 **Festival Pint of Science e Inclusão Cultural: A Ciência na Conversa de Bar**
Laércio Ferracioli; Werther Krohling; Breno Souza Salgado; Angelo Buaiz.
- 123 **Gemologia Da Ciência À Arte Uma Exposição Como Ação Extensionista, Promovendo Novas Práticas Pedagógicas No Curso De Gemologia**
Shelley Bomfim; Marcus Vinícius Dutra de Magalhães; Janaina Bastos Depianti
- 137 **Grupos de promoção em saúde no ensino fundamental com enfoque no uso de álcool e outras de drogas**
Victor Gabriel souza Faria; Bianca de Freitas Moraes; Camila souza de Almeida
- 149 **Multimídia a agência de notícias na promoção de experiências jornalísticas**
Daniela Martins Barbosa Couto; Luana Natacha de Oliveira; Júlia de Souza Resende e Paulo Sérgio Lopes
- 161 **Pedagogia Hospitalar Um Aluno, Um Caso**
Caroline Pereira Ribeiro; Marcela de Menezes Dal Col; Maria Rita Klein Stein
- 177 **Processo Formativo-Reflexivo para o uso racional de medicamentos nos Assentamentos do Município de Pontão/RS: O Relato de uma experiência à Luz dos Ensinamentos Freireanos**
Lissandra Glusczak; Eliseu Siles Barduca; Marcos Haack; Camila Chiodi Agostini; Amauri Braga Simonetti; Alessandra Regina Muller Germani; Silvane Nenê Portela; Leandro Tuzzin; Marione Knop.
- 189 **Soluções Empreendedoras e Capacitação Profissional: Empreendendo o "Pensionato Da Sueli"**
Janaina Ferreira Marques de Melo; Vorster Queiroga Alves; Geovani de Almeida Santos.

APRESENTAÇÃO

Em mais um movimento de assegurar o seu compromisso de mudança social, pautada na justiça, na solidariedade e na democracia, a Universidade Federal do Espírito Santo, por meio da Revista Guará, vem contribuindo para a reflexão, discussão e disseminação de práticas extensionistas comprometidas com a superação da desigualdade, da exclusão social e a degradação ambiental para afirmar a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As práticas discursivas, expressas neste número pela comunidade acadêmico-científica, possibilitam a abertura do campo da extensão para a desterritorialização de domínios, o que implica uma multiplicidade, pluralidade, enfim, uma plurivocidade de temáticas, caminhos metodológicos e sujeitos envolvidos em uma interação dialógica com a sociedade.

Em um entrelaçamento entre ciência, arte e tecnologia, as temáticas estão relacionadas à/ao: museu de Zoologia, gestão do uso e ocupação do solo, ensino e aprendizagem em Botânica, aplicativo para informações relativas à gestão de riscos e desastres, humanização do direito civil-constitucional, educação patrimonial e fotografias, teatro como extensão e cidadania, Gemologia e os recursos minerais do Espírito Santo, promoção em saúde com enfoque no uso de álcool e outras drogas, agência de notícias na promoção de experiências jornalísticas, pedagogia hospitalar, uso racional de medicamentos em assentamentos, soluções empreendedoras e capacitação profissional, divulgação e comunicação da ciência e seus impactos no cotidiano.

É importante ressaltar o envolvimento das ações extensionistas apresentadas neste número com a Educação Básica, integrando alunos e professores das universidades com alunos e professores das redes públicas de ensino, através de exposições itinerantes, eventos científicos, palestras, oficinas, teatro, discussões e material didático-instrucional.

Os vínculos institucionais dos autores dos artigos são, além da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a Universidade Estadual de Minas Gerais (Uemg), a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O fotógrafo Leonardo Merçon foi o nosso convidado para compor o ensaio fotográfico desta edição. Ele é fundador e presidente do Instituto Últimos Refúgios, ONG sem fins lucrativos, que busca a sensibilização ambiental através da arte, em especial, de fotografias e vídeos. Através do seu acervo visual, o fotógrafo/artista convida-nos a entrar em relação com a natureza, em seus afetos e afecções, cores, movimentos, espécies... Entre anúncios de vida e denúncias de degradação do meio ambiente, Leonardo Merçon aposta na estética da existência, na possibilidade de fazer da vida uma obra de arte! Boa leitura!

Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni

Diretora do Departamento de Política Extensionista da PROEX-UFES



A Extensão em Três Esferas: Museu de Zoologia, Ensino e Comunidade

Extension in Three Spheres: Museum of Zoology, Education and Community

Resumo

Museus são ferramentas de suma importância na formação educacional; são como portais para um mundo filosófico, que se torna fonte preciosa de conhecimento e descobertas. O objetivo do estudo foi ampliar e fortalecer as atividades científico-culturais por meio da divulgação do Museu de Zoologia Newton Baião de Azevedo da UEMG Carangola (MZNB). Para isso, a extensão se deu através de exposições itinerantes, eventos científicos e palestras em escolas de diferentes níveis de ensino. De acordo com os resultados, as informações foram disseminadas em todos os níveis pretendidos, com acentuado despertar de interesse. O público em questão foi além dos conteúdos presentes no estudo formal, que conseqüentemente se expandiu para a população de Carangola e região. Faz-se necessária uma revisão crítica sobre o uso de museus no ensino do Brasil, de modo a incluir e incorporar uma relação professores, museus e alunos.

Palavras-chave: Extensão; Educação Ambiental; Fauna e Conscientização.

Isteliene Lopes Leodoro
Michel Barros Faria*

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG) - Unidade Carangola
*E-mail: michelfaria@yahoo.com.br

Abstract

Museums are tools importance in educational formation, they are like portals to a philosophical world that becomes a precious source of knowledge and discoveries. The objective of the study was to expand and strengthen scientific-cultural activities through the dissemination of the Museum of Zoology Newton Baião de Azevedo the UEMG Carangola (MZNB). For this to the extent it was given through itinerant exhibitions, scientific events and lectures in schools of different levels of education. According to the results, the information was disseminated in all the target levels, with a marked arousal of interest. The public in question went beyond the contents present in the formal study, which consequently expanded to the population of Carangola and region.

It is necessary to critically review the use of museums in Brazilian education, in order to include and incorporate a relationship between teachers, museums and students.

INTRODUÇÃO

O Museu de Zoologia Newton Baião de Azevedo (MZNB) possui um rico acervo biológico representado por espécies da Mata Atlântica na região de Carangola - MG. Este acervo torna-se ainda mais valioso pelo fato de a Mata Atlântica ser um bioma exclusivo do Brasil, representando um dos ecossistemas mais ricos em diversidade e endemismos de espécies animais, constituindo-se também em um dos mais ameaçados do planeta (CULLEN JR. et al., 2000). Isso reforça a necessidade de conservá-lo, enriquecê-lo, mantê-lo organizado e principalmente divulgá-lo em todas as esferas do ensino e na comunidade.

É fato que os museus têm possibilidades educativas nos âmbitos formal, não formal e informal do ensino, e dependem do uso que se faça dele por meio das atividades desenvolvidas junto ao público que os utilize, das condições da visita, dos conhecimentos prévios, dos interesses e dos objetivos, possibilitando que o museu se torne instrumento de aprendizagem (JUANOLA & COLOMER, 2005). Acrescenta-se que as Coleções Científicas conservadas nos museus são importantes para o conhecimento da biodiversidade, por meio de pesquisas realizadas com o acervo, tais como estudos taxonômicos, ecológicos e biogeográficos (VIVO, 1996). A educação não-formal se insere no contexto do ensino-aprendizagem como uma forma de aplicação dos conhecimentos adquiridos no cotidiano, deixando ver aos alunos a importância do que aprendem no ambiente escolar e, ainda, tornando “as atividades mais atrativas, estimulando a curiosidade e a construção do conhecimento pelos próprios alunos” (OLIVEIRA et al., 2011). Partindo dessas considerações buscou-se como objetivo para este trabalho transmitir informações culturais e pedagógicas sobre animais, contribuindo assim com a formação do indivíduo no sentido de interagir com o outro em sociedade e com a natureza. Essa troca de saberes se deu entre o Museu de Zoologia e alunos de diferentes níveis de ensino, através do uso de seu acervo utilizado como método para a educação não-formal.

O objetivo do trabalho, como veremos a seguir, foi divulgar o acervo do Museu de Zoologia Newton Baião de Azevedo e a sua importância para o ensino, despertando o interesse e a conscientização da comunidade em geral e de alunos nos ensinos básico, fundamental, médio e superior das escolas públicas e particulares do município de Carangola - MG e região.

METODOLOGIA

Áreas de Estudo

O trabalho foi desenvolvido no MZNB da Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade Carangola (UEMG Carangola). Para esse estudo foi disponibilizada a coleção de zoologia pertencente ao Museu, composta por representantes da fauna de peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Estas coleções são abertas a visitas nos diferentes níveis de ensino (do básico ao superior) e atendem o município de Carangola e região, principalmente dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

O Museu está localizado no terceiro andar do Bloco “B” da Universidade, estruturado em uma sala grande dividida em três partes: (i) uma sala específica para a curadoria, (ii) uma sala para os alunos estagiários, (iii) e uma sala principal, onde ficam as coleções científicas e em exposição (Figura 1) (FARIA & CASUTE, 2015). A equipe responsável pelas atividades do Museu, atualmente, consta de um curador, um biólogo técnico voluntário e alunos estagiários, bolsistas e não bolsistas.

O espaço fica aberto à visita de segunda a sexta-feira das 13 às 18 horas, atendendo a comunidade de Carangola e região e o meio acadêmico, oferecendo atividades interativas para estudantes dos diferentes níveis de ensino, professores e pesquisadores. Alunos do curso de Ciências Biológicas desenvolvem a extensão no MZNB, ministrando palestras para esclarecimento de dúvidas empíricas e científicas, a fim de desmitificar fatos relacionados à fauna selvagem e esclarecer questões importantes e reflexões sobre a perda da biodiversidade regional. Abaixo, fotos do Museu.

Figura 1
Coleção de animais em exposição no Museu de Zoologia Newton Baião de Azevedo. Prateleiras com coleções em modo de exposição e científica em meio líquido A e; mamíferos taxidermizados e insetos em exposição B.



Métodos Aplicados

A coleta de dados foi obtida através de duas diferentes situações, i) visitas em escolas para convidar professores e alunos a conhecer o MZNB, ii) visitas recebidas no museu. As visitas foram pré-agendadas com dias e horários marcados no período de segunda-feira a sexta-feira das 13h00min às 17h00min. Foram recebidas escolas dos ensinos iniciais, fundamental e médio de escolas públicas, particulares e municipais (figura 2).



Figura 2
 Visitas de alunos da rede
 públicas e particulares
 recebidas no Museu de
 Zoologia Newton Baião de
 Azevedo. A - Escola Estadu-
 al Emília Esteves Marques.
 B - Escola Estadual João
 Belo de Oliveira. C - Escola
 Oficina do Saber. D - Centro
 Educacional São José

Foi disponibilizado um livro de assinaturas para o controle do número de visitantes para as escolas recebidas no acervo do MZNB (fiscalização formal) de assinaturas, considerando o registro voluntário. No livro constou nome, instituição/cidade e data (Figura 4). No final de cada visita foram aplicados questionários (Anexo I). O período de coleta das informações se deu entre março de 2015 a fevereiro de 2016.

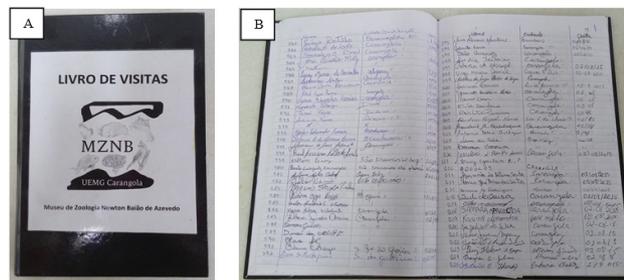


Figura 4
 Livro de assinatura de visita-
 ção do Museu de Zoologia
 Newton Baião de Azevedo
 (A - indica capa do livro de
 assinatura de visitas e B -
 páginas assinadas do livro).

Interpretação dos dados

Os dados foram organizados em tabelas do Office Excel 2013. O mesmo foi também utilizado para confecção de gráficos. As respostas obtidas dos visitantes através dos questionários aplicados foram separadas e interpretadas individualmente.

RESULTADOS

A extensão do Museu nos ensinos básico, fundamental, médio e superior

Ao receber os visitantes das escolas, primeiramente as turmas foram divididas em grupos de aproximadamente 15 alunos. Posteriormente foram levadas para o museu acompanhado pelos estagiários, para a apresentação. Para maior entendimento dos alunos, todo o material de exposição foi disponibilizado. Foram recebidas dez escolas públicas e particulares do município de Carangola – MG e região, de diferentes níveis de escolaridade, que totalizaram aproximadamente 600 alunos. As escolas recebidas foram: Escola Estadual João Belo de Oliveira, Escola Estadual Melo Viana, Escola Estadual Dr. Jonas de Faria Castro, Escola Oficina do Saber, Escola Portal da Educação, Escola Estadual Emília Esteves Marques, Escola Estadual Prof. Augusto Amarante, Escola Estadual Benedito Valadares e Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade Carangola, pertencentes à cidade de Carangola – MG e o Centro Educacional São José da cidade Natividade - RJ (Figura 5).

Figura 5
visita ao MZNB por alunos
das escolas: E. E. PROF.
AUGUSTO AMARANTE
e ESCOLA ESTADUAL
BENEDITO VALADARES (A),
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MINAS GERAIS-UNIDADE
CARANGOLA (B), E. E. JOÃO
BELO DE OLIVEIRA e E. E. DR.
JONAS DE FARIA CASTRO
(C), E. E. VIANA E ESCOLA
OFFICINA DO SABER (D), E. E.
EMÍLIA ESTEVES MARQUES e
CENTRO EDUCACIONAL SÃO
JOSÉ (E) e ESCOLA PORTAL
DA EDUCAÇÃO (F).



Das dez escolas recebidas, seis responderam ao questionário, totalizando um número de 234 alunos. Houve grande diferença no número de visitantes com relação aos níveis de ensino, sendo os básicos menos representativos (Figura 6A). Isso pode ser entendido por as turmas dos ensinos iniciais serem menos numerosas e também porque muitas não responderam ao questionário devido à faixa etária. A forma de avaliação desses alunos foi por meio de desenhos (Anexo II).

A idade entre os alunos analisados variou de 3 a 50 anos, sendo a faixa etária de 11 a 15 anos a mais representativa, isso porque é maior o número de estudantes nas turmas do ensino fundamental e médio. Nenhum questionário foi respondido por estudante até cinco anos (Figura 6B). Na pergunta sobre a definição do que é um museu zoológico (pergunta 1; anexo I), todas as respostas foram semelhantes e relacionadas à preservação, ao estudo e conservação dos animais. A pergunta 2 foi referente à visitação em outros museus, no qual a maioria dos visitantes respondeu que já foi a museus (Figura 6C), sendo os mais mencionados o Museu Municipal de Carangola-MG; Museu Nacional UFRJ; Museu de Zoologia da PUC. O Museu de Petrópolis e Museu de Curitiba foi mencionado uma única vez.

Ficou registrado que o município de Carangola não oferece grandes atrativos culturais aos moradores, como aponta a pergunta número três, sobre atividade de ida ao cinema, ao teatro, à praia, assistir a espetáculo musical/dança, visitar exposições/museus e/ou assistir telecomunicações. Como pode ser observado na Figura 6D, assistir televisão foi respondido pela maioria dos entrevistados. De forma contrária, respostas como ir ao teatro ou ao cinema foram minimamente representadas. Isso se justifica pela falta de atrativos e de opções oferecidos à maioria dos entrevistados, que são semelhantes nas duas respostas acima mencionadas. A localização geográfica da cidade oferece o litoral Capixaba como opção de praias e foi consideravelmente apontada como opção de distração (figura 6D).

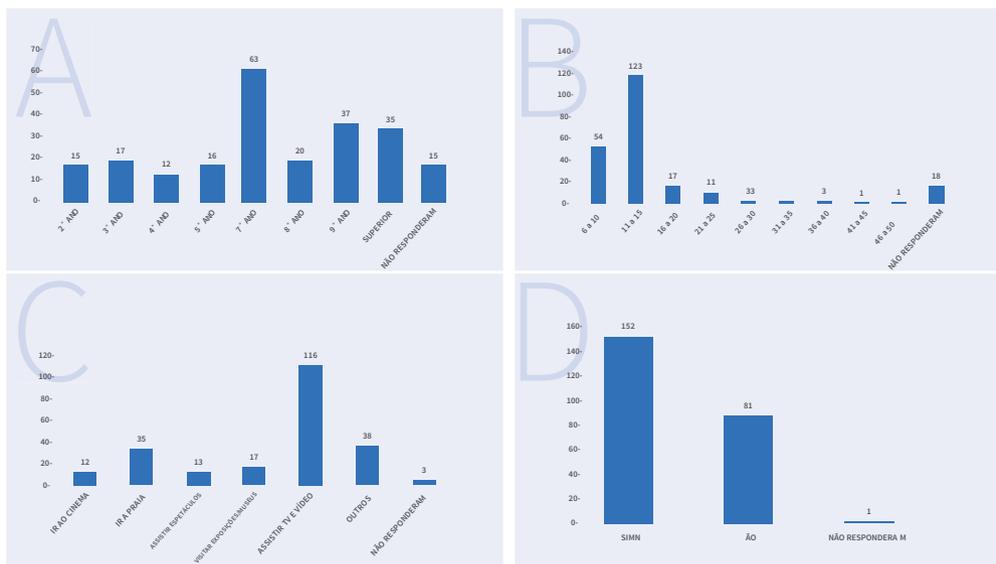
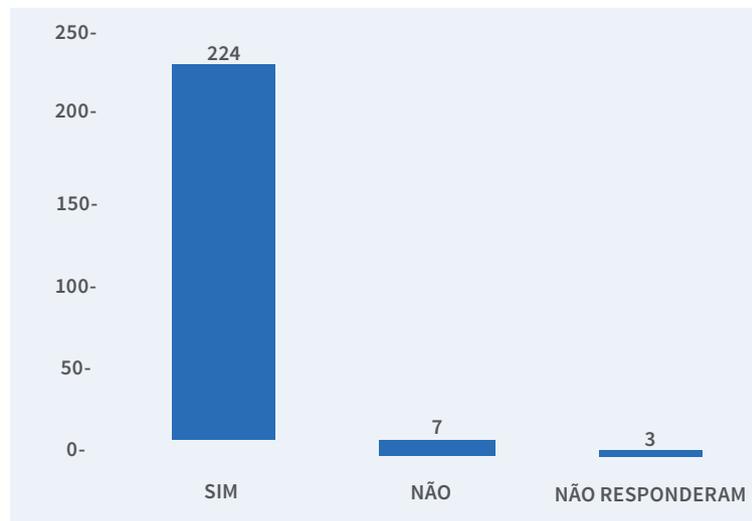


Figura 6
 A) Representatividade do nível de escolaridade das escolas que visitaram o MZNB (eixo x). Número de acordo com os questionários respondidos (eixo y).
 B) Número da idade dos alunos que visitaram o MZNB (eixo x). Número de acordo com os questionários respondidos (eixo y).
 C) O número de entrevistados que já visitaram museus foi maior em 65% das respostas (eixo x). Número de acordo com os questionários respondidos (eixo y).
 D) Atrativos culturais pesquisados para os moradores de Carangola e região (eixo x). Número de acordo com os questionários respondidos (eixo y).

Em relação aos objetos (animais) expostos que mais entusiasmaram os visitantes do museu (pergunta 4; Anexo I), foram apresentadas diversas respostas sendo a maioria relacionada às peças taxidermizadas e de maior tamanho como o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), a gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) e a cascavel (*Crotallus sp.*). Peças em meio líquido, principalmente os répteis foram também muito mencionadas. A pergunta de número cinco buscou verificar se os visitantes tinham opinião sobre a importância e de como um museu de zoologia pode ajudar na conservação da natureza. A maioria dos visitantes respondeu que o museu é importante e suas justificativas podem ser resumidas como: o museu é importante no ensino e pode contribuir para a preservação da natureza, pois ajuda a entender a vida dos animais e sua relação com o homem. As respostas mencionadas com “não” ou seja, de que o museu de zoologia não ajudaria na conservação da natureza, foram justificadas pelo fato de o museu exibir animais mortos (Figura 07). Isso mostra que a comunidade de Carangola conhece pouco sobre a existência do MZNB e muito menos sobre sua interação ensino-comunidade.

Figura 7
Respostas referentes a importância do museu para a conservação da natureza (eixo x). Número de acordo com os questionários respondidos (eixo y).



À pergunta de número 6 (Anexo I) -“Entre os animais da exposição que você já havia visto”- foram informados animais, como; papagaios, maritacas, urubu-de-cabeça-preta (*Urubu-de-cabeça-preta*), ouriço-cacheiro (*Sphigurus vilosus*), tatu - galinha (*Dasypus novemcinctus*), anfíbios (sapos, pererecas e rãs) e répteis (cobras), pois esses animais são comumente encontrados em áreas peridomiciliares. No questionamento aos visitantes sobre o que deveria mudar no museu (pergunta 7, Anexo I), as respostas foram bem semelhantes, e numeradas na seguinte ordem: falta de espaço e poucas peças ilustrativas, justificadas por atrapalhar as dinâmicas realizadas (espaço), e mais exemplares da nossa fauna para esclarecer ou atender melhor as dúvidas sobre interação ecológica, ameaça e interação fauna-homem.

Indagado (pergunta 8, Anexo I) sobre o que os visitantes gostariam de ver no museu, dentre as respostas destacaram-se: peças históricas, animais exóticos, esqueleto de dinossauro, onça pintada, leão e jacaré. É possível que essas respostas se deram por influência da telecomunicação e da internet, como desenhos de animais que retratam, muitas das vezes, uma fauna exótica e oferecem informações sobre grandes predadores que despertam maior interesse.

As respostas analisadas a partir das perguntas 9, 10 e 11 relacionaram-se a questões sobre a mensagem que o museu passou e a orientações para se cuidar dos animais; o que os visitantes aprenderam no MZNB e se houve interesse em conhecer outros museus. Pelas respostas apresentadas observou-se grande preocupação com o cuidado para com os animais, a importância da preservação da natureza, com um trabalho organizado, os mitos que foram quebrados com as visitas e que a atividade no MZNB despertou o interesse em conhecer outros museus. Ficou evidenciado que os visitantes tinham opiniões fortemente criadas de forma empírica e que precisavam ser discutidas e revistas como, por exemplo, a de que maioria dos morcegos que se alimentam de frutos e insetos e jamais irá sugar sangue humano; que porcos espinhos não lançam seus espinhos contra as pessoas e que os sapos são inofensivos e que não devem ser tocados.

Por fim foi perguntado sobre o grau de satisfação causado pela visita, em que 60% dos visitantes responderam estar muito satisfeitos e 34 satisfeitos (Figura 8). Verificou-se que a possibilidade de se criar conexões entre o que os alunos observam, com os ambientes do cotidiano ou aspectos já aprendidos na própria escola e os conhecimentos científicos, surge durante o planejamento das ações, mas deve ser enfaticamente estimulada durante a visita para aumentar o potencial do aprendizado e despertar o interesse de voltar ao MZNB, bem como trazer pessoas e conhecer outros museus de zoologia.

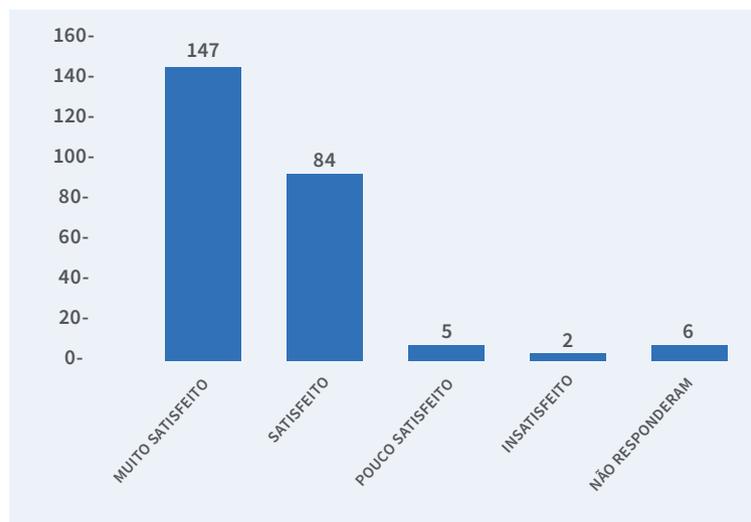


Figura 8
Mostra o grau de satisfação dos visitantes após sua visita (eixo x). Número de acordo com os questionários respondidos (eixo y).

DISCUSSÃO/CONCLUSÃO

É perceptível que os números de alunos em sala de aula são diferentes entre os níveis de ensino, e também entre escolas públicas e privadas (dados aqui não ilustrados). Não é novidade afirmar que as turmas escolares brasileiras possuem mais alunos do que deveriam. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996) estabelece que é dever do estado manter a educação escolar pública garantindo padrões mínimos para a qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino (Brasil, 1996). Acontece que, sem uma legislação nacional para definir numericamente o mínimo e máximo de alunos em sala de aula por nível de ensino, alguns Estados acabam por adotar regras próprias ou acordos com a superintendência para este controle. Outros até mesmo deixam os colégios decidirem estas questões.

Nossos dados não nos permitem fazer afirmação sobre a relação número de alunos-qualidade de ensino. Alguns pedagogos ressaltam que diminuir o número de alunos por professor não é suficiente para garantir a aprendizagem de todos: é preciso mudar o compromisso com a educação (Borges, 2013).

De acordo com o mais recente Censo da Educação Básica do Brasil (Brasil, 2014), mais de 8,5 milhões de alunos estão atrasados na escola em aproximadamente dois anos. Os dados do MEC também mostram que é maior o número de estudantes atrasados no ensino médio em relação ao ensino fundamental 6,1 e 2,4 milhões de alunos, respectivamente (Brasil, 2014).

A interação escolas e Museus se faz também importante para minimizar o número egresso, principalmente nos níveis finais. De acordo com o censo da Educação Básica de 2013 (Brasil, 2014) realizado em regime de colaboração com as secretarias estaduais (27) e municipais (5.570) de educação, com a participação de todas as escolas do País, o número de estudantes matriculados entre os anos de 2007 a 2013 diminuiu nos dois anos do Ensino Fundamental (iniciais e finais) e no Ensino Médio.

O decréscimo observado no quantitativo de matrículas da educação básica decorre, principalmente, da acomodação do sistema educacional, em especial na modalidade regular do Ensino Fundamental, com histórico de retenção e, consequentemente, altos índices de distorção idade-série. Ao mesmo tempo, vale destacar a ampliação da oferta da educação infantil, em especial na creche, voltada para o atendimento das crianças com até 3 anos de idade, que apresentou crescimento da ordem de 7,5% (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013). Outro aspecto que tem impacto na distribuição e no contingente de alunos na educação básica é o comportamento dos indicadores de rendimento escolar. Com mais alunos sendo aprovados e promovidos às séries subsequentes, aumenta o número de habilitados a ingressar nas próximas etapas de escolarização. Os especialistas chamam esse movimento de fluxo escolar (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013).

Como vimos, as aulas em espaços não formais de educação podem contribuir para motivar a aprendizagem e em consequência a diminuir a evasão escolar. Nesse sentido, espera-se que a divulgação do MZNB desperte entusiasmo por novas visitas às coleções e a sua aplicação ao ensino de ciências. Outro ponto observado com a oferta das atividades do projeto é que a comunidade deseja que o turismo da região movimente a economia e respeite os patrimônios que a cidade possui. Ficou evidenciado a necessidade de se promover um serviço de qualidade, que incentive o turista a permanecer na cidade por mais tempo, consumindo produtos e serviços que o faça sentir o desejo de retornar (Instituto Brasileiro de Museus, 2014).

Entre as questões apresentadas nos questionários sublinha-se respostas como estudar, visitar reservas ecológicas próximas e a prática de esportes como atividades de lazer e de interação da comunidade. De acordo com Souza (2002) o problema urbano relacionado à falta de interação entre cultura e acesso civil faz parte do cotidiano de toda cidade brasileira, independentemente de seu tamanho e localização.

O fato é que o município de Carangola possui espaço para atividades culturais e para alojar ambientes para distintos atrativos, mas encontra-se em ruim estado de conservação, necessitando de restauração. A falta de gestão, entendida como “crise” dos espaços de memória, implica um processo de reflexão sobre a informação histórica da cidade, que sofre ameaças em meio ao caos, carecendo de restauração e preservação, em virtude dos interesses particulares e da expansão urbana desordenada (Silva et al. 2011). De acordo com Almeida (1995), estudos sobre a interação do público são ferramentas importantes para a melhoria das exposições. Museus se transformaram em redutos ecológicos importantes para as inúmeras espécies de animais, podendo ser consideradas como ecossistemas completos (Nunes, 2011). Mortimer (1995) afirma que há pessoas que conseguem compreender as ideias científicas, mas que nunca se desfazem de seus conhecimentos prévios, construídos a partir de suas vivências, cujas experiências podem ser somadas aos conhecimentos oferecidos na educação escolar.

Os dados mostram a questão educacional do MZNB para a UEMG e a cidade de Carangola, como unidade com potencial de informações que possibilita atingir todos os níveis de ensino. Através da divulgação do MZNB houve o despertar de interesse dos visitantes em conhecer outros centros culturais, o que nos leva a concluir que se faz necessária e urgente uma revisão crítica sobre o uso de museus no ensino do Brasil, de modo a se incluir e incorporar uma interação entre professores, museus e alunos.

REFERÊNCIAS

[1] Almeida, A.m. A Relação do Público com o Museu do Instituto Butantã: análise da exposição Na Natureza não Existem Vilões. Dissertação de Mestrado, ECA, São Paulo. 1995.

[2] Borges, P. Limite de alunos por turma depende de bom senso das escolas. Brasília 01 de fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-02-01/limite-de-alunos-por-turma-depende-de>

-bom-senso-das-escolas.html> Acesso em: 07 nov. 2015, 17:40:12.

[3] Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Senado Federal. Senador Ramez Tebet. Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996.

[4] Brasil. Censo da Educação Básica do Brasil. Ministério da Educação. 2014. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/apresentacao/2014/apresentacao_coletiva_censo_edu_basica_022014.pdf Acesso em: 07 de novembro de 2015.

[5] Cullen, J.r.l.; Bodmer, R.e.; Padua, C.v. Effects of hunting in habitat fragments of the Atlantic forest, Brazil. *Biological Conservation*, Liverpool, 95: 49-56. 2000.

[6] Faria, M.b.; Souza, G.c. Popularização da ciência através do Museu de Zoologia Newton Baião de Azevedo: conservação da fauna. *Revista Científica Semana Acadêmica*, v. 000067, p. 1. 2015.

[7] Instituto Brasileiro De Museus. Museu e Turismo: Estratégias de Cooperação – Brasília, DF : Ibram, 2014. 80p. : Il. ; 23 Cm Isbn 978-85-63078-30-8 1. Museus. 2. Turismo. I. Instituto Brasileiro de Museus.

[8] Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar da Educação Básica: resumo técnico / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília : O Instituto, 2014. 39 p.: tab. ISBN 978-85-7863-033-1. 2013.

[9] Juanola, R.; Colomer, A. Museus Y Educadores: Perspetivas Y Retos de Futuro. In: *La Mirada Inquieta: Educación Artística Y Museos*. Editado por Ricard Huerta, e Romà de La Calle, 21-40. València: Universitat de València. 2005.

[10] Mortimer, E.f. Conceptual Change or Conceptual Profile Change? *Science and Education*, 4, 267-285. 1995.
NUNES, M. Fauna Urbana - a vida selvagem à nossa porta. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2012.
NUNES, V. F. P. Pombos Urbanos – O Desafio de Controle em Áreas Urbanas. *Anais da XII Reunião Itinerante de Fitossanidade do Instituto Biológico - Pragas Agroindustriais*. 2011.

[11] Oliveira, M. P. C.; Rodarte, R. R. P.; Feio, R. N. Desenvolvimento de Métodos Interativos no Museu de Zoologia João Moojen - UFV, Mg. *Revista Diálogos*, V. 12, P. 57-62.

[12] Silva, G.p.; Falcão, M.t.; Barbosa, M.a.f. 2011. O Caso e o Descaso do Patrimônio Cultural da Cidade de Boa Vista-RR. *Cultura*, Ano 05. nº 02. 2011.

[13] Souza, M. L. De. Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

[14] Vivo, M. How many species of mammals are there in Brazil? Taxonomic practice and diversity evaluation. In: BICUDO, C.E. & MENEZES, N.A. (ed.), *Biodiversity in Brazil. A first approach*. Proceedings of the workshop "Methods for the assessment of the biodiversity in plants and animals", Campos do Jordão. 1996.





Ações de Extensão para Gestão do Uso e Ocupação do Solo no Campus da Universidade Federal De Campina Grande em Pombal - Pb

Extension Actions For Management Of The Use And Occupation Of Soil In The Campus Of The Federal University Of Campina Grande In Pombal-Pb

Resumo

O objetivo deste trabalho foi construir uma base documental para elaborar um zoneamento ambiental participativo com foco no uso e ocupação do solo no Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar-Universidade Federal de Campina Grande, campus de Pombal-PB. Para isto, foram aplicados 372 questionários de composição mista, com dez perguntas de múltipla escolha e duas perguntas abertas, destinados à comunidade acadêmica e, concomitantemente, foi desenvolvido um diagnóstico de uso e ocupação atual do solo na área do CCTA-UFCG e da Fazenda Experimental pertencente ao Campus. Em sequência, construíram-se dois mapas temáticos e foram realizadas ações de extensão: elaboração e distribuições de folders e cartilhas referentes ao tema uso e ocupação do solo e uma palestra informativa sobre o andamento do projeto para a comunidade acadêmica. Os dados obtidos indicaram a necessidade de introdução e ampliação da temática “Uso e Ocupação do Solo” na área de estudo, pois a grande maioria dos atores da comunidade acadêmica do CCTA-UFCG não tem o devido conhecimento sobre o tema. Sendo assim, colocá-lo em pauta é um importante passo para mudar esta concepção, além de tornar a área de estudo uma referência no planejamento ambiental do uso e ocupação do solo, tanto para implantação ou ampliação de outras instituições de ensino e pesquisa, quanto para a sociedade local que, a princípio, será beneficiada indiretamente pela pesquisa.

Palavras-chave: Extensão universitária, Sustentabilidade, Zoneamento Ambiental.

Jonas da Silva Dias*
Ana Paula Fonseca e Silva
Andreza Maiara Silva Bezerra
José Cleidimário Araújo Leite
Maria Tatiane Leonardo Chaves

Universidade Federal de Campina Grande,
Campus Pombal
*E-mail: jonasufcg@hotmail.com

The objective of this work was to build a documentary base to elaborate a participative environmental zoning with focus on the use and occupation of the soil in the Center for Food and Science and Technology of the Federal University of Campina Grande, campus of Pombal-PB. For this purpose, 372 mixed composition questionnaires were applied, where 10 questions were multiple choice and 2 open questions, destined to the academic community and, concurrently, a diagnosis of current land use and occupation was developed in the CCTA - UFCG and Fazenda area Experimental pertaining to the Campus. In sequence, two thematic maps were constructed, and extension actions were carried out: elaboration and distribution of folders and booklets referring to the theme of land use and occupation and an informative talk about the progress of the project for the academic community. The data obtained indicated the need to introduce and extend the theme "Land Use and Land Use" in the study area, since the great majority of the actors of the academic community of the CCTA - UFCG do not have the proper knowledge on the subject. Therefore, placing it on the agenda is an important step to change this conception, in addition to making the study area a reference in the environmental planning of land use and occupation, both for implantation or expansion of other teaching and research institutions, and to the local society, which, in principle, will benefit indirectly from the research.

Keywords: Environmental Zoning, Sustainability. University Extension.

INTRODUÇÃO

O uso e a ocupação do solo são o reflexo de várias atividades econômicas responsáveis por alterar a qualidade do ar, da água, do solo e de outros recursos naturais, interferindo diretamente na qualidade de vida da população (PEREIRA; SANTOS, 2012).

O levantamento do uso e ocupação do solo é imprescindível para se analisar a forma pela qual determinada área está sendo ocupada, podendo servir para planejadores e legisladores visto que, ao se fazer esse levantamento, pode-se construir uma política mais correta de uso da terra para desenvolver a região (AMARAL; RIOS, 2012).

Para tornar mais evidente os padrões de uso e ocupação dos espaços é muito utilizado o recurso de mapeamento das informações. A visualização dos fatos no espaço melhora o entendimento das interações existentes e aponta as ações necessárias (SEBUSIANI; BETTINE, 2011).

Levando-se em conta a importância de compreender como se deu o Uso e Ocupação do Solo de determinada área e, também, em subsidiar planos futuros para a gestão da universidade, nesta pesquisa, apresentam-se os dados parciais referentes à vigência do projeto intitulado “Ações Estruturantes para Gestão do Uso e Ocupação do Solo” no período de maio a dezembro de 2016, pertencente ao “Programa CCTA Sustentável”, que constitui uma iniciativa pioneira voltada à sustentabilidade em dez diferentes áreas no Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar - CCTA, localizado em Pombal-PB, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, sendo elas:

- Projeto 1 – Eixo Águas
- Projeto 2 – Eixo Resíduos Sólidos
- Projeto 3 – Eixo Energia
- Projeto 4 – Eixo Cultura e Memória
- Projeto 5 – Eixo Gestão de Pessoas
- Projeto 6 – Eixo Uso e Ocupação do Solo
- Projeto 7 – Eixo Comunicação
- Projeto 8 – Eixo Saúde
- Projeto 9 – Eixo Infraestrutura e Acessibilidade
- Projeto 10 – Eixo Alimentos

Nesse contexto, o estudo objetivou elaborar uma base para o zoneamento ambiental participativo com foco no uso e ocupação do solo no CCTA-UFCG, Campus de Pombal - PB. O público alvo deste trabalho foi, inicialmente, a comunidade acadêmica e, na sequência do projeto original, espera-se que outras instituições e repartições públicas e/ou privadas do município de Pombal e região venham a adotar as práticas e ações abordadas neste trabalho.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Elaborar um zoneamento ambiental participativo com foco no uso e ocupação do solo no CCTA-UFCG, Campus de Pombal- PB.

Objetivos Específicos

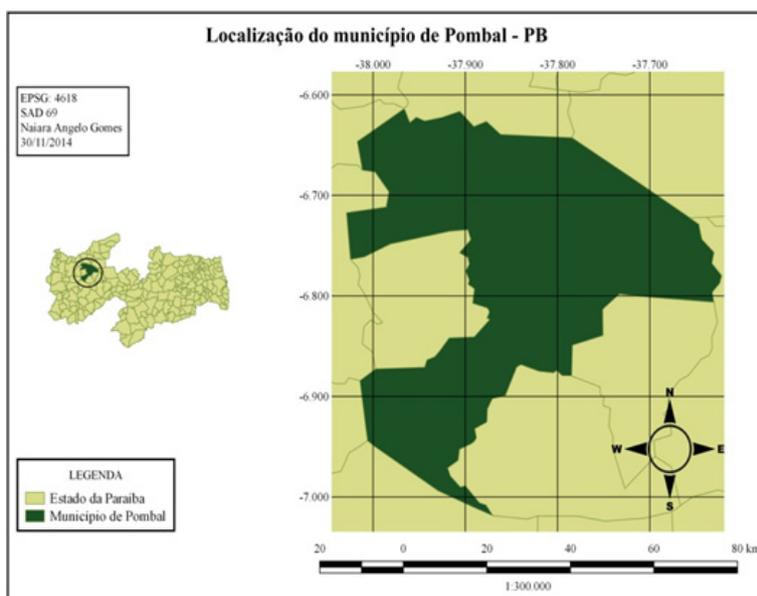
- Elaborar um diagnóstico participativo de uso e ocupação do solo nas áreas do CCTA-UFCG e da Fazenda Experimental;
- Georreferenciar das diversas classes de uso e ocupação atual do solo em ambas as áreas objetos dessa pesquisa nas áreas do CCTA-UFCG e da Fazenda Experimental;
- Construir mapas de uso e ocupação atual do solo nas áreas em tela;
- Realizar palestra sobre a temática principal do projeto;
- Elaborar e aplicar questionários aos diferentes segmentos da comunidade acadêmica;
- Elaborar e distribuir um folder temático;
- Elaborar e distribuir uma cartilha temática;
- Mobilizar a comunidade acadêmica sobre os fundamentos e a importância da temática abordada no projeto.

METODOLOGIA ADOTADA

Localização da área de estudo

Este projeto foi desenvolvido no Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar – CCTA, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de

Figura 1
Localização do município
de Pombal - PB.
Fonte: Gomes (2015).



Pombal - PB. O município de Pombal (Figura 1) está localizado no estado da Paraíba, nas coordenadas geográficas 06°46'12''S e 37°48'07''W, e situa-se na bacia hidrográfica do Rio Piranhas-Açu, entre a sub-bacia do rio Piancó e a região do Alto Piranhas (CPRM, 2005).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015 o município possuía área territorial de 888,807 km² e, em 2016, população equivalente a 32.739 habitantes. O clima é do tipo Tropical Semiárido e a vegetação basicamente composta por Caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia; predomina o relevo suave ondulado, cortado por vales estreitos com vertentes dissecadas (CPRM, 2005).

Diagnóstico Participativo

O diagnóstico participativo foi elaborado em duas vertentes:

Diagnóstico da percepção da comunidade acadêmica sobre a temática do projeto

Essa etapa ocorreu entre os meses de julho a novembro de 2016; foram realizadas 370 consultas à comunidade acadêmica: 270 discentes, 33 técnicos administrativos e 67 docentes, para averiguação da percepção de cada segmento a respeito de fundamentos e importância do “uso e ocupação do solo” na área do CCTA/UFCG. A ideia foi aferir o grau de conhecimento e interesse da comunidade acadêmica acerca do tema objeto do projeto e assim construir a primeira parte do diagnóstico participativo.

A amostra (542 questionários) foi determinada com base na população de docentes, discentes, técnicos administrativos e servidores do campus (totalizando 1186 pessoas), em um nível de confiança de 95% e uma margem de erro de 5%, de acordo com o cálculo amostral proposto por LEVIN (1987), de acordo com a Equação 1, a seguir:

$$1. \quad n = \frac{N \cdot \sigma^2 \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{(N-1) \cdot E^2 + \sigma^2 \cdot (Z_{\alpha/2})^2} = (1)$$

Onde N é o tamanho da População, $Z_{\alpha/2}$ é o quantil da distribuição Normal padronizada ao nível σ de significância e E é o erro percentual admitido na pesquisa.

Os questionários destinados ao corpo discente da graduação possuíam 12 questões, e foram aplicados a 270 alunos, distribuídos a partir do 3º período da graduação dos quatro cursos existentes no CCTA, sendo eles: Agronomia, Engenharia de Alimentos, Engenharia Ambiental e Engenharia Civil. Considerou-se que, a partir do terceiro período do curso, os alunos já seriam capazes de responder satisfatoriamente às perguntas requisitadas.

O cálculo amostral determinou que, para o público dos servidores docentes, a amostra corresponde à aplicação de 69 questionários distribuídos aleatoriamente entre os professores das três Unidades Acadêmicas do CCTA (Unidade Acadêmica de Ciência e Tecnologia Ambiental- UACTA, Unidade Acadêmica de Tecnologia de Ali-

mentos- UATA e Unidade Acadêmica de Ciências Agrárias- UAGRA). Para este público, o questionário continha 13 perguntas, sendo 11 delas já existentes no questionário destinado aos alunos de graduação e consideradas “perguntas-chave” do tema, visto que continham questões relacionadas a conceitos básicos sobre uso e ocupação do solo. Foram acrescentadas poucas perguntas específicas aos docentes.

Os questionários aplicados aos técnicos-administrativos continham treze perguntas relacionadas ao tema, e assim como foi com os professores, o mesmo foi elaborado explorando as perguntas-chave sobre o tema e acrescentando perguntas que fossem pertinentes ao público. Neste caso as perguntas também diziam respeito aos conceitos básicos do tema. O valor amostral para este público foi de 33 questionários.

Os demais questionários, que a soma das suas amostras resulta em um total de 171 questionários, estavam destinados aos discentes de Pós-Graduação e aos servidores terceirizados do CCTA, porém, não se obteve êxito na aplicação com os mesmos, visto que não foi possível atingir o total da amostra especificado anteriormente e, portanto, não foram expostos os resultados para este público, sendo por enquanto retirados da pesquisa.

Com isso obteve-se, por fim, uma amostra de 372 questionários distribuídos proporcionalmente entre os docentes, discentes e técnicos administrativos.

Diagnóstico de uso e ocupação atual do solo nas áreas do CCTA/UFCG e da Fazenda Experimental:

Esta etapa foi desenvolvida por meio de consultas bibliográficas de publicações de 2006 a 2016, duas visitas a campo, elaboração do memorial fotográfico e utilização da ferramenta de geoprocessamento Qgis, a partir das quais foi possível elaborar mapas de uso e ocupação atual do solo, destacando-se as diversas classes de uso e ocupação atual do solo encontradas na área de abrangência do estudo. Essas atividades foram realizadas nos meses de maio e junho de 2016.

Mapeamento do uso atual do solo no CCTA-UFCG

Para a geração do mapa temático de uso atual do solo no CCTA-UFCG, foram realizadas várias atividades de campo, com o objetivo de se ter um diagnóstico atual simplificado da área em questão. Na obtenção dos dados georreferenciados (coordenadas geográficas), utilizou-se um Global Positioning System (GARMIN/GPSMAP 76CSX), necessário para identificação do posicionamento planimétrico da área de estudo e das diversas classes de uso do solo.

Ao se concluir as visitas de campo, passou-se à etapa seguinte que foi a confecção do mapa, realizada com o auxílio do software livre Quantum Gis (QGisDesktop 2.16.1), em que foram divididas as classes de uso atual do solo no CCTA-UFCG.

Mapeamento do uso atual do solo na Fazenda Experimental

Na criação do mapa temático de uso atual do solo da Fazenda Experimental do CCTA-UFCG, foram realizadas três visitas à fazenda experimental, de 30,50 hecta-

res localizada no município de São Domingos – PB. Inicialmente, o objetivo principal foi observar as características do local e conhecer a situação atual da ocupação do solo. A etapa de obtenção de dados georreferenciados e de criação do mapa foi realizada a partir da metodologia utilizada no mapeamento da área do CCTA-UFCG.

Ações de Extensão

Palestra

A partir da etapa de Diagnóstico Participativo, que possibilitou conhecer a percepção da comunidade acadêmica com relação ao tema, foi realizada uma palestra intitulada “Uso e ocupação do solo: teoria e aplicações”. A ação ocorreu no Miniauditório do CCTA-UFCG, em um evento intitulado: Primeiro Ciclo de Palestras do Programa CCTA - Sustentável, que contou com apresentações de três outros projetos do programa e palestrantes convidados.

A palestra foi elaborada e exibida no programa Microsoft Office Power Point (2007). Ela continha informações pertinentes ao tema de forma a expandir o conhecimento e diminuir dúvidas ou questionamentos e, ao mesmo tempo, apresentar a temática aos que ainda não a conheciam, expondo também os resultados parciais obtidos no projeto.

Cartilha

Foi confeccionada uma cartilha sobre uso e ocupação do solo com o auxílio do Microsoft Office Publisher (2007), com o intuito de fornecer e disseminar informações importantes sobre o uso e ocupação do solo, atendendo as carências identificadas na consulta sobre tal tema. Como forma de tornar a cartilha mais dinâmica, foram adicionados quadrinhos informativos, nos quais a plástica e inserção dos textos se deu por meio do Software Adobe Photoshop CS6.

Folder

Foi elaborado ainda um folder, construído por meio do programa “Microsoft Office Publisher (2007)”.

RESULTADOS

Mapa temático de uso atual do solo do CCTA-UFCG

Realizaram-se visitas de campo na área do CCTA-UFCG com o objetivo de identificar os diversos tipos de uso do solo existentes no campus universitário, como por exemplo, áreas edificadas e com solo exposto, entre outras. Nas duas visitas realizadas foram obtidos registros fotográficos (Figura 2) e realizada a delimitação do perímetro da área.

Figura 2
Visita de reconhecimento
da área do CCTA/UFPG.
Pombal – PB.
Fonte: autores (2017).



Após a análise dos dados obtidos, verificou-se que há duas classes de usos do solo predominantes no CCTA/UFPG: (1) de “vegetação nativa” e (2) “solo exposto”, com cerca de 42% e 38%, respectivamente. Os demais espaços são ocupados por áreas com vegetação urbana (arbórea e gramínea) com 10%, 3,6% de edificações, 3,4% de áreas experimentais, 2,5% de áreas pavimentadas e passarelas. Há também um riacho intermitente que atravessa a área do Campus, que equivale a cerca de 0,5% da área total, o qual na época da visita encontrava-se sem água, devido ao período de estiagem. Ressalta-se que a área total citada corresponde a 16 ha e o riacho intermitente a 800m² (0,5%). Os valores das áreas das respectivas classes de uso do solo foram estimados de acordo com o mapa elaborado (Figura 3).

Figura 3
a) mapa de uso e ocupação
atual do solo no CCTA/
UFPG;



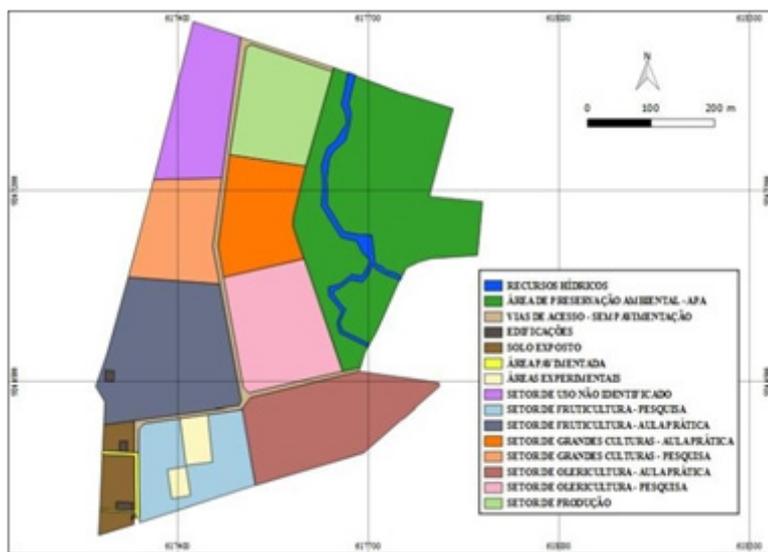


Figura 3
b) área ocupada pela
Fazenda Experimental no
mesmo Campus. Pombal
- PB

Destaque deve ser dado ao uso do solo na área natural, onde foram observados usos com áreas experimentais agrícolas, inclusive na Área de Preservação Permanente – APP, conforme dispõe o Novo Código Florestal Brasileiro - Lei n. 12.651 de 25 de maio de 2012. A referida APP é constituída pelas margens de um rio intermitente com largura de até 10m que cruza o referido Campus. No CCTA-UFCG verificou-se a existência de uma área verde que apresenta em sua maior parte pavimentação e passarelas, áreas com edificações, solo exposto e uma porção mínima de áreas com vegetação urbana (Figura 3a), o que favorece, portanto, a redução da capacidade de infiltração de água no solo, devido ao revestimento superficial observado, ao contrário do que deveria haver nesse tipo de área. Há também a área da Fazenda Experimental (Figura 3b)

Após a confecção do mapa (Figura 3b), tornaram-se perceptíveis os quatro setores componentes da Fazenda Experimental: (1) Fruticultura, (2) Grandes Culturas, (3) Olericultura e (4) Produção para aulas práticas e pesquisas. No entanto, na maioria destes setores, ainda não foram desenvolvidas atividades. Isso ocorre porque a fazenda foi adquirida recentemente pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e está em fase de instalação da infraestrutura física e experimental.

Entre os outros setores delimitados na área, destaca-se a Área de Preservação Ambiental. Esta área se encontra indicada por meio de placas e cercada no local, e contém no seu interior três riachos intermitentes. É uma área destinada pela Universidade para preservação e conservação, a qual segue os mesmos objetivos e princípios da Área de Proteção Ambiental, uma das Unidades de Uso Sustentável, previstas na Lei n. 9.985, de 18 de Julho de 2000 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC. As demais classes de uso observadas foram: Vias de acesso, Edificações, Áreas pavimentadas, Solo Exposto, Áreas Experimentais (Ex-

perimentos em andamento) e uma Área de uso não identificado (que não tinha uma indicação ou identificação de destinação de uso, diferentemente dos outros setores).

Ações de Extensão

Palestra

Essa ação foi efetiva no miniauditório do CCTA-UFCG pelos discentes membros do projeto de extensão (Figura 4), e contemplou, de forma geral, os seguintes conteúdos:

Figura 4 - Realização da palestra sobre “uso e ocupação do solo” no miniauditório do CCTA/ UFCG Pombal – PB.



- O processo de ocupação do território;
- capacidade de uso do solo;
- consequências da ocupação inadequada do solo, e
- instrumentos de gestão do uso e ocupação do solo.

Também foi apresentado à comunidade acadêmica um conjunto de informações sobre o projeto de extensão, incluindo parte dos resultados obtidos até então: a produção dos mapas do Campus e da fazenda experimental; o diagnóstico da comunidade acadêmica sobre conhecimentos relativos ao tema do projeto e a produção e distribuição de folders e cartilhas com informações relevantes sobre uso e ocupação do solo, além de ações futuras a serem realizadas no projeto como, por exemplo, a indicação dos usos do solo de acordo com suas características.

Cartilha

As informações inerentes ao projeto de uso e ocupação do solo em desenvolvimento no Campus foram alocadas em uma cartilha e em um folder, para melhor

disseminação dos conteúdos relacionados e divulgação do projeto, que foram distribuídas pela equipe responsável pelo projeto (Figura 5).



Figura 5
a) capa da cartilha elaborada;
b) capa do folder;
c) momento da distribuição de ambos. Pombal – PB.

A cartilha apresenta informações gerais sobre o programa CCTA sustentável; o projeto “uso e ocupação do solo”, assim como informações relevantes sobre o tema em questão. Também foram disponibilizados os mapas do campus e da fazenda experimental para informar à comunidade acadêmica as condições de uso atual do solo na área de estudo, que servirão de base para um planejamento das ações futuras.

Ademais, a cartilha contém elementos visuais, como imagens e quadrinhos, que tornam a leitura mais atrativa para o público-alvo (servidores técnicos e docentes do setor administrativo e gestores do CCTA-UFPA), bem como fornece e dissemina informações importantes sobre o uso e ocupação do solo, e atende as carências identificadas na consulta sobre este tema.

Folder

O conteúdo do folder é constituído, de forma geral, por um resumo da cartilha (elementos visuais em forma de fotos ilustrativas), aborda o tema uso e ocupação do solo, e traz os mapas do campus e da fazenda experimental. Este material informativo foi distribuído na comunidade acadêmica em maior quantidade em relação à cartilha, para trazer informações sobre o tema em questão e atender parte das demandas identificadas a partir da análise dos dados obtidos na consulta ao público alvo do estudo.

CONCLUSÕES

As atividades desenvolvidas durante a vigência do Programa CCTA Sustentável, em particular neste projeto, foram de grande relevância para a comunidade acadêmica. Os objetivos do projeto de extensão foram atingidos através dos diversos conhecimentos transmitidos por meio das ferramentas educativas utilizadas e serão importantes para a formação profissional dos discentes dos cursos de graduação do referido campus (Agronomia, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil e Engenharia

de Alimentos), bem como para os demais membros da comunidade acadêmica.

Pela análise dos dados verificou-se a necessidade de ampliação da temática “Uso e Ocupação do Solo”, devido aos problemas apresentados, em que se mostra uma falta de concepção sobre o tema. O fato é que colocar este tema em pauta é um importante passo para a formulação de um novo conceito, além de tornar o CCTA/UFCG uma referência sobre o tema, tanto para a sociedade como para outras instituições de ensino fundamental, médio e principalmente superior.

Por fim, espera-se que este tema seja amplamente debatido nas diversas Instituições de Ensino Superior – IES disseminadas pelo país e que o uso e a ocupação do solo venham a ser realizados de forma planejada nas áreas pertencentes ao CCTA/UFCG, Campus de Pombal - PB, de forma a reduzir os impactos causados pelas intervenções e melhorar a qualidade de vida das pessoas, além de contribuir para a sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

[1] Amaral, A. B; Rios, A. S. Geoprocessamento: mapeamento de uso e ocupação do solo no alto curso do rio Piedade. Revista de Geografia- PPGEQ, v. 2, n.1, p. 1-8, 2012.

[2] Brasil. Lei no 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis n. 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis n. 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória no 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm>. Acesso em: 12 de dez. 2017.

[3] CPRM. COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Recife: CPRM, 2005. (Diagnóstico do município de Pombal-PB). Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16266/REL_Pombal.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 dez. 2016.

[4] Gomes, N. A. Avaliação dos impactos ambientais causados pelo “lixão” de Pombal-PB. 2015. 81 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Ambiental) - Unidade Acadêmica de Ciências e Tecnologia Ambiental, Universidade Federal de Campina Grande, Pombal-PB. 2015.

[5] Levin, Jack. Estatística Aplicada a Ciências Humanas. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1987.

[6] Paraíba Ibge 2012. Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251210&search=paraiba|pombal|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em 24 jan. 2017.

[7] Pereira, A. K. C; Santos, L. O. L. Dos. Mapeamento dos tipos uso e ocupação do solo da região do centro da cidade, Santa Inês- MA. In: CONGRESSO NORTE E NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, VII, 2012. Palmas. Anais Eletrônicos... Palmas-TO, 2012. Disponível em: <<http://propi.iftto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/1118/2114>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

[8] Sebusiani, H. R. V; Bettine, S. C. Metodologia de análise do uso e ocupação do solo em micro bacia urbana. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. Taubaté, v. 7, n. 1, p. 256-285, jan/abr.2011.

[9] Serviço Geológico Do Brasil (CPRM). Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: Diagnóstico do município de Pombal. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. 23 p.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em especial ao Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar (CCTA).

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão (PROPEX) e ao Programa CCTA Sustentável. Ao Professor José Cleidimário Araújo Leite, orientador deste trabalho.



Ações para o Ensino e Aprendizagem facilitados em Botânica nas Escolas do Ensino Básico

Actions for Teaching and Learning Facilitated in Botany in Schools

Resumo

A temática botânica vem sendo pouco tratada nas escolas; dentre os motivos estão terminologias e metodologias de ensino, geralmente focadas no livro didático. Nesse contexto, herbário e laboratórios tornam-se instrumentos didáticos eficientes, possibilitando aos alunos conhecimento de uma realidade na qual eles não estão inseridos. Objetivou-se mostrar alternativas viáveis para ensinar e aprender botânica dentro de Ciências/Biologia na educação básica, refletindo na formação inicial dos estudantes de forma que os coloquem como agentes ativos na construção do conhecimento. O público-alvo foram alunos e professores das escolas de Carangola e região. Escolheram-se temas e metodologias diferenciadas para montagem de aulas dinâmicas, com intuito de ensinar botânica de maneira diferenciada. Foram recebidos 701 alunos de nove escolas. Os resultados indicaram que o trabalho proporcionou melhor compreensão do conteúdo botânico e despertou consciência ambiental nos alunos. Além disso, o projeto mostrou o quanto o herbário HUEMG é importante para a região e propiciou iniciação à docência aos alunos graduandos em Biologia.

Palavras-Chave: Ensino; Botânica; Herbário; Iniciação à Docência; Educação Ambiental.

Jaquelina Alves Nunes*
Raphael de Souza Peçanha

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG) - Unidade Carangola
E-mail: jaquelina.nunes@uemg.br*

Abstract

The botanical theme has been little noticed in schools, among the reasons are terminologies and teaching methodologies, usually focused on the textbook. In this context, herbarium and laboratories become efficient didactic instruments, enabling students to know a reality that they are not inserted. The objective was to show viable alternatives to teach and to learn botany within Science / Biology in basic education, reflecting on the initial formation of students and placing them as active agents in the construction of knowledge. The target were students and teachers of the schools of Carangola and region. Different themes and methodologies were chosen for the assembly of the dynamic classes, in order to teach botany in a different way. 701 students from nine schools were received. The work provided a better understanding of botanical content and awakened environmental awareness in students. In addition, it showed how much the HUEMG herbarium is important for the region and provided initiation to teaching to students graduating in Biology.

Key words: Education; Botany; Herbarium; Introduction to Teaching; Environmental Education.

INTRODUÇÃO

A Botânica pode ser descrita, de uma maneira simples, como “o ramo da biologia que trata da vida das plantas” e é uma disciplina relacionada ao cotidiano das pessoas, por abordar uma temática extremamente acessível, partindo-se da ideia de que as plantas estão em todos os lugares. Além disso, pode ser caracterizada pelo interesse em aspectos morfológicos, fisiológicos, genéticos de um ser vivo que é basicamente pluricelular e realizador da fotossíntese (SANTOS, 2006). O estudo do conteúdo de botânica fornece um importante entendimento da essência de toda a vida na Terra, desde a manutenção da vida até ao total equilíbrio do planeta.

No entanto, o conteúdo botânico se faz pouco notório nos ensinamentos fundamental e médio nas escolas, apesar de ser uma disciplina constitucionalizada dentro da biologia, considerada uma área interdisciplinar que tem como objetivo de estudos contribuir com outras áreas da biologia (SANTOS, 2006). A falta de interesse dos alunos pode ser apontada como um dos motivos, provavelmente pela carência de atrativos didáticos e pedagógicos e por conter muitos termos específicos. Outra razão pode ser explicada pelo fato de não haver interação entre o homem e os seres estáticos como as plantas (MENEZES et al., 2009).

Esta problemática tem como consequência a defasagem de conhecimento do conteúdo por parte dos alunos. Este fato pode estar relacionado com as metodologias aplicadas, em que na maioria das vezes são ministradas aulas com excesso de conteúdos e baseadas somente nos livros didáticos e teóricos (ROCKENBACH et al., 2012).

Em vista disso, novas abordagens são necessárias para que o aluno tenha um contato maior com os vegetais, por meio de aulas práticas ou de ações e aulas dinâmicas, como oficinas em campo, o uso de laboratórios e de recursos tecnológicos por exemplo. Essas ações promovem a qualificação do processo de aprendizagem, visando acrescentar os conhecimentos sobre a flora brasileira e as suas diversificações (ARAÚJO & MIGUEL, 2013). Além do que, as aulas experimentais podem despertar a motivação e o interesse dos alunos pelo saber, facilitar a compreensão de fenômenos naturais e de concepções científicas, por exemplo, no campo da medicina e da farmacologia, dentre outras (POSSOBOM, 2002).

Nesse contexto, considerando as diversas problemáticas que os professores enfrentam para ministrar o conteúdo, as visitas técnicas a coleções biológicas, como em um herbário, concomitante às aulas práticas, apresentam-se como grande fonte de conhecimento e contribuem substancialmente para a aprendizagem dos alunos (PESSIN & NASCIMENTO, 2010). Isto porque os Herbários, enquanto coleções botânicas, compostas por espécies de plantas conservadas e organizadas de maneira sistemática, provenientes de diversos tipos de ecossistemas, podem servir como registro referencial sobre o tipo de vegetação e a composição florística de determinada região (MACHADO & BARBOSA, 2010). Tal coleção é considerada como fonte de grande formação de conhecimentos, nos ramos de pesquisa e extensão (ARAÚJO & MIGUEL, 2013). Junto às demais categorias de coleções científicas, os herbários compõem os espaços institucionalizados não-formais que

podem ser utilizados para a prática de conscientização e educação ambiental de alunos de diversos níveis de ensino (Queiroz et al., 2011). Além disso, sobre o ponto de vista didático, um herbário é também um excelente instrumento educacional, pois proporciona aos professores recursos que irão permitir adequações dentro de suas necessidades didáticas (NUNES & ALVES, 2016). A partir dessas considerações, buscou-se como objetivo desse trabalho apresentar alternativas viáveis para ensinar e aprender botânica, dentro do conteúdo de Ciências/Biologia na educação básica, por entender que essas atividades se refletem na formação inicial dos estudantes e os colocam como agentes ativos na construção do conhecimento.

MATERIAL E MÉTODOS

O projeto foi realizado durante o ano letivo de 2016. Inicialmente, passou-se ao agendamento prévio das aulas teóricas e práticas na Universidade do Estado de Minas Gerais, para visitas técnicas ao Centro de Estudos Ecológicos e da Biodiversidade (CEBIO), que incluem o herbário da Universidade do Estado de Minas Gerais (HUEMG), laboratórios e salas de multimídias da UEMG e UAITEC, com sede na UEMG-Carangola.

Os professores de Ciências/Biologia das escolas do Município de Carangola-MG e região foram contatados, para se conhecer as metodologias de ensino utilizadas por eles em sala de aula e o conteúdo das ementas. Foram contemplados professores e alunos dos níveis fundamental I e II, ensino médio e educação em tempo integral, além de alunos da APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Carangola (Tabela 1).

Escolas	Série	Nº de Alunos	Localidade
APAE de Carangola	Ensino para crianças especiais	26	Carangola/MG
Educandário São José	6º Ano ensino Fundamental	26	Porciúncula/RJ
Educandário São José	7º Ano ensino Fundamental	26	Porciúncula/RJ
Educandário São José	8º Ano ensino Fundamental	24	Porciúncula/RJ
Educandário São José	9º Ano ensino Fundamental	27	Porciúncula/RJ
E.E. Melo Viana	Turma de tempo integral	70	Carangola/MG
E.E. Melo Viana	3º Ano ensino Fundamental	30	Carangola/MG
E.E. Melo Viana	2º Ano ensino Fundamental	27	Carangola/MG
E. E. DrºJonas de Faria Castro	3º Ano ensino Fundamental	27	Carangola/MG
E. E. DrºJonas de Faria Castro	2º Ano ensino Fundamental	28	Carangola/MG

E.E. João Belo de Oliveira	7º Ano ensino Fundamental	50	Carangola/MG
E.E. Emília Esteves Marques	8º Ano ensino Fundamental	55	Carangola/MG
Escola Oficina do Saber	1º Ano ensino Fundamental	23	Carangola/MG
Escola Oficina do Saber	2º Ano ensino Fundamental	25	Carangola/MG
Escola Oficina do Saber	3º Ano ensino Fundamental	21	Carangola/MG
Escola Oficina do Saber	4º Ano ensino Fundamental	25	Carangola/MG
Escola Oficina do Saber	5º Ano ensino Fundamental	26	Carangola/MG
E.E. Augusto Amarante	Turma de tempo integral	50	Carangola/MG
E. M. Santa Luzia	6º Ano ensino Fundamental	20	Carangola/MG
E. M. Santa Luzia	7º Ano ensino Fundamental	15	Carangola/MG
E. M. Santa Luzia	8º Ano ensino Fundamental	17	Carangola/MG
E. M. Santa Luzia	9º Ano ensino Fundamental	21	Carangola/MG
E. E. Emília Esteves Marques	1º Ano ensino Médio	20	Carangola/MG
E. E. Emília Esteves Marques	2º Ano ensino Médio	22	Carangola/MG
Total de alunos		701	

De posse do conteúdo que os professores ministravam em sala, os estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas buscaram novas metodologias de ensino, utilizando o HUEMG, que facilitassem o aprendizado dos alunos envolvidos no projeto. Dessa forma, os graduandos em Ciências Biológicas, participantes do trabalho, tiveram oportunidade de exercer a iniciação à docência. Como parte das atividades propostas pelo projeto, foram analisados os livros didáticos adotados pelos professores, a fim de se construir práticas de ensino em botânica em forma de trabalhos multidisciplinares em consonância com o conteúdo lecionado em sala.

Além disso, ministraram-se aulas expositivas, com auxílio de slides, em salas, com equipamentos de alta tecnologia como lousa inteligente; em laboratórios de Biologia, ao ar livre, a fim de despertar nos alunos o interesse pela preservação do meio ambiente no qual estão inseridos, sobretudo da importância do HUEMG. As sequências didáticas ministradas tiveram diversos temas: Mata Atlântica, habitats e adaptações morfológicas das plantas, a relevância das coleções botânicas, o uso de plantas medicinais, construindo uma horta de plantas medicinais, vídeo educativo falando sobre a Mata Atlântica e aula prática em laboratório a respeito da célula vegetal.

RESULTADOS

Durante o ano letivo de 2016, contou-se com a participação de nove escolas, sendo oito do Município de Carangola-MG e uma do município de Porciúncula-RJ. Dessas, duas escolas pertencem à rede privada de ensino e seis à rede pública, sendo cinco delas estaduais e uma municipal, abrangendo um total de 701 alunos, dos ensinos fundamentais (73%), médio (42%) e educação especial (4%). Além disso, nesse período, participaram do trabalho oito professores de Ciências, um professor de Biologia e nove professores da área da Pedagogia (Tabela 1).

É notório que a inserção das coleções biológicas, no contexto didático, tem contribuído muito para a divulgação científica e para o ensino de biologia e áreas afins. Nesse sentido, alguns trabalhos envolvendo visitas às coleções científicas recebem visitantes, variando a quantidade de acordo com os objetivos de cada estudo. Em trabalho realizado por Faria e Souza (2015) em um Museu de Zoologia, foi registrado um total de 133 alunos visitantes de ensino fundamental dentre escolas públicas. Faria e Leodoro (2016) receberam 389 visitantes na coleção zoológica, enquanto Dias e colaboradores (2009) receberam 70 alunos no Jardim Botânico de Curitiba, em um trabalho similar. Lima & Barbosa (2016), em trabalho realizado no Museu de Zoologia, calcularam no ano de 2015 um total de 1.083 visitantes, dentre pessoas físicas e grupos escolares. Assim, fica evidente a demanda existente e o interesse dos visitantes às coleções, o que pode ser muito importante do ponto de vista didático. No entanto, esse serviço nem sempre está disponível nas coleções biológicas, por várias razões como, por exemplo, a falta de recursos financeiros e humanos, já que as coleções são tradicionalmente de cunho científico.

O interesse dos professores em participar do trabalho foi importante, uma vez que a maioria deles não possuía um grande conhecimento sobre como dinamizar o conteúdo botânico. Dentre outros fatores importantes que podem aumentar essa problemática, citam-se a falta de estrutura das escolas e a ausência de recursos (humano e financeiro). Como acontece nas escolas públicas, há um elevado número de alunos por turma, ausência de laboratórios e o tempo exíguo que os professores têm para preparar e ministrar a disciplina de ciências. Estes pontos, somados à dificuldade de os professores realizarem aulas práticas, resulta na carência do conteúdo de botânica que estes alunos apresentavam (SILVA et al., 2014).

Em trabalho realizado por Santos et al. (2008) foi enfatizado que “o Ensino de Botânica tem sido de maneira geral, negligenciado nos diferentes anos da Educação Básica”; o mesmo tem sido ministrado de maneira muito teórica, tanta teoria pode ser a consequência da enorme dificuldade que os professores apresentam de expor e explorar o conteúdo de maneira prática e contextualizada. Santos et al. (2010) relataram que, dentre os conteúdos da disciplina de Ciências e Biologia, a botânica é um dos conteúdos em que os professores apresentavam maior dificuldade para envolver os alunos.

Outra dificuldade apontada pelos professores do ensino fundamental I diz respeito à nomenclatura usada no conteúdo botânico. Essas terminologias dificul-

tam a sua utilização pelo professor e para os alunos absorverem o que lhes é transmitido (SILVA et al., 2014), talvez isso aconteça pela forma com que o conteúdo é passado para os alunos e também pela falta de atualização do professor em relação ao conteúdo botânico.

Porém, o desinteresse sobre o conteúdo de botânica não é somente em relação aos alunos mas também se dá por parte dos professores, ao não buscarem novas metodologias para o ensino. Macias (2011), ao questionar docentes de Ciências e Biologia em Pelotas-RS, sobre as áreas de maior interesse da disciplina de Ciências e Biologia, dentre elas Genética, Botânica, Zoologia, Saúde Pública e Histologia, constatou que Genética ficou em primeiro lugar na preferência dos discentes e o conteúdo Botânica por último.

Visando contribuir para promover o interesse para esta área da ciência foram iniciadas as visitas à Unidade de Carangola, pois todos os alunos conheceram o CE BIO, o Herbário e o seu funcionamento. Como forma de divulgação da coleção científica de plantas da UEMG Carangola, e para que eles tivessem acesso a UEMG, foi ministrado o conteúdo teórico em salas com equipamento de multimídia na sala da UAITEC e depois e a coleção do HUEMG (Figura 1).



Figura 1
A- Sala do UAITEC, localizada nas dependências da UEMG Carangola, Salas com equipamentos de multimídia, B- Apresentação do Herbário HUEMG par aos alunos visitantes

Ao longo das visitas técnicas ao Herbário da HUEMG, foi possível apresentar in loco a importância das coleções botânicas para o ensino e a conservação da biodiversidade florística regional. As visitas tiveram como foco principal a compreensão das coleções científicas, como ferramenta para o desenvolvimento de pesquisas, nas diversas áreas da ciência e sua importância para ensino da Botânica (NUNES & ALVES, 2016).

As aulas teóricas tiveram diversos assuntos abordados, entre eles, conceitos a respeito da relevância das coleções botânicas para estudos da biodiversidade, o uso de plantas medicinais, vegetação da Mata Atlântica, conservação das espécies e inserção da educação ambiental no cotidiano, adaptações morfológicas, uso e importância econômica. Além disso, outros assuntos atuais foram inseridos de maneira a contextualizar com situações do cotidiano do aluno, por exemplo, a presença de plantas que podem servir de criadouros de mosquitos transmissores de doenças.

Sabe-se que aulas diferenciadas ao ar livre fazem com que os alunos valorizem os conteúdos ministrados e se envolvam mais com os temas abordados (RISSI & CAVASSAN, 2013). E, ainda, que os museus e centros de ciências estimulam a curiosidade dos visitantes. Esses espaços oferecem a oportunidade de suprir, ao menos em parte, algumas das carências da escola como a falta de laboratórios, recursos audiovisuais, entre outros, conhecidos por estimular o aprendizado. O Herbário pode ser utilizado com fins didáticos para o aprimoramento ao ensino de Ciências e Biologia nas escolas, promovendo assim a popularização e democratização do saber científico (OLIVEIRA et al. 2014; NUNES & ALVES, 2016).

O tema Plantas Medicinais, foi trabalhado em aulas teóricas e práticas, em que se abordou o conteúdo de diversidade de plantas medicinais com enfoque nas plantas medicinais na região de Carangola, de acordo com Nunes & Lanes (2016). O desenvolvimento dessa temática foi de extremo interesse dos professores, contribuindo para que os alunos tivessem um maior interesse pelo conteúdo. Primeiramente foi ministrada a aula teórica, em seguida os alunos visitaram a coleção para conhecer alguns exemplares exsecatados de plantas medicinais que estão depositadas no HUEMG segundo Oliveira et al., (2014). Outra prática ministrada, com sucesso, foi a construção de uma horta vertical. Para tal, utilizou-se como canteiros garrafas pet para o plantio de ervas medicinais. Aqui se destaca o uso da garrafa pet que, normalmente, é um material descartado no meio ambiente. O fato é que as atividades práticas possibilitam aos alunos a interação com as plantas em um todo, o que oportuniza a valorização desse tipo de ser vivo e a compreensão como elemento essencial para qualquer ambiente (BITENCOURT et al., 2011).

E, ainda, a construção de uma Horta Medicinal, como aula prática, pode aprimorar o desenvolvimento cognitivo, relacionando temas de ciências trabalhados em sala de aula com as atividades práticas. Inserida no ambiente escolar, esta ação pode possibilitar o desenvolvimento de diversas atividades pedagógicas em educação ambiental, unindo teoria e prática de forma contextualizada, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem e estreitando relações através da promoção do trabalho coletivo e cooperativo, entre os agentes sociais envolvidos (SILVA & SANTOS, 2009) (Figura 2).

Figura 2
Aulas práticas: horta vertical. A: Graduandos em Ciências Biológicas ministrando a aula prática e B: Alunos do ensino básico na aula prática montando horta vertical de plantas medicinais.



Nesse contexto, tratou-se também sobre a importância da reciclagem para a diminuição da degradação do meio ambiente.

Os alunos da APAE Carangola também participaram do estudo. Para essa aula foi preparada uma dinâmica com um vídeo educativo “Os Guardiões da Biosfera - Mata Atlântica”. Apesar das limitações, os alunos manifestaram interesse em conhecer a coleção do HUEMG, pois nunca haviam visitado uma coleção científica antes. Tal aula foi de suma importância, ao contribuir para promover a inclusão destes alunos em uma realidade com a qual eles dificilmente teriam contato em seu cotidiano.

Importante ressaltar aqui a importância de se adequar o conteúdo ao público uma vez que, para as visitas, vieram alunos das séries iniciais às finais da educação básica e alunos especiais. Essa é uma importante prática para os alunos, responsáveis em desenvolver as aulas na medida em que agem na prática da formação docente. É preciso se levar em conta que a inclusão aumenta as possibilidades dos indivíduos com algum tipo de deficiência a estabelecerem significativos laços de amizade, de se desenvolverem física e cognitivamente e de serem membros ativos na escola e na construção de conhecimentos (BERETA & VIANA, 2014). A aula com recurso audiovisual ocorreu nas dependências do UAITEC (Figura 3).



Figura 3
Aula e visitação ao HUEMG dos alunos da APAE de Carangola. A- Vídeo “Guardiões da Biosfera; Mata Atlântica” passado para os alunos na sala multimídia UAITEC, B, C, D - Visitação ao Herbário HUEMG. Foto: Arícia Penna e Raniely Souza Silva.

Foi notório o despertar do interesse dos alunos, quando realizadas as aulas práticas em laboratório, com o uso de microscópio, lupas e outros equipamentos (Figura 4).

Figura 4
Aula prática no
Laboratório da biologia
da UEMG Unidade
Carangola para alunos
do ensino básico
de Carangola, MG.
(A, B e C); Aula célula
vegetal e (D); Registro
da presença dos alunos
a UEMG.



Em trabalho realizado por Krasilchik (2008) dentre as modalidades didáticas existentes, tais como aulas expositivas, demonstrações, excursões, discussões, aulas práticas e projetos, como forma de vivenciar o método científico, as aulas práticas e projetos estão entre os mais adequados. Dentre as principais funções das aulas práticas a autora cita: despertar e manter o interesse dos alunos; envolver os estudantes em investigações científicas; desenvolver a capacidade de resolver problemas; compreender conceitos básicos; e desenvolver habilidades.

Que as aulas práticas são importantes para um melhor aprendizado isso é evidente, pois são elas que fazem com que os alunos se tornem agentes atuantes, tendo nelas aulas o fator essencial para uma boa formação acadêmica. Para Amorim et al. (2012), as aulas práticas propiciam a melhoria da compreensão, a ampliação e a apropriação dos conteúdos cognitivos, o que permite a construção e a aplicação de habilidades procedimentais e atitudinais, levando o aluno a ter um pensamento mais crítico e reflexivo.

Em trabalho realizado por Pontarolo & Tardivo (2011) no Herbário da Universidade Estadual de Ponta Grossa, as autoras afirmam que a coleção científica de plantas é um forte instrumento didático para alunos do ensino médio, fundamental e para os graduandos. Ao visitar uma coleção científica, os alunos conhecem a manutenção do local, as espécies que estão depositadas lá, e dessa forma eles passam a ter uma noção maior da importância deste espaço. Constataram ainda, neste estudo, que o herbário se faz como um ótimo instrumento pedagógico, que contribui amplamente nos ensinamentos de ciências e biologia no conteúdo de botânica, e desperta nos alunos o interesse para conhecer ainda mais a flora da região em que vivem. Diversos trabalhos, entre eles o de Nabozny & Tardivo (2016) destacam que as atividades de extensão realizadas em herbários se mostram como ferramentas eficazes para o ensino do conteúdo de botânica e ressaltam que as visitas em herbários são de suma importância ao trazer a comunidade para a realidade das pesquisas, quebrando tabus existentes em torno da vida acadêmica. Já para

botânicos mais conservadores, as coleções científicas devem ser de uso exclusivo para pesquisa e uso de especialistas, visando à preservação da coleção, conforme defendem Fonseca & Vieira (2015). Também para Silva (2016), as coleções devem ser usadas somente para fins de pesquisa, por especialistas da área e não para visita pública, a fim de se evitar contaminações no ambiente das coleções, dessa forma preservando o material.

Destaque aqui pode ser dado ao Herbário HUEMG, que atualmente, além de cumprir o seu papel na pesquisa acadêmica, também se conceitua como instrumento didático para os alunos graduandos em Ciências Biológicas, bem como para alunos e professores da rede de ensino básico de Carangola e região. Vale a pena ressaltar que, todas as aulas teóricas e práticas foram realizadas fora do espaço onde se encontra a coleção de plantas do HUEMG. Isso porque a coleção deve ser preservada em temperatura e umidade ideal e livre de contaminação, por se tratar de um bem público. Para isso, usamos o espaço externo na UEMG - Unidade de Carangola, como CEBio, pátio, laboratórios, salas de aula, salas de multimídias e UAITEC. Em estudo realizado, Vieira et al. (2014, constataram que o ensino de ciências em espaços de educação não formal possui grande valia.

Com a realização das montagens das sequências didáticas e, posteriormente, com as suas aplicações, deu-se um grande impulso para a iniciação à docência dos alunos das Ciências Biológicas da UEMG-Carangola envolvidos no projeto. Isso porque possibilitou aos graduandos entrarem em um ambiente escolar para ministrar as aulas teóricas e práticas, adquirindo assim experiência na docência. Observou-se que a educação não formal é um instrumento muito eficiente no tocante ao melhoramento do ensino. E, no caso do presente estudo, propiciou o despertar do interesse dos alunos pelo conteúdo da botânica tão logo ministraram as aulas.

CONCLUSÕES

O número de alunos e participantes do projeto foi satisfatório, o que demonstra a importância do trabalho como contribuição ao ensino de Botânica na educação básica. Esse interesse se explica porque a possibilidade de haver aula prática, fora da sala de aula formal, por si só já é uma situação diferente e estimulante para alunos e professores. As aulas práticas e teóricas que foram realizadas usando o HUEMG como instrumento educacional e laboratórios de biologia, em complemento ao livro didático, contribuíram em muito para melhorar a aprendizagem dos alunos a respeito da botânica, nas disciplinas de Ciências e Biologia. As espécies representantes da flora local, utilizadas na demonstração, ao serem conhecidas pelos alunos despertam o interesse e a curiosidade. Isso os leva a indagações e comparações, integrando-os à região em que vivem por meio desse conhecimento, contribuindo assim para o exercício de responsabilidade social em relação ao meio ambiente.

Pelas atividades desenvolvidas pelo projeto e os resultados observados,

concluiu-se que a iniciação à docência aos graduandos em biologia foi de grande importância e relevância, na medida em que oportunizou a inserção no âmbito escolar, em contato com professores e alunos na prática, em um processo de elaboração de aulas não formais de botânica para os alunos da educação básica de Carangola e região.

REFERÊNCIAS

- [1] **AMORIM, A.C.F., SILVA, L.A., MONTEIRO, D.X., ROCHA, M.A., SANTOS, A.M.M.** A atividade prática como uma importante ferramenta metodológica no ensino da botânica. 63º Congresso Nacional de Botânica- Botânica frente as mudanças globais. Joinville-Santa Catarina 2012.
- [2] **ARAÚJO, M. S.; MIGUEL, J. R.** Herbário Didático no ensino da Botânica. In: I Encontro de Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática: questões atuais, 2013.
- [3] **BERETA, M.S., VIANA, P. B. D. M.** Os benefícios da inclusão de alunos com deficiência em escolas regulares. Revista Pós-graduação: Desafios Contemporâneos, v.1, n. 1, jun./2014.
- [4] **BITENCOURT, I. M.; MACEDO, G. E. L.; SOUZA, M. L.; SANTOS, M. C.; SOUSA, G. P.; OLIVEIRA, D. B. C.** As plantas na percepção de estudantes do ensino fundamental no município de Jequié – Ba. VIII Encontro Nacional de Pesquisa, Campinas, Brasil. 2011.
- [5] **DIAS, J. M. D. C., SCHWARZ, E. D. A. VIEIRA, E. D. R.** A botânica além da sala de aula. 2009. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/893-4.pdf> > acesso em: set. 2014
- [6] **FARIA, M. B.; LEODORO, I. L.** Cultural Events as Tools for Disseminating of the Zoology Museum of the University of Minas Gerais States, Brazil. Palgo Journal of Education Research, v. 4, p. 189, 2016.
- [7] **FARIA, M. B.; SOUZA, G. C.,** Popularização da ciência através do Museu de Zoologia Newton Baião de Azevedo: conservação da fauna. Revista Científica Semana Acadêmica, v. 000067, p. 1, 2015.
- [8] **Fonseca, R. S., Vieira, M. F.** Coleções botânicas com enfoque em herbário, – Viçosa, MG : Ed. UFV, 2015.
- [9] **Krasilchik, M.** Prática de Ensino de Biologia. São Paulo EDUSP, 2008.
- [10] **Lima, J. F. D. S., Barbosa, M. V. M.** Ações educativas do Museu de Zoologia “José Hidasí” da Unitins p;ra com as Instituições de Ensino e Comunidades Tocantinenses. Revista Humanidades e Inovação, v.3, n. 1, 2016.
- [11] **Machado S. R., Barbosa S. B.** Herbário Botucatu: Manual de procedimentos. São Paulo-SP. 2010.
- [12] **Macias, L.** Ensino de Botânica no contexto das escolas públicas e propostas para a formação continuada dos professores. In: LUCENA, E. M. P., AMORIM, A. V. (Orgs.). 62º Congresso Nacional de Botânica -Botânica e Desenvolvimento Sustentável. Fortaleza: EdUECE, 2011.
- [13] **Menezes, L. C. De; Souza, V. C.; Nicomedes, M. P.; Silva, N. A.; Quirino, M. R.; Oliveira, A. G.; Andrade, R. R.; Santos, C.** Anais do XI Encontro de Iniciação à Docência. In: Iniciativas para o aprendizado de botânica no ensino médio. UFPB. 2009.
- [14] **Nabozny, R., Tardivo, R. C.** Herbário Da Universidade Estadual De Ponta Grossa (HUPG): Experiências e trabalhos desenvolvidos. In: 14º CONEX- Conversando Sobre Extensão- Universidade de Ponta Grossa- PR, 2016.
- [15] **Nunes, J. A., Alves, N. B.** Herbário HUEMG como ferramenta para educação e conservação da biodiversidade. Revista Científica Semana Acadêmica, v. 1, p. 1-16, 2016.
- [16] **Nunes, J. A., Lanes, G. S. D.** Uso de Plantas Medicinais no Município de Carangola-MG. In: Otávio Luiz Machado. (Org.). Universidade de Idéias. 1 ed. Frutal: Editora Prospectiva; v. 1, p. 285-309, 2016.
- [17] **Oliveira, E. E., Toledo, T. D. F., Da Silva, D. F. M. Nunes, J. A.,** Levantamento etnobotânico das espé-

cies medicinais do herbário da Universidade do Estado de Minas Gerais - HUEMG. In: XI Encontro Internacional de Iniciação Científica da FAMINAS, 2014, Muriaé.

[18] Oliveira, M. L., Antunes, A. M., Rocha, T. L., Teixeira, S. M. Educação inclusiva e a formação de professores de ciências: o papel das universidades federais na capacitação dos futuros educadores. *Revista Ensaio*, Belo Horizonte; vol 13, n. 3, p.99-117, 2011.

[19] Pessin, L. R., Nascimento, M. T. A importância das aulas práticas no ensino de botânica, a partir do processo de ensino e aprendizagem em aulas e atividades teórico práticas. 15º Encontro de IC da UENF; 7º Circuito de IC da IFF; 3ª Jornada de IC da UFF. II Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica, 2010.

[20] Pontarolo, A. R., Tardivo, R. C. As coleções biológicas como instrumento de educação e conservação da biodiversidade do planeta. 9º Conex- Encontro Conversando sobre Extensão no UEPG. "Extensão e formação Universitária: Repensando o Currículo", Universidade Estadual de Ponta Grossa- Resumo Expandido, 2011.

[21] Possobom, C. Atividades práticas no Ensino de Biologia e de Ciências: Relato de uma experiência. *Ciência e Educação*, p. 113-123, 2002.

[22] Rissi, M.n., Cavassan, O. Uma proposta de material didático baseado nas espécies de Vochysiaceae existentes em uma trilha no cerrado de Bauru – SP. *Biota Neotropical*, v. 13, n.1: p.27-41, 2013

[23] Rockenbach, M. E., Oliveira, J. H. F., Pesamosca, A. M.; Castro, P. E. E., Macias, L. Não se gosta do que conhece? A visão de alunos sobre a botânica. In: XXI Congresso de Iniciação Científica, 4ª Mostra Científica Universidade Federal de Pelotas, 2012.

[24] Santos, D. Y. A. C., Chow F., Furlan, C. M. (Orgs.). Ensino de Botânica - Curso para atualização de professores de Educação Básica: A Botânica no cotidiano. São Paulo. 2008.

[25] Santos, F. S. A. Botânica no Ensino Médio: Será que é preciso apenas memorizar nomes de plantas? In C. C. Silva (Org.). Estudos de história e filosofia das ciências: Subsídios para aplicação no ensino (p. 223-243). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006.

[26] Santos, S. P., Rodrigues, F. F. S., Pereira, B. B. O ensino de Botânica e as práticas escolares: Diálogos com a educação de jovens e adultos. In: II Seminário de Pesquisa do NUPEPE. Uberlândia, 2010.

[27] Silva, L. A. M., Manual do usuário do Herbário UESC; Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2016.

[28] Silva, M. J., Sampaio, S. M.v., Nunes, J. V. C. O que dizem os professores das escolas públicas de Maceió sobre o ensino de botânica?. V Enebio e II Erebio Regional 1- *Revista da SBEnBIO*, n. 7, 2014.

[29] Silva M., Santos, M. A. A. A horta escolar na educação ambiental e alimentar: experiência do Projeto Horta Viva nas escolas municipais de Florianópolis. *Extensão: Revista Eletrônica de Extensão*, v. 5, n. 6, 2009.

[30] Vieira, G. Q., Pereira, L. P., Matos, W. R. Avaliação de espaços não formais de educação para o ensino de Ciências: Estudo de caso do museu Ciência e Vida, Duque de Caxias, RJ. *Almanaque multidisciplinar de pesquisa*. ANO I-v. 1, n. 2- Artigo- Universidade Unigranrio, 2014.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Programa de Apoio a Projetos de Extensão - PAEX da Universidade do Estado de Minas Gerais pela bolsa de Iniciação Científica.

Ao Herbário da Universidade do Estado de Minas Gerais – HUEMG.



BDGeo Desastres – ES: Protótipo para Cadastro e distribuição Compartilhada Via Web

BDGEO Desastres – ES: prototype for registration and shared distributioni way the web

Resumo

Nos últimos anos tem se verificado em escala mundial uma crescente necessidade de monitorar e de prevenir a ocorrência de desastres decorrentes de eventos naturais ou dos efeitos das ações antropogênicas, buscando-se, assim, o desenvolvimento de cidades resilientes. Nesse contexto, o aplicativo de ação colaborativa BDGeo Desastres – ES foi desenvolvido como insumo voltado à aquisição e ao registro de dados geodinâmicos, fornecendo suporte no cadastro e gerenciamento em tempo real (via smartfone, tablet ou computador) de informações úteis à gestão de redução de riscos de desastres. Com o apoio de mapas ativos e de alertas, o aplicativo potencializa ações preventivas e atendimento de ocorrências de órgãos como a Defesa Civil. A funcionalidade do aplicativo atende também às demandas de pesquisadores e gestores públicos, contribuindo para ações mais eficientes de planejamento e ordenamento do território. O aplicativo revelou que as geotecnologias, em especial a Informação Geográfica Colaborativa, são instrumentos eficientes no monitoramento de áreas de risco.

Palavras-chave: Informação Geográfica Voluntária; Banco de Dados Geográficos; Políticas Públicas; Dados em Tempo Real.

Mônica Regina da Silva Passos
Antônio Celso de Oliveira Goulart*
André Luiz Nascentes Coelho

Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES)
*E-mail: celsoliveiragoulart@gmail.com

Abstract

The botanical theme has been little noticed in schools, among the reasons are terminologies and teaching methodologies, usually focused on the textbook. In this context, herbarium and laboratories become efficient didactic instruments, enabling students to know a reality that they are not inserted. The objective was to show viable alternatives to teach and to learn botany within Science / Biology in basic education, reflecting on the initial formation of students and placing them as active agents in the construction of knowledge. The target were students and teachers of the schools of Carangola and region. Different themes and methodologies were chosen for the assembly of the dynamic classes, in order to teach botany in a different way. 701 students from nine schools were received. The work provided a better understanding of botanical content and awakened environmental awareness in students. In addition, it showed how much the HUEMG herbarium is important for the region and provided initiation to teaching to students graduating in Biology.

Key words: Education; Botany; Herbarium; Introduction to Teaching; Environmental Education.

INTRODUÇÃO

A relação entre estudos geocientíficos e a redução do risco de desastres é um dos temas do mundo contemporâneo. O meio urbano como cenário das maiores propensões ao risco de desastres é bastante evidente em toda parte do território nacional e de outros países de urbanização recente acarretando prejuízos socioeconômicos e danos à população. De acordo com Alexander (1995) e McBean (2004), o crescimento da população urbana e peri-urbana, a segregação socioespacial e as mudanças climáticas têm sido fatores que incrementam o surgimento das áreas de riscos a processos geodinâmicos e a frequência dos desastres.

As intervenções recorrentes, sobretudo nas áreas urbanas, pelas alterações antrópicas como o processo de impermeabilização do solo, ocupação de encostas de morros, e modificação no processo de escoamento das águas superficiais, transformam esses ambientes no “[...] palco maior das calamidades naturais [...] que cresce em termos de área ocupada pelas cidades (mesmo que ainda pequena no contexto das superfícies do planeta) e da proporção de pessoas que as habitam” (NUNES, 2015 p.95).

Para Sausen e Lacruz (2015, p.22), esses desastres resultam da “[...] ocupação do ambiente natural sem preocupação com a sustentabilidade [...] são desencadeados seja por variáveis geofísicas (relevo, rios, precipitação, entre outras) e humanas (população, ocupação do solo, pobreza, etc.)”.

Nesse contexto, a necessidade de prevenir, monitorar e mitigar os danos vinculados a eventos naturais ou decorrentes das ações antropogênicas requer urgência e constitui uma tarefa de extrema importância para as organizações. Diante disso, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou em 2012 o guia "Como construir cidades mais resilientes". Esse documento aponta o vínculo entre cidades resilientes e redução de riscos de desastres como parte do desenho urbano e das estratégias/ações diversas ao desenvolvimento sustentável desses ambientes. De acordo com a The United Nations Office for Disaster Risk Reduction (UNISDR, 2012), a resiliência envolve capacidade de resistir, absorver, acomodar e recuperar-se dos efeitos de um perigo, de forma eficiente, nomeadamente através da preservação e restauração de suas estruturas básicas essenciais e funções.

Nesse contexto, o presente artigo tem por objetivo principal apresentar o aplicativo de ação colaborativa BDGeo Desastres-ES desenvolvido para fornecer suporte no cadastro e gerenciamento, em tempo real, via smartfone, tablet ou computador, de informações relativas à gestão de riscos e desastres.

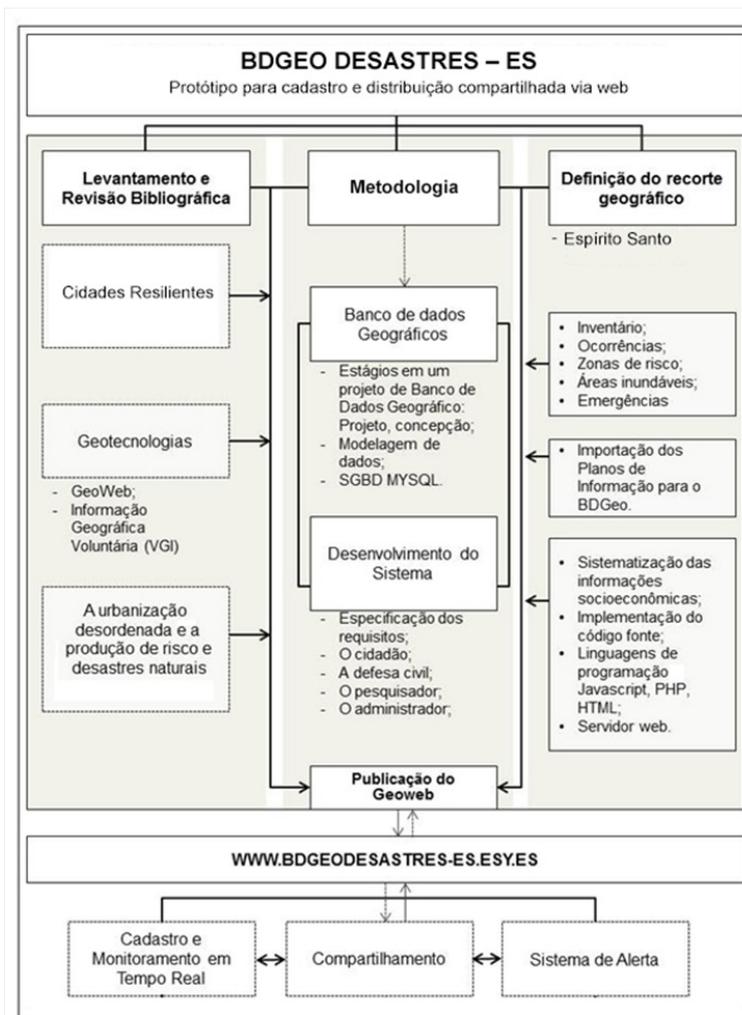
BDGeo Desastres-ES foi concebido a partir do desenvolvimento de duas ações de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo: o Laboratório de Gestão em Redução de Risco de Desastres – LabGR2D/CEPEDES-UFES (nº 500263) e o Inclusão em Geotecnologias (nº 400033), constituindo uma ferramenta de interface web ágil e eficiente. Sua funcionalidade possibilita aos usuários como técnicos da Defesa Civil, ao Corpo de Bombeiros, ao cidadão, bem como aos pesquisadores que trabalham com dados de riscos e desastres, cadastrar e visualizar instantaneamente as informações

através da utilização de geotecnologias representadas pelo Banco de Dados Geográfico - BDG, componente principal do SIG - Sistema de Informações Geográficas, pela interface da Geoweb e pela VGI (Volunteered Geographic Information - Informação Geográfica Colaborativa) em consonância com as estratégias que preconizam o envolvimento social e participação colaborativa e cidadã nas iniciativas de desenvolvimento de uma cultura de redução de risco.

METODOLOGIA

O processo de concepção do aplicativo consistiu de três principais etapas, iniciando-se com a definição do referencial bibliográfico sobre a temática de desastres e as diversas terminologias correlatas, cujas bases se encontram em Sausen e Lacruz (2015), Tominaga et al. (2007), Tominaga (2007), Poser e Dransch (2010), Castro (2003), Goodchild et. al (2013) e Jensen (2009). Posteriormente, foram avaliados na metodologia os requisitos de software, Banco de Dados Geográfico - BDG, a definição de um modelo a ser elaborado e do código fonte a ser executado no servidor, sintetizados na Figura 1.

Figura 1
Fluxograma para cadastro e monitoramento de desastres em uma plataforma colaborativa.



A execução do projeto e do BDG envolve a criação do modelo conceitual, lógico e físico. No modelo conceitual foram definidas as funções organizacionais, a interface do usuário, associando as entidades do banco de dados, indicando cada tipo de dados e atributos não-espaciais e as representações espaciais/geométricas associadas.

No modelo lógico foram definidos os tipos de dados (pontos, linhas, polígonos) suportados pelo SIG que mantém o BDG. A organização da estrutura do Banco de Dados Geográfico incluiu as tarefas de associações topológicas, especificação de regras, relacionamentos e atribuição do sistema de coordenadas WGS-84.

O modelo físico envolveu a definição dos campos e cadastro no banco de dados de informações existentes no estado do Espírito Santo como: ocorrências, abrigos, hospitais e áreas de risco, além do cadastro de áreas inundáveis afetadas pelas chuvas durante os eventos climáticos extremos com base no histórico de imagens orbitais e suborbitais. O BDG foi estruturado por meio do MySQL que é um Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados - SGBD, mais populares do mundo, que utiliza a linguagem SQL (Structured Query Language / Linguagem de Consulta Estruturada) como interface. Empregou-se a extensão espacial MySQLExtension através da interface pgAdmin III, e com a execução de comandos SQL, foi criada a referida tabela/BDG para o armazenamento das ocorrências.

RESULTADOS

A execução das etapas metodológicas resultou na aplicação colaborativa BD-Geo Desastres-ES, que é uma plataforma web, em tempo real, que apresenta um cenário realista das condições de riscos e vulnerabilidades, permitindo gerar um inventário de indicadores de alerta de tipologias de riscos acessível, além de poder gerar novos registros. Na Figura 2 é apresentada a interface do aplicativo e algumas das funcionalidades que estão disponíveis para acesso através do link: <http://bdgeodesastres-es.esy.es>.

Nesse aplicativo, os dados podem ser cadastrados e atualizados por diferentes usuários, permitindo que os centros gerenciadores de desastres e atendimento de ocorrências programem rotas em situações de emergências, a exemplo, da Defesa Civil e Corpo de Bombeiros. Também o usuário conectado em deslocamento para o atendimento de uma ocorrência, verifica em tempo real, a situação do trânsito/engarrafamentos, definindo uma rota mais rápida para o local de atendimento.

Uma das principais vantagens da aplicação desenvolvida é a sua interface gráfica que apresenta um processo interativo de fácil navegação. A ferramenta Street View permite que o usuário tenha acesso ao Google Street View dentro da aplicação, disponível ao acessar o Google Maps, e clicar na região do mapa que deseja que seja exibida.

A Figura 3 “A” ilustra, como exemplo, o recorte geográfico que abrange parte do Morro do Romão no município de Vitória com a ativação da camada “Área de risco” nas cores verde, amarelo e vermelho, indicando na imagem os respectivos locais cadastrados.

A funcionalidade de sobreposição de camadas/planos de informações, além do ajustamento em diversas escalas (local, bairro, município, região e estado) permite ao usuário conectado (via smartfone, tablet ou computador), em qualquer lugar, ava-

Figura 2
Interface inicial
do BDGEO
Desastres-ES.
Acesso: [http://
bdgeodesastres-
es.esy.es](http://bdgeodesastres-es.esy.es)



liar instantaneamente os eventos ou locais considerados críticos, otimizando o planejamento de mobilidade e da circulação, e também o acompanhamento de ações dos gestores públicos.

O registro de ocorrência possui como principal objetivo obter informações voluntárias relacionadas de desastres onde diversos usuários podem cadastrar eventos em diferentes dispositivos, seja pela web site ou pelo celular, resultando em um mapeamento colaborativo, uma vez que este possibilita maior agilidade em operações, em tempo real, com a inserção do evento.

A tecnologia do Sistema de Posicionamento Global/GPS, incorporada no aplicativo, é útil no registro e localização das ocorrências juntamente com o serviço de mapas Google Maps e Google Earth, com as imagens de satélites, permitindo a melhor identificação do local do evento. O aplicativo também disponibiliza os locais de abrigos emergenciais e hospitais otimizados pela ferramenta de busca.

Outro recurso é a possibilidade de busca por determinada categoria de ocorrência, a partir do menu “Ocorrência” e em seguida “Buscar Ocorrência”. Como resultado dessa ação o sistema exibirá um campo de formulário com a funcionalidade “Filtro” na qual o usuário digitará a informação a ser pesquisada. Ao clicar no botão “Buscar” o sistema retorna os registros que atendem às condições pré-definidas no filtro, exemplificado na Figura 3 “B”.

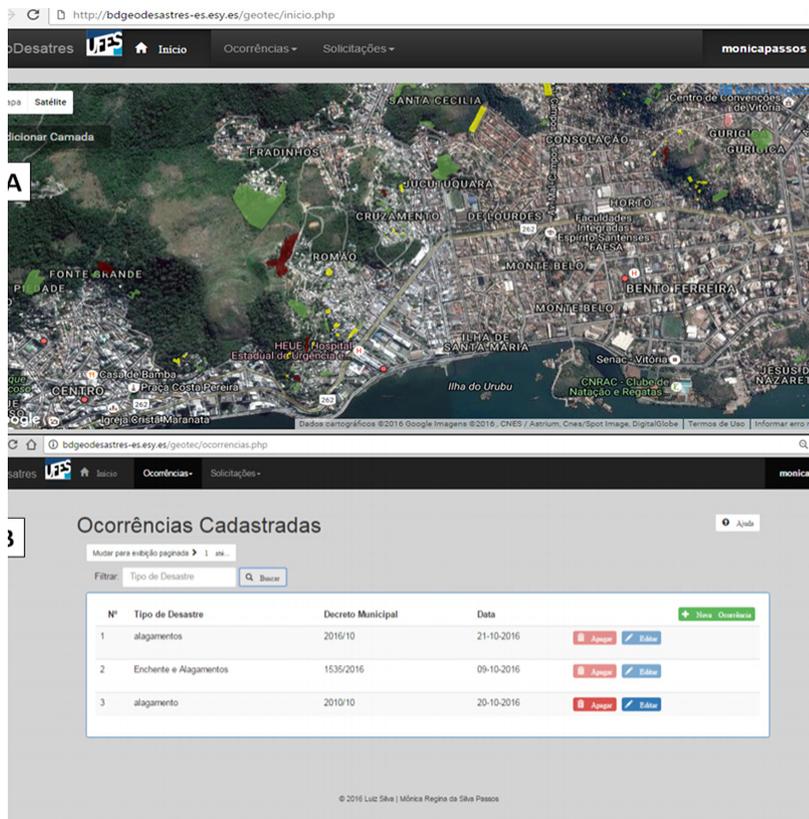


Figura 3
Capturas de tela
apresentando
algumas fun-
cionalidades do
aplicativo BDGeo
Desastres-ES.

Em “A” a categorização das áreas de risco Morro do Romão no município de Vitória. Em “B” a possibilidade de busca por tipologias de ocorrência. Nesta opção, o usuário poderá, também, atualizar as informações ou, quando autorizado administrador do sistema, excluir a ocorrência. Para ter acesso a estas operações ele deve clicar no botão “Editar” ou “Apagar” (Figura 3 “B”).

Os estudos e pesquisas relacionados a desastres têm, nos sistemas de coleta colaborativa e monitoramento de alertas, extrema importância para a sociedade, pois no mapeamento colaborativo, cada cidadão pode ser considerado um ‘sensor móvel’, uma vez que este possibilita maior agilidade em operações e ações emergenciais, em tempo real, com a inserção da localização. Com esses dados cadastrados, torna-se mais abrangente a capacidade de reconhecimento e registro desses fatos e mais eficientes as ações de planejamento territorial permitindo priorizar atendimento as áreas e locais mais suscetíveis a desastres, promovendo assim, o aumento da resiliência das cidades.

CONCLUSÕES

O aplicativo BDGeo Desastres-ES, produto da ação conjunta das ações de extensão Laboratório de Gestão em Redução de Risco de Desastres - LabGR2D/CEPEDES-UFES (nº 500263) e o Inclusão em Geotecnologias (nº 400033), propôs estabelecer

uma metodologia que integra as geotecnologias aos diferentes atores envolvidos na temática relacionada a desastres. Nele, possibilita-se efetuar a coleta de dados, assim como o monitoramento dos efeitos danosos de eventos naturais e os desastres decorrentes desses ou não, apresentando uma importante contribuição para a sociedade e ao mesmo tempo atendendo a demandas de um sistema integrado de informações georreferenciadas em esfera estadual.

O banco de dados construído no MYSQL com extensão espacial proporcionou um armazenamento adequado dos objetos espaciais, o que permite sua atualização em tempo real. Outra característica importante da metodologia aqui apresentada é o papel do administrador do sistema, sendo este responsável por validar as informações cadastradas e ter acesso ao BDG que alimenta a interface Geoweb.

A partir do recorte espacial, torna-se possível compreender que a visão da Geoweb vai além de “[...] acessar e buscar dados remotos, mais também inclui os conceitos de busca, descoberta e avaliação” (GOODCHILD, 2013, p. 280).

Partindo da premissa de que a gestão de riscos de desastres constitui uma tarefa importante para construção de cidades resilientes, e considerando os avanços das geotecnologias na distribuição de dados geográficos na internet, o uso deste aplicativo por diversos usuários possibilitará o incremento das informações de eventos geodinâmicos, o gerenciamento e monitoramento de áreas suscetíveis a processos potencialmente danosos, ampliando a eficiência dos instrumentos das políticas públicas de planejamento urbano, particularmente os Planos Diretores Municipais (PDMs), de forma a assegurar a resiliência das cidades, mesmo naquelas em que não se disponha de um cadastramento oficial de eventos.

O fato é que, seja em decorrência do alto custo que a concepção de um Banco de Dados Geográficos representa, ou seja, pela indisponibilidade de pessoal técnico junto às administrações públicas municipais, ou ainda, da lacuna existente pela carência de informações pertinentes para uma adequada gestão de redução de risco de desastres, o aplicativo BDGeo Desastres-ES constitui-se em uma contribuição acadêmica acessível e gratuita, com interface interativa de fácil navegação e relevante a essa diretriz do planejamento para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- [1] **Alexander, D. E.** A survey of the field of natural hazards and disaster studies. In: CARRARA, A.; Guzzetti, F. (Ed.) Geographical information systems in assessing natural hazards. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1995. Cap. 1, p. 1-19.
- [2] **Casanova, M.; Câmara, G.; Davis, C.; Vinhas, L.; Queiroz, G. R.** Banco de dados geográficos. São José dos Campos: Inpe, 2005. Disponível em: < <http://www.dpi.inpe.br/livros/bdados/capitulos.html>>. Acesso em: mai. 2016.
- [3] **Castro, A. L. C. De.** Manual de desastres: desastres naturais. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 1993. 174 p
- [4] **Goodchild, M. F.; Maguire, D. J.; Longley, P. A.; Rhind, D.w.** Sistemas e Ciência da Informação Geográfica. 3ª Edição, 2013

[5] **Jensen, J. R.** Sensoriamento remoto do ambiente: uma perspectiva em recursos terrestres. São José dos Campos: Parêntese, 2009. 604 p.

[6] **Mcbean, G.** Climate change and extreme weather: a basis for action. *Natural Hazard*. V. 31p. 177–190, 2004.

[7] **Nunes, L. H.** Urbanização e Desastres Naturais: Abrangência América do Sul. São Paulo: Oficina de Textos, 2015. 112 p.

[8] **Poser, K., Dransch, D.** Volunteered geographic information for disaster management with application to rapid flood damage estimation - *Geomatica*, 64, 1, pp. 89–98, 2010.

SAUSEN, T. M ; LACRUZ , M. S. P. Sensoriamento remoto para desastres. Editora: Oficina de Textos, 2015.

[9] **Tominaga, L. K., Santoro, J., Amaral, R.** Desastres naturais: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2007.

[10] **Tominaga, L. K.** Avaliação de metodologias de Análise de Risco a Escorregamentos: Aplicação de um Ensaio em Ubatuba, SP. 2007. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia da Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Cap.220. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-18102007-155204/pt-br.php>>. Acesso em: 20 maio. 2016.

[11] **Unisdr (Org.).** Como Construir Cidades Mais Resilientes: Um Guia para Gestores Públicos Locais. enebra: Onu, 2012. 102 p. Disponível em: <http://www.preventionweb.net/files/26462_guiagestorespublicosweb.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

AGRADECIMENTOS

Ao pesquisador Luiz Antônio Silva, pela leitura e contribuição.

Aos professores André Luiz Nascentes Coelho e Celso Goulart por compartilharem a problemática desta pesquisa.

A ProEx UFES por incentivar docentes e discentes a desenvolverem projetos e aplicações como a aqui apresentada.



Das Atividades do Projeto de Extensão “Humanização do Direito Civil Constitucional - Perspectivas e Desafios”: a Humanização do Direito Civil-Constitucional Vista na prática

From the activities of the extension project "Humanization of constitutional civil law: perspectives and challenges": humanized civil-constitutional law seen in practice

Resumo

A despeito da nova configuração constitucional, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Código Civil de 2002 pouco regula os Direitos da Personalidade, apesar de apresentar avanços em relação ao Código Civil revogado. Daí a importância do fenômeno da Constitucionalização e principalmente da Humanização do Direito Civil, que trouxe uma nova forma de se encarar as relações privadas, até então eminentemente de cunho patrimonialista. A partir disso, o objetivo do presente estudo foi descrever o desenvolvimento de material didático-instrucional, dirigido à divulgação desses direitos no âmbito da rede escolar paraibana, através de cordéis e paródias. Verificou-se de imediato a integração entre os estudantes e o nosso grupo, vez que a música por si só nos aproximava. A experiência foi engrandecedora e gratificante, sendo possível, de maneira efetiva, dar nossa contraprestação social à população, um dever que é nosso enquanto cidadãos, mas principalmente por usufruirmos da educação superior pública.

Palavras-Chaves: Humanização do Direito Civil-Constitucional; Direitos da Personalidade; Educação Jurídica; Extensão Universitária.

D^{ra} Ana Paula Correa de
Albuquerque da Costa*
Jaianny Saionara Macena de
Araújo

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
*E-mail: ap_albuquerque@yahoo.com.br

Abstract

Despite the new constitutional configuration, with the enactment of the Federal Constitution of 1988, the Civil Code of 2002 does not regulate personal rights, although it presents advances when compared with the subrogated Civil Code. Hence the importance of the phenomenon of constitutionalisation, specially the Humanization of Civil Law, which brought a new way of facing private relations, hitherto eminently patrimonialist relations. Considering this, the objective of the present study was to describe the development of didactic-instructional material, targeted to the dissemination of these rights within Paraiba's public schools through cordel literature and parodies. There was an immediate integration among students and our group, as the music itself brought us closer together. The experience was enriching and rewarding, and it was possible in an effective way to give back the community XX (to give back somebody something), which is our duty as citizens, but mainly because we have the privilege to obtain public higher education.

Key-words: Humanization of Civil-Constitutional Law; Personal Rights; Judicial Education; University Extension.

INTRODUÇÃO

As codificações civilistas, no decorrer da História, trazem consigo um aspecto eminentemente privado dos direitos ali previstos, haja vista seu surgimento histórico atrelado à abstenção estatal, em decorrência da Revolução Francesa (COSTA, et al., p. 2014). Nessa época, os Códigos eram os centros fundantes dos ordenamentos jurídicos e, no contexto daquela sociedade, o foco do sistema jurídico se voltava para a garantia da propriedade privada e da liberdade dos cidadãos.

Apenas a partir do surgimento do Estado Social, no pós-guerra, especificadamente no Brasil com a promulgação da Constituição de 1998, é que os direitos humanos ganharam força em nossa ordem normativa (FEITOSA, p. 35, 2014). Nossa Carta Magna, por ser analítica, trata de uma série de questões, ao mesmo tempo em que elege uma série de direitos fundamentais, como é o exemplo do artigo 5º e seus incisos. Dentro desses direitos fundamentais, verifica-se que existem dentre eles direitos que são também direitos da personalidade, de forma que estes finalmente foram contemplados com a relevância constitucional que merecem.

A despeito da nova configuração constitucional, o Código Civil de 2002 pouco regula os direitos da personalidade, apesar de apresentar avanços em relação ao Código Civil revogado. Daí a importância do que vem sendo chamado de Constitucionalização e principalmente de Humanização do Direito Civil, que trouxe uma nova forma de se encarar as relações privadas, até então eminentemente de cunho patrimonialista. Os direitos, sejam fundamentais, humanos ou da personalidade, passam a ser protegidos não só em face do Estado, mas também em relação a outros indivíduos e, mesmo sem a regulação direta, devem ter aplicação e defesa, não pela previsão normativa, mas em respeito ao princípio da dignidade da pessoa humana (GODINHO, p. 475, 2014). Ultrapassa-se a clássica aplicação horizontal de Estado-Particular para sofrer incidência também vertical, ou seja, entre particulares.

Fica demonstrada a relevância dessa nova forma de se encarar o Direito Civil, especialmente nas universidades, pois estas são os centros de formação dos novos construtores do Direito. Logo, difundir o respeito e a tutela dos direitos humanos, fundamentais ou da personalidade, especialmente dentre crianças, que estão em pleno desenvolvimento de sua aprendizagem, guarda estreita relação com a função social da universidade pública de qualidade, como forma de contraprestação social.

Como objetivo geral, o projeto de extensão universitária precipuamente buscou avaliar como a perspectiva humanizada do Direito Civil está presente no cotidiano da sociedade, bem como analisar até que ponto os direitos humanos possuem aplicabilidade horizontal dentre particulares. Devidamente cumprido, consistiu em identificar de que maneira diversos direitos, especialmente os da personalidade, podem ser objeto de disposição e restrição, além de averiguar quais os meios de tutela destes frente às possibilidades cada vez mais crescentes de sua turbação.

Dentre os objetivos específicos, foram estipulados os seguintes:

- a) Discutir o processo de formação da opinião pública a partir da formulação histórica e normativa dos direitos da personalidade na sociedade brasileira;
- b) Analisar a latência do princípio da eficácia horizontal desses direitos, a partir

da seleção e verificação da jurisprudência que constrói suas decisões com base neste princípio;

c) Provocar a discussão sobre a necessidade de intervenção nos sistemas de garantia de direitos (Poder Judiciário, Ministério Público), possibilitando meios de controle e fiscalização, assim como averiguar como vem funcionando os meios de reparação civil pelos danos oriundos;

d) Analisar o conceito e a extensão ética e jurídica do conceito da Humanização do Direito Civil-Constitucional;

e) Apresentar a normatização civil-constitucional e a proteção legal dos direitos fundamentais, humanos e da personalidade no ordenamento brasileiro;

f) Realizar estudos interdisciplinares, abrangendo a investigação das relações entre os direitos da personalidade, os direitos humanos e os direitos fundamentais;

g) Analisar de que modo pode ocorrer o exercício dos direitos da personalidade;

h) Verificar a eficácia dos meios de tutela dos direitos estudados;

i) Produzir trabalhos acadêmicos que sirvam à discussão das temáticas pesquisadas, além de divulgá-los por meios não tradicionais, como cartilha ou paródias musicais no âmbito de colégios da rede escolar paraibana;

j) Publicar os textos produzidos.

MÉTODOS

Para o alcance dos objetivos traçados, foram utilizados os seguintes métodos e técnicas metodológicas:

Método de abordagem: método dedutivo, tendo em vista que se partiu da pressuposição mais ampla de efetivação da dignidade da pessoa humana através da divulgação do Direito Civil dentre as crianças e adolescentes em idade escolar, haja vista a sua aplicabilidade horizontal entre particulares, com a difusão de sua perspectiva humanizada.

Métodos de procedimento:

a) Método histórico: tendo em vista que para a análise jurídica do valor da dignidade humana é necessário o delineamento do processo histórico-cultural do que se denominam direitos da personalidade, direitos humanos e direitos fundamentais, além da forma como ela se apresenta para a efetivação desses direitos e dos próprios direitos humanos;

b) Método monográfico: foram analisadas de situações fáticas que exemplificam como os direitos da personalidade, apesar de seu cunho histórico eminentemente privado possuem agora eficácia horizontal, como mais uma maneira de se efetivar a dignidade da pessoa humana;

c) Método comparativo: após o levantamento dos dados pertinentes ao tema, com o estudo dirigido de artigos científicos nacionais e estrangeiros, procedeu-se uma análise sob o foco crítico dos resultados e dos impactos relativos às

possibilidades de transformação que podem ser alcançadas no que se refere à proteção, inclusão e garantia dos direitos da personalidade em face do panorama tradicional de sua concepção privada.

Para o levantamento dos dados, utilizou-se a técnica de pesquisa da documentação indireta; manejada pela pesquisa bibliográfica, para a formação do referencial teórico usado na construção de toda a investigação, mediante leitura sistemática e orientada de publicações nacionais e estrangeiras (livros, artigos científicos, periódicos especializados e dicionários); e pela pesquisa documental com a coleta de dados em textos legais, relatórios institucionais e documentários.

RESULTADOS

No primeiro bimestre em atividade, o projeto de extensão realizou a análise sistematizada e orientada da literatura concernente ao tema da Humanização do Direito Civil, produzindo, ao final, diversos fichamentos críticos acerca do assunto. Em paralelo, a equipe de estudantes participou da Comissão Organizadora do “III Seminário de Humanização do Direito Civil-Constitucional: Hipervulnerabilidade, Saúde e Humanização do Direito Civil-Constitucional”, que contou com diversas palestras, minicursos e grupos de trabalhos científicos, o que consolidou a base doutrinária para o debate e difusão do Direito Civil Humanizado nas escolas a serem visitadas pelos alunos participantes.



Hipervulnerabilidade, Saúde e Humanização do Direito Civil Constitucional

02 a 04 de Março de 2016
UFPB/UNIPÊ

III Seminário de Direito Civil-Constitucional

.....

02 a 04 de Março de 2016: Mesas Redondas, GTs e Minicursos.
Local: CCJ/UFPB

Abertura 02/03: Palestra Cantada: Prof. Dr. Rodolfo Pamplona Filho - *Crooners in Concert*.
Local: Auditório do Centro de Vivências UNIPÊ às 19h

Encerramento 04/03: Prof. Doutor Paulo Luiz Netto Lôbo – UFAL/UFPE.
Local: Auditório do CCJ/UFPB

.....

Palestrantes e Professores

- Adriano Martelete Godinho - UFPB
- Ana Paula Albuquerque - UFPB
- André Gonçalo Dias Pereira - Universidade de Coimbra/Portugal
- André Gomes Alves - FIP/UFMG
- Cláudio Orestes de Brito - CRM/PB
- Eduardo Sérgio Sousa Soares - Medicina UFPB
- Felipe Alencar Mayer Feitosa - Medicina - UFPB. Estágio na Universidade de Michigan (EUA)
- Glauber Salomão Leite - UFPB/UNIPÊ
- Heloisa Helena Veloso - Odontologia UFPB
- Henrique Ribeiro Cardoso - UFS
- José Baptista de Mello Neto - UFPB/UEPB
- Larissa Leal - UFPE
- Marcos Ehrhardt - UFAL
- Maria Cristina Santiago - UFPB/UNIPÊ
- Maria Luiza Alencar Mayer Feitosa - UFPB
- Michelle Agnoletti - UFPB
- Robson Antão de Medeiros - UFPB
- Rodrigo Toscano de Brito - UFPB

Imagem adaptada de site <http://www.mgmg.org.br>

INSCRIÇÕES ABERTAS! LOCAIS: CAMM; DATAB; HOME PAGE DO IDCC - WWW.INSTITUTODOCC.ORG.BR

Figura 1: Banner com a divulgação do III Seminário De Direito Civil Constitucional: Hipervulnerabilidade, Saúde e Humanização Do Direito Civil-Constitucional.

Munidos do arcabouço técnico e com o objetivo da visita da equipe em escolas tanto da rede pública como da rede particular do Estado, passou-se à produção de um texto acessível para a linguagem do público-alvo. Inicialmente foram confeccionados diversos poemas sobre os Direitos da Personalidade, introduzindo o tema e explanando suas características e acepções, como o direito à vida, liberdade e honra, tudo de forma simplificada e inteligível, o que integrará uma Cartilha Educativa a ser entregue nas instituições escolares participantes das ações do projeto.

Com esse material em mãos, buscou-se a elaboração de melodias que se encaixassem com as rimas, surgindo, finalmente, a ideia das paródias com as principais músicas populares nos dias atuais, o que facilitou bastante a aproximação com o público.

Nossas visitas, então, se deram de forma lúdica e explicativa, inclusive com a ajuda de um violão, promovendo uma difusão plural e horizontal do conhecimento jurídico com as crianças participantes.

A primeira visita aconteceu a uma escola pública situada na cidade de Cabedelo, Paraíba, onde se expôs a primeira versão do nosso material em forma de música. As crianças demonstram bastante interesse na nossa exposição, pedindo, inclusive, que voltássemos mais vezes. Também visitamos o colégio particular Polígono, localizado em João Pessoa, Paraíba, onde tivemos uma ótima receptividade pelos estudantes.

Figura 2: Visita à Escola Municipal Damásio França, na cidade de Cabedelo – PB.



Enquanto produção científica, apresentamos o Projeto no II Seminário e Mostra PROEXT UFPB, através do resumo intitulado ‘Das atividades ao grupo de Extensão "Humanização Do Direito-Civil Constitucional: Perspectivas e Desafios": uma nova forma de se ensinar o Direito Civil nas Escolas’, avaliado com boa nota pela Comissão Científica do evento.



Figura 3: Apresentação das estudantes no II Seminário e Mostra PROEXT UFPB.
Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Além disso, a fim de apresentarmos nossos resultados finais, elaboramos os resumos intitulados “Cartilha educativa sobre os direitos da personalidade: meios não convencionais de divulgação entre alunos das escolas paraibanas” e “Das vivências e experiências do grupo de extensão ‘Humanização do Direito Civil-Constitucional: perspectivas e desafios’: uma sintonia entre a academia e a sociedade como forma de contraprestação social” no XVII Encontro Nacional de Extensão da UFPB, em que se pôde mostrar e trocar experiências com diversos grupos de extensão, o que fomentou nosso arcabouço técnico e prático para o desenvolvimento da extensão.

Figura 4: Participação das estudantes bolsistas ao lado da professora orientadora no XVII Encontro Nacional de Extensão da UFPB. Fonte: Acervo pessoal das autoras.



CONCLUSÃO

Na perspectiva do necessário e constante avanço da valorização da pessoa humana, especialmente dos vulneráveis, deve caminhar o direito para além da concepção personalizada, apesar do considerado avanço existente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988.

A visão humanizada do direito (FEITOSA; MELO, 2014, p. 9), mais que defender a visão do ordenamento de forma constitucionalizada, que é, muitas vezes, ainda abstrata, exige como fio condutor a observação da condição de vulnerabilidade do ser humano no contexto da exclusão social. Indo, portanto, para além dos postulados ético-jurídicos da solidariedade social, pois objetiva o resgate da “cidadania dos excluídos”, muitas vezes ainda à margem da proteção jurídica, com vistas à concretização efetiva do postulado abstrato da dignidade da pessoa humana.

O hermeneuta do direito humanizado, para abranger não apenas os vulneráveis e também proteger os hipervulneráveis – entendidos como os excluídos sociais devido às nuances econômicas, sociais e/ou culturais –, não pode simplesmente deduzir que todos se encontram igualmente protegidos em sua dignidade humana, quando a realidade mostra situação diversa. É necessário reforçar as bases da construção axiológico-constitucional de proteção concreta da vulnerabilidade.

Por todo o exposto, restou cristalina a importância do estudo da humanização do Direito Civil Constitucional, indo de acordo com a nova perspectiva de aplicabilidade e eficácia desse Direito até então de cunho eminentemente privado.

Não obstante a repersonalização do direito privado, no século XXI a realização da dignidade humana dos sujeitos sociais de modo efetivo, não vaga ou abstratamente, como muitas vezes ocorre, sabendo-se que é na solidariedade e no dever ético-jurídico para com os outros, e também para com as futuras gerações, que se pode alcançar a materialização dos direitos humanos.

A análise nos permitiu a desmistificação de várias ideias errôneas, como o pensamento de que os direitos fundamentais apenas necessitavam da atuação po-

sitiva do Estado e também o senso de que estes possuíam somente exigibilidade na relação Estado – particular, em detrimento da correlação entre particulares.

Orientando-se pela literatura de Flávia Piovesan (2008), sintetiza-se o processo de aperfeiçoamento do direito privado constitucional para uma concepção humanista. Na perspectiva atual, o amparo amplo e abstrato desses direitos, que receava a diferença, não encontra embasamento, sendo essencial a especificação do sujeito de direito à luz de suas necessidades e particularidades.

Apesar dessas descobertas, a maioria das crianças visitadas e até mesmo das professoras nunca sequer haviam ouvido falar em Direitos da Personalidade ou em Direito Civil, no muito, sabiam da existência da Constituição Federal, e mesmo assim, não tinham noção da sua importância. O grande problema está no perfil descontextualizado e apartado do conhecimento jurídico, que rotineiramente não ultrapassa os muros das faculdades de Direito.

Assim, a conclusão que se teve ao discutir o referido tema com os alunos foi a necessidade de uma mudança cultural, principalmente no tocante à discussão e propagação de seus direitos e deveres, enquanto sujeitos de direitos que o são. Além disso, a exposição do tema permitiu uma nova forma de discussão e de debate com o alunado, indo para além da transmissão vertical do conhecimento.

REFERÊNCIAS

[1] **Costa, A. P. C. A. Da; Ferreira, P.; Souza, C. G. De.** Direitos Humanos na seara jusprivatística: A tutela da personalidade. In: GODINHO, A. M.; COSTA, A. P. C. A. da; FEITOSA, M. P. A. M (org.), *Humanização Do Direito Civil-Constitucional: Perspectivas E Desafios*. Florianópolis, Conceito, 2014.

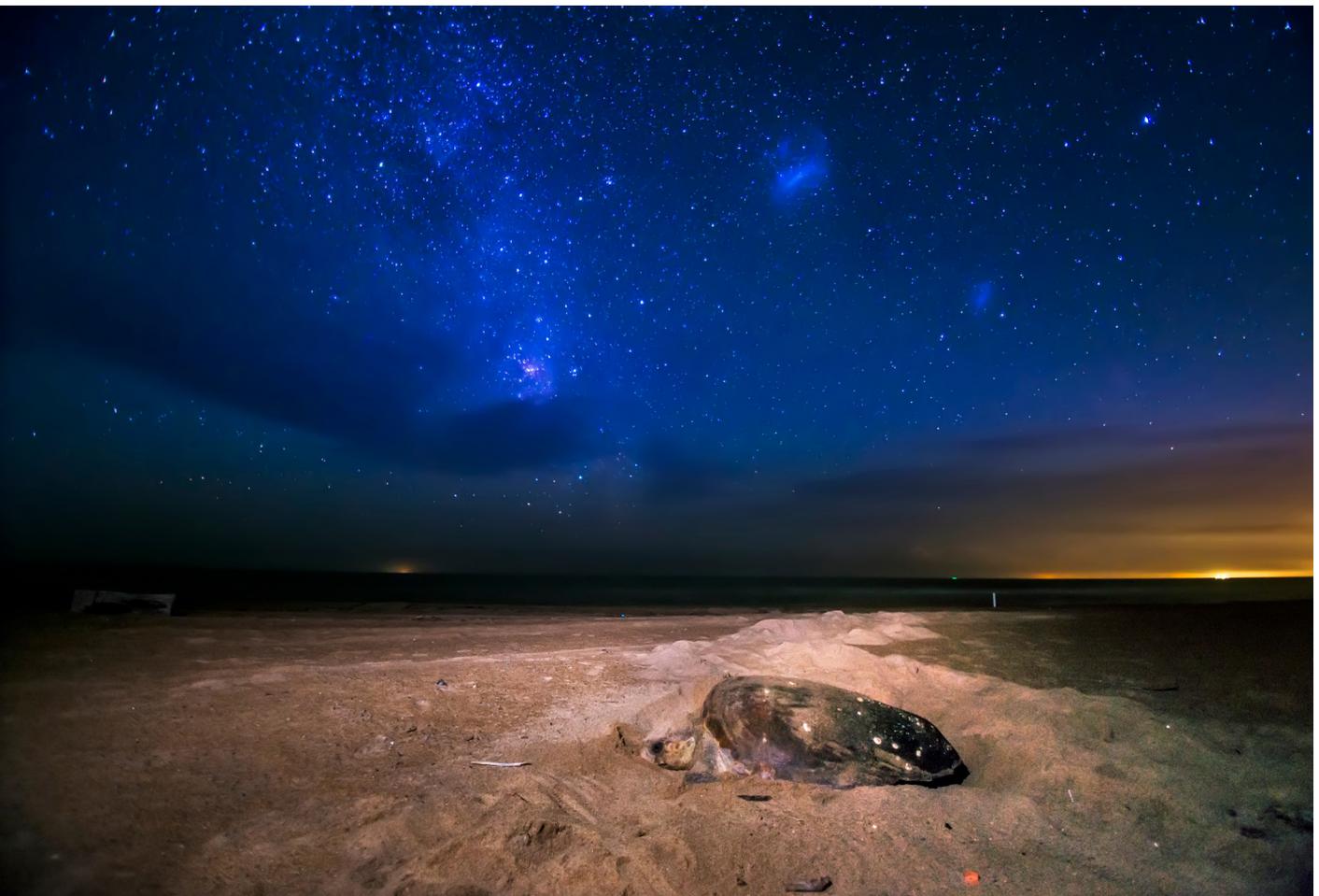
[2] **Feitosa, M. L. P. A. M.; Melo, J. C. C. De.** A humanização do direito civil constitucional na perspectiva da defesa dos hipervulneráveis: o caso das pessoas com deficiência mental e a necessária revisão do conceito de incapacidade civil. Anais do XXIII Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito – CONPEDI/UFPB. Florianópolis: CONPEDI, 2014.

[3] **Godinho, A. M.** *Direito ao Próprio Corpo: Direitos da Personalidade e os Atos de Limitação Voluntária*. Curitiba: Juruá, 2014. 474 p.

[4] **Lôbo, P. Direito Civil: Parte Geral.** 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. 362 p.

[5] **Piovesan, F.** *Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas*. In: MATOS, A. C. H. (org.). *A construção dos novos direitos*. Porto Alegre: Núria Fabris Editora, 2008.

Fonte de Financiamento:
Programa de Extensão
Universitária – MEC/SESu



Educação Patrimonial e Fotografia: O Projeto Clic@R Itapina e o Resgate da Memória Local

Patrimonial Education And Photography: The Clic@R Itapina Project and the Rescue of The Local Memory

Resumo

Analisa as ações de educação patrimonial utilizando fotografias de acervos pessoais, como linguagem artística, para expressar as manifestações culturais de uma comunidade, com o objetivo de verificar sua relação com o sentimento de pertencimento à história local e com a valorização do seu patrimônio cultural. A abordagem do problema se deu por meio de pesquisa quantitativa (instrumentos estatísticos) e qualitativa, utilizando-se a dedução como método de investigação para avaliar a efetividade das ações para a sociedade. Apurou-se que a oficina de educação patrimonial apresentou conteúdo relevante e que seus produtos causaram impactos socioculturais positivos. Concluiu-se que a metodologia de educação patrimonial aplicada pela equipe do projeto Clic@r Itapina foi eficiente para o propósito de despertar o sentimento de pertencimento e foi uma forma de valorizar a cultura local. A hipótese também foi confirmada, pois quanto mais se disponibilizou o acesso às fotografias, mais sentimentos afetivos foram despertados, trazendo boas lembranças. Em análise final, verificou-se que o conteúdo informacional das fotografias remete ao sentimento de pertencimento e à valorização do patrimônio cultural.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Educação Patrimonial; Fotografia; Acervos Pessoais.

André Malverdes^{1*}
Anderson Gomes Barbosa²

¹Universidade Federal do Espírito Santo
(Ufes)

²FUCAPE

*E-mail: malverdes@gmail.com

Abstract

It analyzes heritage education actions using photographs of personal collections as artistic language to express the cultural manifestations of a community, with the purpose of verifying their relationship with the feeling of belonging to the local history and with the appreciation of their cultural patrimony. The approach of the problem occurred through quantitative research (statistical instruments) and qualitative, using deduction as a research method to evaluate the effectiveness of actions for society. It was found that the patrimonial education workshop presented relevant content and that its products caused positive socio-cultural impacts. It was concluded that the patrimonial education methodology applied by the Clic@r Itapina project team was efficient for the purpose of awakening the sense of belonging and was a way to value the local culture. The hypothesis was also confirmed, because the more the access to the photographs became available, the more affective feelings were aroused, bringing good memories. In the final analysis, it was verified that the information content of the photographs refers to the feeling of belonging and to the appreciation of cultural heritage.

Keywords: Cultural Heritage; Patrimonial Education; Photography; Acervos Personalais.

INTRODUÇÃO

Itapina, um distrito localizado a 25 km de Colatina, no Espírito Santo, foi fundado em meados do século XIX por imigrantes europeus e, atualmente, possui cerca de três mil habitantes, sendo que desses, apenas 30% residem no perímetro urbano da localidade. Este distrito teve seu auge em meados de 1910, quando foi um dos polos comerciais de café mais rico do Espírito Santo. Durante a década de 1970, entrou em decadência devido a um conjunto de fatores, como o declínio da produção de café, a ponte inacabada e ao êxodo rural, que fizeram com que grande parte de seus moradores se mudassem para cidades maiores, como Vitória e Colatina, em busca de melhores perspectivas de vida. Gradativamente os bares, clubes, meios de entretenimento, fábricas e até a escola particular foram fechados por inviabilidade econômica.

Atualmente, é considerada patrimônio de interesse público, porque possui - oficialmente, por meio da Resolução do Conselho Estadual de Cultura nº 003/2013, que aprovou o Tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Itapina - reconhecido valor cultural - aquele atribuído ao patrimônio cultural das cidades, abrangendo elementos formadores da identidade de determinado lugar, articulando o patrimônio arquitetônico, o traçado urbano, a paisagem, seus valores históricos, sociais, culturais, técnicos, formais, afetivos e as inter-relações entre eles.

Trata-se de um local que foi palco de significativos acontecimentos históricos e de grande importância para o estado do Espírito Santo, guarda elementos formadores da identidade da comunidade, que, em diferentes épocas, conviveu e manteve relações com o patrimônio arquitetônico, o traçado urbano, a paisagem, desenvolvendo valores socioculturais e afetivos.

Nesse contexto, insere-se o conceito de “Patrimônio Cultural”, que é toda e qualquer manifestação material ou imaterial que um povo ou uma comunidade cria e acumula ao longo dos anos e “está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus e escolas, igrejas e praças, nos modos de fazer, criar e trabalhar” (IPHAN, 2013). Sendo assim, não somente os acontecimentos históricos, mas também os múltiplos aspectos da cultura viva devem ser alvo de ações que visem ao registro e à preservação para gerações futuras.

São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança. (GRUNBERG, 2007).

No entanto, para que a população local pudesse de fato usufruir e sentir-se parte desse patrimônio, foram realizadas, por meio do Projeto Clic@r Itapina, ações

No governo de Juscelino Kubitschek, dentro do Plano de Metas estava incluído um projeto de uma ponte que passaria sobre o Rio Doce e ligaria Itapina à, então em construção, BR-101 e encurtaria o caminho até Colatina em até 30 minutos. Devido à falta de interesses políticos e à burocracia, a ponte foi abandonada e atualmente virou um ponto turístico da cidade. Mesmo com a erradicação do café que teve início na década de 1960, Itapina ainda resistiu à decadência, principalmente por seu forte comércio, sustentado pelos donos de propriedades rurais.

de educação patrimonial com vistas a restabelecer os laços de identidade entre os moradores e seu próprio patrimônio, tornando-o, efetivamente, um conjunto de bens compartilhados por todos.

Clic@r Itapina foi um projeto cultural de extensão universitária realizado pelo Grupo de Pesquisa Archivum - Sociedade, Informação e Cultura, do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que utilizou recursos do Fundo Estadual de Cultura do Estado do Espírito Santo (FUNCULTURA), da Secretaria da Cultura do Estado do Espírito Santo (SECULT), por ter sido um dos contemplados no processo seletivo referente ao Edital de Seleção de Projetos Culturais de Educação Patrimonial nº 13/2015, que foi publicado visando a apoiar projetos que oportunizem a promoção da educação patrimonial, visando a preservação e proteção do patrimônio arquitetônico, natural, ecológico, paisagístico e arqueológico.

O projeto consistiu na realização de oficinas de educação patrimonial compostas de palestras, curso teórico, pesquisas e atividades práticas, de forma gratuita e aberta à comunidade, visando a resgatar a memória local, utilizando os registros fotográficos pessoais e de familiares como linguagem artística e pedagógica para abordar o tema patrimônio cultural.

A fotografia também desempenha papel fundamental na lembrança. Fotos antigas relembram momentos importantes, passagens antigas do cotidiano, auxiliando no entendimento de como era antes e de como é atualmente. Elas mostram diferenças de épocas, semelhanças dos costumes que persistem, modos e valores de outros tempos, locais que não existem mais ou continuam os mesmos e assim por diante (CASTIGLIONI, 2010).

Nesse contexto, a pesquisa visa responder ao seguinte problema: como implementar ações de educação patrimonial utilizando fotografias para despertar o sentimento de pertencimento da comunidade e valorizar a cultura local?

A hipótese é que quanto mais lembrados são os fatos por meio de fotografias, mais aumenta o sentimento de pertencimento à história retratada e a valorização desse patrimônio cultural, dessa forma, proporcionando o sentimento de entendimento do indivíduo com agente transformador de seu meio e de sua própria realidade. Neste estudo, analisaremos por meio de dados quantitativos e qualitativos se há indícios de que o sítio histórico de Itapina e sua comunidade, inclusive os Itapinenses ausentes, receberam benefícios das ações de extensão por meio da educação patrimonial, sob a linguagem fotográfica.

Nesse sentido, o objetivo principal da pesquisa é analisar se o consumo dos bens culturais retratados em fotografias tem relação com o sentimento de pertencimento da comunidade com a história local e com a valorização e visibilidade do patrimônio cultural do sítio histórico de Itapina.

Para alcançar este objetivo, pretende-se: 1) compreender a comunidade em sua importância cultural e patrimonial; 2) realizar abordagens sobre os acervos pessoais como fonte de pesquisa; 3) refletir sobre a construção da consciência de preservação, conservação e valorização desses bens culturais; 4) perceber as dimensões tangíveis e intangíveis dos bens culturais da comunidade, incluindo acervos pessoais, produção de registros documentais inéditos e o universo de práticas de memória envolvido na sua constituição e; 5) verificar as contribuições dos acervos fotográficos para a formação da identidade cultural e para a conscientização sobre a proteção e preservação do patrimônio cultural do sítio histórico de Itapina. Considerando as oficinas e os produtos do projeto Clic@r Itapina, verificou-se um público-alvo formado por estudantes de ensino fundamental, médio, superior e de pós-graduação; pesquisadores e profissionais na área da história, comunicação, artes, ciências sociais, dentre outros; além de moradores de todas as idades do distrito de Itapina, de turistas e visitantes.

Esse resgate histórico é de interesse público e promove o desenvolvimento cultural, além de preencher lacunas e suprir carências informacionais sobre a história local, pois, geralmente, essas informações não se encontram disponíveis em centros de memória institucionalizados, mas, sim, nas lembranças e em acervos pessoais. Estes foram os motivos pelos quais se justificou a realização do projeto.

As oficinas do projeto Clic@r Itapina foram realizadas entre os meses de fevereiro e maio de 2016, na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Maria Ortiz”, localizada Rua Galdêncio Souza, 83, no sítio histórico de Itapina e sua metodologia desenvolveu-se por meio de aulas teóricas e de campo que ensejaram o contato e a participação da comunidade.

O patrimônio documental como bem material da sociedade

Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os romanos da antiguidade, a tudo que pertencia ao pai, *pater* ou *pater familias*. Nesse caso, a família compreendia tudo que pertencia ao senhor, inclusive filhos, mulheres, escravos e até mesmo os animais, incluindo, obviamente, os bens móveis e imóveis.

Importante destacar que o conceito de patrimônio surge no âmbito do interesse aristocrático e privado. Sendo assim, até a idade contemporânea não existia o conceito de patrimônio público nos termos que entendemos hoje. Cabe destacar que a ideia de patrimonializar bens culturais somente ganhou relevância no decorrer do século XIX, principalmente, com a Revolução Francesa e após os processos de organização dos Estados nacionais modernos e a construção da ideia de nação.

Durante muitos séculos de evolução histórico-jurídica da proteção estatal dos arquivos, a utilização dos seus documentos era privilégio de sábios, monges e reis. Durante a Idade Antiga, toda a Idade Média e parte da Idade Moderna, o direito à informação não se baseava em princípios legais universais, mas atendiam aos

interesses aristocráticos e particularmente da realeza (MATTAR, 2003, p.22). Desde os primórdios da civilização, o homem se preocupou em preservar documentos de sua vida econômica, política, social, administrativa e religiosa. Algumas transformações acompanharam a humanidade no que concerne ao acesso a esses documentos de arquivo, bem como o conceito de patrimônio cultural.

Na Antiguidade Clássica, o acesso aos arquivos estava restrito aos representantes do poder e a um reduzido grupo de eruditos bem relacionados com as elites políticas. Durante a Idade Média, a Igreja controlou a cultura e a preservação de documentos concentrados em conventos e mosteiros. Na Idade Moderna, com o absolutismo monárquico, a organização dos arquivos passou a ser “um conjunto de armas políticas e jurídicas a serviço dos Reis” (RICHTER, 1997, P. 18).

A prática arquivística nessa fase histórica era o sigilo documental e o acesso aos arquivos era autorizado a poucas pessoas. Após a Revolução Francesa, avançou-se para uma nova concepção no que diz respeito à administração de arquivos. Nessa época, permitiu-se que investigadores tivessem acesso aos documentos e fez-se divisão entre arquivos históricos e administrativos (CRUZ MUNDET, 2001, p.30).

Com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789, o acesso aos arquivos passa a ser um direito de todos acompanhar a administração do Estado, pelo menos teoricamente. Contudo, a valorização dos arquivos administrativos vai ganhar maior importância com a crise econômica dos EUA, a partir de 1929, e vai consolidar-se com a Segunda Grande Guerra.

Com a Guerra Fria, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e EUA, as duas grandes potências da época, passam a reconhecer a importância administrativa de seus arquivos, fundamentais para o bom andamento da economia. O mundo ocidental começa a considerar essas questões após a aprovação da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1972, quando países do Terceiro Mundo pleitearam também, junto a essa organização, um instrumento internacional para a proteção às manifestações populares de valor cultural.

A resposta viria em 1989, por meio da Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, que orienta os países membros:

A identificação, a salvaguarda, a conservação, a difusão e a proteção da cultura tradicional e popular, por meio de registros, inventários, suporte econômico, introdução do seu conhecimento no sistema educativo, documentação e proteção à propriedade intelectual dos grupos detentores de conhecimentos tradicionais passa a ser uma obrigação do Estado e direito universal do cidadão.

Para Max Weber (1982, p.265), os documentos são os instrumentos de produção da burocracia do Estado. Em 1789 foi criado o Arquivo Nacional Francês; no Brasil, foi criado o Arquivo Nacional, em 1838. Observamos uma ampla preocupação

da sociedade com as instituições ligadas à preservação da memória. Essa nova realidade é acompanhada de uma preocupação internacional, nacional e local com a criação de leis que protegessem o patrimônio documental em comum.

No Brasil, durante muito tempo, manteve-se um conceito restrito e tradicional de patrimônio histórico e cultural relacionando-o à prática da preservação de monumentos. O direito público brasileiro data da independência, com o ato de criação do Arquivo Nacional que teve, como finalidade principal, a legitimação do Estado e a construção da identidade cultural nacional. Tal situação criou a ideia de que as políticas relacionadas ao patrimônio cultural eram elitistas, uma vez que os critérios terminavam por privilegiar os grupos sociais identificados com as classes dominantes (FONSECA, 2003, p.74).

A noção no país de que o patrimônio cultural não se resume às edificações arquitetônicas e obras de arte, remonta à figura de Mário de Andrade, pioneiro do registro dos aspectos imateriais do patrimônio cultural brasileiro. O anteprojeto que o poeta modernista elaborou para o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) , em 1936, apesar de revolucionário, não chegou a ser codificado em termos legais.

Contudo, logo depois, durante o Estado Novo, Getúlio Vargas assina, em 1937, o Decreto-lei nº 25, no qual o artigo primeiro declara que:

Constitui Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico e etnográfico, bibliográfico e artístico.

Assim, foi reconhecido o direito de toda pessoa em participar da vida cultural do seu país e a gozar dos benefícios do progresso científico e de suas aplicações, recomendando-se ao Estado medidas necessárias à conservação, ao desenvolvimento e à difusão da ciência e da cultura.

A Constituição Brasileira de 1988, promulgada pelo então Presidente José Sarney, além de oficializar a responsabilidade do Estado, em seu artigo 216, considera como patrimônio cultural:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; [grifo nosso]

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) foi precedido pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) criado em 13 de janeiro de 1937 e regulamentado pelo Decreto-Lei nº 25 no dia 30 de novembro do mesmo ano, poucos dias após o golpe que instituiu o Estado Novo.

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A principal contribuição da Constituição de 1988 foi a ampliação do conceito de patrimônio, pois incluiu os bens de natureza referentes “[...] à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Sem dúvida, ao lado dessa evolução histórico-jurídica da proteção dos documentos de arquivo e do conceito de patrimônio cultural, aparece, também, a luta da sociedade folclorista, dos movimentos negros e indígenas, de descendentes de imigrantes de várias procedências, entre outros. O resultado dessa caminhada é o decreto 3551/2000, assinado pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, instituindo o registro de bens culturais de natureza imaterial constituidores do patrimônio cultural brasileiro. Essa nova concepção de patrimônio cultural amplia significativamente o leque de saberes e de instituições envolvidas com a gestão e promoção desse patrimônio, ou seja,

A ampliação do conceito de cidadania, o que implica reconhecimento dos ‘direitos culturais’ de diferentes grupos que compõem uma sociedade, entre eles o direito à memória, ao acesso à cultura e à liberdade de criar, como também reconhecimento de que produzir e consumir cultura, são fatores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade, veio contribuir para que o enfoque da questão do patrimônio cultural fosse ampliado para além da questão do que é ‘nacional’, beneficiando-se do aporte de compor com a Antropologia, a Sociologia, a Estética e a História. (FONSECA, 2003, p. 74)

Dessa forma, se estabelece elo indissociável entre os documentos de arquivo e a cultura, reconhecendo o direito de todos a participarem da vida cultural. Além disso, a Constituição de 1988 passa a considerar crime contra o patrimônio a destruição ou deterioração causada aos arquivos. Nesse sentido, foi-se produzindo lentamente uma distinção do conceito de patrimônio como instrumento privado para tornar-se uma interpretação com sentido público e universal.

MÉTODOS

Os métodos adotados nesta pesquisa são norteados no conceito de educação patrimonial, que, segundo Horta; Grunberg; Monteiro (1999),

é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, lavando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

Trata-se de metodologia que consiste em processos permanentes e sistemáticos de trabalho educativo, com capacidade para gerar conhecimentos e descobertas, tendo como objeto o patrimônio cultural, com todas as suas manifestações (GRUNBERG, 2007). Os professores como disseminadores destes conhecimentos e conceitos podem colaborar para identificação das potencialidades e carências no desenvolvimento do processo de educação patrimonial [...] (GAZZÓLA, 2009).

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, o projeto Clic@r Itapina utilizou-se das técnicas de observação, registro, exploração (análise do bem cultural) e apropriação (releitura do bem cultural), conceituadas por Grunberg (2007), como base de seus procedimentos metodológicos.

A primeira etapa do projeto consistiu no planejamento e elaboração de um plano de ação. Em seguida, a equipe firmou parcerias com instituições públicas e privadas, de âmbito estadual e regional, visando conseguir apoio para o desenvolvimento das ações. A terceira foi a realização das oficinas de educação patrimonial, com carga horária de 40 horas, compostas de palestras, aulas teóricas e atividades práticas, que ocorreram em cinco encontros, entre os meses de fevereiro e maio, na EMEF Maria Ortiz, em Itapina, abordando os temas centrais de patrimônio cultural e fotografia. A etapa final foi a exposição fotográfica, que foi resultado das oficinas.

Durante as oficinas, após a abordagem teórica sobre patrimônio cultural e fotografia, foram desenvolvidas atividades práticas com o desafio inicial de constituir um acervo fotográfico composto por acervos pessoais e familiares oriundos da comunidade. Paralelamente a isso, os opinandos também produziram registros fotográficos inéditos e atuais. Constituído o acervo fotográfico, as atividades das oficinas desdobraram-se na descrição arquivística das fotografias, sob os olhares dos opinandos, com a formação de um banco de imagens sob a forma de blog <www.clicaritapina.blogspot.com.br>.

A constituição do acervo fotográfico do projeto deu-se com a coleta de dados em arquivos pessoais/familiares, bem como em pesquisas em centros de memória e arquivos institucionais, além de fotografias inéditas produzidas pelos opinandos. Para o detalhamento dos registros fotográficos, utilizou-se fichas de descrição e entrevistas com moradores, realizado pelo projeto e pelos participantes.

A avaliação das ações do projeto ocorreu por meio de observações, enquetes, questionários e fichas de avaliação. Os alunos foram avaliados pelo coordenador pedagógico do projeto por meio de participação e realização das atividades propostas, enquanto a oficina do projeto foi avaliada pelos alunos com a aplicação de questionário. Para responder o problema desta pesquisa, utilizou-se os dados estatísticos do blog do projeto, como análises quantitativas e a observação das reações manifestadas pela comunidade como fontes de informação qualitativa.

RESULTADOS

O projeto Clic@r Itapina, por meio da oficina de educação patrimonial, formou 15 (quinze) participantes, realizando atividades teóricas e práticas, palestras, exposição fotográfica e interação com a comunidade. Os participantes que compõem o seletivo grupo atuam como professores, estudantes ou pesquisadores e poderão atuar como disseminadores do conhecimento. Nesse sentido, espera-se que, também indiretamente, os objetivos do projeto possam ser alcançados. Durante os dias 20/02 a 07/05/2016, em cinco encontros, o Projeto Clic@r Itapina realizou gratuitamente, na EMEF Maria Ortiz, localizada no distrito de Itapina, a oficina de educação patrimonial com ênfase em registros fotográficos pessoais e familiares. A oficina recebeu 40 (quarenta) inscrições, sendo que desse total 15 (quinze) participantes a concluíram com aproveitamento satisfatório.

Na avaliação pedagógica do projeto, aplicou-se um questionário com 13 perguntas, que foi respondido por 14 opinando e foram apurados os seguintes resultados:

- 1) A oficina foi fornecida conforme o prometido.
85,7% concordaram plenamente;
14,3% concordaram parcialmente.
- 2) As instalações físicas utilizadas durante a oficina foram adequadas.
28,6% concordaram plenamente;
71,4% concordaram parcialmente.
- 3) Os recursos tecnológicos utilizados durante a oficina foram adequados.
57,1% concordaram plenamente;
42,9% concordaram parcialmente.
- 4) O conteúdo do blog foi compatível com as atividades da oficina.
71,4% concordaram plenamente;
28,6% concordaram parcialmente.
- 5) Os facilitadores da oficina foram claros e objetivos ao apresentar o conteúdo e conduzir a oficina.
100% concordaram plenamente.
- 6) Os facilitadores apresentaram domínio sobre o tema da oficina.
85,7% concordaram plenamente;
14,3% concordaram parcialmente.
- 7) Os facilitadores demonstraram entender as necessidades dos participantes da oficina.
71,4% concordaram plenamente;
28,6% concordaram parcialmente.
- 8) A oficina teve uma dinâmica participativa.
100% concordaram plenamente.
- 9) A carga horária foi adequada para o desenvolvimento da oficina.
57,1% concordaram plenamente;

- 28,6% concordaram parcialmente;
14,3% nem concordaram e nem discordaram.
- 10) A oficina atendeu às suas necessidades de aprendizagem e formação.
57,1% concordaram plenamente;
42,9% concordaram parcialmente.
- 11) O conteúdo disponibilizado durante a oficina vai impactar na sua forma de atuação profissional daqui para frente.
71,4% concordaram plenamente; 28,6% concordaram parcialmente.
- 12) No geral, a oficina foi uma experiência positiva que pode gerar frutos.
100% concordaram plenamente.
- 13) Eu recomendaria a oficina para possíveis interessados.
100% concordaram plenamente.

Para saber mais sobre o projeto Imaginando acesse o livro VIGIL, J. (Ed.). Imaginando: uso y aplicación de la fotografía em los procesos de aprendizaje. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2012. Disponível em: <http://apalopez.info/GPAF/IMAGINANDO_texto_color.pdf>.

De modo geral, a oficina e os facilitadores foram bem avaliados pelos opinantes, que poderão replicar o aprendizado nas escolas onde atuam e na própria comunidade de Itapina. Ressalta-se que no dia 19/03/2016 o projeto contou com a presença de 20 (vinte) alunos do curso de Arquivologia da UFES, que se juntaram aos participantes da oficina e realizaram a atividade de campo denominada “Imaginando Itapina”, que consistiu em aula com conteúdo teórico; aula de campo para produção de registros documentais fotográficos inéditos; discussão e consolidação dos conceitos de patrimônio cultural e descrição arquivística.

O projeto também fez parte do evento Itapina Cultural, realizado pela SECULT-ES, no dia 09/04/2016, por ocasião do 4º encontro da oficina e palestra ministrada no Museu Virgínia Tamanini. Um dia antes, realizou-se uma ação conjunta entre Projeto Clic@r Itapina, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) e EMEF Maria Ortiz. Foram realizadas atividades de digitalização e descrição das fotografias das famílias dos alunos, elaboração de árvores genealógicas e emissão de certificados de entrada de imigrantes, por meio do Projeto Imigrante, através do Arquivo Itinerante do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Além de pesquisas documentais, a equipe do projeto realizou um trabalho de observação e interação com a comunidade para conhecer o contexto e as necessidades locais. Nesse ínterim, tivemos acesso a um registro fotográfico emblemático que retrata um momento do cotidiano de dois moradores de Itapina, que deu origem ao título da exposição fotográfica: Uma canoa chamada lembrança.

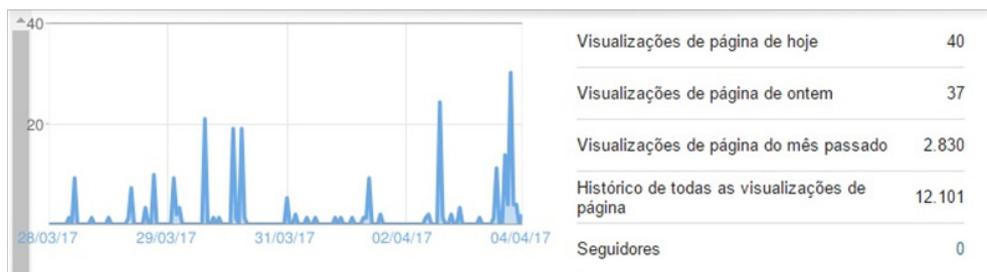
A exposição fotográfica teve seu lançamento no dia 25/05/2016 por ocasião do evento Fenaviola que recebe milhares de visitantes no sítio histórico e ficou aberta à visitação até o dia 28/05/2016, de 10h:00 às 20h:00, no Museu Virgínia Tamanini. A exposição itinerante ficou na EMEF Maria Ortiz de 30/05 a 10/06/2016, na Casa da Cultura de Colatina, de 13/06 a 22/07/2016 e na Biblioteca Central da UFES, de 25/07/2016 a 09/09/2016.

Por convite da Coordenação do “V Encontro de Documentação Audiovisual, Iconográfica, Sonora e Musical”, o projeto foi apresentado em nível nacional por meio de palestra ministrada no “VII Congresso Nacional de Arquivologia”, realizado

durante os dias 17 a 21/10/2016, em Fortaleza-CE, com o seguinte título: “Fotografia e educação patrimonial: o Projeto Clic@r Itapina e o resgate da memória local”.

Como produtos do projeto, além da exposição fotográfica, foram confeccionados e distribuídos 2.000 folders, 4.000 cartões postais e 80 camisas do projeto. A página no Facebook foi utilizada como meio de aprendizado, sendo o local virtual onde os oficinados postavam suas atividades. Criado em novembro de 2015, o blog do projeto foi (ainda é) fonte confiável de avaliação estatística do projeto e dele foram extraídos, no dia 04/04/2017, os seguintes dados:

Tabela 1: Total de visualizações do Blog Clic@r Itapina. Dados coletados em 04/04/2017.



Verifica-se que em 17 meses o blog teve 12.101 visualizações, sendo que no mês anterior foram 2.830 e que nos dois últimos dias obteve uma média de 38,5 visualizações. Considerando o total de visualizações, desde sua publicação, apurou-se a média de 711,82 visualizações mensais, fato considerado positivo no sentido de divulgação e valorização do patrimônio cultural de Itapina.

A análise dessas visualizações pode ser expandida em nível mundial, como se verifica na tabela a seguir.

Arquivo Itinerante é o nome do programa com o qual o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo atende aos descendentes e demais interessados nos municípios do interior do Estado. Para o desenvolvimento do programa a instituição dispõe de um automóvel van, adaptado como escritório móvel; com computador, impressora e demais itens. Dentro do veículo os interessados realizam a pesquisa nos dados do projeto Imigrantes Espírito Santo e recebem no mesmo instante o Registro de Entrada de Imigrante.



Verifica-se que 93,22% visualizações ao blog foram oriundos do território brasileiro, seguidos de 320 acessos da França, 129 dos Estados Unidos e 105 da Rússia, dentre outros países. Infelizmente, o aplicativo estatístico do blog não permite quantificar estas visualizações por estados, mas entendemos como resultado positivo este alcance internacional.

Outra análise estatística diz respeito ao tipo de informação mais acessado no blog, conforme demonstração na tabela a seguir:

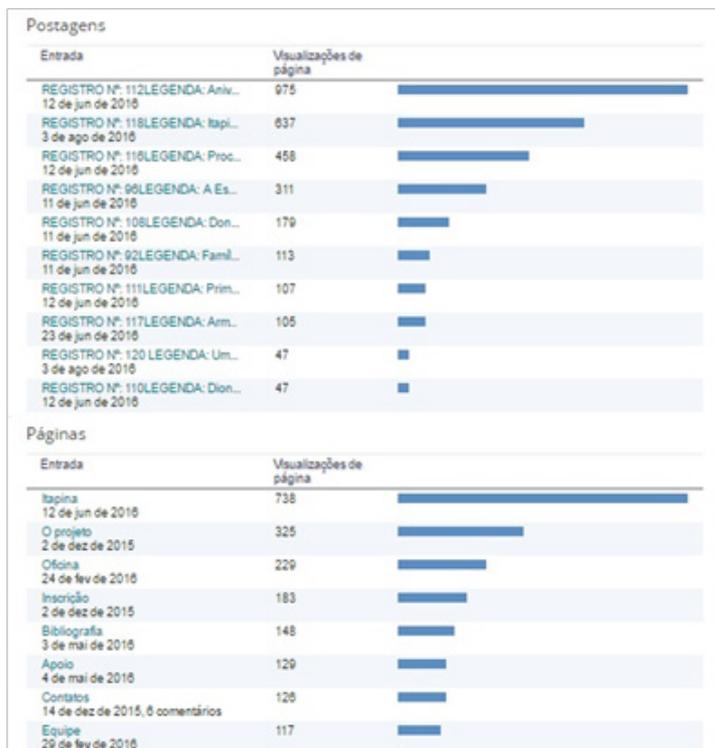


Figura 1. Tabela 3: Postagens e páginas mais visitadas no Blog Clic@r Itapina. Dados coletados em 04/04/2017.

Ao contrário do que se imagina os registros fotográficos mais acessados não se referem à conhecida ponte inacabada do distrito, mas sim a aspectos sociais. Com 975 visualizações, a festa de 15 anos da Srª Rosane Moratti (acervo pessoal dela) foi a mais acessada. Tal fotografia, registrada em 1974, tem como destaque a elegância dos vestidos da época. O segundo registro mais acessado, de autor e data desconhecidos, mostra os jogadores (a maioria deles identificados na imagem) do Itapinense Futebol Clube. O terceiro registro mais acessado é o de uma procissão da Igreja de N. Srª do Perpétuo Socorro, em Itapina, na década de 1960, do acervo pessoal da Família Castiglioni, no qual se verifica uma grande multidão com trajes da época, em especial os ternos.

Conforme os resultados apurados, verifica-se que o projeto Clic@r Itapina influenciou nos aspectos sociais do sítio histórico de Itapina, evidenciando sua

história para o Espírito Santo, para o Brasil e para o Mundo, assim como para a comunidade acadêmica, aplicando uma metodologia diferente da convencional para se obter conhecimento e que serão discutidos a seguir.

DISCUSSÃO / CONCLUSÃO

O Projeto Clic@r Itapina foi realizado pelo grupo de pesquisa Arquivum, do Departamento de Arquivologia da UFES, com recursos do FUNCULTURA/SECULT-ES e beneficiou a comunidade de Itapina, estudantes universitários, professores e pesquisadores, promovendo impactos de suma importância ao provocar nos participantes o senso crítico e o espírito de colaborador quanto à preservação, proteção e valorização do patrimônio local, além de impulsionar o desenvolvimento local por meio de ações de educação patrimonial, utilizando a fotografia como linguagem artística para expressar as manifestações do patrimônio cultural do sítio histórico de Itapina, por meio do registro de seus bens materiais e imateriais em diferentes épocas, inclusive a atual. No período de execução, a equipe do projeto buscou proporcionar aos participantes e à comunidade de Itapina meios de compreensão de sua história e a importância de sua inserção nas ações de educação patrimonial.

A oficina Clic@r Itapina proporcionou a formação de multiplicadores com as seguintes capacidades: conhecimento do patrimônio cultural e seu ensino no processo de aprendizagem; ampliação a participação dos adolescentes, moradores e professores na localidade; assimilação de conteúdos e o uso das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem.

O projeto de extensão universitária envolveu professores, alunos e a comunidade de Itapina. Na EMEF Maria Ortiz, os alunos foram instigados a investigar sobre os acervos pessoais, incluindo a participação de seus familiares no resgate da memória, além da elaboração de árvores genealógicas. Já os alunos do curso de Arquivologia da UFES participaram de um estudo de campo, no qual foi possível refletir sobre os conceitos de patrimônio cultural e realizar a atividade de uma das principais funções da disciplina: a descrição arquivística.

A criação de um banco de imagens com as fotografias identificadas através de conceitos e descritores facilitará o acesso e poderá ser utilizados como fonte de informações sobre o sítio histórico de Itapina, para professores, alunos, pesquisadores, profissionais da informação e comunidade em geral, gerando conhecimento e promovendo o resgate da memória.

Por meio do blog do projeto foi possível analisar dados estatísticos e verificou-se que aspectos socioculturais de Itapina chamaram a atenção de internautas no Brasil e no mundo, com uma média de 711,82 visualizações mensais, que podem ser traduzidas em valorização da cultura local.

Como resultado da oficina de educação patrimonial, a exposição fotográfica “Uma canoa chamada lembrança” foi realizada com a participação da comunidade, fato que promoveu a sensação de pertencimento e foram vários os comentários de satisfação e emoção das pessoas que se sentiram parte da história de Itapina. Há

relatos de pessoas que vieram de Vitória, Vila Velha, Colatina, Linhares, Baixo Guandu, especialmente para ver a exposição e a homenagem prestada à comunidade de Itapina.

Na fotografia principal, que deu nome à exposição, a bela moça Adélia e o menino Jaime, retratam um momento do cotidiano de dois moradores, que nos remetem à relação que a comunidade mantinha com o Rio Doce. Declarando-se muito emocionada, a filha da dona Adélia (in memoriam) agradeceu aos coordenadores do projeto e disse que “o céu está em festa nesta data, pois minha mãe era muito vaidosa e certamente está muito feliz com esta homenagem”. Depoimentos como este só podem ser obtidos e mensurados na prática, na interação com a comunidade. De modo geral, foi muito gratificante vivenciar um dos principais objetivos do Projeto Clic@r Itapina sendo alcançado: a comunidade de Itapina externando o valor afetivo pelos seus bens culturais, identificando-se e sentindo-se parte da história local. O resultado final, após a oficina de educação patrimonial e os produtos dela resultantes, foi positivo e a comunidade manifestou-se pela continuidade do projeto, comprometendo-se com a doação de novas imagens dos acervos pessoais. Diante de uma manifestação dessas, espera-se que esse projeto possa estimular a proposição e execução de outros, que venham impulsionar o desenvolvimento cultural, social e econômico de Itapina.

Em resposta ao problema da pesquisa, conclui-se que a metodologia de educação patrimonial aplicada pela equipe do projeto Clic@r Itapina foi eficiente para o propósito de despertar o sentimento de pertencimento e foi uma forma de valorizar a cultura local. Entendemos que a hipótese também foi confirmada, pois quanto mais se disponibilizou o acesso às fotografias, mais sentimentos afetivos foram despertados, trazendo boas lembranças.

Nesse sentido, a análise final é de que o conteúdo informacional das fotografias remeteu ao sentimento de pertencimento e à valorização do patrimônio cultural do sítio histórico de Itapina. A educação patrimonial atual é uma condição sine qua non para envolver a rede escolar, a comunidade local e tantos outros cidadãos que desconhecem o principal papel de seu patrimônio cultural e sua representatividade perante a história e a sociedade.

REFERÊNCIAS

- [1] **Castiglioni, L. A.** Itapina: Trajetória de um vilarejo. Projeto de Graduação I do Curso de Arquitetura e Urbanismo (UFES). Vitória: 2010.
- [2] **Cruz Mundet, J. R.** Manual de arquivística. 4. ed. Madrid: Fundación G. Sanchez, 2001.
- ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Cultura. Resolução CEC nº 003/2013. Disponível em: <http://secult.es.gov.br/_midias/pdf/resolucao_tombamento_itapina-8969-52b2e43b16cb0.pdf>. Acesso em 20/02/2017.
- [3] **Fonseca, M. C. L.** Para Além da pedra e do cal: por uma concepção ampla de patrimônio Cultural. In: ABREU, R. C. M. Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 65-80.
- [4] **Gazzóla, L.** Educação patrimonial: teoria e prática. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. In IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). 2009.

- [5] Grunberg, E.** Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília, DF : IPHAN, 2007.
- [6] Horta, M. L. P.; Grunberg, E.; Monteiro, A. Q.** Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.
- [7] Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional (Iphan).** Superintendência do Iphan na Paraíba. Educação patrimonial: educação, memórias e identidades; Átila Bezerra Tolentino (Org.). – (Caderno Temático; 3). João Pessoa: Iphan, 2013.
- [8] Mattar, E.** Dos arquivos em defesa do Estado ao Estado em defesa dos arquivos. In: MATTAR, E. (org.). Acesso à informação e política de arquivos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. pp.15-26.
- [9] Weber, M.** Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

AGRADECIMENTOS

Projeto realizado com recursos financeiros do Fundo de Cultura (Funcultura); Secretaria de Estado da Cultura (Secult-ES) e suporte acadêmico do Grupo de Pesquisa do CNPq Arquivum.





Ensaio Visual

Fotógrafo de natureza e conservação, Leonardo Merçon nasceu em Vitória. Graduado em Design Gráfico pela UFES, especializou-se em fotografia e Design Gráfico na Academia de Mídia e Artes de Colônia, Alemanha. É fundador e presidente do Instituto "Últimos Refúgios", ONG sem fins lucrativos que busca a sensibilização ambiental através da cultura, em especial, fotografias e vídeos, divulgando as belezas do planeta através de mídias-sociais, imprensa e apresentações para crianças em escolas, além de palestras para universitários interessados nas áreas da fotografia e conservação da natureza.



Realizou exposições fotográficas em diversos estados do Brasil, em especial, a exposição principal fixa no atual Instituto Nacional da Mata Atlântica, em Santa Teresa-ES. Além de fotografias exibidas na Alemanha, Itália e França, com destaque para a mostra sobre o Instituto Terra, no Museu Internacional da Fotografia, em Paris. Já publicou cinco livros, produziu quatro documentários em vídeo, séries para TV/ Youtube e matérias veiculadas por grandes mídias como BBC, National Geographic Brasil, Fantástico, Google Arts & Culture. Atualmente, realiza trabalhos em parceria com instituições de pesquisa, realizando um importante papel de difusão científica por meio de imagens.







"Escola de Espectador", o Teatro como Extensão e Cidadania

School of Spectator, Theater as Extension and Citizenship.

Resumo

Esse trabalho pretende trazer algumas reflexões sobre a experiência do projeto de extensão Escola de Espectador realizado em parceria entre a Universidade Federal de Juiz de Fora e o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação. Em seus 32 anos de atuação, o projeto leva escolas, núcleos e comunidades ao Teatro contribuindo para a formação de espectadores de classes populares. Faremos uma breve análise da participação dos núcleos atendidos pelo projeto durante as comemorações dos 50 anos do Grupo Divulgação, ocorrido no primeiro semestre de 2016. Observou-se a participação dos estudantes durante as apresentações e suas opiniões sobre os espetáculos. As temáticas sociais apresentadas no palco são aprofundadas em sala de aula, por meio de atividades pedagógicas desenvolvidas por alunos e professores. Os resultados são positivos e apontam para a contribuição do teatro para a construção da cidadania.

Palavras-chave: Teatro; Cidadania; Escola de Espectador; Grupo Divulgação.

Márcia Cristina Vieira Falabella*
Messias Matheus de Jesus

Universidade Federal de Juiz de Fora
E-mail: marcinhafalabella@gmail.com*

Abstract

This work intends to bring some reflections on the experience of the extension project School of Spectator executed in a partnership between the Federal University of Juiz de Fora and the Center of Theater Studies - Grupo Divulgação. In its 32 years of operation, the project takes schools, centers and communities to the Theater, contributing to the formation of spectators of working classes. We will make a brief analysis of the participation of the centers attended by the project during the celebrations of the 50 years of Grupo Divulgação, which happened in the first semester of 2016. Student participation was observed during the presentations and their views on the performances. The social themes presented on stage are deepened in the classroom, through pedagogical activities developed by students and teachers. The results are positive and point to the contribution of theater to the construction of citizenship.

Keywords: Theater; Citizenship; School of Spectator; Grupo Divulgação.

INTRODUÇÃO

O teatro é em si uma ação de extensão. É uma atividade que só se realiza diante de uma comunidade que se encontra em um mesmo local, um mesmo determinado momento para celebrar uma narrativa de vida. Como bem descreve a diretora francesa Ariane Mnouchkine, “... o teatro é, durante algumas horas, uma utopia. 600 pessoas que respiram juntas, que não se matam, que não brigam todo o tempo, que se olham, que se falam. O teatro é um reflexo daquilo que o mundo poderia ser”³. Essa utopia, porém, está longe de ser realidade, uma vez que apenas uma pequena parcela da população frequenta as casas de espetáculo. A verdade é que o teatro é um bem cultural consumido por poucos, seja por questões econômicas, sociais ou culturais. No entanto, ele deveria ser, como idealizou o ator e diretor francês Jean Vilar, um alimento também indispensável à vida como o pão e o vinho. “Um serviço público como o gás, a água e a eletricidade” (LOYER, 1998, p.96).

Quando nasceu o Grupo Divulgação, como um Centro de Estudos Teatrais, em julho de 1966, na cidade de Juiz de Fora, a ideia de um grupo de estudantes da antiga FAFILE – Faculdade de Filosofia e Letras era, inicialmente, estudar teatro. Logo veio o desejo do palco para transformar em prática a teoria assimilada e as peças estudadas. E um dos pontos que impulsionou a ação daqueles jovens idealistas, que viviam toda a agitação política daqueles anos de chumbo, era a chance de dividir com o público aquilo que os arrebatava: a poesia e os grandes textos da dramaturgia universal. A guerrilha daquele momento para esses estudantes era conquistar um público local, com o qual pudessem contagiar e compartilhar a força desse encantamento.

Assim começa uma trajetória que, em 2017, completa 51 anos de caminhada artística ininterrupta, com mais de 120 montagens com o núcleo principal, sem contar os espetáculos realizados também com os núcleos de adolescentes e terceira idade. O lema norteador de todo o trabalho da companhia, durante todos esses anos, vem de uma frase do dramaturgo espanhol Federico García Lorca: “Mede-se a cultura de um povo pelo teatro”. Integrados numa mesma equação estão a cultura, o povo e o teatro. Nessa perspectiva, a arte teatral como um instrumento transformador de uma comunidade foi, aos poucos, ganhando contornos mais definitivos para os caminhos da companhia, sobretudo, quando o Divulgação participou da Barca da Cultura, em 1974.

A Barca da Cultura foi uma ação idealizada por Paschoal Carlos Magno, que percorreu durante 45 dias, 55 cidades de Pirapora até Petrolina, subindo o Rio São Francisco com a barca “Juarez Távora”, que contava com uma tripulação de 100 passageiros, entre estudantes, técnicos, produtores, assistentes, jornalistas, professores e artistas de várias áreas do Brasil. O intuito era levar às populações ribeirinhas e do interior das regiões percorridas espetáculos de teatro, folclore, canto, música e balé, além de oficinas de arte e distribuição de livros.

Ao lado do Grupo Divulgação, estiveram o Ballet Stagium e a Orquestra Jovem do Theatro Municipal de São Paulo, o Grupo Folclórico do Conservatório Nacional de Música do Rio de Janeiro, o Coral de Câmara da Universidade de Ponta Grossa, o Tea-

BAGNERA, Diego. Los deseos de Ariane Mnouchkine. Disponível em: <http://diegobagnera.com/exhibir/los-deseos-de-ariane-mnouchkine-para-2014/>

Acesso em 19 de abr. de 2017.

4 EGYPTO, Luiz Augusto. Pus meu sonho num navio e o navio em cima do mar. *Jornal da Cultura*. Nº 2, maio, 1974, p. 8

tro do Estudante do Paraná, a soprano Maria Domicia e o violinista clássico Francisco Araújo⁴.

Esse projeto de caráter cultural, social e político, multidisciplinar em essência, visando a difusão cultural e atingindo regiões e comunidades menos favorecidas, deu ao Divulgação uma nova perspectiva e um novo fôlego. Assim, após essa experiência impactante, o grupo começa a se apresentar também em vários bairros menos favorecidos da cidade. Os espetáculos eram feitos em diversos espaços como praças, escolas, pátios de igrejas etc. Depois de um determinado momento, o grupo, que já tinha como casa o Forum da Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também realiza suas apresentações regulares, resolve inverter a rota: ao invés de levar o teatro até as pessoas, traz essas pessoas até o teatro. E dá, assim, a esse público a possibilidade da experiência estética do teatro de maneira integralizada. De acordo com José Luiz Ribeiro, diretor e um dos fundadores do Grupo Divulgação:

Deixamos de fazer um teatro de rua, uma vez que virou moda. Se todo mundo já estava fazendo, qual a necessidade de nós fazermos também? Através dessa outra vertente podíamos nos dedicar a um aprimoramento estético, de linguagem e, principalmente, acostumar o público a ir ao teatro, porque seria uma forma de dar continuidade a um trabalho, substituindo aquele evento, que aparecia como um circo, por uma atividade rotineira, com continuidade. (FALABELLA, 2004, p. 97).

Esse pensamento vai de encontro ao que Jean Vilar colocou em prática no Théâtre National Populaire (T.N.P.), no período de 1951 a 1963, na França, estabelecendo uma política de público baseada sobre três pilares: a afirmação do teatro como serviço público, a invenção do público como categoria de ação e a elaboração de uma série de procedimentos e dispositivos que visavam integralizar público e cena. A partir dessa concepção, o teatro deixava de ser um privilégio de classes sociais mais favorecidas. E um dos aspectos desenvolvidos por essa política era dar ao público popular espetáculos de qualidade e montagens de textos clássicos e contemporâneos.

A partir dessa conjunção de fatores, em 1985, José Luiz Ribeiro e Reginaldo Arcuri, então Superintendente da Funalfa (Fundação Alfredo Ferreira Lage, da Prefeitura de Juiz de Fora), criaram em parceria os programas O povo vai ao teatro e A escola vai ao teatro. A prefeitura fornecia o transporte para que os estudantes de escolas públicas, municipais e estaduais, e comunidades carentes da cidade e região fossem gratuitamente ao teatro, nas apresentações de espetáculos do Grupo Divulgação. Seguindo os preceitos do T.N.P., o Divulgação, que ao longo de sua trajetória se preocupou em construir um repertório de qualidade, inaugura o projeto com a montagem de Fausto, de Goethe, numa versão livre assinada por José Luiz Ribeiro.

Em reportagem do Correio da Mata, de 14 de junho de 1985, o ator Toninho Buda, que interpretava o papel-título do espetáculo, deu um depoimento afirmando

que em três semanas de apresentações, o público alcançado era de 3 mil espectadores, um número extremamente significativo num teatro de 248 lugares⁵. Assim, os projetos de popularização do teatro promoveram uma ampliação significativa do público da companhia.

Foi um começo desafiador e num certo sentido conturbado. O público intelectualizado que acompanhava os espetáculos do Grupo Divulgação levou um choque ao dividir a plateia com espectadores que se vestiam e cheiravam mal, e ainda não sabiam se comportar interagindo com a cena, gritando ou falando como se estivessem diante da TV. Os próprios atores, muitas vezes, reclamavam. Com isso, se o projeto era uma escola de espectadores, foi também uma escola de atores que agora tinham que se adaptar a uma plateia popular bem nos moldes shakespearianos. Criticava-se também a exibição de um clássico como Fausto para pessoas que mal sabiam assinar o próprio nome.

O público popular reage de maneira espontânea, extrovertida e, por vezes, exagerada, livre das determinações sociais de bom comportamento. É o momento da festa. A seu modo, essa plateia decodificava os espetáculos. Isso ficava muito nítido durante os debates realizados com o público, após as apresentações, em que se discutiam os conflitos e os aspectos básicos da peça. E, na grande maioria das vezes, os espectadores acabavam definindo ligações imediatas da cena com a própria realidade. (FALABELLA, 2004. p. 98-99).

Como funciona o projeto?

No decorrer dos anos, o projeto Escola de Espectador se tornou um elo entre o público e o teatro, ao integrar a comunidade, em sua maioria carente de produto cultural de qualidade, a um espaço acolhedor e desconhecido de muitos. Em um primeiro momento foi realizado um levantamento das escolas públicas municipais e estaduais, comunidades carentes, grupos religiosos e sociais de Juiz de Fora, assim como de outras cidades vizinhas localizadas na Zona da Mata mineira. Com o passar dos anos, novas escolas e novos grupos foram acrescentados no cadastro totalizando cerca de 200 estabelecimentos.

Em 2017, a Escola de Espectador completa 32 anos de atuação. Em mais de três décadas, milhares de crianças, jovens e adultos assistiram a espetáculos, gratuitamente, por meio da iniciativa que envolve a parceria entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Faculdade de Comunicação da UFJF e o Centro de Estudos Teatrais - Grupo Divulgação. Atualmente, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Falabella e com a parceria do Prof. Dr. José Luiz Ribeiro, o projeto de extensão conta com a colaboração de dois bolsistas que são alunos da UFJF. A atuação dos bolsistas é fundamental para a manutenção do projeto. O trabalho dos acadêmicos engloba o cadastro das escolas e instituições, o convite e agendamento para assistirem aos espetáculos, as reservas dos lugares, a recepção e o encaminhamento dos estudantes para o teatro. Eles também aplicam e realizam a tabulação de um questionário de sondagem de opinião que

é feito após as apresentações. Além dos bolsistas do projeto, funcionários do Forum da Cultura e bolsistas de outros projetos também auxiliam direta ou indiretamente na recepção dos espectadores.

A Escola de Espectador possui uma organização sistemática que envolve etapas a serem cumpridas durante todo o ano. Na primeira etapa, geralmente no início do ano, é feita a atualização do cadastro dos núcleos participantes; os bolsistas organizam planilhas com os dados das escolas (endereço, telefone e e-mail) juntamente com os nomes dos diretores, coordenadores ou professores que se comprometem em trazer seus alunos para o teatro. Esse processo é fundamental e imprescindível para a eficácia do diálogo com as instituições. Depois que é definido o espetáculo e o calendário das apresentações do Grupo Divulgação, é feito um mapa de reservas com todas as datas e lugares disponíveis para o projeto. Os bolsistas são inteirados sobre a temática do espetáculo, têm acesso a textos explicativos e recebem orientações da coordenadora do projeto e do diretor do GD. Munidos das informações, eles seguem para a segunda etapa que inclui o contato com os representantes das instituições por meio de ligações telefônicas e de envio de textos de divulgação dos espetáculos, via e-mail.

Conforme os contatos são feitos, os agendamentos são realizados visando uma data adequada para o recebimento dos espectadores. Cada instituição tem direito de levar no mínimo 50 estudantes por vez ao teatro, porém abre-se espaço para adequações de acordo com a realidade de cada escola. Normalmente são recebidas até quatro escolas por apresentação, respeitando a capacidade máxima do espaço que é de 200 lugares. Na maioria das vezes são feitos mais de um contato até o agendamento final, e, na semana da apresentação, os bolsistas ligam para confirmar a vinda das escolas ou remanejá-las em caso de desistência.

No dia da apresentação, os estudantes são recepcionados na portaria da Forum da Cultura e iniciam um mergulho cultural nas dependências do casarão histórico. Construído na década de 1920 para fins residenciais, o casarão foi comprado pela UFJF para abrigar a Faculdade de Direito entre os anos de 1953 a 1971. Em 1972, o espaço foi transformado em Forum da Cultura/UFJF e, atualmente, abriga o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, o Museu de Cultura Popular, a Galeria de Arte e o Coral da UFJF. As escolas são recepcionadas e conduzidas pelos bolsistas do projeto de extensão ao Museu e à Galeria, onde são apresentadas as exposições em cartaz.

As visitas mediadas proporcionam aprofundamento sobre a cultura regional e nacional por meio das histórias orais e da construção dos saberes coletivamente. Durante essas visitas, os estudantes e os professores fazem perguntas, questionam e também relatam suas experiências sobre as temáticas das exposições e sobre a história do casarão. Quando chegam ao Teatro, os estudantes são recebidos pela equipe de apoio composta por atores do Grupo Divulgação e acomodados em seus lugares. A conclusão do trabalho se dá quando as cortinas se fecham, deixando no ar o encantamento e o brilho nos olhos dos espectadores e a esperança do retorno do público.

Experiências do projeto Escola de Espectador no Jubileu de Ouro do Grupo Divulgação.

MÉTODOS

Como visto acima, o presente artigo pretende trazer algumas reflexões sobre a experiência do projeto Escola de Espectador em seus 32 anos de atuação, e a sua contribuição na formação de espectadores de classes populares. Para tanto, faremos uma breve análise da participação dos núcleos atendidos pelo projeto durante as comemorações dos 50 anos do Grupo Divulgação. O foco do trabalho se dará sobre os dois espetáculos comemorativos encenados no primeiro semestre de 2016: Anjos e desarranjos (infantil) e Romeu e Julieta (adulto).

Tomaremos como base, informações do Relatório do Projeto de Extensão Escola de Espectador produzido no primeiro semestre de 2016, que abarca informações como, por exemplo, número de público, escolas e comunidades que assistiram aos espetáculos, questionário com sondagens de opinião, entre outros dados. Faremos uso também de relatos orais de pessoas envolvidas no projeto e também de espectadores. Pretendemos com este trabalho compartilhar um pouco das vivências e dos desafios do projeto em levar cultura e arte a um público carente de opções de entretenimento.

ANÁLISES E REFLEXÕES

O Grupo Divulgação (GD) possui uma programação eclética e dinâmica que inclui a apresentação de espetáculos clássicos, textos dos mais importantes autores nacionais, além de possuir uma dramaturgia própria, engajada e que dialoga com a realidade social, por meio dos textos assinados pelo dramaturgo José Luiz Ribeiro. O GD é composto pelo núcleo principal formado por universitários, além dos núcleos da terceira idade e de adolescentes. Geralmente, o núcleo principal apresenta dois espetáculos no primeiro semestre sendo um infantil e um adulto, e outro espetáculo adulto no segundo semestre, com cumprimento de dois meses de temporada cada um.

Para celebrar os 50 anos de fundação do Grupo Divulgação, ocorrido em julho de 2016, foi criada uma programação comemorativa que incluiu exposições, lançamento de livro e apresentação de espetáculos de todos os núcleos. O núcleo principal apresentou o espetáculo infantil "Anjos e desarranjos", texto e direção de José Luiz Ribeiro e o clássico Romeu e Julieta, de William Shakespeare, com versão e direção de José Luiz Ribeiro.

Dedicado ao público infantojuvenil, Anjos e desarranjos cumpriu temporada aos sábados e domingos, entre 30 de abril e 03 de julho de 2016, com apresentações sempre às 16h45. Na trama, assinada e dirigida por José Luiz Ribeiro, cinco anjos fazem curso, no Céu, para se tornarem Anjo da Guarda. Para concluir o treinamento, os anjinhos passam pelo tão temido exame final, onde a Dona Arcanja avalia o desempenho dos alunos. Como missão final, os anjos são enviados à Terra, disfarçados de meninos, para escolherem os seus protegidos.

O espetáculo fez parte do projeto Escola de Espectador e teve a adesão de 27 instituições entre escolas públicas, paróquias e grupos assistenciais, totalizando 1.144 espectadores. Seguem os nomes das instituições e o número de participantes, respectivamente: Escola Municipal Áurea Bicalho (157 alunos), Escola Estadual Delfim Moreira (113), CRAS Silverânia (111), Escola Municipal de Maripá (59), Catequese Nossa Senhora da Penha (55), Escola Estadual Almirante Barroso (43 alunos), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (11), Escola Municipal José Dondici (25), Grupo Escoteiro Aimoré (30), Escola Municipal Lions (41), Escola Estadual Clorindo Burnier (32), Comunidade Cristo Amor Misericordioso (26), Escola Estadual Joaquim Delgado de Paiva (46), Paróquia São Pedro (47), Escola Municipal Padre Caetano (38), Paróquia São Geraldo (22), Escola Estadual Henrique Burnier (20), Paróquia Santa Rita de Cássia (39), Viva a Vida Melhor Idade (9), Paróquia Nossa Senhora de Lourdes (40), Escola Municipal Santa Cecília (25), Escola Estadual Deputado Oliveira Souza (50), Escola Municipal Quilombo dos Palmares (15), Escola Municipal Dom Justino José de Sant'Ana (27), Escola Estadual Estevão Pinto (20), Pastoral do Rosário (26) e Escoteiros Caiuás (17).

O público infantil é muito honesto em suas atitudes; sendo assim, são notáveis as reações dos pequenos espectadores durante a apresentação do espetáculo. Eles interagem espontaneamente, riem, cantam e até interrompem as falas dos atores. Em "Anjos e desarranjos", não foi diferente. Em vários momentos, percebemos a interação do público com os atores em cena, seja cantando as músicas, ou dando a opinião sobre o que é certo ou errado.

O público infantil é muito brincalhão e entra no jogo teatral com mais força. A história dos meninos de rua que acabam salvando os anjinhos é importante porque fala da solidariedade e que no fundo existem seres humanos e amorosos. Isso está fixo na mente das crianças; além de lições como o lixo limando a rua, pois é importante que o teatro infantil fale sobre esses assuntos porque quando a criança vê isso no palco é diferente de quando a mãe diz para o filho não jogar o papel de bala no chão. Quando ele vê o herói consertando alguma coisa, a criança muda de atitude também. (José Luiz Ribeiro, idealizador da Escola de Espectador e diretor do Grupo Divulgação).

Em determinada parte do espetáculo, para obter a nota máxima e ser aprovada como Anjo da Guarda, a “anjinha” Ania tinha que fazer a oração de invocação dos Anjos da Guarda. Como estava muito nervosa e insegura, Ania contou com a ajuda dos espectadores; quando começou a declamar a oração “Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador...”, a plateia, em uma só voz, repetiu os versos do devocional católico que foi reconhecido pela maioria das crianças presentes. A interação com os atores e a troca de informação entre a plateia e o palco deu dinamismo ao espetáculo e também contribuiu para a formação de bagagem cultural dos espectadores.

A peça também mostrou a trajetória de cinco meninos desobedientes e mal-educados que viviam pichando os muros, esparramando lixo pelas ruas e calçadas e quebrando árvores e vidraças. Eles deram muito trabalho aos seus Anjos da Guarda, mas no final se regeneraram e mudam suas posturas. Nesse ponto, o espetáculo cumpriu o papel social ao abordar valores como justiça, a importância de se falar a verdade e de se preservar o meio. As crianças puderam, de forma lúdica, refletir sobre a postura dos personagens e também trazer para suas realidades tais valores discutidos nos espetáculos.

“Gostei muito! Criativa, divertida e interessante. Muito educativa também!”

(Pedro Henrique, 8, estudante)

“A história é muito boa. Os que faziam coisa errada assumiram o que eles fizeram.” *(Karen da Silva, 11, estudante)*

“Aprendi que não posso mentir e nem fazer coisas ruins.”

(Luiz Gustavo, 8, estudante)

A temática dos espetáculos é aproveitada como material de trabalho para atividades realizadas em sala de aula, como por exemplo, na confecção de desenhos, cartazes ou na produção de redações. Os professores ouvidos reforçaram a importância das temáticas abordadas no espetáculo.

“Gostei dos ensinamentos para as crianças. O mundo precisa de seres humanos melhores e precisamos começar conscientizando as crianças.”

(Martha do Nascimento, professora)

“Excelente! Muito interessante e abordaram vários assuntos e problemas atuais, política, meio ambiente, respeito, etc. Parabéns.”

(Fátima de Campos, professora)

“Excelente e educativa, principalmente por trazer ensinamentos morais, tão necessários em nossa atual sociedade.” *(Fernanda Baldutti, professora)*

“Excelente, pois ensina de uma forma lúdica o que se deve ou não fazer, fazendo com que as crianças memorizem com mais eficiência.”

(Elaine Cristina Silva, pedagoga)

“MARAVILHOSA! Principalmente porque pontua pequenas normas de conduta que, se forem seguidas, farão uma tremenda transformação benéfica na vida da humanidade.” *(Dagoberto Machado, professor)*

Alguns espectadores adultos também expressaram suas opiniões sobre a experiência teatral:

“Uma peça infantil que as crianças adoram e os adultos como eu apreciam. Parabéns. Adorei ver as crianças interagirem com os artistas e eles com elas.” (Helen Ribeiro, aposentada)

“Estou aqui pela primeira vez, nunca vim ao teatro, foi muito bom e gostei muito. Quero, se puder, vir mais vezes.” (Maria Regina, 55, auxiliar de serviços gerais)

“Nós gostamos, é muito divertida e esperamos uma oportunidade de voltar de novo.” (Sophia Santos, 15, estudante)

De acordo com dados do *Relatório Projeto Escola de Espectador 2016*, que foi formulado com base em um questionário aplicado ao público após as apresentações, as reações dos espectadores foram as mais positivas possíveis. Dos 1.061 entrevistados, a grande maioria elogiou o espetáculo infantil e também a atuação do Grupo Divulgação em promover a popularização do teatro na região.

No dia 8 de junho de 2016, o Grupo Divulgação estreou o espetáculo *Romeu e Julieta*, do dramaturgo William Shakespeare. Com versão e direção de José Luiz Ribeiro, o clássico da dramaturgia universal foi escolhido para celebrar os 50 anos de fundação do grupo. O espetáculo cumpriu temporada até o dia 3 de julho, com apresentações de quarta a domingo, sempre às 20h30min.

O drama envolvendo a briga entre famílias e o romance proibido entre os dois jovens de Verona atraiu muitos espectadores, o que ocasionou a lotação máxima do Teatro durante a temporada. As escolas cadastradas puderam levar os estudantes nas datas reservadas exclusivamente para o projeto, que funciona de quarta a sexta-feira.

A procura foi muito grande e os agendamentos foram preenchidos na segunda semana de divulgação. Percebeu-se o grande interesse dos professores pelo espetáculo, por se tratar de um clássico da dramaturgia, e pela temática servir de base para planejamento de atividades em sala de aula.

*“Fazer parte das comemorações dos 50 anos de Grupo Divulgação é sem dúvidas algo muito especial. O grupo preparou e planejou a festividade com muito carinho e o espetáculo *Romeu e Julieta* foi o início das comemorações “oficiais”. É claro que o projeto *Escola de Espectador* não ficaria de fora desse espetáculo tão importante para o grupo. O contato com as escolas cadastradas no projeto teve que ser mais rápido e também mais ágil, pois a peça ficou em cartaz por apenas um mês, pois era comemorativa. Em razão do agendamento para as escolas acontecer em dias de semana, e o espetáculo ser no período noturno, as escolas responderam de forma rápida e se interessaram bastante pelo convite. Dentro de duas semanas, grande parte*

dos dias já estavam lotados, com quatro escolas cada um. Acredito que mesmo que a peça seja um clássico e que a linguagem seja um pouco mais formal, o público do projeto gostou bastante de ter contato com uma obra como essa. A interpretação dos atores e também o humor que foi empregado na medida certa na peça colaboraram para que a interpretação fosse completa. A exposição de fotografias sobre as peças de Shakespeare já apresentadas pelo Grupo Divulgação também ajudou bastante para que as escolas estivessem imersas no universo. Nas apresentações da peça Romeu e Julieta pude perceber que o projeto Escola de Espectador teve um papel duplo importantíssimo: permitir o acesso das pessoas ao teatro e a cultura e permitir que estas tivessem contato com a obra de um grande nome da dramaturgia, que é visto na maioria das vezes só em livros, tornando-se muito distante da realidade das instituições." (depoimento de Bruna Ogando – bolsista de extensão em 2016)

No espetáculo adulto, 31 núcleos participantes do projeto de extensão compareceram ao Teatro totalizando 1.210 estudantes maiores de 12 anos de idade. Seguem os nomes dos núcleos e a quantidade de estudantes que assistiram ao espetáculo: Colégio de Aplicação João XXIII (133 alunos), Escola Estadual José Freire (87), Escola Estadual Hermenegildo Vilaça (79), Escola Estadual Delfim Moreira (80), Escola Estadual Prof. Saint'Clair (81), Curso Preparatório para Concursos – CPC (56), Escola Municipal Mercedes Nery Machado (51), Escola Estadual Duarte de Abreu (55), Escola Municipal Cosette de Alencar (50), Escola Estadual Presidente Costa e Silva (28), Escola Estadual Sebastião Patrus de Souza (13), Escola Municipal Henrique José de Souza (29), Pólo de Evolução de Medidas Socioeducativas – PEMSE (4), Escola Estadual Prof. Cândido Motta Filho (23), Viva a Vida Melhor Idade (14), Escola Municipal Profa. Marlene Barros (24), Escola Municipal Padre Wilson (19), Escola Municipal Núbia Pereira de Magalhães (27), Escola Estadual Cônego Joaquim Monteiro (45), Escola Estadual Duque de Caxias (38), Escola Municipal Pedro Marques (35), Escola Estadual Francisco Bernardino (10), Escola Municipal Quilombo dos Palmares (39), CESU- Custódio Furtado de Souza (35), Escola Estadual Henrique Burnier (25), Pro Jovem Urbano (42), Escola Estadual São Vicente de Paula (36), Escola Estadual Maria Ilydia (9), Escola Estadual Dilermando Costa Cruz (6), Escola Estadual Dep. Olavo Costa (25), Escoteiros Aimoré (12).

As reações foram as mais diversas entre o público jovem e adulto. Em determinados momentos, notava-se a tensão do público diante das constantes brigas, mortes e desencontros envolvendo os Capuletos e os Montecchios. Ao contrário, as tramas e as falas da Ama de Julieta levavam o público às gargalhadas, e os encontros entre os enamorados arrebataram suspiros e risos entre os espectadores.

O espetáculo Romeu e Julieta mostrou pra mim a força do teatro. A cena do balcão, ou a cena do baile, em que o Romeu dá o primeiro beijo na Julieta, causou euforia na plateia. O interessante é que hoje, na sociedade, as pessoas se beijam de todas as formas e é algo muito normal; porém, na cena de beijo do espetáculo, as meni-

nas gritavam como se fosse algo escandaloso, em certo sentido. Isso significa que podemos ver uma cena no cinema ou na TV, mas o teatro mostra sua força; é o humano diante do humano; a emoção é diferente. Percebemos também que o “velho” Shakespeare continua a contar as mesmas histórias e as pessoas continuam a ver aquelas angústias de uma juventude contrariada; passamos a entender que o público dá o significado à obra. E assistir ao espetáculo vendo a força dele mostra que o teatro ainda é profundo para o ser humano.” (José Luiz Ribeiro idealizador da Escola de Espectador e diretor do Grupo Divulgação)

O enredo clássico, a ambientação do cenário e figurino, e a trilha sonora contribuíram para a compreensão da mensagem transmitida no palco. Mesmo sendo um texto escrito há séculos, o significado da história se torna atual quando se comparado com as vivências e as disputas políticas e sociais da atualidade, é o teatro cumprindo o papel de oráculo. As respostas do público da Escola de Espectador, ao questionário realizado após a apresentação, são positivas e demonstram satisfação e aceitação à montagem do clássico.

“Uma peça espetacular, graciosa e cativante. Linguagem de fácil compreensão, mas mantendo fidelidade à obra original.” (Marcus Vinícius, 15, estudante)

*“Com humor e melancolia o clássico foi muito bem retratado.”
(Ana Beatriz, 15 estudante)*

“Como sempre um história comovente e atual, pois o rancor toma conta dos homens, mas o amor é maior, mesmo na morte.” (Eliane Sampaio, professora)

*“Simplesmente fantástica, apesar de antiga a história, ela é bem atual.”
(Geovana, 15, estudante)*

*“Texto bem adaptado, oferecendo uma boa visão da obra.”
(Érica Silva, professora)*

*“Emoção e fantasia que nos conduzem aos tempos atuais.”
(Patrícia Catrucci, professora)*

“Espetacular. A história foi resumida com muita qualidade! A mensagem foi passada de forma incrível!” (Ana Paula, 33 anos)

Outros apontamentos sobre a Escola de Espectador

Durante as três décadas de atuação, a Escola de Espectador se tornou refe-

rência para espectadores, educadores e bolsistas, e também ganhou visibilidade na comunidade acadêmica. Além de oferecer bagagem cultural para os espectadores, a iniciativa também contribui para a formação acadêmica dos bolsistas envolvidos no projeto.

Tudo que tenho aprendido contribui demais para o meu crescimento pessoal e profissional. O contato com as escolas pessoalmente e pelo telefone pede responsabilidade e seriedade com o que e como se fala; a recepção dos alunos e professores exige proatividade e simpatia; as histórias da casa e das exposições me ensinaram muito sobre cultura; para fazer as visitas desenvolvo um bom relacionamento com o público e estudo sempre sobre o que vou falar. Mesmo que indiretamente, o convívio com pessoas diferentes me proporcionou e continua me proporcionando a possibilidade de ampliar horizontes. O Grupo Divulgação é uma fonte rica de conhecimento e ter contato com um pouco da história desse grupo fez com que eu entendesse ainda mais o poder social que a cultura tem na vida das pessoas e o quanto ela pode transformar as realidades." (Depoimento de Bruna Ogando – bolsista de extensão em 2016)

Assim que soube da oportunidade bolsa no Forum da Cultura, fiquei muito empolgada já que eu poderia misturar o teatro com atividades acadêmicas relacionadas à comunicação social. Quando cheguei, fui muito bem recebida por todos os funcionários e pelo pessoal do Grupo. Assisti à peça na primeira oportunidade e repeti a dose várias vezes após a meu horário de trabalho porque era realmente muito cativante. Além das atividades, nas quais desenvolvi ainda mais minha capacidade de organizar, contabilizar e redigir, aprendi coisas novas, como clipping e montagem de exposição de peças, além de ter conhecido pessoas maravilhosas que trabalham no Forum e no Grupo Divulgação. (...) Sendo assim, agradeço a chance dada e os parabéns por esse comprometimento e empenho de popularizar e facilitar o acesso à cultura as pessoas. (Depoimento de Lorena Rocha – bolsista em 2016)

A receptividade e participação das escolas são expressivas e positivas, no entanto, notam-se também alguns entraves que dificultam o acesso de mais estudantes aos espetáculos teatrais, como a limitação em conseguir ônibus para transportar os alunos e a falta de engajamento de alguns professores e diretores com o projeto. Busca-se a todo o momento a compreensão das diversas realidades dos núcleos participantes. O palco se mostra como um espaço revelador dos principais problemas da atualidade e, através das peças apresentadas, é possível discutir a realidade e a sociedade de maneira crítica, permitindo aos participantes construir sua cidadania através desse contato com a arte teatral, tanto para o público infantil, quanto para o público adulto.

Nesse sentido, *A escada de Jacó* (1995), de José Luiz Ribeiro evitou que uma família colocasse a mãe numa clínica para idosos. Era sempre 1º de abril (1990), também de José Luiz, foi uma catarse para um público que viu sua poupança ser confiscada pelo governo Collor. Debates calorosos eram realizados após as apresentações. O conto da morcegada (2014), do mesmo autor, buscava conscientizar as crianças para os problemas ecológicos, a necessidade dos morcegos para o equilíbrio ambiental, uma vez que estavam sendo rechaçados em algumas regiões do país. Cada peça a seu modo e a seu tempo, provoca uma reflexão e uma ação. Esses são apenas alguns exemplos de como a cidadania pode ser celebrada através da cena, pela comunhão do palco e da plateia.

O impacto dos espetáculos junto ao público do projeto vai muito além dos aplausos. O conteúdo das peças provoca, por exemplo, o enriquecimento de práticas pedagógicas com produção de textos ou desenhos sobre o tema abordado, discussões em sala de aula, sugestão de montagens teatrais na própria escola. Cria-se também o hábito de frequentar teatro além dos dias reservados ao projeto. Muitos espectadores retornam aos espetáculos do Grupo Divulgação sem ser com suas escolas ou comunidades. Nos primeiros anos, constatou-se um aumento significativo de pessoas negras na plateia de sábado e domingo, em temporadas para público adulto. Há uma fidelização de espectadores, que cresceram assistindo aos espetáculos do grupo e agora retornam com seus filhos e mesmo netos. Outra constatação foi a ampliação do interesse de estudantes por atividades teatrais nas suas próprias escolas e mesmo fora dela. Alguns espectadores que integravam o projeto chegaram, inclusive, a integrar o elenco do Grupo Divulgação.

Hoje, a Escola de Espectador tem como desafio trazer ao teatro um público cada vez mais seduzido pelas tecnologias e por todo um conjunto de oportunidades de diversão oferecidas em outro palco, a internet. Também alguns educadores já não são os mesmos. Muitos não demonstram comprometimento em formar cidadãos, outros desconhecem a potencialidade pedagógica do teatro. Sem contar o receio da violência. Muitas vezes, os professores acham arriscado sair da escola com um grupo de alunos. É outro panorama, mas ainda assim, o Grupo Divulgação acredita no teatro transformador, capaz de emocionar e fazer refletir ao mesmo tempo.

Houve uma invasão tecnológica, onde as pessoas ficam cada vez mais individualistas em seus celulares; elas começaram a trazer isso também para o teatro. No meio do espetáculo, eles mexem no celular, filmam e fotografam; isso é o reflexo da fragmentação da sociedade. O teatro é uma arte tribal e depende da interação entre seres humanos, ou seja, um humano diante do outro. Nessa sociedade que está menos humanizada, as pessoas estão cada vez mais virando máquinas. (José Luiz Ribeiro idealizador da Escola de Espectador e diretor do Grupo Divulgação)

CONCLUSÃO

Acreditamos que o projeto de extensão Escola de Espectador cumpre importante papel em difundir cultura e promover cidadania através do acesso gratuito a espetáculos teatrais. A iniciativa ganhou credibilidade e respeito na comunidade acadêmica e na região, por se apresentar como uma proposta engajada que demonstra organização e respeito com os grupos, escolas e núcleos atendidos.

A parceria celebrada entre a Universidade Federal de Juiz de Fora e o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação comprova que é possível a criação e execução de projetos de extensão de qualidade para classes da sociedade que ainda são excluídas dos espaços e propostas culturais. É o conhecimento e a bagagem cultural rompendo os limites físicos da universidade e indo de encontro às comunidades.

Espera-se que essas reflexões contribuam para a divulgação da Escola de Espectador, assim como os benefícios de sua atuação na formação cultural de cidadãos mineiros.

REFERÊNCIAS

- [1] **Bagnera, Diego.** Los deseos de Ariane Mnouchkine. Disponível em: <http://diegobagnera.com/exhibit/los-deseos-de-ariane-mnouchkine-para-2014/>. Acesso em 19 de abr. de 2017.
- [2] **Correio Da Mata.** Divulgação bate recorde com “Fausto”. Juiz de Fora, 14/06/1985, p. 3.
- [3] **Egypto, Luiz Augusto.** Pus meu sonho num navio e o navio em cima do mar. Jornal da Cultura. Nº 2, maio, 1974, p. 8.
- [4] **Falabella, Márcia.** Grupo Divulgação: o teatro como devoção. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004.
- [5] **Loyer, Emmanuelle.** Le Théâtre National Populaire au temps de Jean Vilar (1951-1963). In: Vingtième Siècle, revue d’histoire, nº 57, janvier-mars 1998. p. 89-103. Disponível em: http://www.persee.fr/xs_0294-1759_1998_num_57_1_3712. Acesso em 18 de abr. de 2017.
- [6] **Relatório Do Projeto De Extensão Escola De Espectador.** Espetáculos: Anjos e desarranjos e Romeu e Julieta. Ano 2016
- [7] **Ribeiro, José Luiz.** Diretor do Grupo Divulgação e idealizador da Escola de Espectador. Entrevista concedida para este trabalho, em 18 de abr. de 2017, no Forum da Cultura da UFJF, Juiz de Fora, MG.



Festival Pint of Science e Inclusão Cultural: A Ciência na Conversa de Bar

*Festival Pint of Science and Cultural Inclusion:
Science in Bar Talk*

Resumo

O Festival Pint of Science é um evento de divulgação e comunicação da ciência para o cidadão interessado em resultados da pesquisa científica e tecnológica e de seus impactos no cotidiano. O Pint of Science é um evento da cultura da ciência que presta contas à sociedade sobre os investimentos públicos realizados e provê o cidadão com conhecimento objetivo para que possa tomar decisões transformadoras embasadas em premissas racionais e realistas para a melhoria das condições de vida da sociedade. O evento foi iniciado na Inglaterra em 2012 e no ano de 2018 atingiu uma escala mundial sendo realizado em três dias simultaneamente em 21 países e em 56 cidades brasileiras. Este artigo relata a primeira experiência de realização do Festival Pint of Science - Vitória, ES nos dias 14, 15 e 16 de Maio de 2018. Os resultados revelam uma avaliação fortemente positiva por parte do público que apresentou sugestões e críticas para a sua continuidade em 2019.

Palavras-chave: Comunicação da Ciência, Cultura da Ciência, Inclusão cultural

Laércio Ferracioli*
Werther Krohling
Breno Souza Salgado
Angelo Buaiz

Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: laercio.ufes@gmail.com*

Abstract

The Pint of Science Festival is an event for the dissemination and communication of science to the citizen interested in scientific and technological research results and their impact on daily life. The Pint of Science is an event of the culture of science that accounts for society on public investments made and provides the citizen with objective knowledge so that he can make transformative decisions based on rational and realistic premises for the improvement of the living conditions of society. The event started in England in 2012 and in 2018 reached a world scale being held in three days simultaneously in 21 countries and in 56 Brazilian cities. This article reports the first experience of the Pint of Science Festival - Vitória, ES on May 14, 15 and 16, 2018. The results reveal a strongly positive evaluation by the public that presented suggestions and criticisms for its continuity in 2019.

Keywords: Communication of science, Science culture, Cultural inclusion

INTRODUÇÃO

A quarta edição da pesquisa de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil, feita pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos em conjunto com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, foi realizada com a população adulta de homens, mulheres e jovens com idade igual ou superior a 16 anos e revelou que 38% dos brasileiros são pouco ou nada interessados por ciência e tecnologia, 87% das pessoas que participaram da pesquisa não lembraram o nome de uma Instituição de pesquisa no país e 94% dos entrevistados não souberam dizer o nome de um cientista brasileiro famoso. No entanto, 86% dos entrevistados mostraram algum interesse em ciência e tecnologia, cerca de 90% dos brasileiros acredita que Ciência & Tecnologia traz mais benefícios do que malefícios para a humanidade e 81% dos entrevistados acham que é necessário que os cientistas exponham publicamente os riscos decorrentes dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos (CGEE, 2015).

O conjunto desses resultados revela a premente necessidade de promover a divulgação da ciência e da tecnologia, através da comunicação dos resultados das pesquisas desenvolvidas nas universidades e centros de pesquisas para a sociedade como um todo. Divulgar e discutir com a população as implicações desses resultados é esclarecer a importância da ciência e da tecnologia como fator de transformação para a melhoria da qualidade de vida, é promover o interesse e a percepção da ciência como um instrumento que gera resultados aplicáveis às suas vidas e capaz de solucionar problemas, é promover o engajamento da sociedade em demandas pela manutenção e ampliação de investimentos nessa área, além de atender a um anseio revelado no estudo, de que os cientistas devem expor publicamente seus achados. Dessa forma, ações de divulgação e comunicação da ciência e da tecnologia são ações de prestação de contas da academia para a sociedade sobre os investimentos realizados, além de prover o cidadão com conhecimento objetivo para tomar decisões transformadoras embasadas em premissas racionais e realistas.

Esse é o contexto do Festival Pint of Science, um evento de palestras e manifestações culturais associando Ciência, Cultura e Arte, iniciado na Inglaterra em 2012, cuja experiência de realização em Vitória, ES no ano de 2018 será relatado nesse artigo.

História do Festival Pint Of Science

Em 2012, Michael Motskin e Praveen Paul eram pesquisadores de pós-doutorado na divisão de Ciências do Cérebro no Imperial College London. Michel pesquisava sobre a utilização de nanopartículas no tratamento de Parkinson e Praveen pesquisava sobre os genes envolvidos na doença dos neurônios motores. O objetivo de ambos era entender os mecanismos moleculares subjacentes a essas doenças, mas sentiam que havia uma lacuna ao discutir a pesquisa com amigos, uma vez que eles comentavam que soava como ficção científica. Como os autores relatam, "sentimos que era importante mostrar como conduzíamos nossa pesquisa, especialmente para os indivíduos afetados pelas condições que estudamos e suas famílias"(PAUL&

MOTSKIN, 2016).

Assim, em setembro daquele ano eles organizaram o Meet the Researchers, Encontro com Pesquisadores em tradução livre, um evento que levou pessoas afetadas pela doença de Parkinson, Alzheimer e Esclerose Múltipla aos laboratórios para que pudessem ver a pesquisa sendo realizada lá. Os autores relatam que os convidados ficaram fascinados com as abordagens usadas para tentar entender a base biológica dessas aflições e pelos mais recentes desenvolvimentos em pesquisa básica e esforços de tradução. Concluindo, eles afirmam que o evento foi inspirador para todos os envolvidos e que, ao final, ponderaram, que as pessoas querem ir aos laboratórios para conhecer cientistas, por que não trazer cientistas para as pessoas? Este foi o momento de origem do Pint of Science.

Nesse contexto, o primeiro festival Pint of Science aconteceu no Reino Unido durante três dias em maio de 2013, com eventos simultâneos em Londres, Oxford e Cambridge. Os eventos foram realizados, conforme explicaram os realizadores, na instituição mais tradicional do Reino Unido, isto é, o pub, o tradicional bar inglês (PAUL & MOTSKIN, 2016). É desse contexto que vem a origem do nome do festival, o pint (pronuncia-se paint) é a medida tradicional do copo de cerveja nos pubs da Inglaterra: equivale a 473,1 ml, ou quase meio litro de cerveja.

O sucesso do primeiro Pint of Science em 2013 disparou um efeito cascata pelo mundo a fora. Em 2014 chegou a Europa; em 2015 chegou ao Brasil com a realização do festival na cidade de São Carlos, SP. Na edição de 2016, o Pint of Science ocorreu em 12 países e em 7 cidades brasileiras. Em 2017 o festival foi realizado em 11 países e em 22 cidades brasileiras. No ano de 2018, quando foi realizado pela primeira vez em Vitória, o evento foi realizado simultaneamente em 21 países e em 56 cidades brasileiras nos dias 14, 15 e 16 de Maio.

MÉTODO

O Festival Pint of Science parte da premissa de que as pessoas querem saber sobre ciências e os cientistas querem falar sobre os resultados de suas pesquisas para a população. Assim, o objetivo do Pint of Science é o de promover esse diálogo em um ambiente descontraído e agradável onde o público que pode ter interesse em ciência, mas com pouca ou nenhuma formação científica formal, pode conhecer e interagir diretamente com os cientistas. O fato de o evento acontecer em bares e restaurantes somado à informalidade da linguagem dos palestrantes faz com que o público fique à vontade para se aproximar, perguntar e provocar esse diálogo.

A Organização do Evento

O evento é realizado a partir do trabalho voluntário de interessados em organizá-lo e regido sob a direção mundial, com base na Inglaterra, que avalia as solicitações dos países interessados para liberação de uso do nome, logomarca, bem como o acesso a recursos de imagem para a construção de website nacional e produção de material de marketing. No caso do Brasil, esse procedimento foi realizado

em 2015 quando o evento foi realizado pela primeira vez e foi constituída uma coordenação nacional. Como o evento é realizado por cidade, procedimento similar é realizado com a coordenação nacional por cada município interessado em realizar o evento localmente.

Assim, a organização do Pint of Science 2018 – Vitória/ES foi iniciado em maio de 2017 logo após a realização do evento: o futuro coordenador entrou em contato com a coordenação nacional solicitando informações sobre como proceder para realizar o evento em Vitória/ES que seria realizado de 14 a 16 de maio do ano seguinte. A coordenação nacional informou que havia mais pessoas interessadas e foi constituída uma comissão local.

Locais de Realização do Evento

A idéia inicial era a de realizar o evento em cinco bares da cidade, entendendo ser a melhor forma de conversar sobre ciência e atingir um maior público. No entanto, optou-se pela realização em três 3 bares com perfis de públicos diferenciados. A primeira opção foi a de um bar localizado próximo à Universidade Federal do Espírito Santo para um público universitário; a segunda opção foi um boteco, fora do circuito, localizado em um bairro periférico, frequentado por clientes de distintos extratos sociais e faixas etárias; e a terceira opção foi um bar localizado em uma região mais central voltado para um público de classe média-alta. Essa configuração, geograficamente triangular, permitiu escolher os temas de acordo com o perfil do público, abrangendo um maior número e perfil de pessoas, que é um dos objetivos do Festival Pint of Science.

Temáticas e Programação

O formato seguiu a programação básica do Pint of Science estabelecendo 3 noites de evento. No caso de Vitória/ES, optou-se por uma apresentação por bar, por noite. Assim, foram organizados 9 apresentações conforme Quadro 01. Foram selecionados dois temas centrais em torno dos quais foram convidados palestrantes de instituições locais para garantir a diversidade dos tópicos.

	14/Maio – 2ª feira	15/Maio – 3ª feira	16/Maio – 4ª feira
Bar A	Bioindicadores Ambientais Aquáticos	Sinais Cerebrais para comando de Equipamentos	Quando o Rio virou Lama: o maior desastre ambiental brasileira aos olhos da ciência
Boteco B	Ilha de Trindade e Arquipélago Martin Vaz: Pedacos de Vitoria no Azul Atlântico	Real Science e Fake Science na nossa Vida	A Luz que Curva: 100 Anos do Eclipse Solar que confirmou Albert Einstein
Bar C	O ciclo da água nas cidades do futuro	Febre Amarela Silvestre: Desafio Científico	É possível reverter o envelhecimento?

Quadro 01: Programação do Festival Pint of Science 2018 – Vitória, ES

O primeiro tema selecionado foi Água, pela importância dessa temática na atualidade, e o segundo, Ciência, Tecnologia & Sociedade, abrangendo tópicos distintos de impacto direto na vida cotidiana.

Divulgação e Publicidade

A divulgação principal do Festival Pint of Science em cada país se dá através do site nacional, no caso do Brasil, <http://pintofscience.com.br>, que segue o design do site da coordenação mundial, <http://pintofscience.com>, não sendo permitido que cada cidade construa seu próprio site. No site nacional, além da programação de cada cidade, pode-se ter acesso de informações sobre a história, equipes, releases e um link de tira-dúvidas sobre o evento. A programação local no site nacional é gerenciada pela coordenação local de cada cidade que tem acesso a uma área específica do site e é responsável pelo upload de atualizações. A divulgação através do Facebook é, também, centralizada na coordenação nacional, <https://www.facebook.com/pintofscienceBR/>, que dá acesso à áreas específicas para cada localidade.

Devido ao fato desse tipo de evento ter sido realizado pela primeira vez em Vitória/ES, a divulgação teve aspecto fundamental. Assim, além dessas mídias, a publicidade foi feita através de listas de e-mails, entrevistas à rádios locais, alguns jornais locais, TV, site e publicação semanal da Universidade Federal do Espírito Santo, whatsapp pessoal dos coordenadores e amigos. Em todo material, foi utilizado a logomarca do Pint of Science que é um copo de cerveja usando óculos com o desenho de um cérebro, simulando a espuma da cerveja no topo do copo.

Público presente

O público presente variou em cada bar e em cada dia do evento. Esse público consistiu de clientes dos bares, pessoas que tiveram acesso a programação e transeuntes esporádicos da região dos bares. Um balanço geral do público presente em cada bar e em cada dia é mostrado no Quadro 02. É possível observar um moderado gradiente positivo de público do primeiro para o último dia. Uma possível hipótese é o fato de 4a-feira ser um dia que, via de regra, as pessoas começam a sair durante a semana.

Quadro 02: Resumo do Público Participante do Festival Pint of Science 2018 – Vitória, ES

	14/Maio	15/Maio	16/Maio	Público Presente
Bar A	Capacidades aproximada de 130 pessoas			
	70 pessoas	90 pessoas	200 pessoas	360 pessoas
Boteco B	Capacidades aproximada de 50 pessoas			
	50 pessoas	50 pessoas	80 pessoas	180 pessoas
Bar C	Capacidades aproximada de 50 pessoas			
	40 pessoas	40 pessoas	50 pessoas	130 pessoas
	Total Geral			670 pessoas

Avaliação do Evento e Amostragem

Para a avaliação do evento, foi utilizado um formulário disponibilizado pela coordenação nacional do Pint of Science – Brasil mostrado na Figura 01.

Formulário de avaliação Pint of Science 2018

<p>Nome: _____</p> <p>Cidade: _____</p> <p>Idade: ____</p> <p>Ocupação: _____</p> <p>E-mail: _____</p> <p>Gostaria de receber informações sobre o Pint of Science por e-mail: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Como ficou sabendo do Pint? <input type="checkbox"/> TV <input type="checkbox"/> Rádio <input type="checkbox"/> Redes sociais <input type="checkbox"/> Jornal <input type="checkbox"/> Cartaz/faixa <input type="checkbox"/> Site <input type="checkbox"/> Outros: _____</p>	<p>Importância e atratividade do tema ☹️ ☹️ 😐 😊 😄</p> <p>Interação com o público ☹️ ☹️ 😐 😊 😄</p> <p>Qualidade no atendimento do restaurante ☹️ ☹️ 😐 😊 😄</p> <p>Quais temas você gostaria de ver no Pint em 2019? _____</p> <p>Críticas e sugestões _____ _____ _____</p>
--	--

Agradecemos sua presença e nos vemos em 2019



Ao final de cada apresentação, enquanto os monitores distribuíam o formulário, o palestrante argumentava sobre a importância da avaliação para a coordenação do evento e solicitava ao público presente que respondesse o formulário de avaliação. Dessa forma, a amostra do público presente foi variável em cada bar e em cada noite e dependia da disponibilidade do público, não sendo possível assegurar uma uniformidade no quantitativo respondido. De qualquer forma, os dados coletados foram analisados qualitativa e quantitativamente e foi possível traçar a faixa etária, o perfil do público presente, meios de acesso a divulgação, importância e atratividade do tema, interação do palestrante com o público, qualidade de atendimento do restaurante, sugestões de temas para 2019, além de críticas e sugestões.

RESULTADOS

A partir dos dados levantados através da Ficha de Avaliação do evento, são apresentados os resultados gerais sobre o Pint of Science 2018 - Vitória/ ES. É importante ressaltar que, apesar desses resultados revelarem apenas tendências, estes servirão de feedback para a estruturação e melhoria para a realização do Festival Pint of Science 2019, já agendado para ser realizado nos dias 20, 21 e 22 de Maio de 2019.

Faixa Etária

A faixa etária do público presente nos 3 bares foi variável e parece estar associada ao perfil do público e da temática da apresentação do dia como revela o Quadro 03. Considerando o público presente durante os 3 dias de evento, a partir da média de idade para cada bar e para cada apresentação, a faixa etária foi de 28,4 a 45,0 anos, ou seja, uma variação de 16,6 anos.

Quadro 03: Média de Idade do Público e Faixa Etária do Festival Pint of Science 2018 – Vitória, ES

	14/Maio	15/Maio	16/Maio	Faixa etária	Faixa etária
Bar A	28,4	30,4	33,8	5,4	30,9
Boteco B	42,5	32,7	32,3	10,2	35,8
Bar C	45,0	38,3	37,8	7,2	40,4
Média Geral					35,7

A menor variabilidade foi observada no Bar A, voltado para um público universitário e com menor média de idade, seguido pelo Bar C voltado para um público com a média de idade mais elevada, fechando com uma maior variabilidade no Boteco B, voltado para um espectro de público mais amplo conforme descrito na seção de caracterização dos locais do evento. A média de idade do público participante em todo o evento, majoritariamente do município de Vitória, foi de 35,7 anos.

Perfil do Público

O perfil do público presente em cada bar foi variável. O público do Bar A próximo à Universidade foi fortemente caracterizado por estudantes e alguns se declarando doutorando ou pós-doutorando, sendo também observada a presença de professores universitários. A presença de estudantes em menor número foi observada no Boteco B e em reduzido número no Bar C.

A presença de profissionais de advocacia, administração, economia, psicologia, engenharia, e funcionários públicos foi a marca do Bar C, enquanto no Boteco B em menor escala e no Bar A com um número bastante reduzido. Esses resultados parecem seguir a caracterização do público de cada bar onde o Pint of Science foi realizado.

Interesse em receber informações sobre o Pint of Science por e-mail

O formulário de avaliação solicitava o fornecimento do e-mail do público

presente: raros foram os presentes que não forneceram seus endereços de e-mail, Na sequência era perguntado se teria interesse em receber notícias sobre o Pint of Science: a preponderante maioria dos presentes responderam afirmativamente a essa questão. Esse resultado parece corroborar com elevado nível de satisfação com o evento relatado nas seções que seguem.

Como ficou sabendo sobre o Pint 2018

Os resultados apontam que as redes sociais foram as grandes responsáveis pela divulgação do evento. Embora tenham sido publicadas matérias na mídia impressa local, os dados revelam que o acesso a esse meio foi bastante reduzido. Uma observação peculiar foi o fato de que no segundo dia do evento a coordenação local do evento foi entrevistada por duas rádios locais em programas ao vivo: apesar das respostas indicarem traços de acesso a esse tipo de mídia, durante as entrevistas, alguns ouvintes conectados ao programa declararam que tinham participado no dia anterior e que recomendavam a participação a todos. Foi possível observar que o contato entre amigos teve uma relevância considerável.

A divulgação do evento foi um ponto levantado por vários participantes no item de sugestões e críticas e relatado na última seção. Seguindo a tendência e evolução natural dos meios de comunicação na atualidade, esse é um forte indicativo para que a divulgação do Pint of Science 2019 - Vitória/ES invista fortemente na utilização de todos os tipos de redes sociais.

Itens de levantamento do nível de satisfação

Os itens de avaliação estruturados a partir de ideogramas foram associados e analisados como uma Escala Likert, um tipo de escala de resposta psicométrica utilizada em questionários de levantamento de opinião, onde o respondente expressa seu nível de concordância com uma afirmação (LIKERT, 1932). Geralmente são utilizados cinco níveis de respostas que variam desde Discordo totalmente, passando por Indiferente até Concordo totalmente. No caso das perguntas do formulário de avaliação, estas foram associadas a um valor para cada ideograma que foram interpretados como expressão do nível de satisfação, conforme Figura 02: o valor 1 foi associado a total insatisfação até o valor 5 associado a total satisfação com o item avaliado.



Figura 02: Associação de valor aos ideogramas nos item de levantamento de nível de satisfação

Dessa forma, o procedimento de análise foi o de calcular a média ponderada de cada item que foi interpretado como o nível de satisfação e o Quadro 04 apresenta os resultados obtidos para cada apresentação ocorrida em cada bar.

Assim, observa-se que o item "Importância e atratividade do tema" obteve uma avaliação preponderantemente positiva em todas as apresentações de todos os bares, o que pode ter motivado o público a sugerir uma série de temas para o Pint of Science 2019. O item "Interação com o público", embora tenha obtido também uma avaliação positiva, aponta para a necessidade de uma ação de preparação dos palestrantes para esse tipo de público. A razão desse indicativo pode ser o fato de que, via de regra, o especialista está acostumado a apresentar os resultados de sua pesquisa para seus pares, ou seja, um público que domina o assunto.

Quadro 04:
Avaliação do Público do
Festival Pint of Science
2018 – Vitória, ES

		Importância e atratividade do tema	Interação com o público	Qualidade no atendimento do restaurante
Bar A	14/Maio	4,9	4,8	4,6
	15/Maio	4,8	4,4	4,5
	16/Maio	4,9	4,7	4,6
Boteco B	14/Maio	4,8	4,8	4,4
	15/Maio	5,0	5,0	4,7
	16/Maio	4,7	4,4	4,2
Bar C	14/Maio	4,9	4,5	4,6
	15/Maio	4,9	4,6	4,5
	16/Maio	4,7	4,5	4,6

No contexto do Festival Pint of Science, apesar do público ter interesse pela ciência, via de regra, não tem formação científica formal no tema. Para finalizar, o item "Qualidade no atendimento do restaurante", similarmente ao item anterior, obteve uma avaliação positiva, mas revela a necessidade de ações de melhoria, conforme será apresentado na seção sobre Críticas & Sugestões.

Sugestões de temas para o Pint of Science 2019 – Vitória, ES

Esse item de resposta aberta solicitava ao público que indicasse temas que gostaria de ver no Pint of Science 2019. Assim, houve a sugestão de uma grande variedade de temas, fato esse que pode ser interpretado como sua satisfação com o que viu e ouviu no evento de 2018 e seu interesse no evento de 2019. As sugestões de temas foi ampla e que, organizadas em grandes categorias, revelam um forte interesse em questões ambientais e desenvolvimento sustentável associadas direta ou indiretamente a diversos temas conforme mostra o Quadro 05.

Palavra Central	Palavras Associadas
<i>Ambiental</i>	<ul style="list-style-type: none"> •educação •desenvolvimento sustentável •saneamento básico •poluição •meio ambiente •política
<i>Lixo</i>	<ul style="list-style-type: none"> •consumismo & sustentabilidade •tratamento de lixo urbano •poluição marinha •e-lixo ou novos resíduos ambientais
<i>Resíduos</i>	<ul style="list-style-type: none"> •resíduos sólidos •resíduos ambientais •gestão de resíduos
<i>Plástico</i>	<ul style="list-style-type: none"> •uso exacerbado •descarte em oceanos
<i>Energia</i>	<ul style="list-style-type: none"> •Renováveis •Eólica •nuclear
<i>Ecologia</i>	<ul style="list-style-type: none"> •Agroecologia
<i>Tecnologia</i>	<ul style="list-style-type: none"> •Nanotecnologia •Biotecnologia •tecnologias sociais •inovação e problemas ambientais

Quadro 04:
Avaliação do Público do
Festival Pint of Science
2018 – Vitória, ES

Estavam também presentes sugestão de temas, tais como, evolução, células tronco, câncer, astrofísica e cosmologia, ciência dos alimentos, psicologia e a palavra segurança associada a informação e porte de arma.

Críticas e Sugestões

A análise das respostas a esse item revela um ponto crítico para o contexto do evento: o natural nível de ruído e a poluição sonora inerente a bares abertos próximos a outros bares. Embora todos os bares tenham sido equipados com sonorização, além do ruído externo, a questão central esbarra na acústica de locais abertos. Houve a sugestão do evento ser realizado em um ambiente fechado ou em bares maiores.

Em relação às apresentações, observou-se comentários de que houve o uso excessivo de linguagem formal e que o tempo da apresentação tenha sido um pouco longo. Assim, foram sugeridas que fossem organizadas apresentações mais objetivas e com maior interação à aspectos práticos dos temas abordados. Outra sugestão visando um maior engajamento do público foi a de organizar jogos com questões e discussão.

A divulgação do evento foi outro aspecto abordado revelando a dificuldade de se atingir um público mais amplo. Apesar de ter sido sugerido uma maior utilização das mídias tradicionais, os resultados sobre como o público ficou sabendo do evento revelam que a rota preponderante para o Pint of Science 2019 será utilizar massivamente todos os tipos de redes sociais.

Um comentário sempre presente é o do título do evento em inglês, Pint of

Science. Além do idioma, a questão tangencia a tradução da palavra pint, uma medida britânica que demanda explicações. Pudessem ser traduzido para o português, o título, talvez seria, Festival Tulipa de Ciência ou Festival Caneco de Ciência, entre outras possibilidades. Essa questão é presente ao redor do mundo, como no caso da Tailândia que, por questões culturais relacionadas mais à alimentação do que ao ato de beber, o evento ganhou uma tradução para Festival Plate of Science ou Festival Prato de Ciência em tradução livre (ROBINSON et al., 2017). Por outro lado, os autores concluem que houve questionamentos quanto a utilização dos dois títulos, um relacionado ao ato de beber e outro ao ato de alimentar, e que teria sido preferível a utilização de um título único associado ao ato de beber nos dois idiomas. De qualquer forma, a coordenação mundial defende a posição da manutenção do título original como estratégia de manter a sintonia do evento em escala mundial.

Por outro lado, houve comentários que expressam um alto nível de satisfação quando sugerido que o material das apresentações fossem disponibilizados no site do evento, que o evento deveria ser realizado mais de uma vez ao longo do ano ou que o evento deveria ser expandido para outros municípios. Houve até a sugestão de que os bares ofertassem cerveja a um preço menor junto a um cardápio mais acessível.

CONCLUSÕES

Esse foi o relato da primeira experiência de realização do Festival Pint of Science –Vitória/ ES no ano de 2018. Os resultados são encorajadores e apontam para a continuidade dessa iniciativa, além de reafirmarem o objetivo do evento em ser um esforço científico global baseado em uma abordagem direta, com recursos mínimos e com o entusiasmo e dedicação de organizadores em um trabalho voluntário que inclui a busca de parcerias e recursos financeiros para a sua realização, como pontuam os criadores dessa ação. Esses resultados também reafirmam a premissa inicial do Pint of Science de que o público têm interesse em interagir com cientistas e engajarem discussão sobre ciência, e que os cientistas têm interesse e querem aprender como interagir com o público de forma natural.

Em relação aos cientistas, a literatura tem apontado um crescente interesse de engajamento de jovens cientistas na comunicação da ciência. Cerrato et al. (2018) relatam uma iniciativa da International School for Advanced Studies – SISSA, Escola Internacional de Estudos Avançados, em tradução livre, em Trieste na Itália em ofertar um programa de capacitação em habilidades de comunicação denominado Programa Universidade das Crianças e relatam dois aspectos motivadores para esse crescente interesse no engajamento com o público. O primeiro está relacionado ao desejo pessoal em melhorar a habilidade em comunicar com o público em geral e o segundo relacionado a um senso de dever em promover a melhoria da percepção do papel dos cientistas e da importância da ciência para a sociedade e, dessa forma, promover o encantamento e engajamento de jovens nas ciências. Após o primeiro ano no programa, esses jovens cientistas expressaram a necessidade de continuidade de melhoria de suas habilidades de comunicação

e sugeriram que a comunicação científica deveria se tornar parte de programas de pós-graduação. E, para que esse tipo de ação seja perene, sugeriram que é essencial a existência de um forte compromisso institucional para promover, recrutar, incentivar, treinar profissionalmente e apoiar os envolvidos nessa ação.

Por outro lado, a interação com o grande público não se constitui em tarefa trivial. Conforme relatado, a avaliação desse item aponta para a necessidade de uma ação de preparação específica dos palestrantes. Santos (2017), abordando os desafios globais da divulgação científica, relata que a coordenação da área de Engajamento Público em Ciência do University College London promove desde 2009 uma iniciativa denominada Bright Club, um evento humorístico no estilo stand-up, envolvendo um humorista e cientistas de todas as áreas: para a participação no evento, todos devem passar por um treinamento de até duas horas, sobre o conteúdo essencial de uma comédia stand-up, embora caiba aos pesquisadores pensar no roteiro. Esse relato aponta para o fato de que qualquer apresentação fora do habitat natural do cientista, via de regra, demanda um preparo para esse novo habitat.

Para finalizar, é importante relatar que a iniciativa de realizar eventos com palestras e apresentações sobre ciência em lugares públicos, tais como, cafés, bares e praças não é nova ao redor do mundo. No Brasil encontramos eventos denominados Ciência no Boteco, Café com Ciência onde, via de regra, um único tema é apresentado ao público.

O diferencial de Festival Pint of Science é cada cidade estar engajada em um evento de escala mundial acontecendo nos mesmos em 3 dias do ano: como vem ocorrendo desde 2014 com a realização do segundo Pint of Science e em uma crescente escalada mundial, em 2018, simultaneamente nos dias 14, 15 e 16 de maio, públicos de 21 países e em 56 cidades no Brasil estavam conectados em um evento de divulgação e comunicação da ciência para o cidadão interessado em resultados da pesquisa científica e tecnológica e de seus impactos no cotidiano. Assim, como mencionado na apresentação desse artigo, o Pint of Science é um evento da cultura da ciência, de prestação de contas à sociedade sobre os investimentos públicos realizados e para prover o cidadão com conhecimento objetivo, para que possa tomar decisões transformadoras, embasadas em premissas racionais e realistas para a melhoria das condições de vida da sociedade.

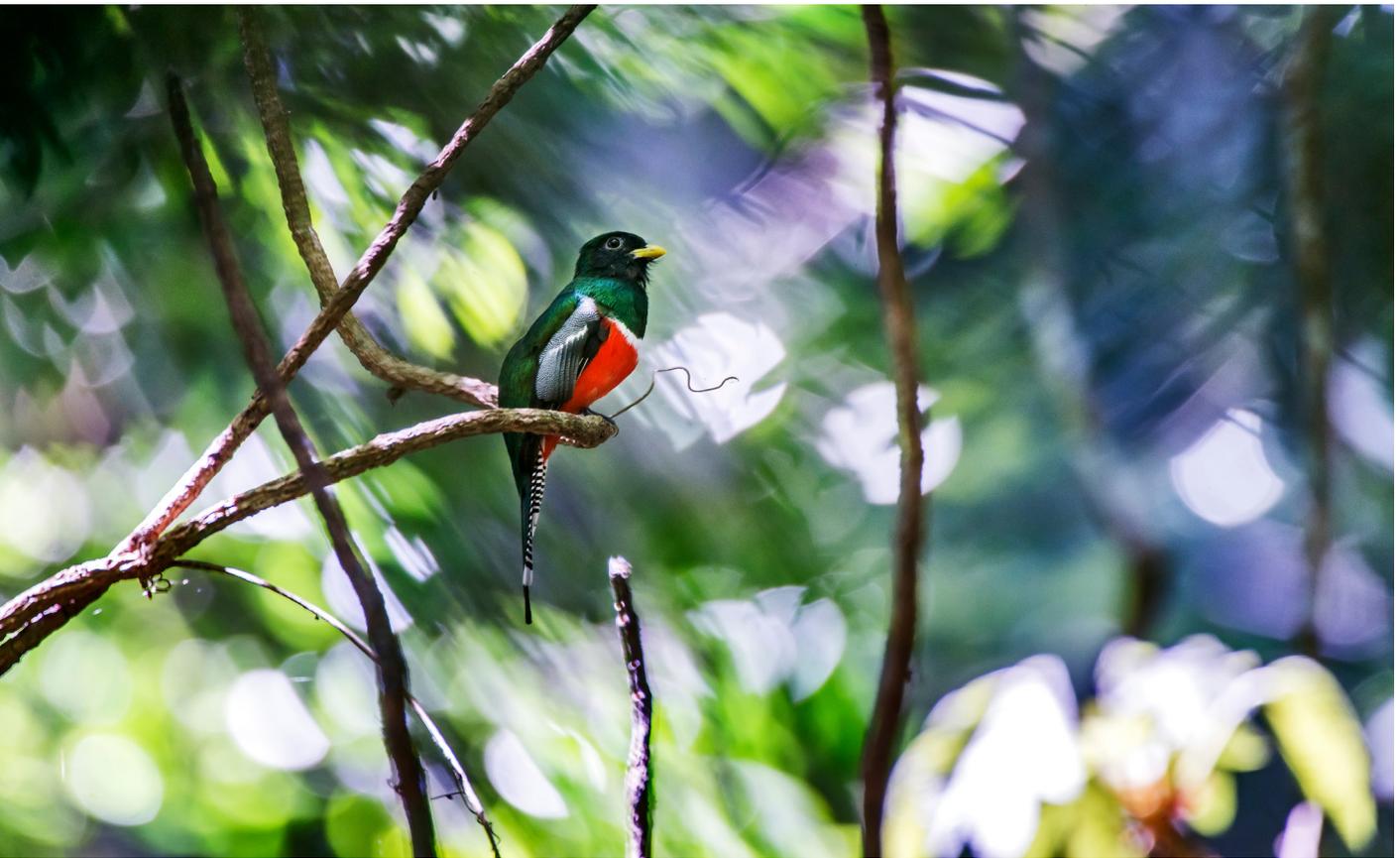
Transformar ciência em conversa de bar é uma ação de inclusão cultural.

REFERÊNCIAS

- [1] **CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS- CGEE.** A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros. Percepção pública da C&T no Brasil: 2015. Brasília, DF: 2017. 152p.
- [2] **PAUL, P., & MOTSKIN, M.(2016).** Engaging the public with your research. Trends in Immunology, 37, 268-271.
- [3] **LIKERT, R. (1932).** A Technique for the Measurement of Attitudes. Archives of Psychology, 140: pp. 1-55.
- [4] **ROBINSON, M. T.; JATUPORNPIMOL, N.; SACHAPHIMUKH, S. LONNKVIST, M.; RUECKER, A. & CHEAH, P. Y. (2017)**The first Pint of Science Festival in Asia. Science Communication, 39(6), 810-820.
- [5] **CERRATO, S.; DAELLI, V.; PERTOT, H. & PUCCIONE, O.(2018).** The public-engaged scientists: motivations, enablers and barriers. Science Education, 2(2), 313-322.
- [6] **SANTOS, P.(2017).** Desafios globais da divulgação científica. Pesquisa Fapesp, 259, 87-90.

AGRADECIMENTOS

A produção desse artigo foi parcialmente financiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo e FACITEC –Fundo de Apoio a Ciência e Tecnologia do Município de Vitória.



Gemologia da Ciência à Arte: Uma Exposição como Ação Extensionista, Promovendo Novas Práticas Pedagógicas no Curso de Gemologia

Gemology, From Science To Art: An Exposition As An Extensionist Action, Promoting New Pedagogical Practices In The Gemology Course

Resumo

Em busca de novas práticas pedagógicas e quebrando paradigmas frente aos desafios do mundo acadêmico, surgiu uma oportunidade para que alunos do curso de Gemologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), pioneiro e único no Brasil, pudessem trazer ao grande público uma abordagem com o propósito de despertar reflexões, recriar ações com novas perspectivas e melhores estratégias. Neste sentido, a exposição: “Gemologia da Ciência à Arte”, foi pensada e elaborada como ação do projeto de extensão “Garimpando a Arte” com objetivo de apresentar as vertentes do curso de Gemologia vistas pelo cunho científico, social e artístico fora de um ambiente formal. A mostra durou 44 dias no espaço da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo com 2.082 visitantes, alcançando um público recorde para esta modalidade de exposição no ambiente em questão. Os 53 expositores denominados “gemoartistas” puderam apresentar seus trabalhos de forma única e com técnicas livres apresentando um grande acervo de obras sobre os minerais e suas potencialidades. Assim, a metodologia aplicada mostrou-se eficaz em seus objetivos, pois promoveu a cultura dentro do espaço acadêmico e na cidade de Vitória, contribuindo com o aumento da visibilidade do curso de Bacharelado em Gemologia, além da divulgação do grande potencial gemológico do estado do Espírito Santo.

Palavras-chave: Gemologia; Ciência; Arte; Exposição; Prática Pedagógica.

Shelley Bomfim*
Marcus Vinícius Dutra de Magalhães
Janaina Bastos Depianti

Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: shellybom@yahoo.com.br*

Abstract

In search of new pedagogical practices and breaking paradigms, facing the challenges of the academic world, an opportunity arose so that students from the course of Gemology at the Federal University of Espírito Santo (UFES), pioneer and the only one in Brazil, could bring to the public an approach with the aim of evoking reflections, recreate actions with new perspectives and better strategies. Therefore, the exposition: “Gemology, from Science to Art”, was thought and created like a project’s action of extension “Digging Art” in order to present the aspects of the course of Gemology seen through a scientific, social and artistic slant outside a formal environment. The exhibition was held for 44 days in the hall at the Central Library of Federal University of Espírito Santo, with 2.082 visitors reaching a record public for the category in that specific place. The 53 exhibitors called “gemoartists” could present their work in a unique way and with free techniques showing a big collection of work about minerals and their potentialities. Thus, the methodology used, proved to be effective in their aims, since it promoted the culture inside the academic space and in the city of Vitória, contributing with an increasing on exposure of the BA course in Gemology, as well as the promotion of the big gemological potential in the State of Espírito Santo.

Keywords: Gemology; Science; Art; Exhibition; Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

Em razão das mudanças que têm ocorrido no contexto social e acadêmico, o perfil dos alunos e das faculdades passa por significativas mudanças e, se não houver um empenho das escolas de ensino superior e um olhar atento a essas mudanças, não será possível oferecer um ensino de qualidade a estes estudantes.

Um requisito fundamental na execução de qualquer projeto pedagógico é a qualificação dos educadores, no aprender a desaprender, na modificação do paradigma educacional. Só consegue atingir novas ideias e utilizá-las, quem está receptivo (PARDINI; SANTOS, 2010). Estar aberto e ter compreensão sobre o que está ocorrendo no mundo e no mercado de trabalho é primordial para facilitar a participação dinâmica nos caminhos que levam ao conhecimento e às práticas educativas (SIGNORETTI, 1998).

Uma das mais importantes responsabilidades é a de procurar conquistar a capacidade para formar o ser social, aquele capaz de compreender seu papel e colocar em prática os ensinamentos das capacidades técnicas e científicas alcançadas (PARDINI; SANTOS, 2010). Nesta perspectiva, se tem discutido acerca de estratégias de ensino interdisciplinares que propõem um olhar diferenciado, amplo e reflexivo que rompe as barreiras pré-estabelecidas pela lógica linear (FAZENDA, 1993). Tais mudanças são positivas e apontadas por terem potencial de integração e aprendizado mútuo entre as diversas disciplinas.

Segundo Fazenda (1993), o movimento da interdisciplinaridade pretende contemplar as interações ou correlações entre ciências especializadas, sem barreiras estáveis entre as disciplinas. Ele propõe um modelo circular onde a complexidade dos mundos social e físico requer que as disciplinas se interajam, articulem e superem a desintegração e o distanciamento, com o objetivo de fazer com que se possa conhecer melhor o todo.

O emprego da ferramenta de ensino interdisciplinar possibilita à instituição absorver as disciplinas nas formas horizontal, relacionando as atividades do período, e vertical, nomeando um tema gerador que é construído pelos alunos no decorrer do período letivo. De modo correlato, o incentivo à cultura empreendedora nos cursos de graduação se manifesta como uma educação reconhecida e diferenciada, cuja missão final é a consolidação da personalidade do aluno e o progresso das competências de iniciativa, criação, planejamento e inserção competitiva no mercado (PARDINI; SANTOS, 2010).

De acordo com Brandão (2006), a educação está sujeita à pedagogia criando condições para o desenvolvimento das atividades, produzindo métodos e estabelecendo tempos e diretrizes, capazes de constituir executores qualificados no ensino formal.

Sendo assim, a educação não formal vem na contramão, ao estabelecer os processos educativos em espaços diversos, garantindo a participação coletiva na construção do conhecimento, possibilitando as mais variáveis maneiras de aprender e ensinar.

É necessário provocar o questionamento sobre os contextos das diversas óticas e áreas para que se possa alcançar a interação entre as disciplinas; superar fórmulas e conceitos prontos buscando novos conhecimentos; adicionar as áreas relacionando-as em sentido; e entender os fenômenos naturais, sociais e culturais que ocorrem no espaço da instituição de ensino (FAZENDA, 1995).

Diante destas transformações e paradigmas, é que as ideias de novas práticas pedagógicas vão tomando corpo e, de maneira cadenciada, vão se juntando para dar forma a novas oportunidades e criando um novo modelo de aprendizado dentro do Curso de Gemologia, executando uma proposta de ensino que utiliza a interdisciplinaridade e o empreendedorismo como pilares pedagógicos na formação desses alunos.

Gemologia é a ciência que estuda e determina a qualidade de materiais gemológicos, sejam esses de origem orgânica ou inorgânica, cuja aplicação se apresenta como adorno pessoal ou decoração de ambiente (SCHUMANN, 2007; UFES, 2009a). Popularmente conhecida como pedras, para o gemólogo ou joalheiro uma pedra é uma gema. Apesar dos termos “pedras preciosas” e “semipreciosas” ainda serem muito utilizados no comércio, o seu uso não está correto. Existem pedras chamadas de semipreciosas que são mais valiosas que as preciosas. Sendo assim, o termo mais adequado para todas é gema (SCHUMANN, 2007).

Para Branco (2008), gema é uma substância que por sua raridade, beleza e durabilidade, é utilizada na confecção de joias. Na sua grande maioria são minerais, no entanto, existem gemas de natureza orgânicas, artificiais e sintéticas. “O gemólogo estuda as propriedades e identifica a natureza da gema. Classifica-as em função do peso, lapidação, cor, dureza e pureza” (FRANCO, 1999, p. 22).

É muito comum o uso de gemas em joias. Para Cardoso (2010), joias são utensílios estéticos, geralmente feitos com gemas e metais preciosos, como ouro, prata, platina. No entanto com o desenvolvimento do design, a joia pode ser desenvolvida com qualquer tipo de material, seja ele nobre ou não, como vidro, couro, latão, entre outros. As formas mais usuais das joias são colares, brincos, anéis e pulseiras.

O curso de Gemologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) é pioneiro no Brasil sendo o único curso de graduação, modalidade bacharelado. Foi aprovado no âmbito do projeto de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) no Conselho Universitário (CU) da UFES em 03 de dezembro 2007 e no Ministério da Educação (MEC) em 31 de dezembro 2007 (UFES, 2009b), com início da primeira turma em março de 2009. O curso foi reconhecido pelo MEC através da Portaria 216 de 28 de março de 2014 (BRASIL, 2014). Com duração de quatro anos o curso tem como proposta capacitar e profissionalizar estudantes a se tornarem empreendedores com a perspectiva de desenvolvimento econômico ao longo da cadeia produtiva de gemas, joias e afins, causando o impacto positivo-econômico, de inovação e competitividade deste setor (UFES, 2009a).

O currículo do Curso de Gemologia tem caráter multidisciplinar apresentando grande parte de sua formação na área de Ciências Sociais Aplicadas, na área de Ciências Exatas e da Terra e área Artística. Dentre as atividades propostas no curso destacam-se: i) pesquisa, identificação, caracterização, avaliação, fornecendo laudos e certificação de materiais gemológicos, gemas e joias; ii) criação e design de joias e de adornos do segmento joalheiro possibilitando o trabalho artesanal, comercial e até mesmo industrial utilizando materiais gemológicos; iii) instrução no comércio de gemas, joias e afins com embasamento teórico e prático do setor joalheiro e gemológico para a exportação e importação destes materiais; iv) capacitação para se desenvolver no mercado interno em seus aspectos micro e macroeconômicos possibilitando estruturar seu próprio negócio. Essas atividades visam um arranjo que ofereça a inovação como desafio, assim como a proposta do pensar acadêmico e comercial na formação do profissional (UFES, 2009a).

Por ser multidisciplinar e o único bacharelado no país, o curso de Gemologia enfrenta muitos desafios dentre eles, a busca pela visibilidade perante a sociedade e novas práticas que possibilitem maior interação entre as diversas áreas.

Segundo Freire (2002) as práticas didáticas devem se basear nos seguintes princípios: não há docência sem discência, pois ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética; ensinar não é transferir conhecimento, pois exige respeito à autonomia do ser do educando e certeza de que mudanças são possíveis; a tarefa de ensinar requer segurança, comprometimento profissional, complacência e percepção de que intervenções ocorrem através da educação.

Por que não usar a arte como mecanismo de conexão entre as diversas áreas do curso? De acordo com Araujo-Jorge (2007), desde o início o ser humano vive utilizando a arte como forma de expressar algo, apontando que a linguagem da arte é a linguagem própria da humanidade. Deste modo é necessário que a arte seja mais valorizada na educação, para além de seu entendimento, em todos os níveis de ensino. A arte pode e deve ser trabalhada de maneira conjunta com a ciência como parte estratégica dos meios pedagógicos, para fomentar a educação científica da sociedade. Tanto artistas como cientistas contribuem para entendermos por “completo” as ações da natureza que aprendemos a ignorar, ou que nunca nos ensinaram ou motivaram a enxergar.

A divulgação científica, como colaboração e proposta de ensino não formal, desempenha papel de extrema importância durante o período de formação de cada indivíduo. É uma prática social que deve ser elaborada com auxílio de meios que permitam que os conteúdos sejam adquiridos com a participação em atividades que desenvolvam o pensamento crítico (GARCIA; IMBERNON e LACERDA, 2014).

Nesse contexto o projeto de extensão “Garimpando a Arte” foi concebido com a finalidade de levar ao grande público uma mostra de Arte e Ciência na área de Gemologia, com cunho científico, artístico e social, de forma dinâmica em sua apre-

sentação e diversificada em seus estilos. Buscou-se discutir a atuação do gemólogo e da gemologia em um ambiente não formal, destacando suas contribuições e seus desafios. Nessa ação educativa foram traçadas estratégias para desenvolver maior interesse por parte da sociedade e atrair cada vez mais o público.

Para tal, foi desenvolvida uma exposição com intuito de aplicar uma prática educativa, inusitada no curso de Gemologia, onde fosse possível compreender a postura do discente aluno/expositor, bem como a do docente professor/pesquisador. Nesse sentido, este artigo relata as experiências adquiridas na exposição “Gemologia da Ciência à Arte” a partir da observação da articulação entre os campos científico e artístico e de que maneira a exposição contribuiu para o ensino-aprendizagem dos alunos, ao incentivo à cultura empreendedora e na divulgação do curso de Gemologia para a comunidade em geral.

MÉTODOS

Nesse trabalho adotou-se como metodologia a pesquisa-ação. De acordo com Pinto (1989), a proposta de pesquisa-ação tem papel fundamental na contribuição da população ao acesso ao conhecimento técnico-científico, possibilitando a participação e a efetiva transformação da sociedade pelo trabalho/ação; incentivando a criatividade, com o propósito de gerar novas formas de colaboração; possibilitando o sujeito/agente ser parte essencial de sua transformação/libertação.

Para Egg (1990) a pesquisa é um procedimento de reflexão sistemática, controlada, crítica e teórica que tem como propósito identificar aspectos da realidade com o objetivo de estabelecer ações práticas. Defende ainda que a ação é uma forma de estudo de modo a intervir no propósito da pesquisa, sendo esta a fonte de conhecimento. De modo que a forma de pesquisar a realidade irá implicar na participação do sujeito/agente ativo no conhecimento de sua própria situação, gerando a participação das pessoas envolvidas no projeto, paralelo à busca de novos conhecimentos para solucionar os problemas identificados. O conhecimento desta realidade já é por si só uma ação que irá gerar organização, mobilização, sensibilidade, conscientização e intervenção nas pessoas com o objetivo comum.

Nesse sentido, a exposição “Gemologia da Ciência à Arte” foi pensada e elaborada com um viés pedagógico trazendo elementos que proporcionassem o aprendizado em espaço não formal com uma proposta interdisciplinar e com ênfase nas manifestações artísticas e científicas. A exposição aconteceu na Biblioteca Central da UFES, no campus de Goiabeiras, na cidade de Vitória, Espírito Santo, no período de 12 de agosto a 24 de setembro de 2016. O foco da exposição foi mostrar a importância da Gemologia no cotidiano e os recursos minerais com potencial gemológico que o estado do Espírito Santo possui. Além disso, a mostra possibilitou maior visibilidade sobre a gemologia e áreas afins.

Na exposição alunos, ex-alunos e professores do curso de Gemologia puderam apresentar trabalhos diversificados em técnicas e estilos trazendo suas impres-

sões estéticas ao público, dentro de um contexto contemporâneo. Foram utilizados desenhos, pinturas, fotografias, vídeos, poemas, joias, gemas e minerais, expressões artísticas que não estavam ligadas a nenhum tema a priori. Cada expositor teve a liberdade para desenvolver seu trabalho permitindo trazer ao espectador a arte e ciência por trás do universo dos minerais, por meio de diversos olhares.

Todos os trabalhos foram selecionados pela equipe organizadora da exposição de forma criteriosa e em função da disponibilidade do espaço utilizado. A exposição foi dividida em seis momentos: 1 – amostra de minerais-gemas; 2 – fotos/desenhos; 3 – joias e roupas; 4 – instalação artística e poemas; 5 – pesquisas científicas; e 6 – equipamentos e vídeos.

Para viabilizar o monitoramento e informações durante as visitas na exposição, assim como a montagem e desmontagem da mesma, foi necessária a participação e colaboração de diversos voluntários que atuaram como monitores. Nesta perspectiva foram abertas as inscrições para alunos do curso de Gemologia e demais cursos da UFES, que pudessem colaborar com as diversas funções que existiam neste cenário e, principalmente, servir de porta voz da exposição, com o intuito de explicar a diversidade de conceitos e os objetivos do projeto exposto.

Todos os monitores voluntários foram capacitados para transmitir ao público a correlação de cada trabalho com a gemologia instruindo sobre a metodologia da exposição, a multidisciplinaridade que as obras alcançavam e os termos técnicos da área de Gemologia, de maneira a alcançar o viés artístico e científico proposto para a exposição.

O convite para o evento foi realizado utilizando-se as mídias sociais e canais de divulgação dentro e fora da universidade, bem como por meio de impressos distribuídos aos expositores e principais setores da UFES. Com o intuito de dar visibilidade ao curso de Gemologia, bem como às obras da exposição, foi enviado convite à Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo – SEDU, para que esta divulgasse a exposição nas escolas da rede pública de ensino de modo que os alunos pudessem conferir de perto os trabalhos dos “gemoartistas” - codinome atribuído aos expositores com o intuito de lhes conferir um caráter íntimo e pessoal.

RESULTADOS

Na exposição foram apresentadas obras de dimensões, técnicas e tratamentos estéticos distintos de 53 "gemoartistas". Dentro da divisão estabelecida na exposição, foram identificados três nichos de observação em relação ao tema abordado em cada obra.

O primeiro deles foi relacionado à importância da Gemologia no cotidiano. Foram apresentadas as diversas utilizações dos minerais para uso na joalheria, indústria química, farmacêutica, construção civil e indústria em geral. Mesmo que tenham sido transmitidos estes conhecimentos em sala de aula ou através dos meios de comunicação, isto não se compara à oportunidade desse contato com os mine-

rais e suas características físicas e ópticas, trazendo variadas possibilidades de experimentação.

O segundo nicho está relacionado às potencialidades minerais e gemológicas do Espírito Santo e sua importância para a economia. Mostrou-se que o estado possui inúmeras possibilidades de crescimento e desenvolvimento econômico, seja no mercado nacional ou internacional de gemas, joias e afins.

O terceiro nicho versou a respeito da importância do curso de Gemologia com suas vertentes, seja na área artística, científica ou econômica. Foram apresentadas pesquisas científicas e experiências artísticas baseadas no conhecimento adquirido no curso de Gemologia. Houve uma boa interação por parte dos expositores e visitantes, pois se discutiu gemologia sob um novo olhar, com amplas possibilidades, apreciando seus gostos, preferências e espaços possíveis para ensinar e aprender no âmbito acadêmico.

No total 50 monitores participaram da exposição, sendo 20 alunos do curso de Gemologia e 30 de demais cursos. De certa forma, houve uma surpresa com a grande procura de alunos de outros cursos, como: Geografia, Oceanografia, Artes Visuais e Plásticas, Letras Português, Arquivologia, Biblioteconomia, Comunicação Social Jornalismo e Design, evidenciando uma importante interdisciplinaridade de saberes.

A interação entre os monitores foi positiva e os alunos dos demais cursos, de forma recíproca, puderam aprender e ensinar, contribuindo e agregando valores e conhecimentos, dividindo informações e experiências pessoais sobre seus cursos e as inúmeras possibilidades de aplicação da aprendizagem sobre Gemologia ao cotidiano em suas áreas específicas.

Com esses princípios verificamos que, o aprendizado oferecido pelos professores do curso de Gemologia no decorrer das disciplinas, foi de suma importância para que os alunos pudessem aplicar o conhecimento científico teórico e prático, na execução dos trabalhos expostos.

A realização da exposição exigiu dedicação em todo o processo de aprendizado para que prevalecesse o comportamento ético, crítico e estético nas pesquisas e práticas (leia-se obras de arte) elaboradas para o grande público que visitou a exposição. Assumiu-se ali um compromisso social em demonstrar através da arte o caráter pedagógico proporcionando ao espectador o a aquisição de novos saberes.

Outro aspecto relevante da exposição é que houve um estreitamento na relação professor-aluno durante a elaboração de algumas obras. Esse fator é bastante importante no processo de ensino-aprendizagem, pois, segundo Rego (1995, p. 110) “[...] construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas”. Além disso, “[...] mais que ensinar e aprender um conhecimento, é preciso concretizá-lo no cotidiano, questionando, respondendo, avaliando, num trabalho desenvolvido por grupos e indivíduos que constroem o seu mundo e o fazem por si mesmos” (SAVIANI, 2000, p.41).

Atividades de arte e ciência, em conjunto, provocam e permitem a criação, o avanço e a compreensão de novos processos, contribuindo para a construção de um discurso sobre a relação desenvolvida entre a arte e a ciência, com as produções humanas na criação de atividades multidisciplinares e multiculturais. A arte tem um papel muito mais importante do que tornar as coisas belas, e deve ser trabalhada para que seja sempre incluída na educação científica, pois possibilita correlacionar e interagir com as descobertas que os cientistas fazem, sejam eles físicos, biólogos, geólogos, químicos, ou outros especialistas (ARAUJO-JORGE, 2007). Na Gemologia não seria diferente.

A exposição recebeu ao todo 2.082 visitantes que tiveram a oportunidade de contemplar obras artísticas, além de poderem aprender e interagir com a Gemologia como ciência. Cerca de 250 alunos do ensino médio da rede pública estadual de ensino visitaram a exposição juntamente com professores de Artes e Geografia. Os alunos participaram de oficinas de design e mineralogia e conheceram de perto alguns dos laboratórios do curso de Gemologia, dentre os quais: Design e Montagem de Joias; Lapidação; Mineralogia; e Caracterização e Avaliação de Gemas. Durante a visita vários alunos demonstraram interesse em incluir o curso de Gemologia em seu projeto de vida, bem como relataram que puderam correlacionar conhecimentos adquiridos em sala de aula com as obras expostas. Com isso conheceram o que é a Gemologia e suas áreas de estudo.

Durante a visita dos alunos do ensino médio à exposição, observou-se que surgiram comentários entre eles sobre conceitos de geografia e artes vistos anteriormente e que puderam entendê-los de maneira mais clara. Ressalta-se que o curso de Gemologia propõe práticas que envolvem o ensino nas áreas de geociências como: formação, importância e utilização dos recursos minerais de forma sustentável; e na área artística a percepção de conceitos e técnicas que podem ser aplicados no processo de criação de adornos, valorizando a história da arte.

Assim, pode-se dizer que os alunos tiveram uma experiência positiva na reafirmação de conceitos adquiridos em sala de aula. Parafraseando Brandão (2006, p. 9) em que, vida e educação estão misturadas. É válido destacar que: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”.

Ao fazer uso da arte como instrumento da prática pedagógica, é possível despertar no aluno e no espectador de forma ampla, uma viagem que percorre trajetórias de aprendizagem propiciando conhecimentos específicos sobre a sua relação com o mundo, desenvolvendo a percepção, observação, imaginação e outros sentidos pertinentes a esta experimentação, que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo e para a compreensão de conteúdos das outras áreas do currículo (JUSTINIANO, n. d.).

Segundo Barbosa (2010, p. 2) “A arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador”.

Oliveira (2012) afirma que a educação sofreu mudanças em seu conceito, deixou de ser limitada à questão do ensino-aprendizagem, e passou a ocupar outros espaços, ampliando a área de atuação, afastando-se em certas situações do ambiente escolar e atuando em distintos e diversos segmentos.

Segundo Barbier (2002, p.54),

A pesquisa-ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva.

Através da pesquisa-ação buscou-se a opinião dos alunos sobre esta realidade do Curso de Gemologia e a importância de divulgá-lo, de maneira que todos pudessem contribuir, o que culminou na exposição “Gemologia da Ciência à Arte”.

Barbier ainda afirma que o pesquisador na pesquisa-ação descobre que “não se trabalha sobre os outros, mas e sempre com os outros” (2002, p.14). A participação de todos os envolvidos evidenciou o interesse por parte desses alunos e favoreceu de forma acelerada o andamento e desenvolvimento do trabalho.

Nesse sentido o presente estudo foi desenvolvido com a perspectiva de que essa pesquisa poderá contribuir em novas propostas pedagógicas, quebrando paradigmas. Sendo assim a exposição “Gemologia da Ciência a Arte” corroborou para o processo de ensino-aprendizagem de professores, alunos em geral e sociedade, ensinando sobre a gemologia de forma multidisciplinar atuando em um espaço não formal.

CONCLUSÕES

A exposição "Gemologia da Ciência a Arte" colaborou para a visibilidade do Curso de Bacharelado em Gemologia e trouxe grande oportunidade de aprendizado extraclasse para os alunos e demais envolvidos, pois teve como proposta unir experiências subjetivas como a livre contemplação das obras expostas até o aprendizado e conhecimento científico sobre o universo da Gemologia de maneira lúdica e divertida, usando a imaginação, conhecimento da área e criatividade. Proporcionou ainda novas práticas e vivências fundamentais para o desenvolvimento profissional dos expositores, pois exigiu que assumissem um pensamento crítico, autônomo e empreendedor, trazendo à reflexão a importância de seu papel nesse mercado e suas vertentes, que estão à sua frente com grandes enfrentamentos e oportunidades de criação, planejamento e inserção competitiva no mercado de gemas, joias e afins, relacionadas à arte e à ciência. O processo de desenvolvimento e consolidação da exposição serviu de prática educativa não formal para os alunos do curso de Gemo-

logia, bem como para os visitantes. Esse tipo de prática vai ao encontro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que em seu artigo 39 sugere: “a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” (BRASIL, 1996).

Além disso, a exposição colaborou para a promoção da cultura na cidade de Vitória divulgando o potencial gemológico do estado do Espírito Santo e o talento desses "gemoartistas", proporcionando aos visitantes experiências com um campo e visões peculiares.

REFERÊNCIAS

- [1] **Araujo-Jorge, T.** Relações entre ciência, arte e educação: relevância e inovação. Revista E, São Paulo SESC, v. 12, 2007.
- [2] **Barbosa, A. M. T. B.** A Imagem no Ensino da Arte. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- [3] **Barbier, R. A.** pesquisa-ação. Brasília: Liber Livro, 2002.
- [4] **Branco, P.m. 2008.** Dicionário de mineralogia e gemologia. São Paulo: Oficina de Textos, 608 p.
- [5] **Brandão, C. R.** O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- [6] **Brasil. Ldb.** Lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- [7] **Brasil.** Ministério da Educação. Secretaria e Regulação e Supervisão da Educação Superior Portaria nº 216, de 28 de março de 2014. Ficam reconhecidos os cursos superiores de graduação constantes da tabela do Anexo desta Portaria. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 mar. 2014. Seção 1, p. 14-16. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=31/03/2014&jornal=1&pagina=14&totalArquivos=104>>. Acesso em: 25 mai. 2018.
- [8] **Cardoso, A. C. D.** A jóia como complemento da moda. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura.
- [9] **Egg, E. A.** Repensando la Investigación-Ación – Participativa. México: El Ateneo, 1990.
- [10] **Fazenda, I. C. A.** Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- [11] **Fazenda, I. C. A.** Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1995.
- [12] **Franco, R. R.** e CAMPOS, J. E. S.: As Pedras Preciosas - São Paulo. 1999.
- [13] **Freire, P.** Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 165 p. 25ª Ed. 2002. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>. Acesso 4/2/18.
- [14] **Justiniano, C. J.** A arte como instrumento da prática pedagógica. Portal da Educação. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-arte-como-instrumento-da-pratica-pedagogica/52471>>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- [15] **Garcia, C. B.; Imbernon, R. A. L.; Lacerda, R. A. V.** Desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de Geociências para a Banca das Ciências e Experimentoteca da ACH/USP. Terra e Didática, v. 10, n. 3, p. 331-335, 2014.
- [16] **Oliveira, L. B.** Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo nas organizações. São Cristovão, SE. 2012.
- [17] **Pardini, D. J.; Santos, R. V.** Empreendedorismo e interdisciplinaridade: uma proposta metodológica no ensino de graduação. Revista de Administração FEAD, v. 5, n. 1/2, 2008.
- [18] **Pinto, J. B. G.** Pesquisa-Ação: Detalhamento de sua sequência metodológica. Recife, 1989, Mimeo.
- [19] **Rego, T. C.** Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 14ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

[20] Saviani, D. Saber escolar, currículo e didática. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

[21] Schumann, W. Gemas do Mundo - Ao Livro Técnico S.A, Rio de Janeiro. Nova edição: 2007.

[22] Signoretti, M. S. Flexibilidade: o caminho da transformação. Belo Horizonte: Metaconsultoria, 1998.

[23] Ufes - Universidade Federal Do Espírito Santo. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Gemologia. Vitória, 2009a. Disponível em: <<http://www.gemologia.ufes.br/projeto-pedag%C3%B3gico>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

[24] Ufes - Universidade Federal Do Espírito Santo. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - RESOLUÇÃO Nº 55/2009. Vitória, 2009b. Disponível em: <<http://secretaria.ccje.ufes.br/sites/secretaria.ccje.ufes.br/files/field/anexo/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA55.2009%20-%20Gemologia%20.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Espírito Santo, por possibilitar a realização da exposição "Gemologia da Ciência à Arte";

Em especial, à equipe da Direção e Coordenação do Núcleo de Cultura do SIB/UFES e Núcleo de Cultura da Biblioteca Central.

Aos 2.082 visitantes, aos 53 "gemoartistas", aos 50 monitores, aos professores, alunos e ex-alunos do curso de Gemologia e colaboradores externos que contribuíram para a realização e o êxito da exposição.





Grupos de Promoção em Saúde no Ensino Fundamental com Enfoque no Uso de Álcool e Outras Drogas

Health Promotion Groups In Primary Education Focusing On The Use Of Alcohol And Other Drugs

Resumo

A Extensão Universitária promove a aproximação da Universidade com a comunidade, contribuindo com o desenvolvimento dos discentes envolvidos e a comunidade. O objetivo do artigo é descrever e discutir a experiência extensionista de estudantes de psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais em um projeto de promoção em saúde, com foco no uso de álcool e outras drogas, com alunos do 9º ano do ensino fundamental, com idade variando entre 12 e 15 anos de idade. Caracteriza-se como um estudo qualitativo na modalidade de relato de experiência, em que foram realizados grupos operativos em uma escola pública de uma cidade do interior de Minas Gerais. Os encontros ocorreram ao longo de quatro meses, de agosto a novembro de 2017, com encontros quinzenais. Os temas e as técnicas utilizadas foram diversificados, com foco na captação do interesse e atenção dos adolescentes. Os temas eram escolhidos pelos próprios adolescentes ao final de cada encontro. Foram abordados temas como violência, preconceito, respeito e o uso de álcool e outras drogas. As técnicas utilizadas foram desde rodas de conversa até o uso de técnicas teatrais. O projeto atingiu seu propósito de despertar o interesse dos alunos quanto a temas muitas vezes considerados tabus e dar voz a suas dúvidas e questionamentos.

Palavras-chave: Promoção da saúde. Saúde escolar. Adolescente. Álcool e drogas

Victor Gabriel souza Faria*
Bianca de Freitas Moraes
Camila souza de Almeida
Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)
E-mail: victorgsf97@gmail.com*

Abstract

The University extension brings the University closer to the community, contributing to the development of the students involved and the community. The purpose of this article is to describe and discuss the extensionist experience of psychology students at the State University of Minas Gerais in a health promotion project focusing on the use of alcohol and other drugs, with students from the 9th grade, with age ranging from 12 to 15 years of age. It is characterized as a qualitative study in the modality of experience reporting, in which operating groups were performed in a public school in a city in the interior of Minas Gerais. The meetings took place over four months, from August to November 2017, with biweekly meetings. The themes and techniques used were diversified, focused on capturing the interest and attention of adolescents. The themes were chosen by the adolescents themselves at the end of each meeting. Subjects such as violence, prejudice, respect and the use of alcohol and other drugs were addressed. The techniques used were from talk wheels to the use of theatrical techniques. The project achieved its purpose of arousing the interest of the students in the subjects often considered taboos and to give voice to their doubts and questions.

Key words: Health promotion. School health. Teenager. Alcohol and drugs

INTRODUÇÃO

A extensão Universitária é a relação que se estabelece entre os acadêmicos de um curso e a comunidade em que estão inseridos, sendo um dos pilares da Universidade, pois consegue desenvolver o senso crítico dos alunos envolvidos, capacitando-os para a realidade pós-universidade e devolve para a comunidade os conhecimentos que muitas vezes ficam restritos à comunidade acadêmica (DUARTE, 2014).

Uma das atividades de extensão desafiadoras e necessárias são aquelas realizadas com adolescentes, pois esses se encontram em um estágio de desenvolvimento não apenas físico, mas cognitivo e comportamental intenso, marcado pelas experimentações e comportamentos de riscos. É durante esta fase o jovem, muitas vezes, acaba se encontrando em situações e cenários onde está sujeito à violência e ao uso das drogas (FARIA FILHO, 2015). Diante disto surge a necessidade da realização de atividades que possam esclarecer dúvidas e promover hábitos saudáveis, sempre dando voz e espaço a esses jovens.

Sabe-se que um dos grandes desafios existentes é trabalhar o tema do uso de álcool e outras drogas, tanto por ser um tabu quanto pela dificuldade na abordagem do tema sem a conotação de moralismo ou punição. Mas o assunto deve ser abordado, pois o uso de drogas na adolescência está relacionado ao aumento da violência, das doenças mentais, da gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis (MALTA et al, 2014). O consumo destas drogas está muitas vezes relacionado a experiências aversivas durante a infância (GONÇALVES et al, 2016), e com condições relacionadas ao nível socioeconômico, à rede social e à escola (MALTA et al, 2014; LOCATELLI et al, 2014).

Dados apontam que as taxas de uso de álcool e outras drogas são significativas na adolescência e com crescimento acentuado no uso de álcool por adolescentes do sexo feminino. Um estudo realizado pelo IBGE (2016) mostra que no último mês 23,8% dos adolescentes brasileiros fizeram uso de bebidas alcoólicas, sendo a prevalência nos meninos de 22,5% e nas meninas de 25,1%. A pesquisa ainda mostrou que 55,5% dos escolares do 9º ano do ensino fundamental já haviam experimentado álcool na vida. Sobre o uso de outras drogas tem-se que 4,1% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental fizeram uso nos 30 dias anteriores à data da pesquisa (IBGE, 2016).

Ao se pensar no crescimento do uso de álcool e outras drogas por adolescentes, a escola deve ser uma das prioridades para o investimento em projetos, já que o adolescente passa a maior parte do seu dia envolvido com as atividades do local. Estudos apontam que estudar em período noturno aumentaria em até 3,8 vezes as chances de experimentação de drogas, faltar frequentemente às aulas, queda do rendimento escolar e a evasão também seriam fatores de risco ou predisponentes ao uso de drogas (MALTA et al, 2014; CARDOSO; MALBERGIER, 2014).

Já o bom rendimento escolar, ter a supervisão dos pais / responsáveis acerca das tarefas escolares e faltar pouco às aulas são considerados fatores protetores (CARDOSO; MALBERGIER, 2014). Por isso a importância de se abordar a temática na

escola. O grande desafio para educadores, no entanto, é o como abordar. Quais os limites? E como realmente traçar um diálogo com esses adolescentes?.

Projetos relacionados à temática do uso de álcool e outras drogas com adolescentes, podem não alcançar seus objetivos de prevenção do uso quando são realizados de forma ampla, tentando abranger vários temas ao mesmo tempo ou apenas com repasse de informações sobre o que seriam as drogas (STRØM et al, 2015). Já projetos com enfoques menos amplos, que trazem temáticas mais pontuais, como a discussão de temas relacionados à promoção de hábitos de vida saudável, podem ser mais efetivos do que apenas o repasse de informações gerais sobre os malefícios do uso de álcool e outras droga (BARROSO; MENDES; BARBOSA, 2013).

Porém, há diversas dificuldades que podem ser encontradas ao se trabalhar com a promoção da saúde sobre drogas no ambiente escolar. Algumas dessas dificuldades são as representações sociais que associam o consumo à violência, a responsabilização e culpabilização da família, a falta de conhecimento acerca dos aspectos da relação humano-substância, a fragilidade da rede de apoio, dentre outros (FARIA FILHO, 2015).

Um dos recursos que pode auxiliar na discussão do assunto em sala de aula e vencer os obstáculos das representações sociais que cada indivíduo carrega, incluindo os professores, é o grupo operativo, recurso que promove aprendizagem através de uma visão crítica da realidade. Os grupos operativos se encontram de acordo com os conceitos de promoção da saúde que enfocam no empoderamento e autonomia dos indivíduos (VINCHA; SANTOS; CERVATO-MANCUSO, 2017).

Nesse sentido, a relevância do estudo recai na possibilidade de disseminar a experiência de trabalho com grupos operativos com adolescentes de escolas públicas, contribuindo para o avanço na melhoria da qualidade de vida deste grupo populacional.

Nessa perspectiva, este estudo foi realizado com o objetivo de descrever ações realizadas em uma escola pública com alunos do 9º ano do ensino fundamental sobre o tema promoção da saúde e uso de álcool e outras drogas. O Projeto é oriundo do Programa Institucional de Apoio à Extensão (PAEx) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa na modalidade de relato de experiência, vivenciado por dois discentes do curso de psicologia. Ambos cursavam o quarto período e tinham experiência prévia na realização de grupos operativos. Um dos alunos participantes era bolsista PAEx.

O projeto de extensão ocorreu em uma escola pública estadual de uma cidade do centro-oeste mineiro, com alunos do 9º ano do ensino fundamental. Os encontros ocorreram quinzenalmente no período de agosto a novembro de 2017, perfazendo o total de dez encontros com tempo médio de 50 minutos cada.

A turma em que foi realizado o projeto contava com 28 alunos e por se tratar

de uma turma do 9º ano do ensino fundamental a faixa etária variou de 13 a 15 anos de idade. Todos os estudantes participaram dos encontros, e aqueles que não desejassem no dia realizar a atividade permaneciam em sala de aula como espectador.

A escola em questão se localiza em um bairro periférico da cidade. A escolha do local ocorreu porque a pesquisadora responsável já havia realizado pesquisa anterior sobre o uso de álcool e outras drogas com os alunos e o índice foi considerado significativo, além de ter sido uma demanda da própria escola. Assim, com o intuito de estreitar o vínculo e aumentar o conhecimento dos alunos sobre a temática foram realizados os grupos operativos.

Os encontros ocorreram em horário de aula, sendo que quinzenalmente era escolhido um dia da semana diferente para não trazer prejuízo de conteúdo aos alunos. O tema inicial abordado foi “O que é ser adolescente?”. Havia uma agenda planejada e aprovada pela coordenação da escola, mas ao se realizar o primeiro grupo operativo observou-se que era necessário trabalhar com base nas inquietudes dos adolescentes, pois com a discussão sobre “O que é ser adolescente?” questões referentes a preconceito, autoestima e convívio na escola apareceram como fortes questões, indo além do planejado pelos pesquisadores. Pensou-se também que ao se deixar a agenda de encontros abertas a sugestões, a atenção dos jovens seria mais facilmente captada, pois seriam temas surgidos de suas inquietações, vivências e dúvidas.

Todos os grupos operativos iniciavam com atividades de respiração e concentração, seguidas por uma dinâmica e logo após era abordado o tema do dia. Foram utilizadas várias técnicas para a sua realização, desde rodas de conversa, discussão em pequenos grupos, técnicas teatrais e desenhos.

O projeto foi aprovado pelo PAEX, edital 01/2017, número de cadastro 4431/2017, Universidade do Estado de Minas Gerais.

RESULTADOS

Inicialmente o projeto visava à realização de grupos operativos voltados para a temática do uso de álcool e outras drogas, mas após o primeiro grupo notou-se ser necessário um processo de aproximação com a temática relacionada ao uso de álcool e outras drogas, sendo abordados temas mais relacionados aos conflitos inerentes ao adolescente, como estudos, perspectivas futuras e autoestima nos primeiros encontros, para depois introduzir o tema do uso de drogas.

Em discussões realizadas com a equipe pedagógica da escola e nas observações notou-se a necessidade de abordar temas como a realidade dos adolescentes, incluindo o que significava a escola para esses, assim como questões relacionadas a bullying, respeito e perspectivas para o futuro, para só depois abordar o tema do uso de drogas.

Foram ao todo dez encontros. Inicialmente trabalhou-se os temas relacionados à relação aluno- aluno, logo depois aluno-escola, aluno-sociedade e o indivíduo como adolescente e suas percepções. Apenas nos três últimos encontros foram

A pesquisa citada está em fase de conclusão e é parte do doutorado da pesquisadora coordenadora, a pesquisa foi realizada com escolares do 9º ano do ensino fundamental de escola públicas e privadas e traz como dado preliminar a experimentação por 50,3% da amostra, o uso de drogas ilícitas na vida foi de 7,7% na amostra. Na escola em questão a experimentação de álcool foi significativa, assim tiveram alunos que relataram o uso de drogas ilícitas.

abordados os temas relacionados ao uso de álcool e outras drogas, pois se considera que o tema não deve ser trabalhado de forma aleatória, mas sim, entrelaçado a um contexto mais amplo.

Mudanças de comportamento ou a sua possibilidade foram pontos centrais do projeto, uma vez que é necessário que fique clara a possibilidade de reelaboração do lugar do adolescente na escola, na família e consigo próprio (BARROSO; MENDES; BARBOSA, 2013).

O formato dos grupos operativos e os instrumentos utilizados foram múltiplos e se deu de acordo com a demanda de cada tema e da percepção das necessidades dos adolescentes. Foram utilizadas colagens, confecção de cartazes, rodas de discussão e até mesmo expressão corporal e técnicas teatrais.

O primeiro encontro trabalhou “O que é ser adolescente?”, no qual se utilizou colagens e fabricação de cartazes para discutir o tema. A sala foi dividida em grupos e esses apresentaram a produção ao final. O “Ser adolescente” foi relacionado a estudar, ir a festas, estar com os amigos e comprar itens da moda, mas também foram relatados o risco do uso de drogas, a gravidez na adolescência e escolhas como qual o curso a fazer na universidade.

O segundo encontro trabalhou a relação escola – aluno. Nesse foi proposto um trabalho grupal em que os adolescentes deveriam realizar um único cartaz sobre a realidade na escola e suas perspectivas. O grupo demonstrou dificuldades em se trabalhar como um único grupo, e o resultado final mostrou a escola como local de aprendizado, mas com muitas regras; relataram certo desânimo com as aulas e tarefas, além da pressão dos pais para continuarem a estudar.

Os próximos dois encontros trabalharam a autoestima e a relação entre alunos. Nesses encontros foram utilizadas técnicas teatrais, principalmente a de se colocar no papel do outro (inversão de papéis). Percebeu-se grande facilidade e diversão com as técnicas, com as quais foi possível trabalhar temas considerados difíceis como preconceito, bullying e depressão.

No quinto e sexto encontros, para os temas de autoimagem e relação com a sociedade e a família, foram utilizadas técnicas de respiração e o uso da arte. Esses recursos se mostraram menos efetivos que os do teatro ou colagens. Por serem muito lúdicos e requerer introspecção e grande concentração, as discussões se mostraram mais empobrecidas.

Os três próximos encontros foram reservados para a temática do uso de álcool e outras drogas e foram realizadas rodas de conversa. Em dois encontros foram convidados alunos da UEMG que tinham conhecimento e facilidade com o tema, o que se mostrou de muita valia, pois os adolescentes se mostraram mais à vontade e de certa forma privilegiados pelas visitas.

Uma forma de abordar e saber as dúvidas quanto ao uso de álcool e outras drogas foi com o uso da tecnologia. Foi disponibilizado um site em que o aluno poderia postar suas dúvidas ou relatos de forma anônima para a equipe do projeto. As dúvidas eram respondidas e ajudaram a construir os grupos sobre o tema.

No último encontro os alunos puderam escrever no quadro ou em papéis palavras que remetiam ao que aprenderam ou sentiram durante os encontros. As palavras “companheirismo”; “descontração”; “aprender”; “bate papo”; “diferente” apareceram com frequência.

Os alunos relataram que a experiência de aprendizado e troca de experiência em forma de roda de conversa ou com uso da arte foi efetiva, pois estariam “cansados” de aulas formais e palestras em que apenas ouviam e pouco eram escutados.

O projeto pretendeu e conseguiu atingir o objetivo de dar voz a esses adolescentes e entender mais suas vivências e realidades. Os resultados foram repassados e discutidos com a equipe pedagógica da escola.

Um dos limitadores do projeto foi o tempo, uma vez que em muitas ocasiões os encontros atrasavam devido a provas e outras atividades e em algumas ocasiões houve a presença de professores, o que pode ter inibido alguns alunos. Ao mesmo tempo a presença dos professores foi importante, apesar de causar constrangimento a alguns alunos, pois os mesmo relataram que levariam para a sala de aula muitas das técnicas e dinâmicas que observaram. Seria importante a realização de oficinas com esses profissionais para capacitá-los para a realização de grupos operativos no ambiente escolar.

DISCUSSÃO

O primeiro ponto a ser observado é quanto a formação de um laço com os participantes. Foi importante, pois as interações sociais e o se sentir parte de um grupo são fatores fundamentais quando se realiza intervenções com adolescentes. Para a efetividade das ações, os alunos precisavam se perceber como grupo social e aceitar os pesquisadores como parte dele, para que só assim uma troca de conhecimento e mudanças ocorressem (BECKER, 2017).

Como já relatado, o projeto inicial iria abordar apenas o uso de álcool e outras drogas, mas entendeu-se que o consumo de drogas por adolescentes não é fator isolado ou simples escolha pessoal, ela envolve fatores sociais e familiares, por isso a importância de se entender o contexto do adolescente e de fazê-lo compreender qual o seu papel nesse contexto (GONÇALVES et al, 2016).

Dentre as técnicas utilizadas, destaca-se o teatro como forma de se trabalhar os temas drogas e bullying, pois através das representações lúdicas o adolescente se sente à vontade para ser outro indivíduo e se expressar livremente sobre temas considerados proibidos (LOPES, 2014).

Quanto a temas relacionados à escola e perspectivas de futuro, a equipe utilizou-se de imagens, colagens e rodas de conversa para apreender qual a visão desse adolescente. Dinâmicas que incentivavam o trabalho em grupo também foram propostas, pois uma das grandes dificuldades percebidas durante o projeto foi o trabalho em grupo. Os adolescentes apresentaram grande dificuldade em aceitar o trabalho de outros que não fossem de seu ciclo de amizade, fato esperado nessa faixa etária (GONÇALVES et al, 2013).

A escola não foi percebida pelos adolescentes como local de promoção de saúde e aprendizagem, mas apenas como um local ao qual precisam ir por exigência da família e sociedade. Outros estudos também trazem essa realidade em que a escola está perdendo seu local como referência para os jovens, o que pode acarretar em aumento das faltas e abandono escolar, que são considerados fatores de risco para o uso de álcool e outras drogas (GARCÍA et al, 2008; MACHADO et al, 2015).

Outra dinâmica realizada que merece destaque foi a das “máscaras”. Com essa dinâmica pretendia-se trabalhar aquilo que o adolescente apresenta para a sociedade como sendo seu “eu” e como isso pode diferenciar do que ele considera como o seu “eu verdadeiro”. Para essa dinâmica foram levadas para a sala máscaras impressas no formato de rostos e em preto e branco. Os alunos foram orientados a enfeitar a máscara de um lado como sendo o modo como a sociedade os vê, e do outro lado o modo como eles acreditam realmente ser.

Os adolescentes apresentaram muitas dúvidas e percebeu-se grande dificuldade em se expressarem através da arte. Pode-se considerar que o questionamento feito pelos coordenadores foi algo novo para muitos dos participantes. Mesmo aqueles que compreenderam a tarefa não conseguiram elaborar com clareza as faces da máscara.

Trabalhar o lúdico e fazer pensar é de extrema importância na sala de aula. Estudos demonstram que quando se trabalha educação em saúde de forma lúdica e abrangente o adolescente consegue associar melhor os temas apresentados e transformar em ação transformadora para seu dia-a-dia (LOPES, 2014). A grande dificuldade em se levar o lúdico para a sala de aula é a necessidade de mudanças que os educadores devem realizar em um sistema tradicional como o da educação, que acaba por engessar o professor ao conteúdo ministrado.

Quanto ao assunto do uso de álcool e outras drogas muitos adolescentes conheciam de maneira superficial os riscos do uso e tinham opinião clara do modo como a sociedade trata o uso de substâncias lícitas e ilícitas. Alguns afirmavam não ver o álcool como uma droga, pois seus efeitos, segundo os adolescentes, seriam mais tênues do que os de outras drogas. Visão corroborada em outros estudos que mostram que o álcool é aceito socialmente e, por conseguinte, tem o seu uso aumentado na adolescência, o que pode acarretar danos a curto e longo prazo (ANDRADE et al, 2017; COSTA et al, 2017).

As rodas de conversa sobre o tema propiciaram o esclarecimento de dúvidas sobre o funcionamento biológico das substâncias, as motivações para o uso, a proibição, e a possibilidade de interromper o uso, além da percepção de mudança de visão sobre o tema, principalmente sobre o uso do álcool.

CONCLUSÃO

Os grupos operativos se mostraram eficazes para abordar temas relacionados ao dia-a-dia do adolescente. Para se alcançar melhores resultados é necessário que projetos como esse sejam executados em longo prazo e que façam parte da rotina das escolas, com professores capacitados para a sua condução.

Uma das questões levantadas pelos adolescentes foi a falta de espaço na escola para que eles se expressassem. O modelo tradicional de sala de aula também foi questionado como não favorecendo o aprendizado.

Assim, aulas mais dinâmicas, discussões em forma de roda ou com formatos mais lúdicos propiciam o aprendizado e principalmente a discussão de temas considerados tabus como droga e preconceito.

É necessário que a escola se reformule e dê espaço para seus alunos falarem, criando um ambiente prazeroso e de trocas de conhecimento.

REFERENCIAS

- [1] **Andrade, M. E.**, et al. Experimentação de substâncias psicoativas por estudantes de escolas públicas. Rev. Saúde Pública, vol. 51, 82, 2017. Disponível em: < <https://www.scielo.org/article/csc/2007.v12n5/1143-1154/pt/#ModalArticles> >
- [2] **Barro A.; Mendes, A. M. O. C.; Barbosa, A. J. F.** Programa de prevenção do uso/abuso de álcool para adolescentes em contexto escolar: parar para pensar. Esc. Anna Nery Rev. Enferm. vol. 17, n. 3, p. 466-73, 2013. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452013000300466&script=sci_abstract&lng=pt>
- [3] **Becker, K. L.** O efeito da interação social entre os jovens nas decisões de consumo de álcool, cigarros e outras drogas ilícitas. Estud Econ. Vol. 47, n. 1, p. 65-92, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612017000100065&lng=en&nrm=iso>
- [4] **Cardoso, L. C.;** MALBERGIER, A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. Psicol. esc. educ. vol. 18, n.1, p.27-34, 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000100003>
- [5] **Costa, A. C. Q.** et al. Álcool e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Brasil. Adolesc. Saude (online). vol. 14, n. 3, p.24-29, 2017. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=668>
- [6] **Duarte, J. S.** As contribuições da extensão universitária para o processo de aprendizagem, a prática da cidadania e o exercício profissional. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2014.
- [7] **Faria Filho, E.** A et al. Concepções sobre drogas por adolescentes escolares. Rev. Bras. Enferm. Vol. 68, n. 3. p. 517-523, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000300517&lng=en&nrm=iso>.
- [8] **García, J. M. C.; Ferriani, M. G. C.** A escola como "fator de proteção" para drogas: uma visão dos adolescentes e professores. Rev. Latinoam. enferm. Vol. 16, spe, p. 590- 594,2008. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000700014&lng=en&nrm=iso >
- [9] **Gonçalves, H.** et al. Adverse childhood experiences and consumption of alcohol, tobacco and illicit drugs among adolescents of a Brazilian birth cohort. Cad. Saúde Pública (online). Vol. 32, n. 10, p. 00085815, 2016. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016001005009&lng=en&nrm=iso>.
- [10] **IBGE**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PENSE 2015. Rio de Janeiro: IBGE; 2016.
- [11] **Locatelli, D** et al. Socioeconomic influences on alcohol use patterns among private school students in São Paulo. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol. 34, n. 2, p. 193-200, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.

php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462012000200012&lng=en&nrm=iso>

[12] Lopes, G. T. Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica. *Esc. Anna Nery. Rev. Enferm.* Vol. 18, n. 2, p. 202-208, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000200202&lng=en&nrm=iso>

[13] Machado, M. D. et al. Programa saúde na escola: estratégia promotora de saúde na atenção básica no Brasil. *J. Hum. Growth Dev.* Vol. 25, n. 3, p. 307-312, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000300009&lng=pt&nrm=iso>

[14] Malta, D. C. et al. Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). *Rev. Bras. Epidemiol. suppl PeNSE.* Vol. 17, supl. 1, p.46-61, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2014000500046&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>

[15] Moreira, A.; Lemos, V. C. M. D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. *Educ Pesqui.*, Vol. 41, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000100119&lng=en&nrm=iso>

[16] Strøm, H. K. et al Preventing alcohol use with a universal school-based intervention: results from an effectiveness study. *BMC public health (online).* Vol. 15, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12889-015-1704-7>>

[17] Vincha, K. R.; Santos, A. D.; Cervato-Mancuso, A. M. Planejamento de grupos operativos no cuidado de usuários de serviços de saúde: integrando experiências. *Saúde debate.* Vol. 41, m. 114p. 949-962, 2017. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2017.v41n114/949-962>>





Multimídia: A Agência de Notícias na Promoção de Experiências Jornalísticas

Multimedia:

The News Agency In Promoting Journalistic Experiences

Resumo

A Agência de Notícias Multimídia do curso de Jornalismo da UEMG - unidade Divinópolis surge como proposta e meio para que as experiências conceituais e práticas aconteçam. Em 2016, iniciou suas atividades por meio do projeto de extensão voluntário "Multimídia: a agência de notícias na promoção de experiências jornalísticas", reconhecido pelo Programa Interno de Incentivo à Pesquisa e Extensão (Proinpe) da unidade de Divinópolis. Na interface entre teoria e prática, a Agência de Notícias se configura como um espaço de extensão e pesquisa, experimentação e vivência, pois promove a produção de conteúdo jornalístico integrando universidade e comunidade externa.

Palavras-chave: Convergência de Mídias; Narrativa; Prática Jornalística.

Daniela Martins Barbosa Couto*
Luana Natacha de Oliveira
Júlia de Souza Resende e Paulo Sérgio
Lopes

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)
E-mail: daniela.couto@uemg.br*

Abstract

The Multimedia News Agency by to Journalism course of the UEMG - Divinópolis unit and it comes as a proposal and a means for conceptual and practical experiences to take place. In 2016, it began its activities through the voluntary project "Multimedia: the news agency in the promotion of journalistic experiences", recognized by the Internal Program for Incentive to Research and Extension (Proinpe) of the unit of Divinópolis. In the interface between the theory and the practice, the News Agency is configured as a space of extension and search, experimentation and experience, because to product journalist content integrating university and external community..

Keywords: Media Convergence; Narrative; Journalistic Practice.

INTRODUÇÃO

Desenvolver habilidades relacionadas à profissão de jornalista é uma ação prevista no eixo de Prática Laboratorial do Projeto Pedagógico do curso de bacharelado em Jornalismo – 2015, ação essa que ganhou forma com o projeto de extensão “Multimídia: a agência de notícias na promoção de experiências jornalísticas” que iniciou suas ações de forma voluntária em 2016, por meio do Programa Interno de Incentivo à Pesquisa e Extensão (Proinpe) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – unidade Divinópolis. Posteriormente, ele originou outros dois projetos: um de extensão denominado “Se essa rua, se essa rua fosse minha...: narrativas e experimentações, práticas jornalísticas e Multimídia” que foi aprovado no Edital 01/2016 do Programa de Apoio à Extensão (PAEx/UEMG) e concedeu bolsa de estudo a dois estudantes de graduação, e outro de pesquisa, intitulado “Multimídia: pesquisa e prática jornalística na convergência de mídias”, que proporcionou bolsa de estudo para mais um estudante por meio do Edital 02/2016 do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq/UEMG). Os três projetos se integraram e se complementaram e, nessa interação, promoveram a junção entre reflexão teórica, vivência jornalística e experimentação.

As atividades extensionistas realizadas em 2016 permitiram a implementação da agência de notícias do curso de Jornalismo que foi denominada “Multimídia” devido à integração dos meios pelos quais a produção de conteúdo foi realizada. As ações desenvolvidas envolveram a elaboração do site www.multimidiauemg.wixsite.com/multimidia que hospedou tanto as coberturas jornalísticas elaboradas durante os projetos, quanto jornais, revistas e programas de rádio desenvolvidos em sala de aula por diversas disciplinas do curso (Fig. 1).



FIGURA 1 – Página do site com publicações realizadas em disciplinas ministradas no curso.

Fonte: elaboração dos autores.

O site também apresenta o link para a fanpage da agência e o programa piloto “Entre Vistas” nos formatos radiofônico e audiovisual que, por sua vez, direciona o internauta para o canal da agência no YouTube (Fig. 2).

FIGURA 2 – Programa Entre Vistas: formatos audiovisual e radiofônico.

Fonte: elaboração dos autores.



Nessas plataformas, os estudantes puderam vivenciar a prática jornalística e refletir sobre as potencialidades que cada meio tem na construção da informação. A experimentação da atividade jornalística em suportes que, embora diversos, se complementam, contribuiu, assim, para o desenvolvimento não só de habilidades de produção, apuração, redação e edição jornalística, mas também de posturas mais criativas e críticas diante dos fatos e dos diversos formatos que eles podem adquirir conforme o meio para o qual são produzidos.

Além do ambiente de aprendizagem, experimentação e prática, a agência de notícias propiciou aos estudantes do curso de Jornalismo da UEMG um espaço para a realização de atividades complementares. Essas ações se referem ao objetivo geral dos projetos que, por meio das atividades na “Multimídia”, integraram ensino, pesquisa e extensão ao mesmo tempo em que promoveram a produção de conteúdo jornalístico pautados em ações da universidade, tais como as semanas de Artes ou de Comunicação Social, e, também, em fatos relacionados à comunidade externa, tais como questões de saúde pública e eventos culturais, como a Festa Literária de Divinópolis, Circuito Cultural, promovendo, assim, a divulgação de informações para diversos públicos. O trabalho foi relevante para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à profissão, pois promoveu a vivência de práticas jornalísticas em múltiplas plataformas e a produção de conteúdo local e regional. As ações conduziram também à reflexão e à análise sobre a teoria e a prática jornalística em ambiente multimídia, considerando a cultura da convergência tanto para aprimorar a construção e a difusão da informação quanto para lapidar habilidades relacionadas ao mercado de trabalho.

Tal proposta considerou as discussões de Fonseca e Kuhn apud Renault [1] segundo os quais as demandas de mercado buscam um profissional que deve “dominar a técnica de modo a produzir conteúdos para televisão, rádio, jornal e internet” e, além da técnica, a percepção crítica sobre as escolhas textuais, semânticas, sonoras e imagéticas feitas para a construção da notícia nos diversos meios. Assim, por meio da agência Multimídia, pôde-se vivenciar essa cultura da convergência que implica tanto a apropriação das tecnologias de informação e comunicação nas atividades do dia a dia, quanto o desenvolvimento de maneiras dinâmicas de interagir,

apurar e produzir conteúdo utilizando para isso, inclusive, dispositivos móveis. Durante as ações de extensão e pesquisa, a produção de conhecimento considerou ainda a linguagem enquanto limiar que, segundo perspectiva de Walter Benjamin discutida por Marie Jeanne Gagnebin [2], refere-se, ao mesmo tempo, ao ponto em que fronteira e passagem se encontram, ou seja, à diferença e à mesclagem entre dois (ou mais) universos ou espaços que, no caso, são as mídias e as linguagens utilizadas para tecer as narrativas jornalísticas em cada suporte, observando a interação de um com o outro.

MÉTODOS

No ambiente de pesquisa e prática proporcionado pela “Multimídia” – nome dado à Agência de Notícias devido à integração de mídias proposta no projeto que a originou –, pode-se tanto produzir conteúdo jornalístico multimídia quanto refletir e discutir cada uma das ações realizadas, considerando a convergência dos produtos elaborados – site, rede social e programas de rádio e TV – bem como os respectivos conteúdos a fim de diversificar as fontes e perspectivas de análise em cada cobertura. A elaboração da logomarca da agência (Fig. 3) e dos produtos nela desenvolvidos (Fig.4) foi feita de forma colaborativa e abrangeu desde o projeto editorial e visual, que considerou as reflexões de Ribeiro [3] sobre uso da tipologia e Hurlburt [4] a respeito da composição visual e design da página, até a produção, edição e veiculação das produções na internet.



FIGURA 3 – Logomarca da Agência

Fonte: elaboração dos autores.

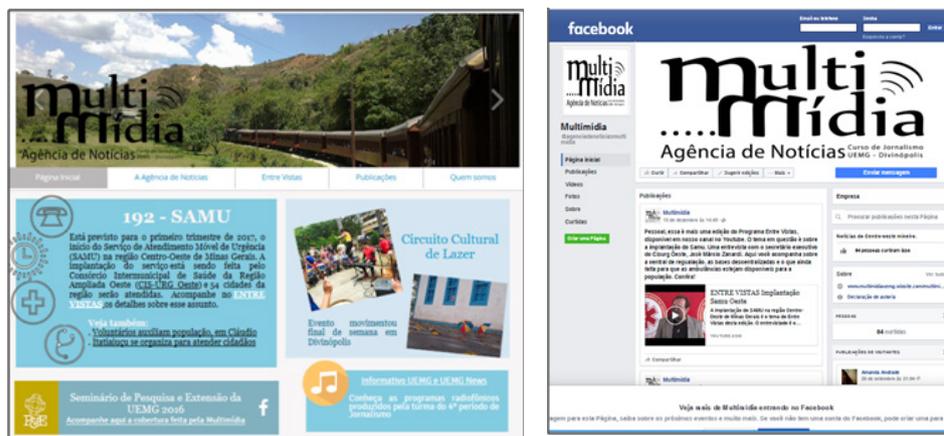


FIGURA 4 – Site (acima) e fanpage (ao lado)

Fonte: elaboração dos autores.

Ao perceber como a teoria e a prática jornalística se encontram em ambientes multimídias, pode-se observar as potencialidades da convergência para um fazer

jornalístico crítico e cidadão e vivenciar os conceitos de hipertexto, multimídia e arquitetura noticiosa que integram o webjornalismo. As pautas foram desenvolvidas em meios diferentes que, no entanto, se integraram e proporcionaram a complementação da informação. Um exemplo foi a cobertura jornalística da Festa Literária de Divinópolis (FLID), que aconteceu em agosto de 2016 no Teatro Municipal Usina Gravatá. A Agência de Notícias fez uma parceria com o site “Horizonte Paralelo”, da cidade de Itaúna, Minas Gerais, e enviou para ele textos, fotos e vídeos da cobertura do evento. Em tempo real, os conteúdos eram produzidos com os recursos do celular e enviados pelo aplicativo WhatsApp para publicação no site e na rede social do “Horizonte Paralelo” e, também, na rede social da “Multimídia”.

A linguagem utilizada para esses casos prezou pela concisão, clareza e objetividade e a técnica mais utilizada foi a da pirâmide invertida que, considerando uma determinada hierarquia, organiza a informação do fato mais importante para o menos importante, trazendo as informações básicas logo no primeiro parágrafo do texto. O conteúdo publicado nas redes sociais foi, basicamente, factual. Os textos narravam ou descreviam os eventos no momento em que aconteciam, eram mais curtos e diretos, respondiam às perguntas básicas do lead e anunciavam o fato em si. Junto aos textos, eram encaminhadas fotografias e gravações em áudio e vídeo, de 30 segundos em média, que buscaram ilustrar a matéria ou complementar alguma informação do texto.

Dessa forma, o conteúdo se complementava e se adequava ao meio em que estava sendo veiculado e essa vivência da cobertura jornalística em tempo real de um evento de grande porte permitiu não apenas o desenvolvimento da habilidade de discernimento do que pode ser notícia ou não, como também o aprimoramento das competências relacionadas à produção e à edição jornalística. Conceitos como noticiabilidade e valor-notícia, vistos em Erbolato [5], e rotinas produtivas, redação da notícia e cuidados de edição, estudados em Pereira Júnior [6], foram vivenciados e, com isso, a aprendizagem tornou-se mais efetiva. Além disso, pode-se perceber a dinâmica de uma cobertura factual ao vivo e de que maneira a convergência de mídia contribui para a produção e difusão da informação.

Posteriormente, para o site da agência de notícias “Multimídia”, a produção do conteúdo referente à FLID foi feita considerando a contextualização e o aprofundamento dos fatos apurados durante o evento. O material de áudio e vídeo produzido nos celulares foi analisado e de acordo com o conteúdo e a qualidade técnica, foram definidos para quais meios cada um deles iria, considerando a forma como poderiam se complementar. A reportagem documental prevaleceu nesse momento, tanto na web quanto no programa “Entre Vistas” – formato radiofônico, e a linguagem utilizada, ainda que mantivesse a concisão e a clareza, ganhou traços de literariedade e tornou-se mais interpretativa.

Nessa situação, a produção do conteúdo jornalístico envolveu mais tempo de apuração e pesquisa, e o resultado foram reportagens mais contextualizadas, interpretativas e completas. No site da “Multimídia”, o hipertexto se construiu na jun-

ção entre texto, imagens, áudios, vídeos e links internos e externos. Canavilhas [7] observa que “a palavra hipertexto foi utilizada pela primeira vez nos anos 60 por Theodor Nelson, que definiu o conceito como uma escrita não sequencial, um texto com várias opções de leitura que permite ao leitor efetuar uma escolha”. O autor também cita Salaverría e lembra uma definição segundo a qual um hipertexto é o resultado da hipertextualidade, entendida como a ligação entre si de textos digitais. Ele observa ainda que tal definição “aproxima-se do conceito de textualidade proposto por Roland Barthes quando diz que no texto ideal abundam as redes que atuam entre si sem que nenhuma se imponha às restantes”[8].

Por meio do hipertexto e em redes também foram elaboradas a arquitetura e a composição visual referente à cobertura da FLID (Fig. 5). A chamada na página principal do site foi feita em forma de galeria de imagens estáticas e cada nó – ou bloco informativo conforme discussão de Canavilhas[9] – contém uma imagem e um título que, individualmente, é significativo e, em conjunto com os demais elementos do espaço visual referente à cobertura da Festa Literária, se complementam, resumindo imagetivamente os assuntos tratados. Cada nó contém também um link que direciona o internauta para a matéria correspondente, ou seja, ao clicar sobre o texto que acompanha a fotografia, abre-se uma janela cujo link direciona o leitor para outra página, na qual consta a reportagem integral.



FIGURA 5 – Cobertura da FLID 2016: nós informativos compuseram a “colmeia”.

Fonte: elaboração dos autores.

Diferente da cobertura factual, postada em tempo real na rede social e composta por chamadas curtas junto a imagens ou vídeo (Fig. 6), a cobertura para o site optou, ora por construções denotativas nos títulos com o uso de verbos na voz ativa (Fig. 7), ora por construções que envolveram a função conotativa da linguagem, de maneira a sugerir ideias e percepções sobre o fato em pauta (Fig. 8).

A construção textual e a composição visual objetivaram proporcionar leveza para o tema e, ao mesmo tempo, despertar a atenção do internauta para a matéria



FIGURA 6 – Cobertura postada na rede social

Fonte: elaboração dos autores.

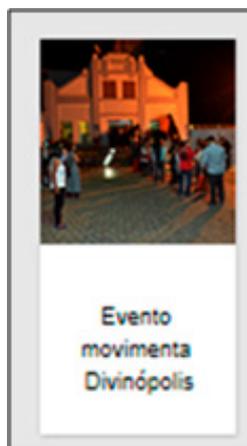


FIGURA 7 – Cobertura para o site: uso da denotação.

Fonte: elaboração dos autores



FIGURA 8 – Cobertura para o site: uso da conotação.

Fonte: elaboração dos autores.

e facilitar a navegação pelo site. Assim, ao clicar no título de cada fotografia, o internauta era direcionado para a matéria correspondente e dentro da página de cada reportagem, encontrava, ao final dela e em tamanho reduzido, a galeria de imagens com os links para as demais matérias da cobertura especial.

Na web, segundo Canavilhas[10], as notícias devem obedecer a arquiteturas abertas e interativas que atendem tanto ao leitor que procura uma informação determinada e, por isso, está disposto a explorar caminhos pessoais de leitura, quanto ao leitor que navega pela notícia e precisa ser guiado pela estrutura. Tal pressuposto foi observado na construção da cobertura da FLID – 2016: as informações foram separadas em blocos informativos, ligados uns aos outros por meio de hiperligações, o que ofereceu uma grande possibilidade de caminhos de leitura, o que configura uma estrutura multilinear. No site da Agência de Notícias Multimídia Central

Os blocos de texto e as hiperligações passam a ter um papel fundamental na definição da arquitetura da notícia. A história é composta por vários blocos de informação ligados por hiperligações, podendo a estrutura noticiosa assumir diversas formas em função das características da própria notícia. Nas estruturas unilineares existe uma ligação única entre os sucessivos blocos informativos, não tendo o leitor outra opção que não seja seguir a hiperligação existente. Por seu lado, as estruturas multilineares admitem mais do que uma ligação entre blocos, subdividindo-se em duas tipologias: nas arbóreas, cada bloco está ligado a vários blocos subsequentes, oferecendo várias opções de leitura; nas paralelas, um blo-

co dá origem a várias estruturas lineares, havendo por isso um primeiro momento de escolha para seguidamente existir apenas um itinerário de leitura. Por fim, as estruturas reticulares são aquelas em que existem múltiplas ligações entre blocos informativos, havendo liberdade total de navegação[11].

A junção de diferentes mídias para a produção da informação e a opção por mais de um tipo de estrutura da notícia na web consideraram as reflexões sobre o conteúdo de cada reportagem e a linguagem utilizada em cada meio, a análise sobre as potencialidades que cada um tinha para a construção das matérias jornalísticas e como eles, juntos, poderiam ampliar o aprofundamento dos temas pautados e facilitar a navegação e a leitura. Para Briggs e Burke apud Moran et.al.[12], a convergência de mídias “pode ser encontrada em distintos dispositivos construídos com base na tecnologia digital” e que o termo – empregado desde a década de 1990 para se referir à integração entre texto, som, imagem e tecnologia digital – hoje, de forma mais ampla, está relacionado à integração entre mídias e telecomunicações. Diante disso, as mídias utilizadas buscariam se complementar na construção da informação, o que é conhecido como crossmedia.

Na crossmedia há um processo de difusão de conteúdo em diversos meios. O material não necessariamente deve ser idêntico, muitas vezes, o que é divulgado em uma mídia completa o que está presente em outra. Assim, pode existir uma diferenciação no texto, com acréscimo de imagens e arquivos em áudio. O objetivo é criar uma interação do público com o conteúdo. Se levarmos a palavra crossmedia ao seu significado reduzido seria a mídia cruzada. Mas, é preciso considerar também as especificidades de cada meio na adaptação do conteúdo, sem perder a sua essência. Talvez o mais importante não seja só a adaptação para os diferentes meios, e sim a forma como estão interligados, como se cruzam. Uma história pode ser interpretada de forma independente em diferentes mídias, de modo a reforçar a compreensão por parte do receptor[13].

Algumas matérias tiveram apenas a inserção de fotografias, outras já contaram com inserção de trechos de áudio ou de conteúdos audiovisuais. Também houve a produção de um programa de rádio para web – o Entre Vistas –, que foi postado no site, na página específica para os programas eletrônicos, e condensou informações que não tinham sido abordadas nas demais reportagens da série sobre a FLID. Ainda que cada matéria e produto tivessem independência e autonomia, eles se interligavam e se complementavam, explorando positivamente o hipertexto e a multimídia da informação sobre a Festa Literária de Divinópolis.

RESULTADOS

Enquanto ambiente de experimentação e vivência de práticas jornalísticas, a “Multimídia” proporcionou aos estudantes a cobertura jornalística de grandes eventos, tanto locais como a Semana de Cultura da UEMG – unidade Divinópolis, quanto regionais, como a Festa Literária de Divinópolis, sendo que, nesse caso, a agência de notícias do curso de Jornalismo divulgou a cobertura ao vivo e, depois, no site, adotando formatos e linguagens diferentes em cada caso, conforme já discutido antes.

O projeto também promoveu a elaboração do site, da fanpage e do canal no YouTube da agência (todos em plataformas gratuitas) e do programa “Entre Vistas”, tanto no formato audiovisual quanto radiofônico. Todos os conteúdos jornalísticos produzidos podem ser acessados pelo endereço www.multimidiauemg.wixsite.com/multimidia. Tais produções foram permeadas por um processo que buscou despertar nos estudantes uma visão mais crítica tanto em relação às mensagens produzidas para cada meio, quanto aos temas e modos de discutir os conteúdos produzidos para, dessa forma, tornar a informação uma narrativa que possa repercutir na memória do público leitor/telespectador.

Com as ações da “Multimídia” foi possível enriquecer o currículo dos estudantes, disponibilizar um espaço para o cumprimento de atividades complementares previstas no Projeto Pedagógico do curso de Jornalismo e produzir conteúdos que contribuíram com diversas questões de interesse público, tais como questões de saúde pública, no caso das coberturas sobre a implantação dos serviços do SAMU ou sobre o mosquito da dengue, e, também, sobre cultura e esporte, como as reportagens sobre artes, literatura, música e capoeira. Devido à interação entre prática e conhecimento, o estudante pode tecer diferenças significativas na sua formação, pois vivenciou o fazer jornalístico desde a pauta até a veiculação de uma maneira colaborativa, experimental e criativa, pois cada um deles participou de todas as etapas de construção da informação, da pauta à veiculação. Com isso, os estudantes puderam construir conhecimentos e vivências que fundamentaram tanto a reflexão sobre o jornalismo e suas possibilidades, quanto práticas que os diferenciam positivamente no mercado de trabalho: houve a produção de reportagens e coberturas especiais para o site e para a fanpage e, ainda, a elaboração de programa radiofônico e audiovisual, considerando a construção dos conteúdos e dos formatos dentro da perspectiva do hipertexto, da multimedialidade e da possibilidade de proporcionar perspectivas diferentes para a informação.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

Os projetos ligados à Multimídia aliaram teoria e prática e o desenvolvimento das atividades envolveu revisão bibliográfica sobre linguagem e redação jornalística, composição visual e webjornalismo e, ainda, estudo de caso, considerando as coberturas jornalísticas realizadas e permeado pelo conceito benjaminiano de limiar,

que traduz esse espaço onde o texto jornalístico se constrói tanto no contorno de perspectivas diferentes sobre o fato, quanto na mesclagem entre meios e linguagens que o tornam narrativa. Junto a isso, há as estruturas e as hiperligações que, ao organizarem a informação na web, também se transformam em elementos de interface e passagem, ou seja, limiares que promovem a delimitação e, ao mesmo tempo, a junção de tempos e espaços diferentes e, com isso, diluem as divisões para tornar a narrativa uma construção de linguagem.

Na prática jornalística, o conceito de limiar é percebido como o processo que conduz à construção da informação em cada meio específico – site, rede social e programa radiofônico/audiovisual – que, no entanto, mescla diversas linguagens para elaborar a informação e torná-la, ao mesmo tempo, autônoma e integrante de um todo coeso. O limiar da linguagem na convergência de mídias é, pois, esse espaço de fronteira e passagem, de encontro e desencontro, capaz, todavia, de promover perspectivas novas sobre o tema pautado.

Além disso, faz-se presente durante as ações práticas realizadas a discussão sobre o narrador, aquele que conta e reconta as histórias. A discussão sobre o fazer jornalístico na convergência de mídias permitiu perceber que o “tecido” informacional construído no limiar das imagens, dos sons e das palavras possibilita a aproximação com o narrador conceituado por Benjamim [14], ou seja, aquele cujas histórias são tecidas com os fios da vivência, da qual vêm as experiências – de si mesmo ou dos outros – e as diversas vozes que compõem as narrativas. Em outras palavras, a história é construída não apenas com a grafia do repórter e as citações dos personagens, mas também pela presença de modos de olhar e recortar as realidades que, por meio de fragmentos de sons, falas, palavras e imagens estáticas ou em movimento, conservam a essência da narrativa, uma vez que contém elementos que se abrem para muitas leituras. Assim, “podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal”[15], hoje, se torna, também, multimídia e, nesse sentido, requer maneiras mais integradas e múltiplas de tecer as histórias.

Diante disso, observa-se que o conceito de limiar aplicado à linguagem possibilitou a reflexão, análise e pesquisa sobre a prática jornalística na Agência de Notícias “Multimídia”. Enquanto espaço de experimentação e, portanto, de abertura para maneiras diversas de fazer jornalismo, pode-se perceber que as estratégias discursivas, frente ao limiar da linguagem na convergência de mídias, se constituem enquanto objetos multideterminados cujas propriedades, segundo reflexões de Véron [16], “resultam do entrecruzamento de uma pluralidade de níveis de determinação diferentes”.

Além disso, as ações desenvolvidas na Multimídia por meio da produção de conteúdo jornalístico, compartilhado via site e rede social, potencializaram a informação na medida em que desenvolveram as reportagens por meio da diversidade de perspectivas e com pautas que abrangeram questões tanto da universidade quanto da comunidade em geral. Com isso, os meios utilizados na Agência de Notí-

cias “Multimídia” – site, rede social e produções radiofônicas/audiovisuais –, embora mantivessem suas características próprias, permitiram, em integração um com o outro, o eco de diversas vozes ao contar as histórias e, também, o compartilhamento de informações dentro e fora da universidade.

REFERÊNCIAS

- [1] **Renault, David.** A convergência tecnológica e o novo jornalista. *Brazilian Journalism Research*, volume 9, número 2, pág. 30-49, 2013. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/575/490>>. Acesso: 21 nov. 2015.
- [2] **Gagnebin, Marie Jeanne.** Entre a vida e a morte. In: OTTE, Georg; SELDMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (orgs). *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 13-26.
- [3] **Ribeiro, Milton.** *Planejamento Visual Gráfico*. Brasília, Linha Gráfica Editora, 1993.
- [4] **Hurlburt, Allen.** *Layout: O Design da Página Impressa*. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1999.
- [5] **Erbolato, Mario L.** *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. São Paulo: Atica, 2003.
- [6] **Pereira Junior, Luiz Costa.** *Guia para a edição jornalística*. São Paulo: Vozes, 2006.
- [7, 8, 9, 10, 11] **Canavilhas, João** (orgs). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã, UBI, Portugal: Labcom, 2014. p.4-5;12.
- [12] **Moran, José Manuel; Silva, Maria Da Graça Moreira Da; Almeida, Maria Elizabeth B. De; E Prado, Maria Elisabette B. Brito.** *Convergência de Mídias na Educação. Mídias na Educação*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- [13] **Finger, Cristiane.** Crossmedia e transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/23731/23671>>. Acesso: 21 jul. 2016.
- [14, 15] **Benjamin, Walter.** O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. V. 1, 3ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- [16] **Verón, Eliseo.** Capítulos selecionados (Capítulo 4 – Pós- modernidade e teorias da linguagem: o fim dos funcionalismos; Capítulo 5 – Ideologia e comunicação de massa: sobre a constituição do discurso burguês na imprensa semanal; Capítulo 9 – Imprensa escrita e teoria dos discursos sociais: produção, recepção, regulação). In: *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p.76-142; 263-239.

Agradecimentos:

À UEMG pelo apoio no desenvolvimento do projeto por meio dos editais de apoio à extensão e à pesquisa.





Pedagogia Hospitalar: Um Aluno, um Caso

Pedagogy Inside The Hospital: one student, one Case

Resumo

O objetivo deste estudo é compreender a importância da educação para casos específicos de crianças e adolescentes hospitalizados para o seu desenvolvimento e o modo como a pedagogia, no caso os professores, deve se adaptar às condições diversas que encontra nesses casos. Através de uma pesquisa qualitativa, com um roteiro estruturado, as observações foram realizadas em um ambiente hospitalar, voltado para um caso específico, contendo inúmeras necessidades educacionais especiais. Neste artigo são mencionadas quatro diferentes categorias que se encontram presentes dentro da classe hospitalar e estão relacionadas às questões do caso pesquisado, sendo elas a complexidade de um processo educacional de um aluno hospitalizado, múltiplas visões sobre a importância da educação nos hospitais, os saberes e métodos dos professores e as articulações entre família, professor, hospital e aluno.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Necessidades Educacionais Especiais; Superação de Limitações.

Caroline Pereira Ribeiro
Marcela de Menezes Dal Col*
Maria Rita Klein Stein

Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES)
Email:marcela.dalcol@hotmail.com

Abstract

The objective of this study is to understand the importance of education for specific cases of hospitalized children and teens for their development and the way that pedagogy, specially the teacher, have to adapt to the different conditions that exist in these cases. Based on a qualitative study, with a structured script, the observation was executed in a hospital, with a specific case, that had special educational necessities. In this study are mentioned four different categories that take place inside the hospital classroom and are related to issues of the researched case, being them the complexity of the educational process of a hospitalized student, multiple visions of the importance of education inside the hospital, the knowledge and methods of teachers and articulations between family, teacher, student and hospital.

Keywords: Pedagogy Inside the Hospital, Special Educational Necessities, Overcome of Limits.

INTRODUÇÃO

Percebe-se, apesar do que muitos acreditam e, por isso desvalorizam, que até crianças que têm limitações extremas e que podem nem conseguir aprender a ler e a escrever, como crianças com deficiência motoras e mentais, necessitam da educação. Os efeitos da educação vão desde o desenvolvimento da criança como pessoa e como cidadão até questões psicológicas. A pesquisa e suas observações, nesse contexto, têm como objetivo compreender a importância da educação para casos específicos de crianças e adolescentes hospitalizados, para o seu desenvolvimento e o modo como a pedagogia, no caso os professores, deve se adaptar às condições diversas que encontra nesses casos. Realizamos este trabalho para compreender o que acontece dentro dos hospitais com relação à educação de crianças que têm a necessidade de habitá-lo. Por conseguinte, estudamos um caso de um menino que mora há seis anos no Hospital do município de Domingos Martins.

Para iniciar a pesquisa, é preciso reconhecer que a saúde e a educação podem ser de certo modo interligadas, e como se refere Walkíria de Assis (2009), os profissionais dessas áreas, tanto os médicos como os professores, têm “o compromisso com o crescimento humano em todos os seus aspectos”. O efeito psicológico principal da educação para crianças hospitalizadas, que Silvia Moreira Trugilho (2003) expressa em seus estudos sobre pedagogia hospitalar como “otimismo trágico”, está relacionado em grande parte a uma força para enfrentar as dificuldades, no caso a doença. É na educação que muitas crianças hospitalizadas por longo período e abaladas pela doença encontram um sentido para a existência.

Dentro desse contexto, existe a necessidade séria de adaptação por parte dos profissionais da educação envolvidos com educação hospitalar. Como Lima (2010) menciona em seus estudos, o professor do hospital deve apresentar, além dos conhecimentos que todo professor necessita, os conhecimentos específicos sobre o meio hospitalar em suas exigências. A pedagogia hospitalar, porém, ainda não é em muito desenvolvida. Paula (2015), a respeito da educação popular e pedagogia hospitalar, demonstra que esse ramo da educação ainda é profissionalmente muito desconhecido em nosso país. No entanto, como já visto anteriormente, ela é de extrema importância. A educação, nesse sentido, envolve uma questão muito mais ampla que os aprendizados básicos.

Na instituição visitada, por exemplo, teremos contato com os métodos aplicados pela professora, em relação a uma criança, um menino, que não fala e nem se move muito; o que ele consegue fazer é digitar, e se comunicar por leitura labial. Vimos como funcionava o trabalho pedagógico, a relação da mãe com a professora e o convívio com as pessoas dentro do hospital. É preciso demonstrar a necessidade da disponibilidade de profissionais para esse tipo de projeto, a atuação de professores e de projetos de pedagogia hospitalar nos hospitais, o que é ainda muito raro. As crianças, o professor, a família e a sociedade, no caso o hospital que representa grande parte do seu meio social, completam um quadro que precisa ser analisado e compreendido para o aprimoramento futuro de profissionais.

METODOLOGIA

O trabalho, caracterizado como um estudo de caso, desenvolveu uma metodologia de pesquisa qualitativa, pois tem como foco o aprofundamento de um caso específico, conforme descrito acima. Ao longo da pesquisa, foram apresentados os assuntos que envolviam a temática, a forma de realização e procedimentos empregados para obter os resultados positivos desejados.

A primeira etapa foi a escolha e o reconhecimento do local. A visita ao hospital foi realizada apenas para conhecer os sujeitos envolvidos no caso e explicar o objetivo do trabalho. Esta etapa foi facilitada pois a instituição hospitalar estava interessada amplamente na pesquisa. O apoio e a receptividade foi um ponto forte, sendo manifestada tanto por parte do hospital, representado pela assistente social, como por parte da família, no caso a mãe que mora com o paciente no hospital, e da professora, que trabalha com ele há um tempo.

Após conhecer mais o caso do menino, o grupo preparou um roteiro para a entrevista, com perguntas, temas e dúvidas a serem abordadas de forma estruturada. As etapas de observação das relações entre os sujeitos que envolviam o processo educacional do aluno hospitalizado e das aulas realizadas pela professora, aconteceram nas visitas seguintes. As entrevistas com a mãe, professora e assistente social, além de uma entrevista virtual com o aluno, foram executadas simultaneamente às observações, momento em que foram colhidos alguns relatos. A partir do ponto de vistas dos entrevistados, se conheceu o contexto em que o aluno se encontra para melhor compreender a complexidade que envolve seu processo educacional. Posteriormente, na realidade não propositalmente, o grupo realizou uma atividade com aluno de Contação de Histórias que foi também muito produtiva, em que se observou a educação a partir de um último ponto de vista, dos próprios realizadores da pesquisa, de maneira ativa.

De acordo com as respostas obtidas nas entrevistas, permitiu-se, através de um diálogo, o máximo de liberdade possível para os sujeitos envolvidos. Portanto, com essa abertura, espera-se que esta pesquisa atinja o seu objetivo, contribuindo para um resultado satisfatório.

Pedagogia Hospitalar: A Educação em uma Nova Dimensão

1. A Importância da Educação Hospitalar

No contexto da pedagogia hospitalar, é importante considerar a relação entre a saúde e a educação. As duas apresentam objetivos parecidos, que buscam desenvolver o indivíduo e remediar males, sejam eles do corpo ou da alma. A condição de ser ou estar doente não é uma tarefa fácil de ser enfrentada, especialmente para uma criança, uma vez que:

[...] Uma enfermidade pode produzir diferentes manifestações nos pacientes, pois cada um tem a sua história pessoal, o modo próprio de relacionar-se com seu meio sociocultural, no entanto, o sofrimento enfrentado

pelo indivíduo enfermo desgasta a todos que com ele convivem. (Assis, 2009, p.35).

A classe hospitalar na educação é voltada para um conhecimento médico e psicológico, pois existe uma complexidade e vários desafios dentro do ambiente hospitalar. Nesse contexto, os profissionais de saúde e de educação podem e devem contribuir para evitar esses males conjuntamente, através de atitudes para conhecer e dialogar com seus alunos ou pacientes. A criança precisa se sentir capaz de fazer algo para a sua melhora seja no corpo, seja na alma. Uma melhora na autoestima e na esperança provoca um aumento na imunidade. A criança se alimenta melhor, dorme melhor, contribui para os procedimentos médicos. O benefício, dessa maneira, pode ser encontrado tanto na saúde, como na educação.

A educação desenvolve uma grande importância dentro da classe hospitalar, pois segundo Trugilho (Ibid.), a hospitalização afasta o paciente do seu meio de convívio familiar e social, e então passa a ser influenciado pelo ambiente onde ele se encontra, deixando marcas profundas no seu desenvolvimento. As influências que são adquiridas em um ambiente hospitalar, na maioria das vezes, atingem a parte emocional do paciente, como o sentimento de fracasso, de desespero, de sofrimento e de solidão.

A angústia também está presente na vida cotidiana dentro do hospital, pois estando internado, o paciente passa a se sentir incapaz de batalhar pela sua própria vida e diariamente é ameaçado pelo medo da morte, pois a falta de esperança pela própria vida é muito presente em um ambiente hospitalar. Exatamente neste contexto, é possível identificar o papel da escolarização. Diante um momento de dor e sofrimento vivido por pacientes, é preciso existir a coragem de enfrentar tudo o que é desafiador e transformar toda a dor em vontade e alegria de viver.

Para Trugilho (2003), a capacidade de vencer a dor com esperança e transformar a tragédia em uma conquista, é o que vem a ser o otimismo trágico. Mesmo diante de um tratamento rígido e doloroso, segundo a autora, o paciente precisa obter algumas virtudes, como a coragem, o humor, a amizade, o companheirismo e compaixão. Ela menciona o humor como uma forma de ultrapassar obstáculos existentes no meio da batalha. Sem o humor, a capacidade de suportar o momento trágico diminui. Sobre o humor Trugilho acrescenta “que ele emerge como virtude que possibilita ao homem enfrentar, suportar e transcender a situação de tragicidade. Sem esta virtude, o sofrimento se torna ainda maior e a capacidade de enfrentá-lo fica bastante reduzida (p.202)”.

É através do otimismo trágico que o paciente encontra uma forma de investir na própria vida, ter grande vontade de viver, mesmo se deparando com todas as circunstâncias negativas existentes ao seu redor. É este otimismo que desperta, principalmente, o desejo de superar todos os obstáculos e de não sucumbir facilmente aos seus problemas.

A educação tem um papel importante para promover a dignidade, para

superar a doença e, não menos importante, para conquistar uma liberdade que se encontra oculta por trás das paredes do hospital. Além disso, a educação contribui para se pensar em um futuro melhor para todos, deixando de lado a finitude presente no âmbito hospitalar e começa um processo de transformação do sentimento negativo em algo positivo, como a esperança de viver. Trugilho afirma que:

As crianças e os adolescentes, mesmo diante de uma doença crônica e da possibilidade da morte, apegam-se à escolaridade, transformando-a no aliado que auxiliará a trilhar o árduo caminho em direção de um sentido a realizar na vida futura. Este sentido projetado de futuro funciona como um combustível vital, renovando forças e coragem, sem as quais a entrega ao inimigo (doença) é fatal, mas com as quais é possível transpor o sofrimento inevitável. (Ibid., p.206).

Independentemente do tempo de permanência do paciente no ambiente hospitalar, o otimismo trágico é uma forma de superação através de valores existentes na sociedade. Esses valores ajudam o paciente olhar a sua vida além de seu tratamento médico e conhecer o verdadeiro sentido da vida.

Nem todas as crianças e adolescentes hospitalizados e/ou com alguma doença crônica carregam em si esta qualidade do otimismo trágico. Aqueles que não desenvolvem esta habilidade de enfrentamento otimista da situação trágica em que se encontram, dificilmente possuem um sentido a realizar na vida e, assim, a doença torna-se obstáculo intransponível ao qual se entregaram em rendição. (Ibid., 2003, p.210).

O otimismo trágico, juntamente com a educação, é capaz de obter resultados extremamente positivos para o paciente. O encontro com a verdadeira razão de viver é descoberto pelo paciente com a ajuda dos amigos e familiares, através da amizade, afetividade, alegria, sonhos e esperança. Toda essa relação pode levá-lo a obter melhoras em seu tratamento médico, facilitando a cura. Por isso, a escolaridade necessita andar lado a lado com o tratamento médico, promovendo uma troca de benefícios entre ambos.

2. Formação Docente para Educação Escolar

Segundo Lima (2010), “refletir sobre o que significa 'ser professor' não é nada inédito nem recente, porém, em todos os momentos de grandes transformações sociais, a escola é colocada em evidência e seus atores em pauta” (p.53). A escola já é um cenário típico para o professor, porém, quando o cenário muda a especialização também se transforma.

Para ser um educador em um ambiente hospitalar, é preciso uma especialização adequada, pois a situação que o docente encontra é totalmente diferente

de uma sala de aula. A discussão sobre a formação docente não poderia ser menos atual. Em seus estudos sobre os saberes necessários para atuar na educação hospitalar, Lima (Ibid.) menciona que um educador do hospital deve apresentar, além dos conhecimentos que todo professor necessita, os conhecimentos específicos sobre o meio hospitalar em suas exigências, além de uma preparação para a educação de crianças especiais, pois muitas permanecem nos hospitais.

A formação, por outro lado, deve estar muito mais ligada à experiência e ao social, a partir de reflexões que promovam uma formação de educadores durante todo o seu exercício profissional, compartilhando saberes e vivências em contato com o outro:

O profissional de educação, [...] se estiver realmente envolvido em seu trabalho estará, conforme educa, educando-se. Na medida em que colabora para o aperfeiçoamento dos alunos ou de seus pares, estará aperfeiçoando-se em um preparar-se constante para a vivência de seu papel educador. (Ibid., p 57).

Esta formação deve proporcionar situações que possibilitem a reflexão e a conscientização das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente (GARCIA, apud LIMA, 2010, p.57). A citação de Garcia relata um ponto muito relevante na formação de educadores que atuarão em ambientes hospitalares que é “proporcionar situações”, assim um professor que acabou a sua graduação e não tem experiência nesse ramo pode de alguma forma realizar seu trabalho com um bom desempenho.

Segundo Lima (Ibid., p.56), “formar-se professor nessa área vai além de as especificidades de uma dada área específica do conhecimento, também significa aprender a ser um mediador entre os conhecimentos e os alunos, o que exige também uma reflexão sobre as limitações e possibilidades do contexto político em que a prática docente ocorre”. Além disso, nesse contexto hospitalar assim como em situações escolares em geral, tanto o aluno como o professor estão constantemente se construindo a partir de experiências.

3. Desafios da Educação Hospitalar

O acesso à educação e a sua aplicação como direito fundamental são realidades problemáticas no Brasil, devido à situação de grande desigualdade social. A pedagogia hospitalar também se encontra nesse contexto problemático educacional. Considerando que nem todas as crianças têm acesso à escola regular, no caso das crianças enfermas que residem em hospitais, como elas não são consideradas com a devida prioridade, muitas vezes são esquecidas. Os professores se inscrevem para atuar no ambiente hospitalar e, normalmente, não existe qualquer preparação específica e não há obrigatoriedade de atendimento por parte do Estado. Além disso, não se pode ignorar a possibilidade de que esses professores diminuam a fre-

quência em relação à condição social e econômica da região em que o hospital se encontra, fato que também revela mais reflexos da desigualdade social.

A afetividade está presente em muito desses projetos, mas em alguns a realidade violenta e opressora do lugar em que hospital se encontra é desconsiderada pelo professor. Existem relatos de maus-tratos a crianças enfermas, seja por enfermeiras e médicos, seja pelos próprios professores. Se esta criança já se encontra em uma situação de isolamento e de defasagem, na maioria dos casos, dos estudos, qualquer tipo de violência contra ela é completamente prejudicial à sua educação (PAULA, 2015, p.9).

A mobilização de professores para atuarem nessas áreas é relevante para que se modifique a forma de pensar sobre essa educação, provocando reflexão e levando a que se busque maior envolvimento dos profissionais a respeito da importância desses serviços e da necessidade de aumentar a sua oferta, já que se encontram tão escassos. A pedagogia hospitalar, no entanto, apenas ganhará destaque com incentivos do governo e especializações.

Uma História da Educação

1. A complexidade de um processo educacional de um aluno hospitalizado

As classes hospitalares existentes apresentam geralmente alunos com doenças similares e, desse modo, limitações similares. Em vários casos, no entanto, as crianças se encontram isoladas e apresentam necessidades diferentes, como é o caso do aluno cuja história inspirou essa pesquisa.

O aluno apresenta uma doença chamada Distrofia Muscular de Duchenne, uma doença hereditária, ou seja, a criança já nasce com a doença. Essa distrofia é uma doença degenerativa. Os músculos dos doentes não possuem uma proteína essencial e, por isso, não se desenvolvem como deveriam. As crianças passam a apresentar, principalmente, problemas na função motora, além de uma fraqueza generalizada que dificulta o aprendizado.

A Distrofia de Duchenne evolui mais rapidamente que todos os outros tipos de distrofia existentes. Sem músculos, as funções cardíacas e respiratórias também começam a apresentar problemas com o tempo. Aos poucos, as crianças perdem a capacidade de andar por volta dos 12 anos. O aluno tem 25 anos de idade. Ele já não anda e tem dificuldade para respirar sem um aparelho que produz pressão pulmonar. A sua habilidade de escrita manual também tem se perdido. A fala é difícil, não produz muitos sons. No entanto, a leitura orofacial é facilmente e comumente utilizada por todos de seu convívio diário, inclusive pela professora nas aulas.

As complicações nas funções cardiorrespiratórias são as principais causas de morte. Normalmente, os que apresentam essa distrofia não vivem mais que 30 anos. Em todos os relatos, entrevistas e observações não se verificaram quaisquer referências à morte. A esperança e a alegria estavam presentes no ambiente. Ninguém, dentre todos os relacionados ao sujeito que encontramos no contexto hospitalar que visitamos, demonstrou qualquer tipo de pena. Isso, aparentemente, já

pode ser considerado como fator positivo para que o ambiente de vivência do menino propicie um melhor desenvolvimento.

Como as funções foram se perdendo com o tempo e as limitações foram se modificando, a abordagem no âmbito da educação também sofreu muitas mudanças durante seu processo educacional, o qual foi relatado pela mãe e pela professora. O aluno, em um período inicial, cursava a escola na maior parte como aluno especial, pois necessitava da cadeira de rodas. Com o tempo, no entanto, surgiu a necessidade de ficar no Hospital. A partir desse ponto, iniciou-se uma mobilização. “A assistência social comunicou à escola sobre a presença do sujeito no hospital e a necessidade de acompanhamento escolar” (Professora).

As aulas específicas para o menino sempre foram discutidas com o mesmo. O professor deve sempre levá-lo em consideração. Os resultados, nesses casos, são normalmente mais positivos.

Ele admitiu que não gostava de ler e que nem sabia a tabuada. O método de aula, portanto, foi direcionado inicialmente para incentivá-lo nesses pontos. Ele aprendeu a gostar de ler e chegou até a ler mais que os garotos dentro da escola. Outras professoras também participaram inicialmente, como a educação dele era obrigatória. (Professora).

As complicações e mudanças sempre aparecem, devido à complexidade que uma educação hospitalar geralmente apresenta. A professora foi, já sem a participação das outras professoras, afunilando com o próprio aluno o que era mais importante para o estudo. Esse processo foi de certa maneira influenciado por novas limitações físicas que foram aparecendo.

Em certos momentos ocorreu uma cobrança da superintendência, já que ele estava matriculado no ensino médio, mas não possuía as matérias obrigatórias do currículo escolar. Eles diziam que tinha que ser do jeito deles, mas ninguém sabia a real situação. (Professora).

Nesse sentido, percebe-se uma cobrança sem a consideração necessária. Em geral, as autoridades se apegam demais à questão de conteúdo e das disciplinas curriculares e, muitas vezes, não se adaptam corretamente à especialidade do caso, como revela esta fala: “Porque nós iríamos trabalhar Português e Matemática se ler é tão mais divertido?” (Professora). Para o aluno, a educação só tem utilidade se servir de diversão, além de conhecimento.

2. Múltiplas visões sobre a importância da educação nos hospitais

A pedagogia da classe hospitalar atende aos pacientes sem expectativas de vida. Há casos em que até mesmo a família acredita na finitude do paciente e acham desnecessário o ensino escolar, pelo fato de não ter expectativas de vida ou pelo

paciente não ter oportunidades no mercado de trabalho futuramente. Em relação a isso, a assistente social entrevistada pelo grupo possui um pensamento diferenciado aos dos familiares dos pacientes diagnosticados em geral. Para ela, a escolaridade é sim importante, o ensino vale a pena, a partir do momento em que os pacientes tiverem condições de aprender. Segundo ela, “A educação é uma forma de abrir seus horizontes e criar diversas alternativas de escolhas, para começar a enxergar a realidade de forma diferenciada” (Assistente Social).

Com a mesma linha de pensamento da assistente social entrevistada, Trugilho (2003) defende que o paciente precisa ter esperanças e lutar cada dia, independentemente dos riscos de vida presentes no tratamento médico. Nunca desistir de adquirir conhecimentos, somente pelo fato de o futuro estar ameaçado, o importante é ter o presente e vivê-lo de maneira marcante.

E, se não houver futuro, há que se realizar algo significativo no presente, deixando na vida sua marca, que mesmo singular e pessoal, poderá revelar que não se viveu em vão. Mesmo se não houver futuro, o presente foi vivido com dignidade. Se a batalha foi vencida pelo inimigo, foi porque este era invencivelmente mais forte e não porque houve entrega, desistência e conformismo. (Ibid., p.207).

Segundo a entrevista escrita realizada com o paciente abordado pelo grupo de pesquisa, a educação é importante pelo ensino e aprendizagem que ele é capaz de adquirir. O que chama a atenção é que esse paciente possui um otimismo trágico, porque diante todas as suas limitações ele revela que o ensino é uma forma de “abrir a porta para o futuro”, ou seja, mesmo sem poder sair do leito do hospital algum dia e ter certa finitude, ele tenta superar todos os desafios do cotidiano com positividade. Além de todas as limitações, ao ter esse contato com a educação, mesmo sendo de forma diferenciada da educação escolar, o paciente se sente capacitado assim como qualquer outro aluno da rede de ensino.

Para o trabalho pedagógico hospitalar ser realizado com êxito, é necessário o apoio e o incentivo dos pais e familiares do paciente. Durante a entrevista com a mãe do paciente (foco do grupo), ela disse que a educação para o seu filho é uma forma de ele se sentir socializado com o mundo, a educação faz com ele se sinta igual às outras pessoas com a mesma faixa etária, nem pior, nem melhor.

Trugilho (Ibid.) aborda em seus estudos, a maneira de como a educação pode influenciar no resultado do tratamento médico, trazendo na maioria das vezes, muitos benefícios para a saúde do paciente. A mãe do paciente, durante a entrevista, disse que “tanto o tratamento hospitalar como a educação precisam andar juntos e em harmonia” (Mãe do aluno).

O enfrentamento otimista da doença é fortalecido pela pedagogia no ambiente hospitalar, quando o paciente busca na educação um objetivo a realizar em sua vida. Segundo Silvia:

Nem todas as crianças e adolescentes hospitalizados e/ou com alguma doença crônica carregam em si esta qualidade do otimismo trágico. Aqueles que não desenvolvem esta habilidade de enfrentamento otimista da situação trágica em que se encontram, dificilmente possuem um sentido a realizar na vida e, assim, a doença torna-se obstáculo intransponível ao qual se entregaram em rendição. (Ibid., p.210)

A professora entrevistada prioriza o direito à educação. Para ela todos têm esse direito, mesmo estando impossibilitados de acessar uma rede de ensino. Então, é preciso garantir o direito da educação respeitando e adaptando-se às circunstâncias e limitações dos alunos e pacientes para garantir uma educação de qualidade. A entrevistada defende que “A pedagogia nos hospitais é importante pelo fato de criar condições e possibilidades de se trabalhar com a educação e assim, especialmente para as crianças, adolescentes e jovens, não acontecer um rompimento dos anos escolares.” (Professora).

3. Professores e Alunos Enfermos: Saberes e Métodos

Os métodos de aula devem ser aplicados pelo professor da pedagogia hospitalar de forma a obter um melhor aproveitamento do aluno. Segundo a Professora, “os conhecimentos necessários aos professores são aqueles necessários também ao seu trabalho na sala regular de ensino. Para além deste conhecimento é indispensável ao professor compreender o funcionamento deste local, a condição daquela pessoa com quem ele trabalhará”.

Nesse ponto muitas vezes a experiência faz uma grande diferença na questão da preparação do professor, pois este está mais preparado para encontrar diferentes condições e adaptar-se a elas. “É claro que é necessário conhecer e ir em busca de métodos conforme a necessidade do estudante. A nossa organização pretende ser um trabalho que considera o aluno, a sua condição e os seus interesses” (Professora). O papel do professor na pedagogia hospitalar é, antes de tudo, adaptar o método de aula para o aluno.

Eu então decidi fazer o certo. O certo que decidimos entre nós, eu, o aluno e sua mãe, é que nós iríamos ler, muito. Só sei que, ele que não gostava de ler, agora eu tenho que pedir permissão para ler uma parte. (Professora).

Pelo método empregado, a aula transformou-se, na verdade, na leitura de um livro. Pode-se analisar a leitura de um livro, nesse ponto, como um processo bem mais amplo. Como relata Verdi, a partir de uma

[...] história conseguimos sentir emoções importantes como: tristeza, raiva irritação, medo, alegria, pavor, impotência, insegurança, etc.; podemos

descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outras regras, outras éticas, outra ótica.... Desenvolvemos o poder de pensar, duvidar, perguntar, relatar [...], enfim, através das histórias conseguimos embasar questões e atitudes essenciais do ser humano. (Verdi, 2010, p.161).

A tecnologia, nesse contexto hospitalar, também aparece como instrumento fundamental. A mãe do aluno desabafa que “foi graças ao Facebook que ele se interessou por aprender a ler e escrever. No Facebook, a pessoa é obrigada a ter essas habilidades para interagir, senão eu teria que ler e escrever tudo”. Os ambientes virtuais “[...] são capazes de colocar em prática as necessidades que os novos paradigmas educacionais reforçam. São ferramentas de auxílio [...] que não podem prescindir da figura do professor (TORRES; MATOS; BORTOLOZZI, 2010, p.206)”. A Professora também destaca que “a tecnologia é um aparador incrível, assim como o livro é”. A tecnologia, no entanto, deve ser usada na hora certa e com cuidado.

Dentre as metodologias utilizadas com o aluno, a atividade de Contação de Histórias foi muito produtiva, pois o grupo de pesquisa pôde se tornar participante e não apenas observador. A partir da aplicação dessa atividade, percebeu-se como um momento de descontração e de interação pode fazer grande diferença em todo o clima do ambiente hospitalar e como torna o dia-a-dia de uma criança enferma muito menos cansativo. Portanto, a atitude de todos os envolvidos no cotidiano do aluno e a participação em projetos pedagógicos é imprescindível para uma agradável vivência no Hospital.

4. Articulações entre Família, Professor, Hospital e Aluno

Dentro da pedagogia hospitalar, a relação entre professor, aluno, família e hospital é bastante complexa. A participação da família é fundamental, como pode ser observado nesse caso. A professora e a mãe dialogam para elaborar um método de aula mais apropriado para o enfermo. Através de dinâmicas pedagógicas e interação entre família e professor, a criança e o adolescente são auxiliados para dar um diferente significado a esse momento de suas vidas (FONTANA; SALAMUNES, 2010, p.58).

Assim como não se pode separar a criança da família, é impossível separar a criança do ambiente hospitalar no qual vive. Assim, a solução viável para o professor é viabilizar que o familiar e as equipes de saúde se tornem participativos no processo contínuo de aprendizagem da criança (RODACOSKI; FORTE, 2010, p.68).

A partir do início da permanência do paciente no hospital se faz necessária a articulação entre o Hospital, nesse caso representado pela assistente social, com a escola e as professoras que realizarão as aulas no hospital. “O papel dos hospitais é liberar a entrada das escolas e dos educadores” (Mãe). O processo do início e prosseguimento do acompanhamento pedagógico é complicado e lento, mas precisa ser feito com a maior eficiência possível para o benefício do escolar hospitalizado. Para compreender todo esse processo é que se tornam importantes as pesquisas sobre a

Pedagogia Hospitalar.

Deviam fomentar muito mais os alunos a procurar os hospitais para realizar este tipo de pesquisa, pois é quase inédito. As pesquisas, para nós, servem como formas de conhecimentos, voltadas para a melhoria das instituições. (Assistente social).

Da mesma maneira, o “[...] trabalho pedagógico, neste contexto, é certamente uma perspectiva nova, porém altamente pertinente e necessária, não menos complexa, tanto para o pedagogo como para a equipe hospitalar, hospitalizados e acompanhantes” (JESUS, 2010, p.82), ou seja, sua complexidade não implica em qualquer redução de sua importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da pedagogia hospitalar é complexo em demasia para uma lei tão direta quanto a de que a Educação é um direito fundamental de todos os cidadãos. É preciso considerar todas as dificuldades e não, como geralmente se posicionam as autoridades, apenas olhar os problemas de fora. Todas as complicações que o grupo imaginava encontrar no meio hospitalar foram certamente notadas. Porém, percebeu-se uma paixão pela educação em todos os envolvidos que foi surpreendente, que os faziam superar os limites. A metodologia qualitativa foi eficiente para captar essa paixão. Da mesma maneira, todas as questões encontradas nas bibliografias estudadas sobre a pedagogia hospitalar descreveram amplamente o cenário da importância da educação e os problemas que na prática nós verificamos.

Ao contrário de muitos estudantes de medicina que procuraram o enfermo para estudar a sua doença, este trabalho havia sido a primeira pesquisa realizada pelo curso de Pedagogia com o aluno que “desejava ver o que ele conseguia fazer e não o que ele não conseguia”. Isto evidencia a importância de pesquisas sobre a Pedagogia Hospitalar. Portanto, mais que chegar a um resultado, uma solução para o problema, o essencial dos trabalhos de pesquisa é questionar e expor situações até então pouco abordadas. Essa pesquisa, certamente, resultou em grande experiência tanto para os participantes do grupo, que se sentiram cada vez mais incentivados a investigar o mundo da educação e a lutar por uma melhor educação que atinja todos, como para os entrevistados, que sentiram que seus esforços pela educação foram reconhecidos, ou seja, não foram em vão.

Deixamos aqui para reflexão que “A educação é um direito de todos, por meio da educação podemos cultivar um cidadão ético competente, solidário, como seu semelhante [...]” (ANDRADE, 2010, p.124). Reconhecer que existem pessoas que se preocupam com os rumos da educação e dão para ela a devida relevância é um primeiro e grande passo para uma futura mudança. Essa mudança parte tanto das instituições hospitalares como, por exemplo, a que recebeu esse projeto, que devem mostrar interesse por projetos pedagógicos, assim como dos atuais professores e

alunos no campo educacional e dos futuros profissionais da área pedagógica.

REFERÊNCIAS

- [1] **Andrade, J. C. De.** Educação: um direito interrompido? in: MATOS, E. L. M. (Org.). Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar (2a ed.). Petrópolis: Vozes, 2010.
- [2] **Assis, W. De.** Atendimento pedagógico-educacional em hospitais: da exclusão à inclusão social/escolar. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2009.
- [3] **Fontana, M. I.; Salamunes, N. L. C.** Atendimento ao escolar hospitalizado – Smec. in: MATOS, E. L. M. (Org.). Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar (2a ed.). Petrópolis: Vozes, 2010.
- [4] **Jesus, V. B. G. De.** Atuação do pedagogo em hospitais. in: MATOS, E. L. M. (Org.). Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar (2a ed.). Petrópolis: Vozes, 2010.
- [5] **Lima, L. F. De.** Saberes necessários para a atuação em pedagogia hospitalar. Tese de Doutorado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- [6] **Paula, E. M. A. T. De.** Educação popular na pedagogia hospitalar: práticas e saberes em construção. In: 37ª Reunião Nacional da Anped, Florianópolis, 2015.
- [7] **Rodacski, G. C.; Forte, L. T.** Prática pedagógica em complexo hospitalar. in: MATOS, E. L. M. (Org.). Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar (2a ed.). Petrópolis: Vozes, 2010.
- [8] **Torres, P. L., Matos, E. L. M.; Bortolozzi, J. M.** Eureka@ Kids – Criatividade em contexto escolar e hospitalar. In: MATOS, E. L. M. (Org.). Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar (2a ed.). Petrópolis: Vozes, 2010.
- [9] **Trugilho, S. M.** Classe hospitalar e a vivência do otimismo trágico: um sentido da escolaridade na vida da criança hospitalizada. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil, 2003.
- [10] **Verdi, C.** A importância da literatura infantil no hospital. (2010). In: MATOS, E. L. M. (Org.). Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar (2a ed.). Petrópolis: Vozes, 2010.





Processo Formativo-Reflexivo Para o Uso Racional de Medicamentos nos Assentamentos do Município de Pontão/Rs: O Relato de Uma Experiência à Luz dos Ensinamentos Freireanos

Formative-Reflective Process for the rational use of medicines in the Settlements in the City of Pontoon/RS: a report of an experience the Light of Freire's Teachings

Resumo

Este relato de experiência descreve a vivência de um grupo de pessoas formado por acadêmicos do curso de Medicina da UFFS/Campus Passo Fundo, docentes, colaboradora técnico-administrativa e preceptor do município de Pontão-RS, em um projeto de extensão com foco no uso racional de medicamentos para uma população de assentados desse município. Para os trabalhos foi utilizada uma forma específica de metodologia com base nos ensinamentos freireanos, o que fundamentou teoricamente a atividade. As atividades foram desenvolvidas ao longo de seis encontros com a população selecionada, em um espaço comunitário dentro do assentamento da antiga Fazenda Anonni, onde foram trabalhados os temas relacionados ao uso racional dos medicamentos. A vivência evidenciou a necessidade de uma abordagem continuada pelos profissionais de saúde acerca da importância do uso racional de medicamentos e dos perigos da automedicação. Durante o desenvolvimento das atividades do projeto foram sendo adaptadas à dinâmica e à linguagem utilizada para que se obtivesse o máximo de participação dos assentados. Concluímos que o desenvolvimento desse projeto de extensão possibilitou uma efetiva comunicação com a comunidade dos assentados, permitindo uma troca de saberes em que conseguimos conhecer um pouco mais sobre a realidade de vida e suas percepções sobre o uso dos medicamentos, bem como, construir conjuntamente conhecimento acerca dos temas propostos. Nesse mesmo sentido foi constatada a importância da utilização do processo formativo reflexivo, defendido por Freire, para a formação de uma consciência sobre o uso racional dos medicamentos.

Lissandra Glusczak*
Eliseu Siles Barduco
Marcos Haack
Camila Chiodi Agostini
Amauri Braga Simonetti
Alessandra Regina Muller Germani
Silvane Nenê Portela
Leandro Tuzzin
Marione Knop

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: lissandra.glusczak@uffs.edu.br*

Palavras-chave: Processo formativo-reflexivo. Uso racional de medicamentos. Assentados. Extensão universitária.

Fotografia 1 –
Manifestação
Guarani contra
Itaipu.

Fonte: Cimi (1991)

Abstract

This experience report describes the experience of a group of five people consisting of students from the medical school of UFFS / Campus Passo Fundo, teachers, a technical-administrative collaborator and a governess in the city of Pontão-RS, in an extension project with focus on the rational use of medicines to a population of settlers of this county. For the work we used a specific form of methodology based on Freire's teachings, which theoretically grounded the activity. The activities were developed over six meetings with the population selected which were accomplished in community space within the settlement of the old farm Anonni, where topics related to the rational use of medicines were being worked out. The experience highlighted the need for continued approach by health professionals about the importance of rational use of drugs and the dangers of self-medication. During the development of the project activities were being adapted to dynamic and the language used so that they obtain maximum participation. We conclude that the development of this university extension project enabled effective communication with the community of settlers, allowing an exchange of knowledge where we know a little more about the reality of life and their perceptions about the use of medicines, and build together knowledge the proposed themes. In the same vein revealed as being the importance of using the reflective learning process defended by Freire for the formation of awareness on the rational use of medicines.

Keywords: Formative-reflective process. Rational use of medicines. Settlers. University Extension.

INTRODUÇÃO

Os medicamentos desempenham um papel estratégico na sociedade moderna, pois se converteram em elemento chave para minimizar o sofrimento humano. São recursos que produzem cura, evitam doenças, prolongam a vida, retardam o aparecimento de complicações de doenças, facilitando o convívio entre os indivíduos e suas doenças (LEITE, et al, 2008 apud PEPE, 2000). Se por um lado os medicamentos, em suas mais diferentes classes, são potentes à recuperação e manutenção da saúde, por outro lado seu uso indiscriminado tem gerado um cenário que se torna mais preocupante a cada dia.

Fatores como a propaganda massiva, o acesso facilitado à compra e a disponibilização, nem sempre confiável, de informações acerca das condições de saúde e o seu tratamento têm proporcionado um consumo descontrolado de muitos fármacos. Esses fármacos, mesmo com um bom perfil de segurança, dentro dessa dinâmica de uso tornam-se um risco potencial à saúde da população. Por outro lado, mesmo quando os medicamentos são adequadamente prescritos, muitas vezes a falta de orientações por parte dos profissionais de saúde ou a não compreensão das informações recebidas pelos usuários, pode facilitar a presença dos efeitos adversos e até sérias consequências à saúde dos usuários (OENNING, 2011).

Preocupados com essas questões, é que um grupo de professores desenvolveu o projeto de extensão “Uso Racional de Medicamentos: processo formativo nos assentamentos do município de Pontão-RS”, realizado entre os anos de 2015 e 2016, com acadêmicos, docentes e técnicos administrativos em educação, vinculados à Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Passo Fundo/RS junto ao assentamento de agricultores do Município de Pontão/RS.

Para esse projeto objetivou-se informar a comunidade da região sobre os cuidados com o uso racional de algumas classes medicamentosas e, além disso, possibilitou a troca de informações, entre estudos científicos do meio acadêmico com os conhecimentos empíricos do assentamento, fortalecendo o compromisso social da universidade na interação ensino-serviço-comunidade.

Dentro desse contexto o projeto buscou por uma alternativa metodológica, possibilitando o desenvolvimento de um processo formativo-reflexivo acerca do uso racional de medicamentos nas áreas de assentamentos no município de Pontão/RS, prevenindo a população sobre os riscos do uso inadequado de medicamentos. Tal processo pressupõe uma formação coletiva dos saberes, sendo que os encontros foram guiados nos sentido de coligar o conhecimento “popular” com o conhecimento científico, a fim de conjugar conhecimento crítico do sujeito, no que se refere ao uso de medicamentos.

METODOLOGIA

As atividades expostas neste trabalho basearam-se na vivência acadêmica do grupo composto por dois acadêmicos do curso de Medicina, dois docentes e uma técnica administrativa, todos oriundos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e uma preceptora, a qual é enfermeira da unidade básica de saúde do mu-

nicípio de Pontão. Os acadêmicos e a técnica administrativa ficaram responsáveis por desenvolver material teórico audiovisual de apoio e atuar no papel de facilitadores na execução das atividades. Os docentes além de supervisionar a produção do material a ser utilizado e participarem também como facilitadores nas atividades com os participantes, ficaram responsáveis pela viabilização logística das atividades como transporte, ajustes nas datas e horários dos encontros, mantendo para isso contato contínuo com a preceptora do município, que atuou como contato direto com os moradores do assentamento que participaram do processo formativo.

Para a realização desses encontros foi necessária, também, a colaboração da equipe do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e dos assistentes de saúde do assentamento do município de Pontão-RS. As orientações sobre o uso de medicamentos foram ministradas por professores orientadores e acadêmicos da UFFS, as quais tiveram, em sua maioria, atividades e rodas de conversas que estimularam a participação de todos os presentes nos encontros.

Os objetivos compreenderam a realização de encontros programados com o público-alvo composto por sessenta moradores no total, oriundos de duas áreas dos assentados do município. Por meio de uma dinâmica ativa objetivou-se a abordagem de seis grandes temas norteadores para o processo formativo: apresentação do curso e automedicação, interações medicamentosas, uso racional de antidepressivos, uso racional de anti-hipertensivos, uso racional de anti-inflamatórios não-esteroidais e por fim o tema sobre plantas medicinais.

Isso possibilitou trocar conhecimentos com a comunidade da região sobre a importância e o cuidado com o uso racional das diversas classes medicamentosas. Essa comunidade inclui os assentados, o grupo da terceira idade, agentes de saúde e alunos do ensino fundamental. Esses encontros também foram importantes para realizar a troca de informações, de estudos científicos e/ou baseado em conhecimentos da comunidade adquiridos, de forma empírica, naquela região.

As atividades foram realizadas no assentamento da Fazenda Annoni, interior do Município de Pontão – RS, dentro do ginásio de esportes. Esse assentamento que é oriundo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se tornou conhecido nacionalmente com a ocupação da fazenda por 2500 famílias em outubro de 1985. Após anos de discussões na Justiça e de embates dentro da fazenda, 430 famílias se estabeleceram definitivamente, aumentando a população da região e permitindo a emancipação de Pontão. Sendo assim, atualmente a cidade é predominantemente envolvida com a agricultura, e isso, sem dúvida, colaborou para o melhor resultado das atividades desenvolvidas naquela região.

Os encontros foram voltados para a construção coletiva de conhecimentos acerca do uso racional de medicamentos através de processo formativo-reflexivo visando através deste agregar saberes ao conhecimento prévio dos participantes acerca dos temas propostos, bem como a partir disso torná-los multiplicadores desses conhecimentos dentro da comunidade onde estão inseridos.

DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1985) o “uso racional de medicamentos implica em que o paciente receba o medicamento apropriado às suas necessidades clínicas, por um período adequado de tempo e com o menor custo possível para si e a comunidade” (MSH, 1997; CHAVES et al, 2005). A promoção do uso racional de medicamentos está inserida nas diretrizes da Política Nacional de Medicamentos do Brasil (BRASIL, 1998) e está envolvida no comprometimento de vários atores dentro e fora do setor saúde.

No Brasil, o uso incorreto de medicamentos geralmente deve-se ao uso indiscriminado de antibióticos, prescrição não orientada por diretrizes, automedicação indevida e inapropriado armamento terapêutico disponibilizado no comércio pelas indústrias farmacêuticas (WANNMACHER, L., 2012). Pesquisas comprovam que 35% dos medicamentos adquiridos no Brasil ocorrem através da automedicação (BARROS, et al., 1995).

A preocupação com o crescente consumo de medicamentos se deve ao fato de que a grande maioria causa reações adversas (RAM) ou efeitos colaterais, muitas vezes mais graves do que a própria doença original. Segundo alguns dados acerca do uso irracional de medicamentos no Brasil, aproximadamente um terço das interações ocorridas no país tem como origem o uso incorreto de medicamentos (AQUINO, 2007).

Nesse projeto de extensão, foi utilizado como base teórica e condutora metodológica o Método Paulo Freire (1979, 1980, 1999 e 2001), no qual a construção dos saberes é realizada de forma coletiva. Freire (2011) propõe uma nova concepção pedagógica, em que a educação não é apenas a transmissão de conteúdos por parte do educador e sim uma relação de diálogo, no qual aquele que educa está aprendendo também, mediatizado pelo mundo. Nesta perspectiva, Gadotti (2000) elucida que o diálogo consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação. No seu pensamento, a relação homem-homem, homem-mulher, homem-mulher-mundo são indissociáveis e é por isso que os humanos se educam juntos na transformação do mundo.

O mesmo autor refere que outro tema relevante da obra de Paulo Freire é a conscientização que não é apenas tomar conhecimento da realidade através da análise crítica, mas sim o desvelamento das razões de ser dessa situação, para constituir-se em ação transformadora dessa realidade. Nesse sentido:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos (FREIRE, 2001, p. 53).

Mas o ponto central da sua concepção educativa é a libertação, sendo reconhecida como fim da educação, quer dizer, a finalidade da educação será libertar-se da realidade opressiva e da injustiça visando à transformação radical da realidade, para melhorá-la, torná-la mais humana e para permitir que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não, como objetos. Freire pensou em um método de educação baseado no diálogo que consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas, com vistas a transformar a realidade refletida (FREIRE, 2011).

Nesse sentido, Freire nos mostra a importância da construção coletiva do conhecimento, a fim de construirmos uma concepção crítica de como o mesmo vem ou foi sendo desenvolvido a fim de aprimorar as próximas práticas advindas dele. Tal sistemática é crucial quando se trata de uso racional de medicamentos, a fim de que o conhecimento angariado faça entender a real necessidade e o momento certo para a aplicação do fármaco. O processo formativo-reflexivo também é crucial na decisão e na libertação daquele que o observa, já que o mesmo não executará mais atos apenas pelo simples fato de que alguém ou de que todos fazem dessa forma, mas sim após ponderar a situação, principalmente com base nos conhecimentos que detêm sobre o assunto.

Assim, é nesse arcabouço teórico que o trabalho foi desenvolvido, sendo que a metodologia pode ser aplicada plenamente na prática, restando em benefícios mútuos aos participantes do projeto, como será visto no relato da experiência a seguir.

O RELATO DA EXPERIÊNCIA: OS RESULTADOS

O projeto intitulado “Uso Racional de Medicamentos: processo formativo nos assentamentos do município de Pontão – RS” foi institucionalizado por processo formal e contou com o subsídio do Programa de Iniciação em atividades de Extensão da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. As atividades foram executadas durante o primeiro e segundo semestres de 2015.

Todos os recursos humanos envolvidos no projeto foram responsáveis por organizar as temáticas e referências bibliográficas, definir a dinâmica do grupo e auxiliar na construção coletiva dos saberes. As temáticas foram conduzidas pelos acadêmicos, auxiliares e docentes orientadores contando também com a participação da Secretaria de Saúde do Município de Pontão – RS através da enfermeira da unidade básica de saúde, que participou ativamente da viabilização e condução das atividades.

Os temas abordados nos encontros foram distribuídos da seguinte forma:

1º encontro: Apresentação do Curso e Automedicação – neste primeiro encontro foi feita uma apresentação do funcionamento do processo formativo-reflexivo, aproveitando esse momento para criação de um vínculo com os participantes e também a realização de uma primeira abordagem sobre a au-

tomedição com os presentes.

2º encontro: Interações Medicamentosas – no segundo encontro a temática acerca das interações medicamentosas foi amplamente discutida, buscando trazer dos participantes exemplos de hábitos relacionados ao uso dos medicamentos que poderiam oferecer potencial de interações, e desta forma ressaltar a importância de seguir as orientações médicas e farmacêuticas corretamente para evitar essas ocorrências.

3º encontro: Uso racional de Antidepressivos – no terceiro encontro, como a temática foi o uso dos antidepressivos, buscou-se estabelecer um caráter de naturalidade na abordagem do tema da depressão, usando para isso algumas estatísticas mundiais, nacionais e regionais, e desta forma a participação dos presentes foi muito proveitosa.

4º encontro: Uso racional de Anti-hipertensivos – nesse encontro buscou-se fazer um levantamento prévio voluntário entre os presentes quanto à realização regular de atividades físicas e de hábitos alimentares antes de entrar na temática da hipertensão; a partir das respostas obtidas, foi sendo construída uma linha norteadora de discussão dos diferentes medicamentos dessa classe farmacológica.

5º encontro: Uso racional de Anti-inflamatórios não-esteroidais – nesse encontro na discussão estabelecida abordou-se além do uso dos anti-inflamatórios não-esteroidais, um reforço quanto às dúvidas sobre os aspectos de interações e efeitos adversos desses medicamentos, ressaltando os perigos da automedicação e a importância do acompanhamento médico.

6º encontro: Plantas Medicinais e Encerramento do Curso – nesse momento final, foram selecionadas algumas plantas nativas para norteamto da discussão, entretanto o diálogo mostrou-se o mais fluido dentre os encontros porque a participação dos presentes foi bastante intensa, com cada um trazendo saberes familiares sobre plantas e usos diferentes, bem como dúvidas sobre validade científica e riscos.

Durante o desenvolvimento dos encontros do projeto evidenciou-se a necessidade de ajuste na dinâmica e na linguagem utilizada, usando-se algumas vezes para uma abordagem linguística mais informal de acordo com o público que estava presente, pois este se alternava entre idosos e adolescentes. A participação mais efetiva foi a do sexo feminino, por serem as mulheres as responsáveis pelos afazeres domésticos e, por possuir essa característica laboral, tinham maior disponibilidade para participar dos encontros.

Exemplificando alguns dos encontros, podemos salientar o terceiro encontro, cujo tema principal era o uso racional de antidepressivos, onde foi possível realizar uma atividade com a participação intensa do público presente, esses receberam a orientação de escrever ou falar sobre o que acreditavam serem momentos de alegria e momentos de tristeza. Com uma plateia muito diversa, foi possível não só

conhecer os diferentes pontos de vista daquela comunidade, como também a forma com que lidavam com a situação, e quando, efetivamente, buscavam auxílio médico e farmacológico para a situação.

Nessa exemplificação é que é possível concluir a viabilidade da metodologia do processo formativo-reflexivo de Freire à construção de conhecimentos de forma libertária e autônoma. O tema abriu o leque para o debate intenso e a manifestação dos participantes, os quais promoveram juntos a construção do conhecimento referente à alegria e à tristeza. Tal situação também foi a visualização prática de uma formação na qual não é desprezado o conhecimento, o entorno e o dia a dia da comunidade em si, incentivando o debate, a crítica e a construção conjunta dos saberes, os quais depois poderão ser disseminados.

Para o mediador do projeto, tal processo também é de suma importância. Quando colocado na posição de disseminador do conhecimento, no sentido da utilização racional dos medicamentos, também executa um aprendizado e realiza processo de reflexão sobre aquilo que absorve dos participantes. Assim,

“[...] a prática de ensinar que envolve necessariamente a de aprender a de ensinar. A de pensar a própria prática, isto é, a de, tomando distância dela, dela se ‘aproximar’ para compreendê-la melhor. Em última análise, a prática teórica de refletir sobre as relações contraditórias entre prática e teoria” (FREIRE, 2001, p. 205).

Assim, tendo em vista a experiência relatada, da forma como foi conduzida e diante dos resultados dos encontros, pode-se inferir que o processo formativo-reflexivo utilizado para a prática se mostra como uma sistemática extremamente adequada, motivacional e instigadora para os condutores do projeto e libertária, conscientizadora e disseminatória para os participantes (comunidade). Isso porque para os participantes, talvez os mais beneficiados pelo projeto, a forma de condução dos trabalhos permite a conjugação de saberes e experiências que estão além dos limites do conhecimento científico, o que instiga o debate da aplicação da mesma em outros meios e âmbitos e conjuga saberes, formas e modos de interação com os indivíduos. Para a comunidade, há uma latente conscientização sobre o uso de medicamentos, com o implemento de conhecimentos e o reconhecimento de seus saberes populares, os quais serão, certamente disseminados.

Já a libertação será no sentido justamente do reconhecimento dos saberes locais e a liberdade do contato com os condutores do projeto, inclusive na possibilidade de buscarem, a partir de agora, mais informações sobre os assuntos e, no limite, de forma autônoma. Ou seja, nesse processo todos foram beneficiados, numa total conjugação da saberes e competências, mediante um processo formativo-reflexivo o qual poderá, inclusive, ser levado para outras dinâmicas da comunidade e em outros processos nos quais os condutores do projeto poderão participar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o projeto de uso racional de medicamentos permitiu indubitavelmente a troca de conhecimentos e, principalmente, o esclarecimento da comunidade a respeito do uso de medicamentos. Além disso, as atividades no assentamento Annoni no município de Pontão-RS, contribuíram para o processo de formação acadêmica, no qual foi possível consolidar não só os conhecimentos adquiridos em salas de aula como também maximizar o senso crítico, pois possibilitou aos acadêmicos reconhecerem as diferenças sociais, culturais e econômicas da região.

Outro ponto importante a ser considerado é que essas atividades possam ser ampliadas e implementadas em outras regiões de abrangência da universidade.

REFERÊNCIAS

- [1] **Aquino, D.s.** Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? Departamento de Farmácia, Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão, 2007.
- [2] **Barros, J.a.c.** Propaganda de medicamentos: atentado à saúde? São Paulo: Hucitec/Sobravime; 1995.
- [3] **Bodstein, A.; Lima, V. V. A. De; And Barros, A. M. A. De.** A vulnerabilidade do idoso em situações de desastres: necessidade de uma política de resiliência eficaz. *Ambiente e sociedade*. [online]. 2014, vol.17, n.2 [cited 2016-06-17],pp.157-174. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000200011&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1809-4422. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2014000200011>.
- [4] http://bvmsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/servicos_farmaceuticos_atencao_basica_saude.pdf - Acesso em 17/60/2016 às 19:05h.
- [5] **Brasil.** Portaria nº 3916/MS/GM, 30 de outubro de 1998. Aprova a Política Nacional de Medicamentos. Brasília, DF: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, de 10 de novembro de 1998.
- [6] _____. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica, n. 19. Série A. Normas e Manuais Técnicos. 2006.
- [7] _____. Prêmio Nacional de Incentivo ao Uso Racional de Medicamentos. Página de Divulgação. Ministério da Saúde. Sistema Único de Saúde. Disponível em:<http://bvmsms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/oque.php>. Acesso em 07 jun. 2016
- [8] **Chaves, G.c.; Emmerick, I.; De Pouvourville, N.; De Saint-Denis, T.; Fonseca, A.s.a.; Luiza, V. L.** Indicadores de uso racional de medicamentos e acesso a medicamentos: um estudo de caso. *Rev. Bras.Farm.* 86(3): 97-103, 2005.
- [9] **Freire, P.** Educação em mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- [10] _____. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- [11] _____. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1999.
- [12] _____. Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- [13] _____. Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- [14] **Gadotti, M.** Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: ARTMED, 2000. p. 09-15.
- [15] **Leite, S. N.; Vieira, M.; Veber, A. P.** Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. p. 793-802, abr. 2008. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000700029&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 jun 2016.
- [16] **MSH (Management Science for Health).** Managing for Rational Drug Use. In: *Managing Drug Supply*. The

Selection, Procurement, Distribution and Use of Pharmaceuticals, PP. 421-429, Connecticut: kumarian Press, 1997.

[17] Oenning, D.; Oliveira, B. V. De; Blatt, C. R. Conhecimento dos pacientes sobre os medicamentos prescritos após consulta médica e dispensação. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3277-3283, jul. 2011. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800027&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 jun. 2016.

[18] Wannmacher, L. Conduas baseadas em evidências sobre medicamentos utilizados em atenção primária à saúde. In: *Uso Racional de Medicamentos – temas selecionados – série A. normas e manuais técnicos*. Ministério da saúde, 2012.





Soluções Empreendedoras e Capacitação Profissional: Empreendendo o “Pensionato Da Sueli”

Entrepreneurial solutions and professional training: undertaking with the “Sueli’s Boardinghouse”

Resumo

Este artigo descreve as ações do projeto de extensão que trata da capacitação profissional de microempreendedores, cujo objetivo é desenvolver atividades empreendedoras, almejando auxiliar pequenos empreendimentos na gestão de seus negócios. As atividades foram desenvolvidas no Pensionato da Sueli, com o intuito de suprir as dificuldades encontradas na gestão financeira, na divulgação do empreendimento e, conseqüentemente, na escassez de clientes. Inicialmente foi realizada uma visita ao estabelecimento com todos os extensionistas para melhor conhecer o ambiente e as dificuldades existentes; posteriormente, realizou-se uma roda de conversa, utilizando a metodologia de Brainstorming, onde a equipe do projeto de extensão pôde fornecer ideias para a solução dos problemas encontrados. A principal sugestão foi priorizar o desenvolvimento da atividade de restaurante e marmitaria, para maximizar os lucros, gerando fluxo de recursos para cobrir as despesas da pensão. Com a seleção das ideias, foram realizadas capacitações sobre gestão financeira e estratégia de vendas com foco nas redes sociais, elaborando uma nova logomarca, cardápio para o restaurante e panfletos para divulgação do estabelecimento. Dessa forma, foi possível realizar a reestruturação do layout do pensionado, com a capacitação da proprietária para uma gestão financeira e profissional do estabelecimento, de acordo com as novas ações adotadas.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Capacitações; Gestão Financeira; Pensionato.

Janaina Ferreira Marques de Melo*
Vorster Queiroga Alves
Geovani de Almeida Santos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: janainafmmelo@gmail.com*

Abstract

This article describes the actions of the extension project that deals with the professional training of microentrepreneurs, whose objective is to develop entrepreneurial activities, aiming to assist small enterprises in the management of their businesses. The activities were developed at Pension Sueli, in order to overcome the difficulties encountered in financial management, in the dissemination of the enterprise and consequently in the shortage of clients. Initially, a visit to the establishment was carried out with all the extension agents in order to better know the environment and the difficulties. Later, a discussion was conducted using the Brainstorming methodology, where the extension project team was able to provide ideas to solve the problems encountered. The main suggestion was to prioritize the development of restaurant and catering, to maximize profits, generating a flow of resources to cover pension expenses. With the selection of ideas, training was provided on financial management and sales strategy focused on social networks, elaborating a new logo, menu for the restaurant and pamphlets to publicize the establishment. In this way, it was possible to carry out the restructuring of the layout of the pensionado, with the qualification of the owner for a financial and professional management of the establishment, according to the new actions adopted.

Keywords: Entrepreneurship; Training; Financial management; Pension.

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho de microempreendedores individuais é um dos que mais crescem atualmente no Brasil e têm causado impactos significativos na economia. Isso se deve a inúmeros fatores que ocorrem na economia do país, afetando diretamente a vida das pessoas como, por exemplo, o alto índice de desempregados, que impulsiona as pessoas a buscarem novos meios de sobrevivência, quer sejam formais ou informais, sendo o microempreendedorismo uma das alternativas mais procuradas, principalmente pela facilidade de inserção no ramo e autonomia gerencial dos empreendedores.

É considerado microempreendedor individual a pessoa que abre um negócio por conta própria, tomando para si a responsabilidade empreendedora da empresa. Por isso, o empreendedorismo é considerado pelos especialistas como vital para o sucesso profissional, pois considera o desenvolvimento e aperfeiçoamento de atitudes importantes para a gestão de ações perante as incertezas do cenário atual.

Microempreendedor Individual (MEI) é a pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário. Para ser um microempreendedor individual, é necessário faturar no máximo até R\$ 60.000,00 por ano e não ter participação em outra empresa como sócio ou titular. Entre as vantagens oferecidas por essa lei está o registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), o que facilita a abertura de conta bancária, o pedido de empréstimos e a emissão de notas fiscais. Além disso, o MEI será enquadrado no Simples Nacional e ficará isento dos tributos federais (Imposto de Renda, PIS, COFINS, IPI e CSLL). Assim, pagará apenas o valor fixo mensal de R\$ 47,85 (comércio ou indústria), R\$ 51,85 (prestação de serviços) ou R\$ 52,85 (comércio e serviços), que será destinado à Previdência Social e ao ICMS ou ao ISS. Essas quantias serão atualizadas anualmente, de acordo com o salário mínimo. Com essas contribuições, o Microempreendedor Individual tem acesso a benefícios como auxílio maternidade, auxílio doença, aposentadoria, entre outros [1].

Ter uma atividade empreendedora é demonstrar algumas atitudes específicas que caracterizam o perfil do empreendedor e, logo, concebe-se que o portador do perfil empreendedor é aquela pessoa capaz de identificar oportunidades, que é visionária, vendo além do que a maioria das pessoas veem, que persegue firmemente seu propósito, contagiando as pessoas à sua volta com seus ideais e que está disposta a assumir riscos [2]. Ensinar a empreender é possível, mas o segredo de aprender a empreender depende exclusivamente do candidato a empreendedor.

O projeto de extensão Capacitação Profissional para Microempreendedores (CPMEI) está vinculado à Unidade Acadêmica de Ciências Contábeis do Centro de Ciências Sociais e Jurídicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Campus Sousa - PB, no qual alunos dos cursos de Ciências Contábeis e Administra-

ção participam de atividades da extensão. O objetivo do projeto é a capacitação e orientação profissional de microempreendedores individuais no processo de gestão dos seus empreendimentos.

Neste aspecto, observa-se a relevância de incentivar projetos de extensão direcionados para os microempreendedores, pois a missão de uma universidade pública está alicerçada no tripé do desenvolvimento das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, objetivando a formação profissional de excelência, na perspectiva de um desenvolvimento sustentável, de integração com a sociedade e do exercício da cidadania.

Deste modo, o intuito do projeto CPMEI é dar apoio e atuar nas áreas vinculadas ao empreendedorismo, podendo ser a porta de acesso a outros benefícios, como a melhoria da escolaridade e da qualificação profissional, o desenvolvimento sustentável, a integração com a sociedade e no exercício da cidadania, elevação da autoestima e reinserção social, sendo uma troca de saberes entre empreendedores e extensionistas, essencial para o crescimento pessoal e formação profissional de todos os envolvidos.

Para o desenvolvimento do empreendedorismo, a questão da administração financeira é fundamental. Em pesquisa realizada no município de Sousa-PB, foi possível observar que os empreendedores individuais admitem ter falhas na gestão financeira do negócio, e que a desestruturação do planejamento financeiro dos empreendedores é proveniente da falta de informação de como se trabalhar financeiramente de forma organizada, evidenciada pela falta de capacitação ou participação em cursos de aprimoramento [3].

Neste sentido, além do planejamento financeiro, é preciso analisar todo o planejamento estratégico. Este é um processo dinâmico, onde são definidos caminhos que a empresa deverá trilhar por meio de um comportamento proativo, levando em conta a análise do seu ambiente e em consonância com a sua razão de existir, a fim de construir o seu futuro desejado [4].

O planejamento em uma organização é um processo relevante que enfatiza a sobrevivência e deve ser considerado um motivo de preocupação para os empreendedores. Neste sentido, é necessário haver um trabalho de conscientização da importância do planejamento para as empresas em cursos de empreendedorismo nas universidades [5], em incubadoras ou em parceria com o SEBRAE, como uma forma de despertar o interesse dos empreendedores.

Planejar uma empresa também envolve ações de marketing, por parte do empreendedor, que não se restringem à publicidade e propaganda e são compostas por ações de comunicação, ambientação da loja, inovação, atendimento, preço, promoção, localização entre outras, ou seja, toda e qualquer forma que ajude ao empreendimento a atração da clientela e resulte em sucesso para o negócio [6].

Logo, é possível que pequenos empreendimentos possam se utilizar de inúmeros instrumentos de divulgação, gastando pouco e obtendo bons resultados [6]. Dessa forma, as ações de marketing para o empreendimento trabalhado no proje-

to, buscavam entender o contexto e o ambiente para sugerir ações que buscassem atender sua real necessidade, dentro de suas condições orçamentárias. Nesse sentido, o marketing é uma das mais importantes ferramentas para o pequeno empreendimento.

Tratando-se da relevância dos projetos de extensão para a formação acadêmica, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira [7], reafirmou a relevância das quatro diretrizes preconizadas no Plano Nacional de Extensão Universitária de 1999: Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão, Impacto na Formação do Estudante e Impacto na Transformação Social.

A Interação Dialógica preconiza a relação entre a Universidade e a sociedade por meio do diálogo e da troca de saberes, desassociando do padrão estabelecido pela separação de classes e academia, por meio da união com movimentos, setores e organizações sociais. É notória essa união nas ações realizadas na extensão, em especial, neste projeto, visto que as ações desenvolvidas em grupos diversos da sociedade fomentam esta troca de saberes.

Já a Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade almejam a combinação de modelos, conceitos e metodologias de diversas disciplinas e áreas de conhecimento, no intuito de construir alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais. Neste sentido, percebe-se neste breve relato das ações executadas neste projeto, a união de disciplinas que resultam de diversas áreas da Administração e Ciências Contábeis como Empreendedorismo, Gestão de Pessoas, Marketing, Administração Financeira, Custos, Gestão de Estoques, dentre outros. As metodologias utilizadas foram de acordo com o público atendido, contribuindo na construção dessas alianças.

No que tange à Indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão, desta diretriz decorre a maior efetividade de ações extensionistas no processo de formação de pessoas (ensino) e de geração de conhecimento (pesquisa). Assim, percebe-se nas vigências anteriores deste projeto, esta formação de pessoas (alunos, professores e sociedade) que disseminaram e trocaram conhecimentos entre si, fomentando ainda mais o ensino “fora dos muros” da universidade. A geração de conhecimento fomentada na pesquisa, estudos de campo, e artigos científicos corroboram com esta diretriz.

A diretriz que trata do Impacto da Formação do Estudante aborda o contato direto com questões contemporâneas, enriquecendo a experiência discente com termos teóricos e metodológicos, além da reafirmação dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública Brasileira. A participação do discente nas ações de Extensão Universitária deve estar sustentada em iniciativas que viabilizem a flexibilização curricular e a integralização de créditos. Neste caso, ainda não há esta flexibilização no currículo da UFCG, contudo, o projeto corrobora com o impacto na formação estudantil por meio das atividades por ele promovidas.

Tratando-se da última diretriz, o Impacto na Transformação Social, estabelece a inter-relação da Universidade com os outros setores da sociedade, com vistas a

uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população, e propiciadora do desenvolvimento social e regional e de aprimoramento das políticas públicas. As ações transformadoras estão de acordo com as necessidades específicas do público atendido neste projeto, como pode ser percebido em cada relatório final da extensão, o qual aponta a satisfação com as ações empreendedoras e a participação de todos os envolvidos.

O público-alvo do projeto são empreendedores individuais formais e informais, agricultores e associações em geral. Todas as atividades foram desenvolvidas com o objetivo de auxiliar os pequenos empreendimentos no gerenciamento eficiente de seus negócios. Os alunos extensionistas dos cursos de Administração e Ciências Contábeis têm, por meio do projeto, a oportunidade de conciliar a teoria estudada nas salas de aula com a prática, trazendo experiências e benefícios enriquecedores para todos os extensionistas.

Dentre as atividades extensionistas realizadas com o público assistido, destacou-se em 2016, o trabalho realizado com a empreendedora Ana Sueli Cardoso, proprietária do “Pensionato da Sueli”, do qual este artigo traz informações detalhadas.

METODOLOGIA

Com relação à metodologia proposta, para a coleta e análise dos resultados, inicialmente foi realizada uma pesquisa exploratória, para o levantamento de informações sobre o público assistido com vistas ao planejamento das capacitações. Esta etapa constou de visitas técnicas para conhecer a realidade do empreendimento antes das capacitações.

O desenvolvimento do projeto envolveu treinamentos, cursos e consultoria, bem como acompanhamento. Os professores orientadores buscaram acompanhar e atender às necessidades dos colaboradores (parceiros) e dos assistidos para orientação dos discentes envolvidos na execução das atividades.

A análise foi realizada por meio de reuniões periódicas na UFCG (salas de aula do Campus Centro), sendo que para a coleta e análise de resultados deste projeto foram levados em consideração:

- A.** Pesquisa sobre as necessidades dos colaboradores e assistidos (pesquisa exploratória- visita técnica para levantamento de informações para fundamentar as capacitações).
- B.** Avaliação do bolsista e de extensionistas, coordenador e orientadores (por meio de reuniões nas dependências da UFCG), em que ocorreram avaliações acerca do andamento das atividades, planejamento e análise das capacitações já ministradas.

Essas ações foram realizadas por meio da observação, sem tabulação de dados própria, com discussões em grupo e reuniões. Com o desenvolvimento das ativi-

dades do projeto e novas metas propostas e alcançadas, houve um aprimoramento da metodologia para se traçar propostas, estudos de mercado, novas capacitações e consultorias específicas. Com base nas visitas e nas observações e necessidades do público assistido definiram-se as principais necessidades e problemas, para que posteriormente fossem discutidas as possíveis soluções. Deste modo, o planejamento das ações da equipe foi realizado por meio de uma reunião após a visita, na UFCG, no intuito de discutir as primeiras impressões sobre a associação e sugestões para melhorias, usando a técnica de Brainstorming.

O Brainstorming é uma técnica de recolha de informação muito utilizada na investigação em Ciências Sociais e Humanas, com o objetivo de explorar novas ideias sobre um tema ou alternativas de solução para problemas das mais diversas naturezas, sejam em organizações, empresas, negócios, etc [8]. Esta técnica revela mais potencial na medida em que as interações no grupo fazem despolitizar mais ideias do que as obtidas individualmente.

No caso, aplicou-se a técnica da seguinte forma: toda equipe pôde fornecer uma “avalanche” de ideias para a solução do caso. Estas foram anotadas e, em seguida, discutidas, verificando a sua viabilidade e delegando funções aos membros da equipe, para realizar pesquisas de mercado e estudos mais profundos adaptados à realidade da associação.

Para o alcance da viabilidade dessas sugestões, foram aplicadas atividades de pesquisa, divididas pela equipe para estudos de mercado e elaboração de Planos de Marketing e Planejamento Financeiros específicos para cada comunidade no intuito de solucionar os problemas e apresentar propostas.

RESULTADOS

No mês de maio de 2016, realizou-se a primeira reunião interna entre professores e extensionistas do projeto CPMEI 2016. Nessa reunião, foi ouvida a empreendedora Ana Sueli Cardoso, proprietária do “Pensionato da Sueli”, que fica localizado no centro da cidade de Sousa-PB, ao lado da “Igreja Bom Jesus”. Sueli está em meio a dificuldades financeiras ocasionadas pela pouca quantidade de clientes hospedados em sua pensão. Ela fornece três refeições, além de prestar serviço de lavagem de roupa e hospedagem 24 horas por dia. O tempo que cada hóspede ficaria no pensionato seria combinado com Sueli, e esse era um dos problemas enfrentados pela mesma, pois, segundo ela, os hóspedes querem ficar cada vez menos tempo, sem falar que os poucos que estão hospedados muitas vezes não respeitam as regras do pensionato, querendo chegar muito tarde, ingerir bebidas alcoólicas dentro do estabelecimento, dentre outros problemas.

Cada um dos extensionistas tiveram a oportunidade de compartilhar da experiência relatada por Sueli e de expressar opiniões e comentários. Após conversa com Sueli, foi acordada uma visita ao seu empreendimento ainda no mês de maio, o que assim ocorreu (Foto 1) a fim de se conhecer melhor as acomodações e realizarmos a entrevista para tratar dos seguintes assuntos: conhecer os serviços prestados,

analisar os custos dos serviços prestados e de que forma é estabelecido o preço de venda e margem de lucro dos serviços, logística, perfil empreendedor, entre outros assuntos.

Foto 1
Almoço na visita ao
Pensionato da Sueli



Durante a visita, Sueli relatou que possui altos custos para manter o funcionamento do seu pensionato, com um aluguel de R\$1.000,00 (um mil reais) por mês, gastos com alimentação (onde segundo a mesma, compra uma grande quantidade de alimentos para não correr o risco de faltar comida para os clientes) e produtos de limpeza para manter sempre o pensionato limpo e organizado, sem falar que ela também lava as roupas dos hóspedes. Tendo em vista todos esses custos, Sueli informou que o preço cobrado, pela hospedagem em seu pensionato, custa a partir de R\$ 700,00 (setecentos reais) mensais, preço consideravelmente baixo para tanto serviço prestado.

Uma ideia apresentada a Sueli foi a de investir mais no segmento de alimentação, passando a fornecer almoço dentro do pensionato e marmitas para consumo domiciliar. Dessa forma, o esforço dela seria reduzido pela metade (ou mais), e o lucro seria bem maior do que o apresentado com os serviços prestados, tendo em vista que ela poderia cobrar R\$10,00 (dez reais) ou mais pelo almoço diário e os mesmos R\$700,00 (setecentos reais) mensais para fornecer almoço diariamente com entrega a domicílio para os clientes, e não teria toda a preocupação de ficar 24 horas cuidando de hóspedes e sua alimentação, entre outras coisas.

De fato, ela já fornece para algumas pessoas o almoço e quando solicitado, café da manhã e jantar. Deste modo, Sueli aceitou a ideia, ficando bastante animada e pretende dar seguimento a este planejamento.

Outra situação apresentada, a carência de clientes, se deve ao fato de o pensionato da Sueli fazer parte de um mercado não muito procurado na cidade de Sousa/PB, onde as pessoas optam por morar em casas ou apartamentos. Outro agravante é o pouco investimento em divulgação. Suas instalações são ótimas e es-

tão localizadas em um ponto privilegiado, no centro da cidade, próximo a bancos, supermercados, lojas, dentre outros. De acordo com o que foi relatado, o empreendimento não está tendo nenhum lucro, pois o preço cobrado de cada hóspede é consideravelmente baixo em relação aos gastos necessários para manter o funcionamento da pensão.

Durante a avaliação da situação, alguns pontos foram destacados para orientar as medidas que poderão ser posteriormente adotadas. São eles:

- Os Pontos fortes: a organização, limpeza do local, comida bastante saborosa, localização do pensionato, oferecimento de serviços de limpeza e lavagem de roupas dos inquilinos.
- Os pontos fracos: má gestão financeira, pois não se sabe quanto custa um pensionista por mês; a placa na fachada também deixa a desejar de maneira que se torna imperceptível para quem não conhece o pensionato ou a cidade.

Considerando as dificuldades relatadas e encontradas no Pensionato da Sueli, os extensionistas elaboraram algumas propostas para o empreendimento, as quais estão descritas a seguir:

- Divulgação nas rádios de Sousa (a UFCG tem dois programas na rádio educativa que poderia fazer a divulgação gratuitamente), na agenda online (baixo custo), rádio comunitária e carros de som;
- Buscar parcerias e ampliar a divulgação boca a boca;
- Oferta de planos (pacotes) variados referentes à pensão (diários, semanais ou até mensais);
- Divulgação por meio de panfletos (com ênfase nas faculdades particulares, UFCG, repartições públicas e estabelecimentos comerciais) em pontos estratégicos com grande circulação de pessoas. Fixação de cartazes em locais de circulação dos estudantes. Divulgação em redes sociais, mostrando os serviços oferecidos. Criação de página no Facebook.
- Criar um grupo de WhatsApp para seus clientes.
- Com o funcionamento de outras atividades, delimitar os horários para cada refeição dos pensionistas. Uma sugestão criativa de punição, para quem fizer a refeição fora do horário estabelecido, seria a lavagem de seu prato.
- Ampliação da placa na fachada da pensão.
- Oferecimento de refeições self service, marmitas e quentinhas para o público que não é pensionista.
- Oferta também de outro diferencial: refeições saudáveis como comida vegetariana, comida fitness, sucos naturais detox e fit ou para dieta, sem excluir a comida e o suco tradicional, com a ajuda de parceiros (profissionais

da área da saúde e nutricionistas).

- Formalização do negócio como MEI, o que facilitaria a aquisição de um empréstimo para investir (a exemplo da Prefeitura Municipal de Sousa, onde é fornecido um empréstimo de R\$2.000,00 pelo programa “Fazer Negócio”).
- Adquirir um balcão de self-service.
- Deste modo, precisa expandir seu negócio, mudando as características de seu empreendimento de pensionato para empresa de fornecimento de marmitas. Se possível, transformá-lo em um restaurante.

Com o levantamento das dificuldades e propostas para o empreendimento, verificou-se que o custo-benefício do pensionato possui poucas vantagens financeiras, diante do fato que ela trabalha 24 horas por dia e o preço cobrado é baixo por tanto serviço prestado, e se aumentar o preço será ainda mais difícil encontrar hóspedes. O fato é que, se cobrar mais barato vai ser muito serviço para pouco lucro. Como opção, abrindo um restaurante/marmitaria se trabalharia mais no turno da manhã e um pouco à tarde. No entanto, o preço cobrado precisa ser competitivo em relação aos concorrentes, tornando seu negócio mais lucrativo. Quem sabe, uma ideia seria aos poucos abrir mão do pensionato e focar em alimentação.

A partir da verificação de que o pensionado tinha pouca vantagem financeira, constatou-se que existia má gestão financeira, não sabendo sequer quanto custa cada pensionista por mês. Por isso, ficou programado ministrar a oficina “Fluxo de Caixa e Orçamento: Planejamento Financeiro”. É certo que nenhum tipo de negócio consegue se manter com suas contas negativas, pois precisa obter lucro, ainda mais que ela se encontra atuando informalmente e sem nenhuma reserva para seu futuro (aposentadoria).

Após conhecer a realidade vivida pela empreendedora, foram propostas algumas melhorias pela equipe do projeto. A primeira foi a proposta de adesão ao segmento alimentício, com a abertura da marmitaria e ou restaurante da Sueli, com o objetivo de maximizar os lucros. Em seguida, destacou-se a necessidade de uma maior divulgação do negócio, a começar com divulgação gratuita nas rádios de Sousa (a UFCG tem dois programas na rádio educativa FM que poderia fazer a divulgação gratuitamente), assim como na agenda online (onde o custo seria baixíssimo) e em carros de som, e distribuição de panfletos (com ênfase maior na UFCG, em faculdades particulares, repartições públicas e estabelecimentos comerciais) e em locais com grande circulação de pessoas de outras cidades.

Outra orientação, como informado, foi a respeito da gestão de negócios, com a oferta de treinamento. A oficina “Gerenciamento das Finanças Pessoais e Empresariais” teve como conteúdo: “Introdução ao orçamento empresarial e pessoal”; “Conceitos e características das finanças pessoais”; “Taxas de empréstimos”; “Importância da administração financeira nos negócios”; “Prática de exercícios”; e “Dicas importantes sobre finanças”. O objetivo desta oficina foi capacitar os extensionistas para que, posteriormente, possam ministrar palestras e oficinas sobre o mesmo

tema, tanto para Sueli, como para outros empreendedores que estejam passando por situações financeiras semelhantes, de forma a se atingir o objetivo principal do projeto de capacitar empreendedores individuais, ou até mesmo outros empreendedores que trabalhem informalmente.

Após a oficina (Foto 2), decidiu-se pela formação de grupos entre os extensionistas, com o objetivo de dividir o planejamento e atividades que seriam realizadas a partir de então, de forma que todos pudessem participar de forma realmente efetiva na consultoria ao Pensionato da Sueli.



Foto 2
Oficina de capacitação
com Sueli

Na oportunidade, revelaram-se os pontos fracos e fortes, além de várias sugestões de melhoria, entre as quais, desenvolver nova atividade: restaurante e marmitaria. Foi realizada uma pesquisa de mercado para avaliar seus futuros concorrentes, análise de preços e custos para a inclusão da atividade, mudanças de layout na sua casa, mudança de logomarca, nome e slogan (o projeto pagou para uma gráfica fazer a arte para que ela escolhesse) e propostas de divulgação (cartazes, panfletos, anúncios e criação de páginas em redes sociais).

A placa na fachada com o nome do pensionato era pequena (Foto 3), de maneira que se tornava quase imperceptível a visualização pelas pessoas que passavam em frente ao estabelecimento.



Foto 3
Placa da antiga
fachada

Com a dificuldade de visualização da placa do pensionato, foi sugerida outra logomarca e ampliação da placa, escolhida a critério da proprietária Sueli, para a confecção (Foto 4) cuja descrição é “Pensionato e restaurante da Sueli”, tendo como

slogan: “Sua casa fora de casa”.

Foto 4
Nova placa na fachada



Com as sugestões apresentadas para as demandas e necessidades do pensionato, foi criada uma equipe de alunos que trabalharia aspectos e informações de marketing para o empreendimento, que toda semana auxiliaria a proprietária nas mudanças. Logo, a coordenadora deliberou as novas atividades em grupo, a serem realizadas pelo projeto para continuar a assessoria no empreendimento de dona Sueli, entre as quais foram:

- 1) Criar uma tabela de preços de todos os produtos e serviços do pensionato e restaurante, colocando a nova logomarca e compartilhar no e-mail do grupo. Posteriormente imprimir e entregar para ela.
- 2) Criar o cardápio semanal para quentinhas e marmitas, inserindo a nova logomarca e compartilhar no e-mail do grupo. Posteriormente imprimir e entregar para ela.
- 3) Ministrando a oficina de Planejamento Financeiro na própria pensão. Dar a cartilha para ela.
- 4) Criação de e-mail e Facebook. Criar e publicar o cardápio com lista de preços e postar fotos das instalações, em grupos de venda e outros.
- 5) Elaboração de um panfleto (de preferência com 4 por página) e um maior, tipo aviso (folha A4) para distribuição.
- 6) Acompanhar Sueli na criação do seu livro Caixa e anotações de seus gastos, para ajudar a apurar o custo do seu produto.

Em novembro de 2016, foi realizado o “Pit Stop da Sueli”, divulgação do empreendimento Pensionato da Sueli (Foto 5), com panfletagens em pontos estratégicos da cidade de Sousa-PB, com o intuito de captar clientes e gerar receita para o empreendimento.

Seguindo novas orientações, Sueli posteriormente mudou o endereço do estabelecimento para enxugar os custos operacionais, permanecendo, com as atividades de pensionato, restaurante e marmitaria.



Foto 5
Panfletagem nas ruas
de Sousa-PB.

CONCLUSÃO

O projeto CPMEI, desenvolvido como atividade de extensão universitária, contribuiu significativamente com a prática na formação dos alunos extensionistas, assim como colaborou e proporcionou capacitações e orientações de como gerir o próprio negócio para o mercado, com a qualificação profissional da proprietária da pensão, Dona Sueli.

A atuação do projeto de extensão possibilitou ações de diagnóstico da realidade da Pensão da Sueli, identificando as demandas, necessidades e reais problemas que influenciavam diretamente o desenvolvimento e gestão do empreendimento. A partir da detecção e do diagnóstico dos problemas, como a má gestão financeira, consequência da falta de preparação e qualificação necessária da empreendedora, foi possível atuar efetivamente no aprimoramento do empreendimento por meio de capacitações e cursos de gestão financeira, como também novas ações para divulgação do empreendimento, tornando-o conhecido no mercado, proporcionando a geração de renda e sobrevivência da pensão.

Concluindo, o esforço e desempenho dos envolvidos no projeto já começaram a ser vistos nas primeiras intervenções no Pensionato da Sueli, com a receptividade da empresária em relação à implantação das ideias e abertura às capacitações, além da adoção das sugestões de melhoramento do ambiente interno (layout), externo (placa e fachada), e do novo modelo para controle financeiro e administrativo para a Pensão. Logo, com a implantação e acompanhando inicial das ações foi possível observar um fluxo maior de clientes em busca do empreendimento, mas ainda havendo a necessidade de ajustes no controle financeiro por parte da empresária.

Por fim, entendemos que projetos dessa natureza são importantes para o aprendizado e capacitação dos empreendedores, no intuito de propiciar o desenvolvimento e sobrevivência dos negócios de pequeno porte.

REFERÊNCIAS

[1] **Portal Do Empreendedor-Mei.** Microempreendedor Individual - O que é? Disponível em: <<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

Fontes de Financiamento:
Conforme Resolução
04/2009, da Câmara
Superior de Pesquisa e
Extensão da Pró-Reitoria
de Pesquisa e Extensão da
Universidade Federal de
Campina Grande - UFCG,
foi disponibilizada uma
bolsa para um aluno
extensionista no período
de oito meses (maio a
dezembro de 2016), com
parcelas mensais de R\$
300,00 (trezentos reais).
Os demais alunos são
extensionistas voluntários.

- [2] **Luciano, A.** Empreendedor: Eu Posso Tornar-me Um? Revista Científica da Faculdade Fleming, Campinas, n. 6 p. 12-16, 2009.
- [3] **Pereira, E. De Sá.** Empreendedorismo e planejamento financeiro na gestão das empresas cadastradas como microempreendedor individual: um estudo de caso no município de Sousa-PB. Monografia de Graduação. UFCG, Sousa, set. 2013.
- [4] **Lobato, D. M.** Administração Estratégica: uma visão orientada para a busca de vantagens competitivas. Rio de Janeiro: Editoração, 2000.
- [5] **Alday, H. E. C.** O Planejamento Estratégico dentro do Conceito de Administração Estratégica. Rev. FAE, Curitiba, V.3, n.2, p. 9-16, maio/ago. 2000.
- [6] **Lemes Júnior, A. B; Pisa, B. J.** Administrando micro e pequenas empresas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- [7] **Forproex - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA.** Política Nacional de Extensão Universitária. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2012 (Coleção Extensão Universitária; v.7).
- [8] **Boy, G. A.** (1997). The group elicitation method for participatory design and usability testing. Interactions, Vol. 4 (2), p. 27-33. Disponível em: <<http://portal.acm.org/citation.cfm?doid=245129.245132>>. Acesso em: 12 ago 2016.

Agradecimentos

Ao setor de transporte da UFCG, na pessoa do Sr. Paulo e todos os motoristas que nos conduziram para as atividades de extensão.

A todos os extensionistas que se empenharam nas ações, e, em especial, a nossa querida empreendedora Sueli Cardoso. Agradecemos a confiança e o empenho para mostrar a realidade de seu empreendimento e compartilhar conhecimento.

